



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA  
PRÓ-DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA – MAG

ANTONIO JERFSON LINS DE FREITAS

**SOBRE VIVER EM SOBRAL-CE: DA SEGREGAÇÃO À ESTIGMATIZAÇÃO  
SOCIOESPACIAL NOS TERRITÓRIOS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO**

**SOBRAL – CE**

**2019**

ANTONIO JERFSON LINS DE FREITAS

**SOBRE VIVER EM SOBRAL-CE: DA SEGREGAÇÃO À ESTIGMATIZAÇÃO  
SOCIOESPACIAL NOS TERRITÓRIOS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Telma Bessa Sales

**Área de concentração:** Dinâmica territorial:  
campo e cidade

**SOBRAL – CE**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Sistema de Bibliotecas

Freitas, Antonio Jerfson Lins de

Sobre Viver em Sobral-CE: Da segregação à estigmatização socioespacial nos territórios da violência e do medo [recurso eletrônico] / Antonio Jerfson Lins de Freitas. -- Sobral, 2019.

1 CD-ROM: il. ; 4 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato pdf do trabalho acadêmico com 257 folhas.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Telma Bessa Sales .

Co-Orientação: Prof. Dr. José Falcão Sobrinho .

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) -  
Universidade Estadual Vale do Acaraú / Centro de Ciências Humanas

1. Segregação socioespacial. 2. Estigmatização socioespacial.  
3. Território. 4. Violência. 5. Medo. I. Título.



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Educação Superior

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título da dissertação: SOBRE VIVER EM SOBRAL: DA SEGREGAÇÃO À ESTIGMATIZAÇÃO SOCIOESPACIAL NOS TERRITÓRIOS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO.**

**Data da defesa:** 31 de Janeiro de 2019.

**Autor:** Antonio Jefson Lins de Freitas

**Orientadora:** Profa. Dra. Telma Bessa Sales

Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia, área de concentração: Organização, produção e gestão do Território no Semiárido, linha de pesquisa: Dinâmica territorial: campo e cidade.

### BANCA:

Profa. Dra. Telma Bessa Sales  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – Orientadora

Prof. Dr. Ivan da Silva Queiroz  
Universidade Regional do Carri – Examinador externo

Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa  
Universidade Federal do Ceará – Examinadora externa

Profa. Dra. Virginia Célia Cavalcante de Holanda  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – Examinadora interna

A Alexandra e Vicente, que me concederam os títulos que mais me causam orgulho: companheiro e pai.

## AGRADECIMENTOS

Talvez a parte mais difícil deste trabalho seja esta, não por ser difícil agradecer e reconhecer quem foi fundamental para que ele fosse possível, mas porque sempre se corre o risco de ser injusto e deixar alguém de fora por esquecimento. Evidentemente que cada pessoa que em algum momento compartilhou seus conhecimentos comigo tornou possível mais esta etapa, mas aqui, infelizmente, não posso listar a todos e todas. Contarei então uma pequena historinha.

A paixão pela pesquisa sempre esteve presente em minha vida, mas desde que me tornei um profissional de comunicação, ficou em segundo plano. O trabalho como assessor de comunicação de uma instituição de educação superior me trouxe a Sobral, onde a paixão renasceu graças à oportunidade de voltar à sala de aula. Um dos degraus fundamentais foi a obtenção do título de especialista em docência, impossível sem a paciência de Alexandra Soares e os puxões de orelha de Priscila Uchoa. Esta especialização tornou possível o retorno à sala de aula.

Poder me apaixonar novamente pela docência e pela pesquisa foi fundamental para minha jornada de auto descoberta, por isso não posso deixar de agradecer aos meus alunos e aos professores Liliane Luz e Paulo Passos de Oliveira (cujos conselhos encurtaram o caminho para este momento).

Lá no comecinho deste projeto de me tornar mestre, o incentivo de algumas pessoas foi imprescindível (mesmo quando eu me empolgava e falava demais sobre a pesquisa): Juliano, Leiliane, Eliardo, Cris, Wellington, Lucas, Leolgh e Felipe (que ainda teve de me aguentar enchendo o saco por declarações e ofícios na secretaria do MAG).

Qualquer conquista acadêmica, agradeço à professora Cida de Sousa, que há mais de quinze anos me acompanha nessa jornada. Nunca foi minha professora em sala de aula, mas continua sendo minha mestra na vida! À minha nova ídola, a professora Telma Bessa Sales, que mais do que orientadora, tornou-se amiga e parceira nos mais mirabolantes projetos.

À maravilhosa e eclética turma do metrado, deixo mais do que agradecimentos, mas minha admiração! Penha, Adílio, Wallas, Zé Maria, Mara, Mirtes, Socorro, Eliton, Daniel e Vicente, vocês foram mais do que colegas, foram meus mestres! Se pude aprender algo neste processo, muito se deve a vocês. Estou esquecendo alguém? Acho que não! Brincadeirinha! Tive de agradecer à Clelfa separadamente por exigência dela. Ela sabe que ganhou um grande amigo, parceiro e companheiro de aventuras!

Aos professores, não há como expressar o quanto sou grato por aceitarem este “estranho no ninho” e transformá-lo em um fiel defensor da geografia! Virgínia, Luiz, Ivan, Vanda, Ernane, Simone, Isorlanda, Nilson (em nome do qual agradeço ao pessoal do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - Labome), Zenilde, Aldiva, Lucas, Fábio e Luís Cruz (não, Telma, não vou te agradecer de novo! Você sabe que te amo!). Gente, eu juro que não chamo mais rocha de pedra! Também sei o que é um matacão, barlavento, sotavento, glint e aprendi um pouquinho a fazer mapas.

Agradeço a Rosa Moreira, que tornou possível a aplicação da pesquisa de percepção e foi mais do que uma consultora para assuntos aleatórios. À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap, cujo suporte financeiro foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa. A todos os narradores e pessoas que facilitaram o contato com eles (não vou citar os nomes por causa da confidencialidade). A todos que responderam ao questionário de percepção e aos colegas que, nos diversos eventos científicos nos quais apresentei o desenvolvimento deste trabalho, contribuíram com conceitos e sugestões de bibliografia.

Além dos muitos anônimos que forneceram informações valiosas, há aquelas pessoas que foram especificamente mais incomodadas por mim, como Wellington e Nara da Prefeitura de Sobral, a quem agradeço demais pela paciência. E não teria como deixar de destacar os amigos Karol Ximenes e Adriano Leite, que me receberam além-mar, e Daniel Sampaio e Felipe Monteiro, que me acolheram em Recife, dois momentos cruciais em minha trajetória acadêmica e pessoal.

Juro que está terminando!

Finalmente, nunca é demais agradecer aos meus pais, Elita e Francisco (Francisco nada! Novinho!), aos meus irmãos, Alessandra, Roberta, Roberto, Júnior e Alencar, e aos sobrinhos Amanda, Heitor e Isaac, que ainda ajudou nas transcrições das entrevistas. Ao meu pequenininho, Vicente, por me deixar trabalhar, mesmo a contragosto, e que um dia me perdoe por, mesmo com o coração apertado, não ter abrido a porta nas incontáveis vezes que veio bater devagarinho dizendo: “papai, ‘abe a pota’! Sou eu! O Vicente! ‘Vamo bincá’!”.

E mais uma vez a ela, minha companheira, parceira, sócia, namorada, investidora, amiga, Alexandra Soares (tá vendo? Comecei e terminei te agradecendo!). Sem você, nenhuma conquista seria possível nem mereceria ser comemorada! Obrigado por ser meu lar!

## RESUMO

A expansão de Sobral-CE, cidade localizada a 230 quilômetros de Fortaleza, teve como uma de suas características a segregação socioespacial da população mais pobre. Ao longo da história, leis dificultaram o estabelecimento no Centro da cidade daqueles que não dispunham de recursos para edificarem moradias com determinadas características, obrigando-os a ocuparem áreas periféricas. O Estado, ao direcionar suas ações e recursos aos locais habitados pelas classes economicamente dominantes em detrimento daqueles habitados pelos mais pobres, fez surgir nestes últimos um verdadeiro vácuo de poder, em determinado momento ocupado por agentes do crime, que através do uso da violência, do medo e do estabelecimento de relações se fixaram, criando o que aqui é chamado de territórios da violência e do medo, que logo passaram da segregação a um verdadeiro processo de “invisibilização” espacial, sendo evitados ou “esquecidos” pelo restante da cidade. Quando muito, são lembrados nos noticiários policiais e nos comentários cotidianos dos crimes por lá registrados, aumentando a percepção de que são áreas de exceção e, conseqüentemente, o medo difuso. A estigmatização destes territórios e de seus habitantes faz com que ações simples, como a busca por emprego e o direito à mobilidade, seja mais difícil para estas pessoas. Enquanto estes territórios são representados na mídia como epicentro da criminalidade, bairros valorizados têm realçadas suas qualidades. Este processo pode ser verificado no caso específico de dois bairros relativamente novos e vizinhos: o Renato Parente e o Nova Caiçara, respectivamente um dos mais valorizados da cidade e o outro, representado como o mais violento, mesmo que esta imagem não tenha fundamentação em dados concretos. Esta pesquisa, uma análise do impacto do processo de segregação e estigmatização socioespacial sobre as vidas das populações dos territórios da violência e do medo, inicia-se com a apreciação dos resultados de questionário sobre as percepções da violência e do medo aplicado aos moradores de diversas áreas da cidade. A seguir, através de da Análise Crítica do Discurso de um dos agentes do estabelecimento deste senso comum, a mídia local, foram verificadas as representações sobre estes dois bairros. Por fim, são verificados os impactos deste processo na vida dos moradores do bairro Nova Caiçara, através da análise de narrativas sob o viés da história oral.

**Palavras-chave:** Segregação socioespacial. Estigmatização socioespacial. Território. Violência. Medo.

## ABSTRACT

The expansion of Sobral-CE, a city located 230 kilometers from Fortaleza, had as one of its characteristics the socio-spatial segregation of the poorest population. Throughout history, laws have hampered the establishment in the city center of those who did not have the resources to build houses with certain characteristics, forcing them to occupy peripheral areas. The State, by directing its actions and resources to the places inhabited by the economically dominant classes to the detriment of those inhabited by the poorest, gave rise in the latter to a real vacuum of power at a certain moment occupied by agents of crime who, through the use of violence, of fear and of establishing relations established themselves, creating what are here called territories of violence and fear, which soon passed from segregation to a true process of spatial "invisibilization", being avoided or "forgotten" by the rest of the city. At best, they are remembered in the police news and in the daily comments of the crimes registered there, increasing the perception that they are areas of exception and, consequently, diffuse fear. The stigmatization of these territories and their inhabitants makes simple actions, such as the search for employment and the right to mobility, more difficult for these people. While these territories are represented in the media as the epicenter of crime, valued neighborhoods have enhanced their qualities. This process can be verified in the specific case of two relatively new and neighboring neighborhoods: Renato Parente and Nova Caiçara, respectively one of the most valued in the city and the other, represented as the most violent, even if this image is not based on data concrete. This research, an analysis of the impact of the process of segregation and socio-spatial stigmatization on the lives of the populations of the territories of violence and fear, begins with the appreciation of the results of a questionnaire about the perceptions of violence and fear applied to the inhabitants of diverse areas of the city. Then, through the Critical Discourse Analysis of one of the agents of the establishment of this common sense, the local media, were verified the representations about these two neighborhoods. Finally, the impacts of this process on the life of the inhabitants of the neighborhood of Nova Caiçara are verified, through the analysis of narratives under the bias of oral history.

**Keywords:** Socio-spatial segregation. Socio-spatial stigmatization. Territory. Violence. Fear.

## LISTA DE SIGLAS

<b>AD</b>	Análise do discurso
<b>ACD</b>	Análise Crítica do Discurso
<b>CCH</b>	Centro de Ciências Humanas
<b>C.F.T.E.D.</b>	Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano
<b>CIDAO</b>	Companhia Industrial de Algodão e Óleos - Fábrica CIDAO
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<b>COSMAC</b>	Companhia Sobralense de Material de Construção
<b>COVIO-UECE</b>	Laboratório de Estudos e Pesquisas Conflitualidade e Violência da Universidade Estadual do Ceará
<b>CRAS</b>	Centros de Referência de Assistência Social
<b>CPI</b>	Comissão Parlamentar de Inquérito
<b>CV</b>	Comando Vermelho
<b>CVLI</b>	Crimes Violentos Letais Intencionais
<b>DETRAN-CE</b>	Departamento Estadual de Trânsito do Ceará
<b>DPP</b>	Domicílios Particulares Permanentes
<b>FAR</b>	Fundo de Arrendamento Residencial
<b>FGTS</b>	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
<b>GDE</b>	Guardiões do Estado
<b>HIS</b>	Habitações de Interesse Social
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IML</b>	Instituto Médico Legal

<b>INCASSA</b>	Industrial Cearense de Castanha de Caju
<b>LABOME</b>	Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas
<b>LASSA</b>	Laticínio Sobralense Limitada
<b>LEV-UFC</b>	Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará
<b>MAG</b>	Mestrado Acadêmico em Geografia
<b>OAB</b>	Ordem dos Advogados do Brasil
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PCC</b>	Primeiro Comando da Capital
<b>PDT</b>	Partido Democrático Trabalhista
<b>PLHIS</b>	Plano Local de Habitação de Interesse Social
<b>PMCMV</b>	Programa Minha Casa Minha Vida
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>SAAE</b>	Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sobral
<b>SEST/SENAT</b>	Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
<b>SSPDS-CE</b>	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará
<b>SUDENE</b>	Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UNINTA</b>	Centro Universitário INTA
<b>UVA</b>	Universidade Estadual Vale do Acaraú
<b>VLТ</b>	Veículo Leve sobre Trilhos
<b>ZEIS</b>	Zona Especial de Interesse Social

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Povoado da Caiçara (metade do Séc. XVIII) .....	56
<b>Imagem 2</b> - Tela inicial do blog Sobral 24 Horas .....	129
<b>Imagem 3</b> - Notícia sobre suposto desvio de água do Nova Caiçara para o Renato Parente .....	178

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> - Vetores de expansão de Sobral-CE .....	68
<b>Mapa 2</b> - Divisão dos Bairros de Sobral (2018) .....	75
<b>Mapa 3</b> - Onde os respondentes gostariam de morar, ou não, levando em conta a segurança .....	84
<b>Mapa 4</b> - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes de acordo com a percepção de segurança .....	88
<b>Mapa 5</b> - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes entre violentos, inseguros ou desconhecidos .....	90
<b>Mapa 6</b> - Mancha de Homicídios cometidos em Sobral (2014-2017) .....	103
<b>Mapa 7</b> – Localização dos bairros Renato Parente e Nova Caiçara (Sobral-CE) .....	136
<b>Mapa 8</b> - Evolução do número de edificações no bairro Renato Parente entre 2000 e 2017 .....	140

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Gráfico 1</b> - Gênero e idade dos respondentes .....	77
<b>Gráfico 2</b> - Origem dos respondentes .....	78
<b>Gráfico 3</b> - Escolaridade e tempo de residência em Sobral dos respondentes .....	79
<b>Gráfico 4</b> - Domicílio dos entrevistados .....	80
<b>Gráfico 5</b> – Respondente foi vítima de crimes em Sobral ou no seu bairro .....	81
<b>Gráfico 6</b> – Como o respondente avalia a segurança de Sobral e de seu próprio bairro .....	82
<b>Gráfico 7</b> - Impacto da violência sobre os hábitos dos respondentes .....	83
<b>Gráfico 8</b> - Evolução da taxa de homicídios por 100 mil habitantes de Sobral em relação ao Brasil (1999 a 2017) .....	97
<b>Gráfico 9</b> - Evolução da quantidade de homicídios registrados em Sobral (1999-2017) .....	98
<b>Gráfico 10</b> - Proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza e indigência em Sobral e no Ceará – 2000 e 2010 .....	100
<b>Gráfico 11</b> - Percentual de homicídios praticados no município de Sobral segundo a arma utilizada (2014/2017) .....	105
<b>Gráfico 12</b> - Homicídios praticados no município de Sobral de acordo com o gênero das vítimas (2014/2017) .....	106
<b>Gráfico 13</b> - Homicídios praticados no município de Sobral segundo a faixa etária das vítimas (2014/2017) .....	107
<b>Gráfico 14</b> - Menções dos bairros e comunidades de Sobral nos blogs como locais de ocorrência de crimes (exceto homicídios) entre 2014 e 2017 .....	109
<b>Tabela 1</b> - Quantidade de homicídios em Sobral por localização (2014-2017) .....	101

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	16
1.1 Teoria e prática.....	22
1.2 Uma perspectiva necessária .....	25
2 A CIDADE VAI SE CONSTITUINDO .....	28
2.1 Violência e Poder .....	30
2.2 Território e violência.....	36
2.3 Territórios da violência e do medo.....	41
2.4 Da segregação socioespacial à fragmentação do tecido sociopolítico-espacial .....	45
2.5 Configuração territorial.....	52
<b>2.5.1 Tropicéis e pastores de homens: gado e Igreja na criação do povoado.....</b>	<b>53</b>
<b>2.5.2 O “ouro branco” e a inserção de Sobral no mercado internacional.....</b>	<b>57</b>
<b>2.5.3 Indústria, trilhos e expansão da área urbana .....</b>	<b>59</b>
<b>2.5.4 O novo perfil do Centro: os incomodados que se retiram.....</b>	<b>63</b>
3 SEGREGAÇÃO E VIOLÊNCIA EM SOBRAL .....	69
3.1 A violência em Sobral.....	70
<b>3.1.1 Uma pesquisa de percepção sobre a violência em Sobral.....</b>	<b>73</b>
<b>3.1.2 Perfil dos participantes do primeiro momento da pesquisa.....</b>	<b>76</b>
<b>3.1.3 As percepções sobre a violência em Sobral.....</b>	<b>80</b>
<b>3.1.4 As percepções do medo e a cidade .....</b>	<b>86</b>
3.2 Onde se convive com a morte .....	92
<b>3.2.1 Sobreviver em Sobral .....</b>	<b>94</b>
<b>3.2.2 Sobre morrer em Sobral.....</b>	<b>100</b>
<b>3.2.3 Crimes noticiados .....</b>	<b>108</b>
4 UM DISCURSO DE SEGREGAÇÃO .....	111
4.1 – A Análise do Discurso.....	113
4.2 – A Análise Crítica do Discurso.....	116
4.3 O Gênero Discursivo dos blogs.....	120
<b>4.3.1 O webjornalismo e os blogs.....</b>	<b>126</b>
<b>4.3.2 O Blog Sobral 24 Horas .....</b>	<b>128</b>
<b>4.3.3 A Ordem do Discurso .....</b>	<b>132</b>
<b>4.3.4 A Aplicação da Estrutura Analítica de Fairclough .....</b>	<b>134</b>
4.4 Primo rico e primo pobre .....	137

<b>4.4.1 Renato Parente</b> .....	<b>137</b>
<b>4.4.2 Nova Caiçara</b> .....	<b>142</b>
4.4.2.1 Programa Minha Casa Minha Vida .....	143
4.4.2.2 O Nova Caiçara e o PMCMV .....	144
4.5 As manchetes e a construção de imagens .....	150
<b>4.5.1 As manchetes e as imagens dos bairros</b> .....	<b>152</b>
<b>4.5.2 O Nova Caiçara nas manchetes</b> .....	<b>159</b>
<b>4.5.3 O Renato Parente nas manchetes</b> .....	<b>163</b>
4.6 Ditos e não ditos na construção das imagens dos bairros .....	165
<b>4.6.1 Nova Caiçara</b> .....	<b>165</b>
4.6.1.1 O “epicentro do crime” .....	166
4.6.1.2 Nova Caiçara: “um dos lugares mais perigosos de Sobral” .....	167
4.6.1.3 O Nova Caiçara e o “cidadão de bem” .....	168
4.6.1.4 O uso político do Nova Caiçara .....	169
<b>4.6.2 Renato Parente</b> .....	<b>173</b>
4.6.2.1 Renato Parente e seus problemas .....	174
4.6.2.2 Da realidade à imagem .....	175
<b>4.6.3 Quando os interesses se chocam: o antagonismo entre as duas comunidades</b> ..	<b>176</b>
5 O MEDO E A VIDA .....	180
5.1 A história oral e a cocriação de fontes sobre a violência urbana .....	182
5.2 “Era só mato” .....	187
5.3 “A gente acaba se isolando no nosso mundo” .....	193
5.4 “Eles pegaram os piores de cada canto e botaram em um só local” .....	199
5.5 “É um bairro muito dividido” .....	206
5.6 – “Foi uma mudança em todos os aspectos” .....	212
5.7 – “Às vezes eu nem ligo! É besteira!” .....	218
5.8 “Eu dou entrevista... As pessoas não dão, eu dou” .....	222
5.9 Tão perto, tão longe .....	228
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	232
REFERÊNCIAS .....	239
NARRADORES .....	252
APÊNDICES .....	253

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas pessoas têm optado por viver em Sobral, cidade localizada a 230 quilômetros da capital do estado, Fortaleza, devido às diversas oportunidades geradas por uma das regiões que mais têm se destacado economicamente no Ceará<sup>1</sup>. Além disso, apesar de oferecer opções de lazer variadas e dispor de equipamentos de saúde de boa qualidade e diversas instituições de ensino superior, Sobral não apresenta problemas como o caos no trânsito ou uma violência urbana nos patamares atingidos pela capital cearense e que tem sido tema constante nos noticiários e, até mesmo, nas mesas de café da manhã das famílias que moram lá. Contudo, o que a maioria das pessoas sabe sobre Sobral são informações superficiais, de senso comum, que a cidade é conhecida como “Princesa do Norte”, vem se destacando devido à industrialização e que tem uma renomada universidade estadual, a Vale do Acaraú (UVA). Fora isso, circulam piadas sobre uma “americanização” sobralense, que alertam àqueles que pretendem adotar a cidade como lar a aprender a falar inglês antes de fixar domicílio na famosa “*United States of Sobral*”.

Piadas a parte, um observador menos atento pode ficar deslumbrado com a visão de uma cidade aparentemente organizada, limpa, com as boas opções gastronômicas e com as crescentes oportunidades de emprego. Nem mesmo o famigerado calor da região impediu o crescimento populacional, impulsionado pela imigração, seja de profissionais especializados, cada vez mais requisitados nas empresas locais, ou de populações oriundas da área rural, que concentram-se na área urbana em busca de oportunidades. Assim, Sobral passou de pouco mais de 155 mil habitantes em 2000 para uma população estimada em mais de 205 mil em 2017, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Contudo, bastam alguns meses para que os contrastes sociais e certa “invisibilidade” de determinadas áreas e populações “saltem aos olhos”. Se em Fortaleza o foco dos turistas sempre é restrito a determinadas áreas de lazer, em Sobral parece haver uma espécie de esquecimento, ou ainda, uma tentativa de supressão da existência das periferias. Os forasteiros mais atentos podem perceber que todas as atenções são voltadas apenas a uma pequena área central da cidade e a alguns bairros tidos como “nobres”. Mesmo os bairros de classe média

---

<sup>1</sup> Entre diversos indicadores, Sobral destaca-se quanto ao Produto Interno Bruto (PIB), que de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), atualmente é o quarto maior entre os municípios cearenses, com participação de 3,01% no PIB do estado, sendo superado apenas por Fortaleza (45%), Maracanaú (5,35%) e Caucaia (4,3%), todos na Região Metropolitana de Fortaleza (VIANA, SOUSA, *et al.*, I - Jan. 2018).

um pouco mais afastados do Centro são mencionados com certo desdém por muitos moradores da cidade.

Assim como inúmeros outros novos moradores de Sobral, as impressões que nos foram passadas, muitas vezes pelas observações e conselhos dos colegas de trabalho, eram de que determinadas áreas deveriam ser evitadas sob risco de morte. “Hoje vamos ao Alto do Cristo. Lá a vista é bonita, mas não vacile, pois lá é muito perigoso”, aconselhava um colega, que no caminho ainda apontou uma famosa rua da cidade, a Rua do Império, popularmente conhecida como Rua da Lama, onde segundo ele “nem a polícia entrava”. O mais irônico é que a empresa onde trabalhava era localizada em uma das áreas apontadas como perigosas pela população e com notícias recorrentes de ações criminosas nos noticiários locais, composta pelos bairros Dom Expedito e Sinhá Saboia, ou como diria outro colega, “do lado de lá do rio”, expressão que remonta às origens da cidade, quando o “lado de cá”, a margem esquerda do rio Acaraú, área urbana, era habitada apenas pelas elites, e o “lado de lá”, a margem direita, onde o gado da precursora fazenda Caiçara pastava.

Na época, a semente desta pesquisa foi plantada. O ponto de partida foi a curiosidade sobre como foram construídas estas percepções sobre determinadas áreas de Sobral. Muitas vezes a pessoa que falava de forma negativa sobre algum bairro nunca tinha passado por lá ou sequer tinha conhecimento de onde estava localizado. Mas uma coisa certamente logo chama atenção: as casas localizadas na área central, muitas das quais de arquitetura antiga e, por isso, parte do centro histórico<sup>2</sup>, embora mantenham sua estrutura original começam a assimilar alguns mecanismos de segurança eletrônica, mesmo que de forma discreta. Mas na medida em que o observador se afasta dessa área central, a presença de muros mais altos, com cercas eletrificadas e concertinas, câmeras de vigilância e adesivos de empresas de segurança nos portões tornam-se mais comuns.

Os habitantes de Fortaleza nas décadas de 1970 e 1980 cresceram em um ambiente menos cercado pelos aparatos de segurança. O máximo que se encontrava nas residências, mesmo nos bairros onde os índices de criminalidade eram maiores, eram cães de guarda (muitas vezes, nem isso, mas um cão de estimação que fazia barulho em situações fora da normalidade) e cadeado no portão gradeado da frente. Mas atualmente, mesmo em Sobral a

---

<sup>2</sup> Tombado em 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), abrange uma área que se estende da margem do rio Acaraú à Rua Coronel Monte Alverne. Nesta área podem ser encontradas edificações remanescentes do século XVIII, além do Teatro e a Praça São João, um conjunto de casas em estilo *art nouveau*, sobrados decorados com motivos greco-romanos e várias construções religiosas, como as igrejas da Sé e dos Pretinhos de Nossa Sra. do Rosário (construída por escravos). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/242>. Acesso em: 27 jul. 2017.

compra de uma residência traz à tona o critério da segurança<sup>3</sup>. Para muitos dos jovens casais iniciando a vida juntos nesta cidade, conforme as falas dos corretores imobiliários locais, o primeiro critério levado em consideração é o valor do imóvel. Na segunda década do Século XXI, as opções de compra com preços mais acessíveis são bastante limitadas, restringindo-se basicamente a dois bairros: o Renato Parente (que junto ao Nossa Senhora de Fátima forma um conglomerado habitacional bastante recente) e o Bairro das Nações (ainda mais recente e com algumas dezenas de famílias, por isso ainda conhecido por muitos pelo nome do loteamento, Morada da Boa Vizinhança, ou simplesmente Boa Vizinhança), ambos com localização diametralmente oposta. Enquanto o Renato Parente localiza-se na saída de Sobral para a Meruoca, a noroeste da sede do município, o Bairro das Nações fica mais próximo da saída para o município de Santana do Acaraú, a sudeste.

Enquanto o Parque das Nações tem como característica a oferta de casas mais modestas, normalmente com dois quartos, com valores que se enquadram no perfil do Programa Minha Casa Minha Vida<sup>4</sup>, o Renato Parente oferece imóveis de maior valor de mercado, construídos em um lote maior, de oito por vinte e cinco metros, apresentando, na maior parte dos casos, três quartos, sendo uma suíte, com garagem, cozinha, banheiro social, sala de estar e jantar e, o que mais chama a atenção, cerca elétrica, portão automático e muros com quase três metros de altura. Mas enquanto o primeiro bairro, mais recente, já apresenta toda a infraestrutura de saneamento básico e áreas de lazer, o Renato Parente não conta com isto.

Ao passear pelo Renato Parente, a sensação que se tinha há cerca de uma década, um pouco após 2010, era de abandono. A maioria das ruas desertas, escuras e silenciosas, poucos veículos trafegando e matilhas de cães abandonados nas ruas remexendo e espalhando lixo. Ao longe, às vezes podia-se identificar o som do alarme de uma das casas disparando após uma das constantes quedas de energia, a buzina persistente de um dos vigilantes de rua<sup>5</sup> alertando que fazia sua ronda, ou a bomba de uma cisterna enviando água para a caixa d'água de algum morador, itens fundamentais para quem decidia morar em uma das áreas mais afetadas pela escassez de água na cidade.

---

<sup>3</sup> Critério recorrente nas falas dos narradores ouvidos nesta pesquisa, como será visto no capítulo 5.

<sup>4</sup> Segundo a página na internet da Caixa Econômica Federal, principal instituição financeira a atuar no programa, o Minha Casa Minha Vida “é uma iniciativa do Governo Federal que oferece condições atrativas para o financiamento de moradias nas áreas urbanas para famílias de baixa renda”. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 10 dez. 2017.

<sup>5</sup> Homens pagos pelos moradores para fazerem a vigilância em suas ruas no período da noite. Circulam pelo bairro em motocicletas e passam buzinando para intimidar possíveis criminosos.

Ao entrar em uma das casas no bairro, a sensação que se tem é de que os moradores vivem em uma verdadeira gaiola dourada. Em muitas delas, o sistema de segurança é mais caro do que qualquer outro bem no imóvel. As onipresentes grades e cercas eletrificadas ou concertinas provocam a sensação de que não se pode relaxar, que a qualquer momento se pode ser vítima de um criminoso. Muitos moradores incrementam suas moradias com outros aparatos, como centrais de alarme com discadora (em algumas casas, item já oferecido aos compradores), que ao disparar enviam chamadas para telefones previamente cadastrados, pinos de proteção nos portões, sensores nas portas e janelas, câmeras de vigilância com acesso pela internet, cães de grande porte, enfim, transformam sua moradia em verdadeiras fortalezas, pois como diz o ditado popular, bastante repetido pelos profissionais locais de segurança privada: “sua casa não precisa ser a mais segura de todas. Basta ser mais segura que a do seu vizinho, pois assim a dele se torna alvo mais fácil do que a sua”.

Embora com a presença marcante de aparatos de segurança, vale destacar que o bairro Renato Parente não figura nas posições de liderança nas estatísticas de criminalidade local. Conforme alguns narradores ouvidos, mesmo os relatos de invasões e furtos a residências e de material de construção, antes bastante comuns, cessaram e a população do bairro passou a apropriar-se de alguns espaços públicos, como o calçadão da avenida principal, a Mãe Rainha. Famílias passaram a fazer caminhadas e passeios pelo bairro aumentando a sensação de tranquilidade, reforçada pela bela paisagem da serra da Meruoca.

Enquanto isso, logo ao lado, a menos de um quilômetro e meio de distância, o bairro Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior, conhecido como “Terrenos Novos”<sup>6</sup>, segue mantendo seu espaço nos noticiários policiais, com constantes casos de homicídios, tiroteios entre gangues e facções criminosas rivais e diversas outras modalidades de crime. E a imagem piorou ainda mais com a inauguração do Residencial Nova Caiçara, Projeto Habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida, que ofereceu moradias populares a famílias oriundas de áreas de risco de Sobral<sup>7</sup>. Logo o empreendimento passou a ser rotulado pela população como

---

<sup>6</sup> Área ocupada no final da década de 1970 e início de 1980 por pessoas de baixa renda do município de Sobral. Na época, a nova ocupação ficava em localização de difícil acesso, de baixo interesse imobiliário. Segundo Rodrigues (2012), a ocupação da área foi incentivada nos anos 1980 pelo poder público municipal, na época gerido por José Euclides Ferreira Gomes, que promoveu obras de infraestrutura básica e fez a doação de terrenos a famílias de baixa renda que não possuíam imóveis, daí o nome “Terrenos Novos”, mais tarde oficialmente alterado para homenagear o prefeito, tornando-se Cidade José Euclides Ferreira Gomes.

<sup>7</sup> Nos próximos capítulos a origem desses moradores será detalhada.

o local mais perigoso da cidade. Mesmo a guarda municipal e a polícia tinham problemas em atuar no Nova Caiçara, segundo notícias veiculadas nos blogs locais<sup>8</sup>.

Nas redes sociais, moradores do Renato Parente logo começaram a conjecturar uma possível queda nos preços dos imóveis no bairro por causa do Nova Caiçara e a prever um aumento da criminalidade nas redondezas. Contudo, o impacto direto percebido inicialmente foi o aumento do problema de abastecimento de água, cujo sistema é interligado entre ambos os bairros, o que em determinado momento gerou atrito entre as duas comunidades.

Após um período de estagnação do mercado imobiliário, fruto da crise financeira que assolou o Brasil a partir de 2015, já foi possível em 2017 perceber-se um aumento da quantidade de canteiros de obras no Renato Parente, cena corriqueira para os moradores mais antigos, que se acostumaram a dizer que no bairro “há canteiros de obras em todas as ruas. Se em uma rua não há, na seguinte tem pelo menos dois”. A conjunção de todos estes fatos fez brotar a semente desta pesquisa.

Se os moradores do Renato Parente se percebiam estigmatizados por viverem em um bairro periférico “longe de tudo”, imagine as pessoas que convivem com a violência de bairros e comunidades onde as estatísticas de crimes contra a vida não param de crescer! É interessante perceber como determinadas áreas são estigmatizadas e que estes estigmas contaminam seus moradores, que de vítimas passam a ser apontados como parte desse cenário de violência, evitados e marginalizados. Isto pode ser percebido de maneira intensa nas abordagens policiais, na procura por um emprego, na recusa de mototaxistas em transportar os moradores até suas casas e no estabelecimento das diversas formas de relações sociais (FREITAS, 2010).

Além das particularidades locais, o fenômeno da violência em Sobral segue o que pode ser assistido em outros centros urbanos brasileiros. Na cidade, há algumas décadas a violência vem adquirindo as características presentes nos grandes centros: surgimento de territórios da violência e do medo, onde os indicadores de homicídios crescem a cada ano e o poder do Estado não se faz presente através da garantia de direitos básicos, como saúde e educação, mas apenas através de incursões policiais repressivas; o perfil das vítimas é basicamente o mesmo, ou seja, homens jovens, negros e/ou pardos, moradores destes territórios, de baixa escolaridade e com pouca ou nenhuma qualificação profissional; as causas dos crimes também são recorrentes: rixas, vinganças, envolvimento com o tráfico

---

<sup>8</sup> Como discutido posteriormente, os blogs têm grande apelo junto ao público das cidades do interior do Ceará, que optam por eles na falta de acesso a outros tipos de mídia, como os jornais e revistas impressos, e por causa da agilidade da veiculação de informações por este tipo de veículo.

(como usuários ou traficantes de drogas em disputa) e crimes passionais; fácil acesso às armas de fogo, o que gera grande quantidade de resoluções de conflitos com o uso deste tipo de arma (ROSENO, 2016).

Ou seja, o fenômeno da violência urbana (e o medo difuso dela recorrente) afeta não apenas as vítimas diretas dos crimes, mas toda a dinâmica urbana, seus fixos e fluxos<sup>9</sup>, repercutindo desde a ocupação do espaço urbano aos deslocamentos da população, que devido às disputas entre criminosos não pode transitar em determinadas áreas e, desse modo, tem dificultado o contato com familiares, amigos e parentes sob risco de morte e represálias. No caso aqui estudado, o bairro Nova Caiçara, especificamente, violência e medo difuso são diretamente responsáveis pela invisibilização<sup>10</sup> daquele bairro.

Em estudo apresentado em maio de 2017, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017) aponta que a violência interpessoal é a principal causa de morte de jovens em duas faixas etárias: de 10 a 15 anos e de 15 a 19 anos. No geral, agressões, acidentes de transporte e outras causas externas ocupam o terceiro lugar em mortes, superado apenas por doenças do coração e aparelho circulatório e câncer. O conceito de violência interpessoal adotado pela OMS é bastante amplo, englobando desde a preponderante agressão relacionada às gangues e ao narcotráfico até o feminicídio<sup>11</sup>. “Inclui assassinatos, agressão, brigas, *bullying*, violência entre parceiros sexuais e abuso emocional”, descreve o documento.

Já o relatório “Homicídios por arma de fogo no Brasil 2016” (WASELFSZ, 2016), publicado pela iniciativa Mapa da Violência, aponta que jovens de 15 a 29 anos de idade representavam, em 2014, ano de compilação dos dados, aproximadamente 26% da população do país, mas a participação deles no total de homicídios por armas de fogo era desproporcionalmente superior, correspondendo a quase 60% dos crimes.

Em Sobral, a realidade não é tão discrepante do restante do país. No período abordado por esta pesquisa, 2014 a 2017, há a reprodução deste cenário. Das 392 vítimas de homicídios registrados entre janeiro de 2014 e dezembro de 2017, 261 estão inseridos na faixa etária dos 15 aos 29 anos, ou seja, 66,58%, e 368 são do sexo masculino, o que representa 93,87% das

---

<sup>9</sup> Nas palavras de Milton Santos (2014, p. 61-62), “a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos.”

<sup>10</sup> Conceitos aprofundados ao longo do trabalho.

<sup>11</sup> Feminicídio é o assassinato de mulheres pela condição de serem mulheres (BRASIL, 2015).

vítimas de homicídio<sup>12</sup>. Então, mais do que um problema de segurança pública, a violência urbana ganha proporções de crise na saúde pública dos centros urbanos (SOUZA, 2008), daí a relevância deste tipo de estudo.

Se antes a violência urbana era um problema comum apenas às grandes cidades, o crescimento econômico vivenciado pelas cidades médias, como Sobral<sup>13</sup>, trouxe o fenômeno consigo. Desse modo, já não são apenas os habitantes das grandes cidades que convivem com a sensação de insegurança e a percepção de que determinadas áreas urbanas (e rurais, por que não?) não são alcançadas pelo poder público. Esta pesquisa objetivou analisar exatamente como estas percepções de que determinadas áreas são mais ou menos violentas influenciam na ocupação e uso do espaço urbano<sup>14</sup>, em como a percepção da população, muitas vezes baseada apenas em informações sem fontes confiáveis, gera preconceitos<sup>15</sup> sobre as pessoas que moram nas áreas encaradas como perigosas, diminuindo ainda mais a ocupação democrática do espaço e criando as condições favoráveis à constituição de verdadeiros territórios da violência (SOUZA, 2008).

## 1.1 Teoria e prática

Com os objetivos da pesquisa em mente, definiu-se o recorte espaço-temporal, de fontes e metodologia. Para que se pudesse fazer uma análise de como os territórios da violência e do medo influenciam a vida nos centros urbanos, neste caso específico, de Sobral, foi necessário inicialmente conhecer estes territórios. Para tanto, buscou-se a compreensão desta categoria fundamental da geografia a partir de autores como Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza, dentre outros, e como pode ser verificado o seu uso na prática de pesquisa, conforme pode ser verificado no segundo capítulo.

Esta pesquisa, logo no início, baseou-se na tentativa de reconhecer as representações feitas pela população sobralense sobre os bairros. O primeiro passo nesta direção foi a aplicação de um questionário sobre a opinião dos moradores de Sobral acerca da violência na cidade. O questionário permitiu que fossem definidos para a pesquisa dois bairros tomados

<sup>12</sup> De acordo com dados tabulados a partir dos relatórios de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS).

<sup>13</sup> A caracterização de Sobral é aprofundada no capítulo 2.

<sup>14</sup> O conceito de fobópole, criado por Marcelo Lopes de Souza, é explicado e utilizado ao longo do trabalho.

<sup>15</sup> Aqui se usa a definição de Mezan (1998, p. 226), segundo a qual preconceito “é o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial, definidora da natureza do grupo, e portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem”.

como objetos de análise, um considerado violento e outro considerado seguro, que são o Nova Caiçara e o Renato Parente, respectivamente. Para tal compreensão, conceitos como violência urbana foram adotados e são fundamentais, conforme justificado no capítulo 2. O resultado obtido através do questionário gerou o mapeamento dos pontos considerados mais violentos pela população, o que aqui se convencionou chamar de cartografia da percepção da violência.

Ao todo, foram respondidos cerca de 600 formulários (entre a aplicação teste e a validada) com questões fechadas (estruturado), disponibilizado tanto de forma digital, através do recurso de formulários desenvolvido pela Google<sup>16</sup> (auto preenchido), quanto impresso, com aplicação direta (auto preenchido ou com auxílio dos aplicadores), conforme classificação proposta por Mattar (1996). A metodologia de aplicação, bem como o detalhamento dos resultados são aprofundados no capítulo 3.

Outra fonte utilizada foram os documentos ou registros locais de ocorrência dos homicídios no município de Sobral, obtidos através de estatísticas de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) e Relatórios Diários produzidos pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará, disponibilizadas em sua página na internet<sup>17</sup>. Estes dados estatísticos geraram uma cartografia dos homicídios com o objetivo de se conhecer os territórios da violência e do medo em Sobral e sua posterior comparação com a cartografia da percepção da violência, como forma de verificar se a percepção se aproxima da realidade.

Após a caracterização dos dois bairros definidos como objeto de análise, o Renato Parente e o Nova Caiçara, tornou-se necessário compreender o processo de ocupação, origem populacional e a forma como são retratados pela mídia local, cujas notícias, tanto manchetes quanto algumas reportagens, foram submetidas à análise do discurso, sob a perspectiva de autores como Eni Orlandi, Norman Fairclough e Teun van Dijk.

Também são utilizadas como fontes as narrativas<sup>18</sup> de moradores de ambos os bairros, bem como profissionais de Sobral com atuação em áreas ligadas à segurança pública e de prestação de serviços ao Renato Parente e Nova Caiçara. Vale considerar que a realização de entrevistas e análise das narrativas colhidas caracterizam uma metodologia qualitativa, especificamente sob a perspectiva da história oral, tendo como base a obra de autores como Alessandro Portelli e Verena Alberti, dentre outros. Esta trajetória metodológica implica necessariamente o cruzamento das fontes e tem como objetivo verificar a construção

---

<sup>16</sup> Formulários Google podem ser criados a partir do link <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about>.

<sup>17</sup> Foram constatadas algumas lacunas e incorreções nas informações destes dados obtidos junto à SSPDS, problemas sanados através de levantamento em campo e de notícias veiculadas nos meios de comunicação locais. Estes problemas serão analisados no capítulo 3.

<sup>18</sup> Aqui tomado como em Verena Alberti (2004, p. 93), ou seja, “como o trabalho da linguagem em produzir racionalidades. Essa noção abrange todo e qualquer ato de fala, a comunicação”.

discursiva sobre estes dois bairros e como esses discursos podem ser percebidos nas narrativas colhidas.

Desta forma o caminho da pesquisa foi se constituindo e o exercício da escrita apresenta a seguinte organização:

Capítulo 2: São apresentados alguns conceitos importantes, como violência urbana, território, territorialidades, segregação socioespacial, auto segregação, estigmatização socioespacial e poder, com o objetivo de oferecer os meios necessários para a compreensão da formação dos territórios da violência e do medo em Sobral. É feita ainda uma breve descrição do processo de ocupação do espaço urbano da cidade para que se possa compreender a dimensão espacial do problema da violência.

Capítulo 3: Nesse capítulo são apresentados os resultados da pesquisa exploratória sobre as percepções da violência e a análise da tabulação dos dados referentes aos homicídios praticados em Sobral entre 2014 e 2017. Utilizando como fontes os relatórios diários e mensais de CVLI produzidos pela SSPDS-CE e os resultados da pesquisa exploratória, a partir dos quais foi produzida uma cartografia dos homicídios e das percepções apontadas pelos questionários, é possível perceber algumas incongruências, sendo a mais interessante a representação do Residencial Nova Caiçara, que apesar de não apresentar a maior quantidade de registros de homicídios, é apontado como o mais violento pelos entrevistados. A partir do questionário foram definidos os dois bairros a serem analisados na etapa qualitativa da pesquisa, o Nova Caiçara e o Renato Parente, representando um bairro violento e o outro, seguro, respectivamente, de acordo com o apontado pelos entrevistados.

Capítulo 4: Ao utilizar como fontes as notícias sobre os dois bairros estudados veiculadas em diversos blogs locais e sites de notícias diversos, como o Sobral 24 Horas, Sobral Agora e Ceará News 7, esta etapa da pesquisa tem como objetivo analisar os discursos construídos acerca destas duas comunidades vizinhas, que mesmo espacialmente próximas são encaradas de forma consideravelmente díspares. Para tanto optou-se pela perspectiva da Análise Crítica do Discurso, conforme é explicado nesse capítulo. A escolha dos blogs como uma das fontes se deve ao fato deste trabalho tratar especificamente das representações construídas sobre os dois bairros, desse modo, é interessante observar que uma das principais fontes de informação para muitas pessoas são exatamente estes veículos de comunicação, conforme justificado no referido capítulo.

Capítulo 5: Esta etapa da pesquisa tem como objetivo apresentar como a estigmatização socioespacial afeta a vida das pessoas, tendo como objeto principal o Nova Caiçara. Desse modo, trata dos reflexos que os discursos e representações geram nas relações

sociais, econômicas, enfim, no cotidiano dos moradores. Para isso são analisadas, sob a perspectiva da história oral, as narrativas de sete pessoas, três delas moradoras do Renato Parente e quatro do Nova Caiçara.

De forma resumida, o percurso da pesquisa é iniciado traçando um panorama do processo de expansão de Sobral, onde percebe-se a tendência segregacionista, depois do qual é analisado um dos impactos socioespaciais deste processo, que é o estabelecimento de territórios da violência e do medo. A seguir, é analisada a construção de representações sobre estes espaços estigmatizados através de um dos agentes do estabelecimento deste discurso: a mídia local, tendo como objeto de análise os discursos destes veículos sobre os bairros Nova Caiçara e Renato Parente. Por fim, são verificados os impactos socioespaciais na vida dos moradores de áreas que passam pelo processo de estigmatização socioespacial, tendo como exemplo o Nova Caiçara.

## **1.2 Uma perspectiva necessária**

Antes do início desta trajetória de pesquisa, é importante destacar a forma como o texto é construído e como as narrativas foram integradas. Durante meses de negociação, dezenas de possíveis narradores foram contatados para falar sobre como é viver em um território da violência ou quais suas impressões sobre estes territórios. Por medo, no caso das pessoas que moravam nestes territórios, ou por timidez, no caso dos profissionais convidados a comentar a violência urbana em Sobral, houve inúmeras desistências.

Uma mudança de perspectiva foi fundamental para que o trabalho com as narrativas finalmente “desencantasse”, usando-se uma gíria esportiva. Ao invés de uma abordagem direta sobre a violência, os narradores dos territórios da violência e do medo foram convidados a falar sobre suas experiências de vida em suas comunidades. Ao longo da conversa, de forma mais relaxada, puderam mencionar a questão da violência como uma entre tantas outras facetas de suas vidas, embora sempre com bastante cautela.

O medo também foi fator fundamental para que determinassem os locais das entrevistas, ora em um ambiente “neutro”, como um restaurante, ora em seus locais de trabalho. Segundo estas pessoas, o medo era a possibilidade de serem identificadas como “boca de prata”, ou delatores, pelos criminosos que atuam em seus bairros. Dessa forma, por motivos de segurança estes narradores não foram identificados ao longo do trabalho, tendo

suas identidades preservadas por pseudônimos, apresentando-se, quando necessário, apenas características gerais.

Como estes narradores não foram identificados optou-se por estender este critério a todos os outros, mesmo os profissionais que falaram mais sobre sua atuação do que sobre a violência, especificamente, e autorizaram a identificação. Todas as entrevistas foram registradas em áudio e tiveram seu uso neste trabalho autorizado com assinatura de termo de consentimento.

É importante salientar também como se deu a escolha dos narradores. A seleção foi feita usando um critério bastante simples: foram cinco moradores de cada bairro (Nova Caiçara e Renato Parente), totalizando dez falas, três profissionais com atuação no transporte de passageiros (dois mototaxistas e um taxista), um comerciante, um profissional do segmento de segurança eletrônica, um corretor imobiliário, um comunicador com atuação em blog de notícias e uma moradora do bairro onde há os maiores indicadores de homicídios (embora apenas nove narrativas tenham sido efetivamente utilizadas no texto final por terem maior significado para a proposta desta pesquisa). Não foram ouvidas “autoridades”, como representantes da prefeitura ou de órgãos de segurança pública, pois não se buscou um “discurso oficial”, mas percepções, descrever as imagens e simbolismos adotados pelas pessoas comuns, a partir de suas narrativas.

Embora as narrativas sejam aprofundadas no capítulo 5, elas são utilizadas desde o início, seja para exemplificar modos de vida, seja para ilustrar conceitos. Na medida do possível, buscou-se manter as falas dos narradores no original, sem adaptações consideráveis, preservando-se inclusive “termos nativos”<sup>19</sup>.

Deve-se enfatizar que este trabalho não busca se enquadrar em uma geografia da percepção nem uma geografia da violência. Como explica Lucas Melgaço, “a violência não é, por si só, objeto de estudo da Geografia. Aos geógrafos cabe estudá-la enquanto prática espacial, fruto de usos específicos do território” (2005, p. 108). Aqui se estudam, dessa forma, as práticas socioespaciais em Sobral, em específico, as práticas da violência, e como elas influenciam as demais, seja o estabelecimento de territórios, seja impactando nos fluxos e no processo de expansão urbana.

Como o objeto é extremamente complexo, é abordado por diferentes perspectivas em inúmeros e instigantes estudos desenvolvidos por pesquisadores das mais diversas áreas em todo o Brasil e no mundo. Em ordem de proximidade, vale enfatizar os estudos desenvolvidos

---

<sup>19</sup> Segundo Souza (2016, p. 217), “um ‘termo nativo’ é, potencialmente, qualquer palavra da língua natural ou ordinária da população autóctone de um determinado lugar”.

sobre a realidade de Fortaleza, especialmente nos âmbitos do Laboratório de Estudos da Violência (LEV-UFC) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas Conflitualidade e Violência (COVIO-UECE). Nomear pesquisadores fundamentais nesta área poderia ocasionar injustiças pelo esquecimento, mas seria justo destacar o trabalho de todos a partir dos esforços do professor Alcindo José de Sá, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), idealizador do Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo, importante e aguardado momento de troca de saberes. Aos demais, devidamente representados na bibliografia deste trabalho, ficam a admiração e o reconhecimento através da tentativa de utilizar suas ideias de forma digna nas páginas que seguem.

## 2 A CIDADE VAI SE CONSTITUINDO

*A violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova. Ela mesma é uma potência econômica* (MARX, 2013, p. 533).

Saindo de Fortaleza, seguindo pela rodovia BR 222, que liga a capital cearense a Marabá, no Pará, após cerca de três horas é possível começar a enxergar as edificações mais elevadas da cidade de Sobral, que começaram a fazer parte do cenário há algumas décadas. O visitante tem duas opções para entrar rapidamente na cidade. A primeira delas, convergir à direita na Avenida Senador Fernandes Távora, passando pelo densamente povoado bairro Sinhá Saboia, permite que desemboque na famosa rotatória do Boulevard do Arco de Nossa Senhora de Fátima (afrancesado mesmo, como qualquer logradouro denominado pelas elites inspiradas pela Belle Époque<sup>20</sup>, que objetivem demonstrar “modernidade e desenvolvimento”), que há alguns anos ganhou outra característica de destaque: uma estação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), criticada opção inaugurada pela prefeitura durante a gestão de Clodoveu Arruda (2011-2016) para atender à demanda por transporte público. A segunda opção seria prosseguir na BR 222 por mais alguns minutos e, na rotatória seguinte, “quebrar à direita<sup>21</sup>” na Avenida Monsenhor José Aloísio Pinto, passando pela “Ponte nova” (Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior, inaugurada no final da década de 1990), cruzando bairros como o Cidade Gerardo Cristino de Menezes e o Dom Expedito, chegando diretamente ao centro comercial sobralense. Ambos os percursos cruzam o famoso Rio Acaraú, um dos dois mais importantes acidentes geográficos naturais locais, junto à Serra da Meruoca.

Contudo, quem preferir entrar na cidade pela região periférica pode percorrer um pouco mais a BR 222, cruzar os bairros Distrito Industrial, Sumaré e Padre Palhano e, após uma passagem de nível constantemente mencionada nos noticiários policiais devido à grande

---

<sup>20</sup> Belle Époque é um período da história francesa compreendido entre o Século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, caracterizado por transformações artísticas e tecnológicas, sendo considerada uma "era de ouro" para a sociedade francesa nos âmbitos cultural e científico, elevando a França à referência mundial em educação, ciência e arte. A influência cultural francesa pôde ser sentida no Brasil, especialmente a partir da Proclamação da República, em 1889, até o advento do Movimento Modernista, em 1922. Sob a ótica das elites locais, a alta burguesia e intelectuais da época, o modelo de modernidade francesa deveria ser copiado e implantado no Brasil, com uma higienização e reforma urbana, visualizada especialmente nas cidades do Rio de Janeiro, Fortaleza, Manaus e Belém, onde ainda houve tentativas de controle social com um forte senso de moralismo, repressão sexual e segregação espacial (PONTE, 2001). Mesmo passado o auge da Belle Époque, a influência do período continuou perceptível em hábitos, neologismos e títulos de logradouros em diversos locais do Brasil. Quanto a Sobral, a “preocupação em ser moderno, acompanhando o último ‘grito da moda’ lançada em Paris, era constante entre os sobralenses. A beleza era relacionada à saúde, `moda e ao comportamento, como representação da modernidade” (GIRÃO, 2015, p. 84).

<sup>21</sup> Expressão bastante usada pelos sobralenses em substituição à palavra “virar”.

quantidade de ocorrências de assaltos, convergir à direita na recentemente duplicada Avenida Senador José Ermírio de Moraes, chegando ao bairro Dom José, outro que figura entre os de maior densidade demográfica da cidade.

Aqueles que optarem por uma das duas primeiras entradas logo observarão uma cidade dinâmica, com comércio aquecido, trânsito intenso, grande fluxo de pessoas. A terceira opção leva o visitante a entrar “pelos fundos”, onde logo verifica habitações mais humildes, menos rigor na coleta de lixo e na conservação do espaço urbano<sup>22</sup>. À noite, então, é perceptível a diferença de iluminação pública entre os três trajetos.

Localizado entre as duas primeiras entradas, há o centro histórico tombado pelo IPHAN<sup>23</sup>. Observa-se o casario do século XIX com fachadas imponentes e diversas igrejas centenárias, contrastando com os reluzentes veículos, em sua maioria com pouco tempo de uso, alguns dos quais ainda trafegando sem placas, sinalizando terem acabado de ser adquiridos. E motocicletas. Incontáveis motocicletas por todos os lados, às vezes trafegando com duas, três, até quatro pessoas, dentre as quais, não raro, crianças amarradas às costas das mães.

Dirigindo-se ao coração da cidade, onde pulsa o comércio que atrai pessoas de toda a região noroeste do Ceará, encontra-se aquele que é um dos orgulhos dos sobralenses: o Beco do Cotovelo, onde, segundo a tradição, pode-se ficar sabendo sobre tudo o que acontece na “Princesa do Norte”, singelo apelido pelo qual é conhecida a cidade. O burburinho dos transeuntes e a cacofonia de vendedores ambulantes e carros de som, o calor e o clima abafado, praças cercadas por motocicletas estacionadas e pessoas caminhando com capacetes a tiracolo completam o cenário. De repente uma carroça cruza o caminho e causa lentidão ao trânsito.

Isso é Sobral: velocidade e lentidão. Novo e velho. O grande e o pequeno. Mas Sobral é mais do que isso. Assim como as lojas do centro comercial, o melhor da cidade está exposto logo à frente, como em uma vitrine. Aos fundos, nas periferias, aquilo que não deve ficar à mostra torna-se visível, onde os problemas encontram abrigo longe das vistas dos visitantes.

No entanto Sobral não é uma exceção entre as cidades que cresceram ou estão em crescimento. Seus problemas não são um fardo somente seu. A cidade é construída à imagem

<sup>22</sup> Vale ressaltar que a mencionada duplicação da Av. Senador José Ermírio de Moraes promoveu um embelezamento desta “terceira entrada” da cidade.

<sup>23</sup> O centro histórico de Sobral, assim como demais áreas tombadas, é “protegido em nível federal pelo Decreto-Lei nº 25 de 1937 com edificações concentradas no centro da cidade e em seu entorno que foram construídas no Século XVIII, XIX e XX. Juntas, essas edificações representam a história e a cultura sobralense. O centro histórico de Sobral é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e possui aproximadamente 1.200 imóveis na área de proteção rigorosa” (MOTA; CAVALCANTE, *et al.*, 2016, p. 2). O tombamento se deu pela Portaria N° 392, de 28 de outubro de 1999, do Ministério da Cultura.

de seus habitantes, de sua cultura, sua técnica, seus simbolismos, seus orgulhos e seus preconceitos. Ou seja, como segunda natureza (SANTOS, 1988), reflete a ação do homem em seu tempo, fisicamente marcada em sua face pelas rugosidades e a tecnificação como lembrança desta ação (SANTOS, 2014). Ora enaltecendo algumas marcas das ações passadas, ora tentando apagá-las ou escondê-las, de acordo com seus interesses, o homem vai redesenhando o espaço urbano. Nas palavras de Roberto Lobato Corrêa,

É conveniente lembrar, contudo, que o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presentes. Nesse sentido o espaço urbano pode ser uma sequência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de dado momento (CORRÊA, 2001, p. 148).

E se a sociedade controla e transforma o espaço de acordo com suas necessidades e interesses, também é afetada por esta transformação, de forma dialética, seja de forma material, seja de forma simbólica, a partir da qual surgem identidades. A constituição destas identidades, de acordo com esta relação, reforça vínculos entre a sociedade e o espaço, caracterizando uma territorialidade (SOUZA, 2016).

Estas relações são estabelecidas através do exercício de poder, caracterizando territórios, ou de relações de vivência, caracterizando lugares (HAESBAERT, 2014). E é exatamente sobre os territórios constituídos em Sobral que este capítulo trata, mais especificamente sobre os territórios da violência e do medo, conforme será desenvolvido a seguir. Contudo, faz-se necessário a discussão de alguns conceitos importantes para uma melhor compreensão deste estudo.

## **2.1 Violência e Poder**

Se não a principal, a violência urbana é hoje uma das mais importantes pautas de discussão em todo o mundo. No Brasil, há algumas décadas os indicadores de violência urbana crescem exponencialmente, o que fez do assunto um mote político de destaque, o que levou inclusive a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, a adotá-lo em 2018 na Campanha da Fraternidade (CNBB, 2018), cujo tema é “Fraternidade e a superação da violência”.

Se em âmbito nacional o episódio em destaque nos primeiros meses de 2018 foi a polêmica intervenção militar no Rio de Janeiro, cuja justificativa foi o combate à violência e ao crime, apontado como descontrolado naquele estado, o Ceará preocupa-se com uma série

de ataques de facções criminosas ao poder do Estado, chacinas e execuções filmadas e exibidas nas redes sociais. Apesar de o foco principal destas ações ser a Região Metropolitana de Fortaleza, os reflexos desta crise na segurança pública cearense se fazem presentes também no interior, como é o caso de Sobral, que em diversas ocasiões teve prédios públicos alvos de ataques, como o Fórum e a Câmara Municipal (PAIVA, 2017).

Somando-se à percepção de que o Estado encontra-se em verdadeira guerra contra o poder paralelo do crime (e demonstra ter dificuldades para se impor), o crescimento dos indicadores de homicídios, que ano após ano superam as expectativas mais pessimistas, cria-se o cenário propício para a exacerbação de uma sensação de medo, uma percepção de insegurança.

Vale destacar ainda a distinção entre crime e violência, feita de forma clara por Melgaço, com base na legislação vigente:

Crime é qualquer infração à lei. É, portanto, um julgamento de uma ação com base em argumentos legais. Enxergar a violência como sinônima de crime é reduzir a discussão apenas àqueles atos que a lei prevê. A violência é uma noção mais ampla e mais sutil. Além disso, a confusão não se justifica também pelo fato de que nem todos os crimes são necessariamente violentos (MELGAÇO, 2005, p. 102).

Mas para que se possa ter uma compreensão do que aqui é abordado como violência urbana, uma expressão que é por natureza polissêmica, precisa-se compreender inicialmente o que pode ser caracterizado como violência.

Como uma sensação, a violência é “difícil de ser reduzida a algumas linhas de uma definição”, mas “ela é histórica e geograficamente determinada” (MELGAÇO, 2005, p. 101). A depender do contexto espaço-temporal na qual ocorre o ato, ele pode ser encarado como violento ou não, a exemplo das punições impostas pelo Estado, que em determinados momentos históricos e em determinadas sociedades podem parecer mais ou menos severos aos olhos do observador (FOULCAULT, 2014).

Alba Zaluar (2004) oferece um bom início para esta discussão ao apontar a origem do termo:

Violência vem do latim *violentia*, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física, ou recursos do corpo para exercer a sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente (ZALUAR, 2004, p. 228-229).

Em uma discussão aprofundada sobre o conceito de violência, tanto no tempo quanto no espaço, Michaud (1989) aponta que o significado do termo depende de pontos de vista, e

pode ser interpretado a partir de diversos critérios, como o jurídico, o psicológico, social e institucional, dentre outros. Mas apesar do alerta, o autor traça uma definição:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou mais atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p. 11).

Uma das dificuldades em se trabalhar com o termo “violência” encontra-se no fato de que as sociedades sempre abriram concessões a certas violências. Mesmo contemporaneamente são admitidas determinadas formas de violência. Até pouco mais de cem anos atrás era aceito juridicamente desafiar um desafeto para um duelo mortal ou espancar uma pessoa em praça pública, muitas vezes até a morte, por ela ser considerada uma propriedade, no Brasil escravocrata, por exemplo. Mesmo hoje se podem encontrar heranças deste período, como episódios nos quais “cidadãos de bem”<sup>24</sup> espancam e/ou acham correto que se espanque pessoas até quase a morte em praça pública por serem suspeitas de roubos, como dezenas de episódios ocorridos em Sobral entre 2014 e 2017<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Esta expressão, “cidadão de bem”, por si só suscitaria uma discussão mais ampla, que poderia ser abarcada por trabalhos dissertativos em diversas áreas, do direito às ciências sociais, o que não é o proposto neste momento. Um artigo desenvolvido por João Carlos da Cunha Moura apresenta algumas observações bastante pertinentes para esta discussão. Para o autor, o “cidadão de bem” é uma imagem pela qual o sujeito quer ser socialmente visto, sendo que não é uma identidade padrão, desde que o sujeito tenha comportamento dentro dos limites do Direito Penal. “Em outras palavras, não é necessário agir de uma única forma pré-estabelecida, mas antes, coadunar-se com os padrões de aparência que lhe reveste a legitimidade de ações, inclusive indo de encontro ao que prescreve a ordem jurídica. Esse cidadão comum, padrão, ‘de bem’, é reflexo da sociedade unidimensional, que não se firma em críticas, mas antes se adequa ao discurso jurídico emitido pelas várias micro-instâncias de poder (mídia, escola, prisão etc.). Reprodução do sistema capitalista de produção o ‘cidadão de bem’ tem o interesse na manutenção do *status quo*, pois uma possível mudança pode acarretar alterações no seu plano de vida. A ideia de transformação é rechaçada, pois as aspirações individuais podem ser comprometidas por uma mudança, por menos brusca que seja. A fragmentação dos sujeitos em diversas identidades e em classes leva aos questionamentos sobre em que lado deve estar, não em qual lado se escolhe ficar” (MOURA, 2013, p. 253).

<sup>25</sup> Foram 67 casos relatados na mídia local, algumas vezes incentivados e apoiados por comunicadores e leitores nos comentários de blogs. Dois casos bastante expressivos foram coincidentemente registrados nos meses de junho. O primeiro, em 2016, ocorreu no bairro Expectativa, quando um homem tentou furtar um desodorante de um mercadinho na Avenida José Euclides Ferreira Gomes e foi amarrado a um poste e quase linchado pela população (Indivíduo furta um desodorante e quase foi linchado em Sobral. **Blog Sinhá Saboia**. 25 jun. 2016. Disponível em <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com.br/2016/06/individuo-furta-um-desodorante-e-quase.html>. Acesso: 20 mar. 2018). No comentário da notícia, uma leitora que se identificou como “Maria”, sinaliza o apoio à atitude: “Parabéns a população não aguenta mais tanta impunidade”.

O outro caso, em 2017, ocorreu no Centro, quando “um indivíduo praticou um furto no mercado de Sobral, por volta das 08:30 da manhã”. Perseguido por diversas pessoas entrou em uma loja, mas foi alcançado por um dos perseguidores, que passou a agredi-lo. Quando outras pessoas viram a cena, sabendo apenas que se tratava de um roubo, passaram a espancar tanto o acusado quanto o perseguidor. O linchamento de ambos foi impedido por alguns policiais, que os levaram para a delegacia (Indivíduo é capturado pela população após praticar um furto no Mercado Central de Sobral. **Blog Sinhá Saboia**. 14 jun. 2017. Disponível em <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com.br/2017/06/individuo-e-capturado-ela-populacao.html>. Acesso: 25 mar. 2018).

As disputas e rixas resolvidas através da violência ainda são constantes na realidade da periferia das grandes cidades, muitas vezes admitidas socialmente, apesar de legalmente inaceitáveis. Da mesma forma, o próprio Estado admite determinadas formas de violência, como aquelas praticadas na manutenção da ordem ou nos esportes (MICHAUD, 1989), ou como afirma Elias (1994), o Estado moderno busca um monopólio em relação ao uso da violência.

Dessa forma, estudar a violência é um exercício espacial e temporal, cujas conclusões não podem ser consideradas definitivas, pois uma avaliação feita sem que se tenha esta perspectiva poderia resultar em anacronismo ou em mera opinião.

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotou-se a perspectiva da Organização Mundial da Saúde (KRUG; DAHLBERG, *et al.*, 2002, p. 5), que define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

A partir deste conceito, a violência não seria apenas um dano físico, o uso da força física, mas uma imposição de poder, seja através do uso da força, seja através da ameaça. Este conceito de violência, então, além da forma de aplicação do ato, abarca suas consequências. Desse modo, desenvolvendo esta ideia, viver em uma área sob ameaça constante de ser vítima de algum tipo de dano praticado por outros seria viver em um ambiente de violência.

Infelizmente, é comum a confusão entre os termos poder e violência. Acredita-se que a violência é um exercício de poder, entre outros enganos presentes nos discursos dos dias de hoje, conforme alerta Hannah Arendt (2001), que ainda acrescenta nesta lista de termos geradores de disputas de sentido “vigor”, “força” e “autoridade”:

Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia não distinga entre palavras-chave tais como “poder” [*power*], “vigor” [*strenght*], “força” [*force*], “autoridade” e, por fim, violência – as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes, e que dificilmente estariam assim se não fosse. [...] Utilizá-las como sinônimos indica não apenas um certo desprezo pelos significados linguísticos, o que já seria grave em demasia, mas também tem resultado em uma certa cegueira quanto às realidades às quais elas correspondem (ARENDR, 2001, p. 36).

Arendt conceitua “poder” como “a habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto” (ARENDR, 2001, p. 36). O poder só existe enquanto um determinado grupo investe um representante. A partir do momento em que este grupo se desfaz, e, por conseguinte sua representatividade, desfaz-se o poder daquele investido.

Quando se trata de uma qualidade inerente a um indivíduo, ou seja, de uma “pessoa poderosa”, este termo é usado metaforicamente. Não se trata aqui de uma pessoa investida de poder, mas uma pessoa que tem como qualidade o “vigor”, que segundo Arendt (2001, p. 37), “designa algo no singular, uma entidade individual; é uma propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas”.

Quanto à palavra “força”, não é correto ser usada como sinônimo de violência, “especialmente se esta serve como um meio de coerção, deveria ser reservada, na linguagem terminológica, às “forças da natureza” ou à “força das circunstâncias”, isto é, deveria indicar a energia liberada por movimentos físicos ou sociais” (ARENDR, 2001, p. 37).

O termo “autoridade” é, segundo a autora, o usado mais abusivamente. É uma investitura em pessoas, em cargos ou postos hierárquicos, como a autoridade de professores sobre os alunos, de um presidente da república, ou de um padre, por exemplo. Segundo Arendt (2001, p. 37), “sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias. [...] O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e o mais seguro meio para miná-la é a risada”.

Já a “violência”, segundo a autora, “distingue-se por seu caráter instrumental” (ARENDR, 2001, p. 37), ou seja, é uma ferramenta para ampliar o vigor natural e, em um último momento, substituí-lo.

Apesar de próximos, como se percebe, os conceitos se diferenciam. Contudo, é comum associar-se poder e violência, sendo esta usada como forma de justificar o poder. Mas como bem frisa Arendt (2001, p. 41), “o poder não precisa de justificação, sendo inerente das próprias comunidades políticas, o que ele precisa realmente é de legitimidade”. De forma resumida:

[...] politicamente falando, é insuficiente dizer que poder e violência não são o mesmo. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, ela conduz à desapareção do poder (ARENDR, 2001, p. 44).

E o poder, segundo Souza (2016, p. 87), “só se exerce em referência a um território e, muito frequentemente, por meio de um território”, e segue afirmando que poder ou influência não se concretizam “sem que seus limites espaciais, ainda que às vezes vagos, igualmente sejam menos ou mais perceptíveis”. Mas antes que esta relação entre poder e território seja analisada, outro conceito deve ser mencionado a fim de que se conclua a discussão sobre violência, a “violência urbana”, pois como afirma Queiroz (2001, p. 33),

[...] parte-se da premissa de que a violência urbana tornou-se um problema essencialmente geográfico. Isso significa considerar não apenas os aspectos de localização e extensão do problema, mas os seus reflexos na própria interação da sociedade com o ambiente urbano. A população, atemorizada com o agravamento da violência nas grandes e médias cidades, vem internalizando fortemente o medo como *padrão psico-social de comportamento urbano* (ADORNO, 1992). Essa situação se reflete, de forma marcante, na (re)definição de *lugares, paisagens e territórios*.

Por ser motivo de muitas disputas de sentido, o conceito de violência urbana deve ser utilizado com cuidado. Conforme Souza (2008), não pode ser considerado um conceito estanque, que abarca tudo relacionado à violência que ocorre no âmbito dos centros urbanos.

Parece-nos mais produtivo reservar a expressão violência urbana para as diversas manifestações interpessoais explícitas, as quais, além de terem lugar no ambiente urbano, apresentem uma conexão bastante forte com a espacialidade e/ou com problemas de estratégias de sobrevivência que revelam ao observador particularidades ao se concretizarem no meio citadino (SOUZA, 2000, p. 52).

Como percebido, se o termo “violência” é carregado de ambiguidades, “violência urbana” não é menos difuso (FREITAS, 2010). Uma crítica pertinente ao uso do termo é feita por Sposito e Góes (2014), segundo as quais a melhor opção seria a adoção de “insegurança urbana”:

Tal opção pauta-se no reconhecimento da inadequação de se trabalhar com a noção de violência urbana, em função, sobretudo, da reificação que expressa, “pois, em lugar de descrever, age socialmente, produz uma performance e um resultado... exige uma intervenção ou produção de uma situação contrária” e, tendo em vista a sua necessária superação, direcionamos a análise à insegurança urbana, com base na qual se pretende explicitar as relações entre as dimensões objetivas e subjetivas que a constituem e as relações de poder subjacentes, sem desconsiderar que todas elas são socialmente construídas. Por fim, evidenciamos que a insegurança urbana vai muito além da violência urbana, evitando, desse modo, possíveis encobrimentos e simplificações, sem, no entanto, desvalorizar a questão da criminalidade e de seu crescimento, que tem sido objeto da atenção de crescente número de trabalhos, em especial de pesquisadores brasileiros e latino-americanos (SPOSITO; GÓES, 2014, p. 2-3).

Contudo, optou-se pela utilização de “violência urbana” porque este trabalho trata especificamente dos homicídios, que são a consequência máxima da ação violenta, além do que, no meio urbano, apesar dos crimes contra o patrimônio (como furtos de celulares, bolsas e outros bens) serem mais comuns, menos da metade das vítimas registram queixas junto à polícia (BRASIL, 2010). Quanto aos dados sobre homicídios, por terem notificação compulsória, têm registro e tornam-se mais confiáveis. No desenvolvimento desta pesquisa, para que sejam atingidos os objetivos traçados, são levados em consideração os dados obtidos a partir dos relatórios de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) e das notícias veiculadas pelos meios de

comunicação locais, às quais a população em geral tem acesso e, dessa forma, estão mais diretamente ligados à formação de representações sociais<sup>26</sup> sobre determinadas áreas da cidade.

Ora, é exatamente o medo de se tornar mais uma das dezenas de vítimas de homicídio em Sobral pela ação de criminosos que se apropriam do espaço urbano, criando territórios sobre os quais impõem seu domínio através da força e coação, que leva muitas pessoas a não desenvolverem práticas simples, como transitar entre bairros, frequentar espaços públicos ou até mesmo sentar-se na calçada de casa. Nesta perspectiva é importante tratar sobre uma consequência da violência urbana, qual seja, a formação de territórios e territorialidades, o que será feito a seguir.

## 2.2 Território e violência

São duas horas da manhã e o telefone celular de Luís Borges<sup>27</sup>, um famoso blogueiro<sup>28</sup> sobralense, vibra na mesinha de cabeceira. Chegou alerta de um dos diversos grupos dos quais participa no aplicativo de troca de mensagens WhatsApp. O morador de um dos bairros avisa que está havendo intenso tiroteio. Pela experiência, o profissional faz um exercício de adivinhação de que é alguma briga de gangues ou facções criminosas entre Terrenos Novos (cujo nome oficial é Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior) e Vila União, entre Alto Novo (como é conhecido o bairro Dom José) e Padre Palhano ou o vizinho Sumaré, ou ainda entre o Sinhá Saboia e o Conjunto Santo Antonio (que ocupa grande extensão do bairro Cidade Gerardo Cristino de Menezes). Realmente não é novidade para ele, que já noticiou 207 homicídios nestes bairros apenas entre 2014 e 2017, o que representa 52,8% do total de pessoas assassinadas na cidade neste período<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Outro meio de comunicação de massa importante em Sobral são as rádios, inclusive até mais do que a televisão, pois excetuando-se a NordesTV, que faz transmissão a partir de Fortaleza com alguma produção de conteúdo de Sobral e audiência não universalizada por diversos fatores, como ser relativamente nova, não há emissoras sobralenses e, portanto, este tipo de veículo produz poucas notícias locais. Contudo, as emissoras locais não mantêm um banco de arquivos de programas anteriores, o que inviabilizaria uma pesquisa a um período recuado no tempo. Já os blogs, pela sua própria natureza, conforme visto no capítulo 4, são passíveis deste tipo de levantamento.

<sup>27</sup> Entrevista concedida em 24 de março de 2018.

<sup>28</sup> A palavra “blogueiro” é um neologismo criado a partir do termo blog, abreviatura do inglês “weblog”: web, “teia”, log, “registro”, que é “um tipo de publicação periódica na web, caracterizado principalmente pela ordem cronologicamente inversa dos textos. A unidade mínima dessa publicação é chamada de *post*, normalmente um texto de curta extensão, com frequência acompanhado por links e imagens” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 69). Ou seja, o blogueiro é o profissional responsável pela produção das informações veiculadas em um blog.

<sup>29</sup> Conforme cruzamento de estatísticas produzidas pela SSPDS e levantamento de campo.

Luís Borges compartilha do senso comum de que em Sobral, em geral, existem bairros que podem ser encarados como “mais perigosos”, onde é maior o risco de se ver em meio a um tiroteio (BORGES, 2018). Junto com os bairros mencionados no parágrafo anterior, Novo Recanto, Alto da Brasília, Parque Silvana e Alto do Cristo também não carregam boas recomendações pelo senso comum.

Estes bairros, assim como o mais recente de todos, o Nova Caiçara, são vistos pela população dos outros 23 (em alguns casos, até por todos os outros, mesmo aqueles igualmente estigmatizados) como as áreas perigosas da cidade, onde se deve ter ainda mais cuidado ao transitar. Inclusive determinados recortes do Centro são encarados como perigosos (Tamarindo, Rua Pintor Lemos e Santa Casa, cujas imediações são confundidas como um bairro à parte)<sup>30</sup>.

Ao chegar ao local do tiroteio, o repórter Luís Borges se depara com uma dificuldade enfrentada pela própria polícia: ninguém quer falar quem efetuou os disparos. Normalmente, a fórmula encontrada nas notícias é a mesma. Se houve apenas disparos em via pública, sem vítimas, o máximo que se ouve dos moradores da área são relatos genéricos de que dois homens passaram em uma motocicleta<sup>31</sup> e o passageiro (garupeiro) atirou, depois do qual tomaram rumo ignorado. Se houver vítima, ela sobreviver e for membro de uma gangue, trata logo de acusar um membro de uma gangue rival, normalmente do bairro vizinho. Se não for envolvido com gangues, no máximo será feita uma acusação genérica, de que foi provavelmente um membro de uma gangue do bairro vizinho. Caso o baleado morra, muitas vezes morre com ele a possibilidade de uma identificação mais precisa dos criminosos, que algum tempo depois se tornarão novas vítimas de amigos ou parentes do primeiro morto.

Percebem-se regras bem definidas, seguidas à risca pela população, sendo a principal delas a “lei do silêncio”. A onipresença, onipotência e onisciência desta regra são sentidas por quem chega a um local de homicídio. Pessoas chorando em desespero, imprensa tentando um close, um ângulo melhor do corpo da vítima, e dezenas, às vezes centenas de curiosos, dependendo da possibilidade de acesso ao local e das circunstâncias do crime, muitos rindo, conversando, comendo, enfim, demonstrando naturalidade e indiferença com o ocorrido, afinal, não é mais tanta novidade assim!

Mesmo conseguir entrevistar moradores para falar da violência é um desafio. No próprio bairro, raramente alguém se prontifica a aceitar. São as três propriedades da lei do

---

<sup>30</sup> Mais do que uma unidade que compõe a cidade, o bairro apresenta um caráter simbólico importante, representando identidades comuns de determinadas comunidades, o que explica o surgimento de verdadeiros “bairros dentro dos bairros” (SOUZA, 2016).

<sup>31</sup> Geralmente roubada pouco antes da ação, para dificultar a identificação dos autores do crime.

silêncio se fazendo sentir. Fora do bairro parece que essa lei começa a afrouxar, a não ser que se queira gravar ou que o ouvinte seja policial, pois dessa forma, a “quebra do contrato” poderia vir a ser conhecida por alguém da comunidade<sup>32</sup>. Mas para pessoas sem interesse profissional ou acadêmico no tema, falar sobre crimes e conjecturar autorias torna-se normal, banal, especialmente longe do bairro, ou seja, a onipresença, onipotência e onisciência da lei do silêncio parecem ter limites espaciais.

O “poder” de quem impõe essas regras, seguidas mais rigidamente até mesmo do que aquelas impostas pelo Estado, tem fronteiras. Daí se falar em território, uma categoria tão cara à geografia. Nas palavras de Claval (1999, p. 7),

Os geógrafos dos anos sessenta atribuíram tudo ao espaço. Hoje em dia, eles falam mais comumente de território. Essa mudança reflete em parte os debates epistemológicos internos à geografia. Ela é, sobretudo, testemunha de uma profunda transformação do mundo, e de uma mutação correlata das maneiras de compreendê-lo.

Esta mudança de enfoque foi fundamental para o que viria a se tornar o estudo da geografia atualmente, pois, como afirma o autor:

A consideração da dimensão territorial traduz uma mutação profunda na abordagem geográfica: falar em território em vez de espaço é evidenciar que os lugares nos quais são inscritas as existências humanas foram construídas pelos homens, ao mesmo tempo pela técnica e pelo discurso que mantinham sobre ela. As relações que os grupos mantêm com seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles compartilham (CLAVAL, 1999, p. 11).

O meio científico conheceu o conceito de território na década de 1920, através da etologia, ciência dedicada ao estudo do comportamento animal. Diversos pesquisadores, como Elliot Howard, Konrad Lorenz e Nicolas Tinbergen ocuparam-se da territorialidade animal. Mais tarde, no final dos anos 1960, começa a se desenhar de fato o conceito de território, quando o etnólogo Peter Elkin identifica elementos identitários nos aborígenes australianos a partir do território. Estes povos estavam tão profundamente ligados ao seu lugar de morada,

---

<sup>32</sup> Marcelo Lopes de Souza (2008, p. 62-63) faz uma breve discussão sobre o uso popular do termo “comunidade”. Segundo lembra o autor, o termo foi usado inicialmente pelas ciências sociais para “designar espaços e grupos relativamente pequenos e homogêneos e sem grandes fraturas ou contradições, como a família e a aldeia”. Com o tempo, o termo passou a ser empregado em substituição a “grupo local”. Mas ele afirma que “a percepção de que a palavra pode, muitas vezes, estar sendo empregada mesmo em situações em que o ‘grupo local’, definido espacialmente, não se apresenta propriamente homogêneo no que tange aos interesses ou mesmo a certos atributos materiais, ou se apresenta fraturado por conflitos e relações de dominação internos, não deve levar a que se descarte simplesmente o uso popular do termo. É necessário buscar *compreender* as razões desse uso, mesmo em circunstâncias em que a realidade das relações sociais evidencia a presença de conflitos e contradições (como, por exemplo, o apego a um referencial que, diante de uma estigmatização generalizante imposta de fora, intuitivamente promove a autoestima e salienta um elemento de coesão), em vez de meramente condená-lo em nome de critérios definidos academicamente”.

que também havia sido habitado por seus antepassados, que quando se viam obrigados a abandoná-los, se deixavam morrer. Este vínculo, tanto físico quanto simbólico, viria a originar a ideia de território e territorialidade. Segundo Claval:

A organização da vida segundo as normas e os valores afirmados por uma cultura e a execução de sistemas de relações institucionais que ela supõe não podem se fazer no vazio: eles se desenrolam no espaço e o pressupõem em todos os níveis. Ele lhes é necessário como suporte material e lhes fornece uma de suas bases simbólicas. A maior parte das estruturas conhecidas da vida coletiva se traduz através de formas de territorialidade (CLAVAL, 1999, p. 23).

O autor conclui discorrendo sobre como aquilo que agora chamamos de territorialidade foi fundamental para o estabelecimento do Estado moderno:

A construção de territorialidades exclusivas implica uma apropriação global, exercício da soberania e execução de estratégias de controle. É desta maneira que uma nova forma de territorialidade exclusiva foi codificada no início dos tempos modernos: aquela do Estado. Ela construía espaços neutros - mercados ou enclaves extra-territoriais de embaixadas. Todo o sistema internacional de relações que conhecemos repousa sobre este modelo territorial e sobre a capacidade da sociedade nacional de ultrapassar formas de sociabilidade e de cultura que lhe eram pré-existentes e de englobar os territórios que lhe correspondiam (CLAVAL, 1999, p. 23).

Uma definição interessante, e aquela adotada nesta pesquisa, é a apresentada por Souza (2016, p. 78), segundo o qual o território “é, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Contudo, o autor ressalta que esse conceito é apenas uma primeira aproximação. Rogério Haesbaert apresenta uma contribuição interessante a esta discussão inicial:

Desde sua origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados da terra, ou no *territorium* são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva apropriação (em termos lefebvreanos) (HAESBAERT, 2014, p. 57).

O autor ressalta que território sempre tem a ver com poder, mas não apenas o tradicional, aquele oriundo das instituições políticas. “Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2014, p. 57).

Assim, o território “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2014, p. 58).

Enquanto a territorialidade abarca uma dimensão simbólica, sem necessitar necessariamente de um território para ser concebida, o território é diretamente relacionado ao espaço. Ou seja, pode haver territorialidade sem território, mas não há território sem territorialidade. De forma sucinta, o território é o exercício de poder sobre o espaço geográfico, poder este limitado pelas fronteiras deste território, o que implica dizer que o território tem natureza material.

Contudo, os limites deste poder variam segundo imagens, representações e simbolismos, ou seja, a territorialidade. Exemplo disso é a embaixada de um país, que mesmo fora da fronteira física de sua nação, simbolicamente possui sua soberania, baseada em um reconhecimento da comunidade internacional. Compartilhar elementos simbólicos é o que une as pessoas e as separa daqueles que não compartilham de sua territorialidade.

Se há elementos simbólicos agregadores entre as pessoas para a formação de determinados territórios, como uma nação, por exemplo, dentro deste território nacional existem outras territorialidades que baseiam a criação de unidades menores. E mesmo estes territórios menores podem se sobrepor a outros e/ou serem sobrepostos, como camadas, diferentes facetas sobre o espaço geográfico, possibilitando a coexistência de diversos territórios no mesmo espaço, seja ao mesmo tempo, seja em tempos intercalados, o que viria a ser definido como multiterritorialidade (HAESBAERT, 2014). Este é o caso, por exemplo, de uma determinada praça, que durante o dia pode ser território de vendedores, mas a noite passa a ser território da prostituição ou de usuários e traficantes de drogas.

Da mesma forma que a territorialidade vincula cidadãos de um país ao seu território nacional, as territorialidades vinculam gangues<sup>33</sup> e facções criminosas a determinados territórios. Uma série de símbolos, ideias, visões de mundo e relações com o espaço de vivência e a comunidade faz com que os moradores de determinado bairro ou trecho de bairro se identifiquem como uma unidade, estabelecendo uma territorialidade.

Esta discussão inicial é importante para a posterior caracterização das vítimas de homicídios e para a análise das identidades e estigmas atribuídos aos territórios onde ocorreram estes crimes, construídos em um processo dialético entre os membros da comunidade e “os de fora”, ou estabelecidos e *outsiders*, segundo Elias (ELIAS, 2000).

---

<sup>33</sup> De acordo com Glória Diógenes, há uma diferença entre gangues e galeras. As gangues surgem nas periferias da cidade e estão em constante enfretamento com outros grupos. “Gangues é um grupo formado por muitos, numa faixa de 30 a 50 acima e são violentas, a galera se forma entre 10 e 15 pessoas e se reúnem mais pra curtidão” (DIÓGENES, 1996, p. 150).

### 2.3 Territórios da violência e do medo

Diarista, mãe de três filhos, Margarida Santana sempre agradece a Deus por não ter perdido um deles para o crime. Felizmente ela contou com o apoio do marido na educação e sempre se esforçou para que nunca faltasse nada para eles, a fim de evitar que tivessem “que pegar o que é dos outros” (SANTANA, 2018<sup>34</sup>). Sempre procurou seguir certas regras de convivência em seu bairro, o Dom José, que ela e seus vizinhos chamam de “Alto Novo”, pois ela diz que é mais fácil pagar pelo desvio de uma regra estabelecida pelos códigos impostos pelos criminosos do que responder à lei.

Ela considera seu bairro perigoso, “por causa das mortes que estão tendo, por causa desse negócio de facção [criminosa], essas coisas”, mas apesar disso, se sente segura. “Como eu já moro lá, eu não tenho medo. Mais medo é pra quem é envolvido, né?!” (SANTANA, 2018). De acordo com ela, dificilmente uma vítima de homicídio em seu bairro é “morta enganada” ou vítima de bala perdida. Quase sempre tem envolvimento com o crime, seja cometendo algum ato criminoso ou sendo usuário de drogas.

Esta relativa sensação de segurança em seu bairro é observada em relatos de moradores de diversas outras comunidades e favelas brasileiras, conforme explica Alcindo Sá:

[...] como nos alerta alguns dados de nossas pesquisas, a maioria dos “favelados” se sentem seguros nas suas “comunidades”; comunidades que comungam com o fato de serem pobres, marginalizados, onde as morfologias do urbano se mostram precárias, com ruas e ruelas estreitas e quase sempre sem saneamento, havendo quase que naturalmente uma identidade, uma comunhão em várias demandas, o que nos leva a corroborar com Cornell (1998), quando este frisa: “todas as moradias reunidas fazem algo mais e algo distinto de uma simples conjunção de casas. Cada lugar de pouso tem seu caráter social próprio, por mais curto que seja seu tempo de uso”. E esse caráter social próprio reside em alguns espíritos de solidariedade entre os vizinhos, na resistência desses lugares frente ao mundo capitalista avassalador no que respeita a especulação imobiliária que relega os pobres a ficarem sempre às margens sociais e territoriais da cidade, sob a égide de um Estado de Exceção (SÁ, 2012, p. 93).

Margarida Santana relata que é comum criminosos de bairros vizinhos irem ao Dom José e atirar contra membros das gangues e facções criminosas locais e vice-versa. O objetivo é eliminar o máximo de rivais em um eterno ciclo de vinganças, tendo como consequência ser comum observar jovens transitando armados pelas ruas do bairro. Esta é a realidade em seu bairro desde pelo menos os anos 1990, a diferença é que na época havia menos mortes e mais feridos por brigas e por faca.

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida em 14 de abril de 2018.

Apesar de se sentir segura, ela diz que mesmo quando é testemunha de um dos muitos tiroteios, se cala por medo. Não que isso seja uma regra imposta por alguém, mas uma autocensura como mecanismo de defesa. “A gente tem medo, né? [...] A gente pode ter visto, [mas diz] ‘não, não vi’”. E mesmo alguém questionando que ela estava presente, a resposta é sempre a mesma: “Não, mas eu não vi!” (SANTANA, 2018).

O silêncio é a regra fundamental para passar despercebido e evitar problemas. Mesmo sem ser uma regra diretamente imposta, as consequências do desvio deste tipo de conduta são conhecidas: “Se falar... eles chamam, né, ‘boca de prata’ e eles vão lá e ‘espirram’ a pessoa da casa”, ou seja, expulsam o acusado de delação e toda a sua família. “Eles dizem: ‘lhe dou meia hora pra você sair com a sua família’. Se você não sair, eles vão lá e tocam fogo, eles dão tiro...”. Ela diz que já presenciou muitas dessas expulsões em seu bairro, mas enfatiza: “não próximo da minha casa, mas de pessoas que eu conheço, já”, argumento normalmente utilizado por narradores que buscam atenuar determinadas características que consideram negativas, atribuindo-as ao outro, ao diferente, e que por isso deve ser evitado, conforme verificado no capítulo 5.

Mesmo se sentindo segura em seu bairro, há locais que ela considera mais perigosos, como a rua que conhece como “Rocinha”, a Francisquinha Frota, batizada pela imprensa local como “Cracolândia”, onde é comum presenciar o consumo e venda de drogas ilícitas e muitos tiroteios. Mesmo com a presença constante de policiais, esta rua é encarada como problemática. “Polícia lá é só o que tem, mas não adianta. Eles trocam é bala com a polícia!”, afirma.

Apesar da violência do entorno, Margarida Santana garante que não se sente “prisioneira em sua casa”. Ela diz se sentir tranquila para andar em qualquer lugar, inclusive em outros bairros, mas enfatiza que para os jovens é perigoso.

Se for jovem e souberem, né?! Você mora no bairro Dom José e está no Pantanal [como é conhecido popularmente o Sumaré], mesmo que não seja envolvido [com o crime], aí eles botam pra correr, atiram ou matam só pelo fato de ser jovem e morar no outro bairro. Adulto, pai de família, eles não mexem muito não. Mas se for jovem e estiver no bairro deles, eles perguntam logo: ‘da onde é que tu é?’. Aí diz: ‘sou do bairro fulano’. Pronto. Bota pra correr ou mata... Dificilmente sai com vida (SANTANA, 2018).

No próprio bairro, a rotina, segundo ela, é de coexistência entre quem não se envolve com a criminalidade e os membros das gangues e facções, contanto que o silêncio sobre as ações criminosas seja mantido. “Eles ficam na deles e a gente tranquilo, pronto! Só não pode mexer com eles, assim, né?! Em termos de falar nada, ficar na da gente... Pronto. Faz de conta que não está vendo. Pra poder a gente viver bem... É o jeito” (SANTANA, 2018).

As regras são claras dentro das comunidades dominadas por uma das facções. Se o “não falarás” é o primeiro mandamento, o segundo é o “não roubarás”.

No meu bairro eu nunca vi, eu não vou mentir. Mas já ouvi falar, né?! Como teve uma amiga minha que teve uma festinha, e lá sumiu o celular da vizinha. Aí procuraram, nada e nada. Aí no lugar de chamarem a polícia, chamaram foi o chefe lá do bairro. Ele foi lá e disse que quem tinha roubado o celular que entregasse porque senão ia ser pior. Aí a pessoa de quem estavam suspeitando não entregou, né?! Só que a mãe dele foi, e no outro dia comprou um. Mas ele negou, até o fim, que ele não tinha pego. Mas ele [o chefe] disse: “é melhor você entregar. Se você não entregar por bem, vai entregar por mal”. A mãe dele teve que pagar, se não ele ia perder a vida (SANTANA, 2018).

Percebe-se na fala de Margarida Santana que os moradores reconhecem o chefe do tráfico de drogas como “chefe do bairro”. Em troca desta concessão de poder, cabe ao “chefe” garantir a ordem e o cumprimento de determinadas regras de convívio cuja capacidade de cumprimento por parte do Estado não é mais reconhecida. É exatamente neste estabelecimento de relações, tanto com a comunidade na qual atuam quanto com determinados agentes do Estado, que é alicerçado o poder dos criminosos, conforme explica Melgaço:

Ele não é poderoso por ser violento, mas, ao contrário, por ser capaz de se articular, ou seja, de criar solidariedades tanto orgânicas — por exemplo, junto a alguns policiais da região, aos moradores de uma favela — quanto organizacionais — junto a grandes empresários, políticos, autoridades policiais, banqueiros, todos interligados em redes pelo mundo (MELGAÇO, 2005, p. 104).

Assaltos e furtos são proibidos dentro da comunidade, o que não impede criminosos de outras áreas atuarem. Se para os criminosos, atentar contra a vida dos moradores jovens de comunidades dominadas por grupos rivais é algo banal, roubar é um ato ainda menos significativo.

No bairro mesmo, se souber... Por exemplo, se me roubaram e eu vi quem foi eu vou lá e digo: “olhe, fulaninho me roubou”. Ele [o chefe local] vai lá e diz “não se preocupe não! Volte pra sua casa que eu vou mandar deixar lá seu celular”. Ele liga pra pessoa e diz: “venha deixar agora o celular de fulana!”. Pronto. Eles vão deixar. Se não for, morre (SANTANA, 2018).

Como se pode verificar, dentro das comunidades dominadas pelas facções criminosas em Sobral são seguidas regras rígidas pelos moradores por medo de retaliação por parte dos criminosos. Estas regras, implícita ou explicitamente impostas pelos criminosos pertencentes às facções, são adotadas por medo, mas os moradores estão plenamente convencidos de que se as seguirem, estarão livres da violência, pelo menos aquela praticada pelos outros membros da comunidade.

Isto caracteriza uma territorialidade, atualmente bastante comum nas periferias das cidades brasileiras, que nos últimos anos têm visto o crime organizado ganhar terreno, especialmente nas áreas mais carentes de atuação do Estado, onde não há a garantia de serviços básicos, como rede de saneamento, iluminação pública adequada, áreas de lazer e a segurança pública se faz apenas através de incursões esporádicas da polícia, além de diversos outros fatores, dentre os quais os apontados por Souza:

A criminalidade (ou, pelo menos, parte dela, já que há “crimes e crimes”, com causas e motivações muito variadas) é, em um país como o Brasil, em larguíssima medida, um subproduto da “dívida social” acumulada há gerações, sob a mediação de fatores institucionais (falência e inadequação intrínseca do sistema prisional, corrupção estrutural do aparato policial etc.) e culturais (ascensão de valores como o consumismo, individualismo e hedonismo) (SOUZA, 2008, p. 41).

Se até há cerca de uma década o problema maior de Sobral eram as brigas de gangues, hoje o poder paralelo das facções tem recrutado um contingente cada vez mais elevado de jovens para sua guerra pelo controle de territórios para a venda de drogas.

Estas regras, seguidas à risca pela população, tem fronteiras além das quais perdem poder. Os territórios, que podem ou não coincidir com a demarcação oficialmente reconhecida dos bairros, são comandados por “chefes” ou “donos”, “iniciados” em uma das facções criminosas, normalmente que dominam as unidades penitenciárias locais, no caso de Sobral, há relatos da atuação do Comando Vermelho (CV, originada no Rio de Janeiro), Primeiro Comando da Capital (PCC, São Paulo) e dos Guardiões do Estado (GDE, facção nascida em Fortaleza)<sup>35</sup>.

Neste caso, o poder exercido sobre estes territórios e suas populações é, em grande medida, reconhecido pela comunidade, baseando-se no estabelecimento de relações e imposição do medo de retaliação. É um poder que se exerce à revelia do poder do Estado de direito, com regras e punições conhecidas e acatadas pelos moradores sob o manto da potencial violência. Isto é chamado aqui de “território da violência”.

Mas estes territórios e estas populações não foram simplesmente abandonados pelo Estado de uma hora para outra. A marginalização de áreas ocupadas pelas populações menos favorecidas se processa desde a origem de Sobral. A ocupação da cidade pode revelar muito sobre como isso ocorreu e conhecer os diversos rearranjos pelos quais passou o espaço urbano local é fundamental para que se compreenda como se deu este processo, que culmina em uma

---

<sup>35</sup> A presença de facções criminosas era negada pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS-CE) até alguns anos atrás. Contudo, em junho de 2016 ganhou repercussão mundial uma reunião dos criminosos com atuação em Sobral em episódio que ficou conhecido como “Passeata do Crime”. Centenas de pessoas ligadas às facções marcharam pelas ruas da cidade afirmando que PCC, CV e GDE, a partir daquele momento, estariam unidas (ALESSI, 2016).

cidade caracterizada por enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), fragmentada e com espaços segregados e estigmatizados. Para tal, antes é necessário que alguns conceitos sejam aprofundados.

#### **2.4 Da segregação socioespacial à fragmentação do tecido sociopolítico-espacial**

Na pesquisa urbana, o conceito de segregação é um dos mais antigos (SPOSITO; GÓES, 2013) e gera diversas interpretações e uma discussão acalorada, inclusive sobre a viabilidade de sua aplicação à realidade brasileira. Com variações como segregação socioespacial, espacial, residencial e urbana, o conceito é muito caro aos estudos da geografia da violência e do medo.

O conceito de segregação residencial<sup>36</sup> começou a ser usado no âmbito dos estudos urbanos pela Escola de Chicago, na primeira metade do século XX, especialmente a partir das contribuições de Robert Park e Roderick Mckenzie, para a análise da concentração de classes de população dentro de um território. Segundo Corrêa (1995), posteriormente Shervky e Bell desenvolvem, a partir do conceito de “áreas naturais”, o conceito de “áreas sociais”, que seriam:

Áreas marcadas pela tendência à uniformidade da população em termos de três conjuntos de características: *status* sócio-econômico (renda, *status* ocupacional, instrução etc.), urbanização (mulheres na força de trabalho, fase do ciclo de vida, isto é, solteiros, casais jovens com filhos pequenos etc.) e etnia. A uniformidade de tais características origina áreas sociais, isto é, bairros homogêneos, segregados, como por exemplo bairros operários com modestas residências unifamiliares, de empregados do setor terciário residindo em edifícios de apartamentos, de diretores de empresas em suas residências suntuosas etc. (CORRÊA, 1995, p. 60).

A Escola de Chicago é criticada por apontar a segregação como algo natural, uma característica presente em todas as cidades e resultado de um processo de preferências individuais (e fatores raciais, étnicos e culturais), descartando a importância e a necessidade de se analisar as dinâmicas entre os atores sociais, bem como as causas deste processo. A segregação, desse modo, seria consequência de uma espécie de “darwinismo social”, ou seja, apenas os que se adaptassem mais facilmente e rapidamente ao modo de vida urbano poderiam ter mais êxito e, conseqüentemente, habitar as melhores áreas e ter as melhores oportunidades de trabalho e renda.

---

<sup>36</sup> Segundo Sílvio Moisés Negri, a segregação “sócio-espacial” também pode ser “denominada de segregação residencial da sociedade, principalmente por meio da diferenciação econômica” (NEGRI, 2008, p. 130).

Entre as décadas de 1960 e 1970, outra corrente ascende e ganha relevância: a corrente marxista. Com grande contribuição daquela que ficou conhecida como Escola da Sociologia Francesa, inspirou diversos trabalhos. Dentre os estudiosos alinhados a este pensamento, destacam-se Castells (segregação urbana), Lefebvre (segregação), Lojkin (segregação social), David Harvey e, no Brasil, Corrêa, Villaça, Maricato, dentre outros.

A corrente marxista [...] diz que a segregação socioespacial é a reprodução no território da divisão social do trabalho, e percebe, assim a relação do Estado no ordenamento do espaço urbano juntamente aos grupos hegemônicos e dominantes do capital que acabam influenciando na manutenção de uma dispersão controlada da classe trabalhadora. Dessa forma, há a reprodução das relações sociais que criam um vínculo paradoxal entre centro e periferia no espaço intra-urbano (BASTOS FILHO; PINTO, *et al.*, 2017, p. 300).

Baseado nos estudos de Castells, Corrêa afirma exatamente o proposto acima, ou seja, que a segregação residencial é um “produto da existência de classes sociais” e “uma expressão espacial das classes sociais” (CORRÊA, 1995, p. 60-61). O autor baseia suas colocações em argumentos defendidos por David Harvey, que aponta a existência de três forças básicas que estruturam as classes sociais no capitalismo:

- (a) Uma força primária, básica, que vem das relações entre capital e trabalho, gerando uma estrutura dicotômica de classes: os detentores dos meios de produção e os que vendem sua força de trabalho.
- (b) Uma força residual, que é originada de formas pretéritas de organização social ou do contato entre um modo de produção dominante e um subordinado. Traduz-se, por exemplo, na existência de uma aristocracia rural e de camponeses mais ou menos incorporados ao capitalismo.
- (c) Forças derivativas, que emergem devido às necessidades de preservar os processos de acumulação do capital através de inovações tecnológicas e controlar as mudanças na organização social (CORRÊA, 1995, p. 61).

Ao ocuparem o espaço urbano de acordo com suas atividades e interesses, estas forças o modelam, pois “cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa, a qual representa características diferentes no que se refere ao tipo e localização” (CORRÊA, 1995, p. 62). Dessa forma, o problema de como e onde morar e a maior ou menor capacidade de acesso à mercadoria “habitação” determinam a estruturação das cidades.

A intervenção do Estado, quer direta, quer indiretamente, se torna necessária. Indiretamente, através do financiamento aos consumidores e às firmas construtoras, ampliando a demanda solvável e viabilizando o processo de acumulação capitalista. Diretamente, através da construção, pelo próprio Estado, de habitações. A sublocação de residências deterioradas constitui-se em outra alternativa ao como morar por parte daqueles que não conseguem entrar no mercado capitalista de habitação; outras alternativas referem-se à autoconstrução na periferia urbana, e outras, ainda, à construção de barracos em favelas (CORRÊA, 1995, p. 63).

Tanto em relação ao “onde morar” quanto ao “como morar”, o poder aquisitivo se torna um condicionante. O preço da terra aumenta conforme destacam-se as amenidades, o que acaba gerando, especialmente nos extremos da sociedade, espaços homogêneos de acordo com a “renda, padrões culturais, valores e, sobretudo, em termos dos papéis a serem cumpridos na sociedade pelos seus habitantes” (CORRÊA, 1995, p. 63). Como explicado por Raffestin, seria uma discriminação espacial, que produz relações dissimétricas e tem como consequência imediata, entre outras, a “superpopulação das zonas discriminadas” (RAFFESTIN, 1993, p. 134), com elevadas taxas de natalidade e mortalidade, doenças e criminalidade, como no caso dos guetos negros nos Estados Unidos. Nas palavras de Negri:

Morar num bairro periférico de baixa renda hoje significa muito mais do que apenas ser segregado, significa ter oportunidades desiguais em nível social, econômico, educacional, renda, cultural. Isto quer dizer que um morador de um bairro periférico pobre tem condições mínimas de melhorar socialmente ou economicamente. Implica, na maioria dos casos, em apenas reproduzir a força de trabalho disponível para o capital (NEGRI, 2008, p. 8).

Desse modo, quem pode escolher onde morar pelo seu alto poder aquisitivo acaba ocupando as melhores áreas urbanas, onde há maior investimento em infraestrutura por parte do Estado. Os moradores destas áreas privilegiadas vetam o acesso aos demais segmentos sociais, em um processo de auto segregação. Da mesma forma, quem não tem acesso às melhores áreas urbanas acaba tendo de concentrar-se nos piores recortes. As áreas menos valorizadas também são aquelas utilizadas pelo Estado para o desenvolvimento de políticas habitacionais voltadas aos mais pobres, concentrando esta população, em um processo segregacionista, que perpetua o *status quo*.

Em resumo, a segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, e neste sentido o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais, constituem-se em local de reprodução.

Assim, a segregação espacial significa não apenas um meio de privilégios para a classe dominante, mas também um meio de controle e de reprodução social para o futuro (CORRÊA, 1995, p. 65-66).

Já Sposito (2013) usa o conceito de segregação socioespacial relacionando-o ao conceito de fragmentação espacial. Para ela, há segregação socioespacial quando ocorre uma separação espacial radical e uma fragmentação do tecido urbano derivada das diversas formas de diferenciação, sempre relativa, da região segregada em relação ao conjunto do espaço urbano, o que ocasiona dificuldade nas relações e nas articulações que movem a vida na cidade. Segundo a autora, a pluralidade das práticas socioespaciais dos espaços periféricos das

idades brasileiras contemporâneas fez com que se diversificassem, pois neles foram implantados desde loteamentos urbanos, muitos dos quais fechados, voltados para as classes de médio e alto poder aquisitivo, novos espaços comerciais de bens e serviços, e centros de atividades “nos quais se mesclam e integram usos residenciais, industriais, comerciais e de serviços” (SPOSITO, 2007, p. 11).

Na medida em que essas dinâmicas se desenvolvem, verificamos que a pluralização indica que a periferia se transforma, multiplicando-se em diversos usos, ampliando-se, na medida em que se torna mais extensa, articulando-se a outros espaços, uma vez que se diversificam as formas de transportes e comunicação.

E, por todas essas razões, a periferia segmenta-se, pois a proximidade física de usos diferentes e de conteúdos sociais e culturais diversos não promove, em si, integração, mas gera separação socioespacial, sob a forma de segregação socioespacial ou de fragmentação urbana (SPOSITO, 2007, p. 12).

Ana Fani Carlos (2011) complementa a ideia de segmentação como uma das causas da segregação, além de mencionar o papel do narcotráfico nas práticas socioespaciais:

[...] os centros de poder e de realização da acumulação, e de outro, contraditoriamente, as periferias segmentadas e caóticas (como expressão da lógica capitalista), nos quais o narcotráfico, como novo e poderoso setor da economia, redefine as estratégias da vida. Dessa forma, na metrópole o fenômeno urbano, enquanto prática sócio-espacial, se realiza como segregação, o que revela a imposição do uso produtivo do espaço ao uso improdutivo, delimitando os contornos da cidadania (CARLOS, 2011, p. 85).

Nesta perspectiva, Silva e Medeiros Neta (2017) estabelecem uma relação direta entre a marginalização e a segregação. Segundo os autores,

A marginalização em sentido radical gera a segregação forçada, o crime presente nesses locais, principalmente a partir do tráfico de drogas se torna constante, e se apresenta de forma assustadora nos chamados residenciais populares. A indústria do crime, ao oferecer empregos e serviços aos marginalizados vai ganhando força na disputa com o Estado, como solução, quem possui certo status social se isola em Residenciais exclusivos induzidos pelo medo, preconceito, e pela propaganda (SILVA; MEDEIROS NETA, 2017, p. 2).

Em artigo publicado em 2004, o geógrafo Pedro Vasconcelos questiona a utilização do termo “segregação” na realidade brasileira devido ao significado etimológico da palavra e ao seu uso em realidades sócio históricas de outros países, como Estados Unidos antes da luta pelos direitos civis dos negros, África do Sul durante o regime de Apartheid e a Alemanha Nazista, por exemplo, quando e onde houve um processo de “guetificação” de determinadas camadas sociais por etnia, credo, origem etc. O autor inicia suas conclusões enumerando uma série de premissas: “segregação não é preconceito (atitude negativa desfavorável); segregação não é discriminação (tratamento e práticas desfavoráveis); segregação não é marginalidade nem exclusão” (VASCONCELOS, 2004, p. 270). A partir daí, levanta cinco questões básicas:

- 1) Quem segrega quem no Brasil?
- 2) Seria a população pobre das cidades brasileiras segregada ou abandonada (pelo Estado) ou sofre o descaso do conjunto da sociedade, como no caso dos escravos no passado, tendo em vista a falta de identificação e de solidariedade das classes dominantes em relação a uma população pobre e majoritariamente mestiça?
- 3) Pode uma maioria, como no caso de Salvador, ser segregada?
- 4) Pode uma população “segregada” tomar a iniciativa e ocupar terrenos nos mais diferentes pontos da cidade?
- 5) Podem elementos de uma população “segregada” ter mobilidade social e espacial, como no caso dos jogadores de futebol ou cantores populares?
- 6) Em determinadas condições e regiões brasileiras, como no caso de Porto Alegre, podemos considerar a existência de segregação? Assim como no caso de cidades e núcleos planejados como Brasília ou Paulo Afonso, por exemplo? (VASCONCELOS, 2004, p. 270-271).

A partir destas observações, o autor conclui:

No caso brasileiro, a distribuição da população se dá pelo mercado imobiliário, por interferência da regulamentação governamental, e sobretudo pela ação dos pobres, que não podem participar do mercado e dos programas governamentais. Mas ao contrário das minorias residentes em condomínios fechados e em prédios protegidos (auto-segregação) não parece haver “segregação” residencial nas cidades brasileiras. Além da indiferença das classes dominantes, parece estar crescendo um antagonismo entre as diferentes camadas da população, resultando em um aumento da violência, mas esses fatos também não justificariam a utilização do conceito de segregação no caso brasileiro, sem omitir, no entanto, que no Brasil foi construída uma das sociedades mais desiguais do mundo (VASCONCELOS, 2004, p. 271).

Contudo, mesmo que inicialmente não haja uma política de controle em termos de mobilidade, ao direcionar investimentos e estabelecer regras de ocupação do espaço urbano, o Estado aponta apenas determinados locais das cidades para a ocupação dos pobres: as áreas sem o interesse do capital imobiliário. E quando estas áreas passam a interessar os empresários do ramo imobiliário, o Estado atua na remoção dos moradores “indesejados”. Desse modo, não se pode caracterizar como uma “escolha” o fato destas populações terem de habitar as piores áreas da cidade, mas uma imposição, que impacta inclusive em seu acesso a serviços básicos, como equipamentos de saúde, educação, mobilidade, enfim, ao direito à cidadania e à cidade. Ao serem privadas destes direitos, estas populações ainda se veem estigmatizadas pelas classes de maior poder aquisitivo, encaradas como um risco, pessoas a serem evitadas, verdadeiras inimigas da “paz urbana”.

Esses sujeitos habitantes desses locais, os quais encontram-se muitas vezes sem trabalho, são indigentes, pais de família, crianças, idosos, que, infelizmente, aos olhos dos agentes dominantes da cidade, são vistos como as edificações antigas, isto é, considerados apenas obstáculos. São uma obstrução temporária de carne e osso, sem vida, sem história e sem importância, que impede (temporariamente) as necessidades e interesses desses agentes, mas que será, assim como as obras antigas, demolida (socialmente) e esquecida. Esse é o cotidiano do espaço urbano brasileiro (SANTOS; FERREIRA, 2016, p. 187).

Esta população, desta forma, torna-se uma verdadeira subclasse, formada por não cidadãos, cujos direitos dependem dos interesses postos em jogo na realidade urbana capitalista. Enquanto não podem exercer plenamente a “cidadania capitalista”, ou seja, não são capazes de desenvolver pleno poder de consumo (CANCLINI, 2015), estas pessoas devem ser evitadas pelas classes privilegiadas, o que impacta diretamente na ordenação espacial das cidades, que “são construídas a partir do evitamento e separação” (BAUMAN, 1999, p. 56), estratégia adotada pelas elites capitalistas para evitar o encontro indesejado com as classes menos favorecidas.

Além disso, quando o Estado não oferece as condições básicas de existência para estas pessoas, o vácuo deixado é ocupado por organizações criminosas, que na disputa por territórios, como observado empiricamente em muitos centros urbanos brasileiros, controlam o tráfego em suas zonas de controle, chegando a impedir o trânsito de moradores de bairros controlados por grupos rivais.

O processo de periferização produz nova territorialidades, entre elas a territorialidade da violência e/ou criminalidades. Para Raffestin (1996) não existe vazios de poder, onde o Estado não se faz presente, os agentes tendem a se territorializar e passam a disputar o controle do território.

[...]

A interação desses processos origina o território da violência e/ou da criminalidade, constituído por grupos criminosos organizados ou não, que dominam áreas específicas de um bairro se estabelecendo para desenvolver suas atividades criminosas (tráfico de drogas, sequestros, assaltos, receptação de objetos roubados, etc.) (CHAGAS, 2018, p. 27).

Enfim, o fenômeno, conhecido como segregação socioespacial, tem como consequência uma descontinuidade no tecido urbano-social, com áreas ocupadas por pessoas de mesmo poder econômico, etnia ou qualquer outro fator que os force a isso. Assim, “na prática ou até formalmente, ficam separados, excluídos de certos espaços reservados para as classes e grupos dominantes da sociedade” (RODRIGUES, 2017, p. 430).

A população mais pobre procura as áreas mais distantes, em direção contrária às áreas mais nobres, e se dirige em busca de terrenos mais baratos. Todavia, a cidade é um local dinâmico de atividades exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais, promovendo diretamente o processo de produção e reprodução do espaço (RODRIGUES, 2017, p. 431).

E as classes privilegiadas, em processo contrário, se auto segregam, limitando o acesso das camadas menos favorecidas aos seus domínios, seja através de uma verdadeira privatização do espaço público, seja estabelecendo regras de limitação de mobilidade destas pessoas em seus condomínios fechados, se isolando dentro do tecido urbano com a criação de

verdadeiros enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000). Nas palavras de Marcelo Lopes de Souza:

De um ponto de vista político-pedagógico, pode-se afirmar que os “condomínios exclusivos” ameaçam o fortalecimento de valores de civilidade e solidariedade cidadã, uma vez que são ambientes de socialização que, a um só tempo, pressupõem e reforçam um descompromisso para com a cidade como um todo. Reforçam porque, implicando um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o Outro (entendido esse Outro como o favelado, o morador de rua, o suburbano...), o enclausuramento voluntário só pode terminar por reforçar preconceitos, na esteira da ignorância e do medo. O espaço urbano também educa – ou “deseduca”. No caso dos condomínios, educa não para a liberdade, para o diálogo, para o respeito à diferença, para a solidariedade, mas sim para o ódio de classe (não raro amalgamado com o ódio racial), para o elitismo arrogante, para o temor e o desinteresse (e o desrespeito) em face dos diferentes (SOUZA, 2008, p. 74).

Da mesma forma que nos condomínios fechados, o fenômeno é percebido nos bairros mais valorizados, onde os elevados valores dos imóveis homogeneízam a população local segundo o poder aquisitivo, tendo como consequência o estranhamento com os quais são encaradas as pessoas mais pobres da cidade que por algum motivo transitam por estes locais, vistas normalmente com desconfiança pelos moradores, como invasores em seu território “exclusivo”. Estas condições se coadunam na fragmentação do tecido socioespacial nas metrópoles da atualidade.

Mesmo em contextos como o de Sobral, onde no mesmo espaço coabitam bairros com perfis socioeconômicos distintos, como o Cidade José Euclides Ferreira Gomes e o Nova Caiçara ao lado do Nossa Senhora de Fátima e Renato Parente, as separações são inegáveis. Neste caso, a proximidade física estimula o distanciamento simbólico e as práticas de auto segregação por parte dos moradores destes últimos bairros. Nas palavras de Elizete Santos:

[...] isso não implica que haja menos segregação; pelo contrário, ela geralmente se exacerba pela fragmentação social e pelas disparidades socioespaciais, pois embora a distância física entre imóveis luxuosos e ocupações/favelas esteja cada vez menor, a distância social se aprofunda com os muros (materiais e imateriais) (SANTOS, 2013, p. 53).

De forma concisa, a segregação socioespacial tem como consequência a fratura do tecido urbano. Exatamente nas áreas segregadas há uma menor atuação do Estado e, nesse vácuo de poder, passam a se estabelecer poderes paralelos, como o dos narcotraficantes que atuam nas favelas brasileiras. Souza (2000) utiliza este como um dos exemplos de fragmentação espacial para ilustrar a dimensão política do conceito, chamando por ele de fragmentação do tecido sociopolítico-espacial. Dessa forma, mais do que uma separação social, há uma verdadeira separação territorial, onde regras específicas são seguidas à revelia

ou paralelas àquelas aplicadas pelo Estado, acatadas pela população e comerciantes locais por imposição ou aceitação, pela intimidação e violência ou pelo estabelecimento de relações, conforme foi possível observar no relato da narradora Margarida Santana. No outro extremo, as elites estabelecem seus próprios territórios auto segregados, com regras próprias de convivência e acesso restrito, vigiadas e fortificadas, onde os visitantes que destoam são vistos com estranhamento, abordados e acompanhados atentamente até que deixem aqueles domínios.

Dessa forma, apesar de ser um conceito polêmico, segregação socioespacial é um recurso importante nos estudos sobre a violência urbana. Contudo, o pesquisador precisa ter em mente suas limitações, na medida em que não deve ser aplicado de forma generalista, de modo descontextualizado e sem levar em conta as particularidades dos objetos de estudo.

A partir da compreensão dos conceitos de segregação socioespacial e de fragmentação sociopolítico-espacial, adotados nesta análise, é possível compreender como este processo se fez presente em toda a trajetória de ocupação e expansão urbana de Sobral, desempenhando um importante papel para o estabelecimento da atual constituição espacial sobralense, conforme será verificado a seguir.

## **2.5 Configuração territorial**

Uma pessoa que não conheça Sobral pode estranhar, mas não é raro ouvir alguém dizer a seguinte frase: “não moro aqui em Sobral, moro no interior”. Esta relação com Sobral, que parte das pessoas oriundas de um dos 16 distritos sobralenses<sup>37</sup> ou de um dos municípios próximos, é estranha, mas não incompreensível. Sobral cedo se destacou de seus vizinhos como um polo de efervescência comercial e cultural.

Conhecer um pouco a configuração territorial de Sobral pode esclarecer seu processo de urbanização, marcado pela segregação socioespacial e estigmatização socioespacial, o que ajuda a compreender a formação dos territórios da violência e do medo. Mas antes que se prossiga, deve-se fazer uma breve observação sobre o conceito de estigmatização socioespacial aqui utilizado.

Apresentado por Wacquant como estigmatização espacial, que cunhou o conceito “para revelar como, através da mediação de mecanismos cognitivos que operam em diversos

---

<sup>37</sup> Que segundo a Lei Complementar Nº 56, de 06 de dezembro de 2017, são Apazível, Aracatiaçu, Baracho, Bilheira, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Patos, Patriarca, Pedra de Fogo, Rafael Arruda, São José do Torto, Salgado dos Machados e Taperuaba.

níveis entremeados, a difamação espacial de bairros degradados afeta a subjetividade e os laços sociais de seus moradores, bem como as políticas do Estado que os modelam” (2014, p. 154), optou-se aqui por acrescentar o viés social ao termo, pois há claramente uma conjunção de preconceito espacial com o social, especialmente sob o caráter econômico, em uma espécie de relação metonímica na qual o indivíduo de origem socioeconômica mais baixa é simbolicamente degradado assim como seu local de moradia o é fisicamente. Como será visto ao longo desta pesquisa, este conceito pode ser aplicado à realidade de Sobral.

### *2.5.1 Tropeiros e pastores de homens: gado e Igreja na criação do povoado*

Primeiramente habitada por diversos povos indígenas, como “Potiguaras, Tabajaras, tapuios, arariús ou acriús” (FROTA, 1995, p. 33), a área onde se estabeleceu Sobral foi ocupada, ainda no Século XVII, por colonos fugitivos dos ataques holandeses, oriundos principalmente de Pernambuco (à qual a capitania do Siará Grande foi subordinada entre 1680 e 1799), Paraíba e Rio Grande do Norte, as capitanias da Zona da Mata.

Os alicerces do que viria a se tornar Sobral surgiu no contexto do ciclo do gado<sup>38</sup>. Segundo o Padre Sadoc Araújo (2015), as primeiras terras onde hoje se localiza Sobral foram adquiridas a partir de sesmaria em 1702 pelo português Antonio da Costa Peixoto. As terras deram origem, dentre outras, à fazenda Caiçara, da qual tomou posse sua filha, Apolônia da Costa, que embora nunca tenha se fixado na região, permanecendo no Siupé (São Gonçalo do Amarante), visitou o local diversas vezes. Após a morte de Apolônia, a fazenda, localizada às margens do rio Acaraú, foi herdada por sua filha, Quitéria Marques de Jesus, casada com o capitão Antonio Rodrigues Magalhães.

À margem direita do rio, em terras desta sesmaria, foram construídas as Fazendas Várzea Grande e Marrecas, e à margem esquerda as Fazendas Caiçara, Cruz do Padre e Pedra Branca. Exatamente a Fazenda Caiçara foi o berço da cidade de Sobral (ARAÚJO, 2015, p. 75).

---

<sup>38</sup> Período caracterizado pela expansão da criação de gado bovino no interior nordestino. No Século XVIII as fazendas de criação de gado e as oficinas de charque proliferaram estimuladas pela grande demanda por carne no sul, mobilizado pela agricultura canavieira e pela mineração, originando diversas povoações que mais tarde viriam a se tornar importantes cidades. O ciclo do gado foi responsável tanto pela colonização do Nordeste quanto pelo estabelecimento de toda uma cultura e economia baseada na criação do gado, produção do charque e de itens usando como matéria-prima o couro. Nas últimas décadas do Século XVIII, devido a uma conjunção de fatores, como uma sequência de graves secas (1777-1780 e 1790-1794), a concorrência da produção de carne do sul do Brasil e a ascensão da cotonicultura, que demandou grande parte da mão de obra sertaneja, diminuiu o espaço da pecuária na economia cearense. Contudo, mesmo assim a pecuária seguiu importante na pauta econômica cearense, tendo novo momento de ascensão na segunda metade do Século XIX no que ficou conhecido como binômio gado/algodão (FARIAS, 2015).

Começou a formar-se um povoado, no início do Século XVIII, ao redor da fazenda Caiçara, na época movimentado cruzamento das rotas de transporte das boiadas, conhecidas como “Estrada da Boiada” e “Estrada da Caiçara” (FARIAS, 2015). Tropeiros e suas boiadas tinham no local um ponto de apoio e descanso antes de seguirem viagem.

O predomínio da pecuária extensiva ocorreu de forma dispersa no território cearense, as fazendas se espalhavam sertão adentro, objetivando a auto-subsistência, o que acaba por adiar a formação dos núcleos urbanos com vida econômica. As primeiras vilas formadas, tinham funções militares, administrativas ou religiosas (HOLANDA, 2014, p. 151).

Segundo Frota (1995), o casal Quitéria e Antonio Rodrigues Magalhães pode ser considerado fundador de Sobral por ter doado terras para a instalação da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, onde hoje está localizada a igreja da sé.

Ao movimento proporcionado pelo comércio e pelo crescimento do rebanho na região, somou-se a questão religiosa. Provavelmente por sua posição estratégica na região, o local foi escolhido como sede do “Curato do Acaracu” em 1716. Em 1746 foi construída a primitiva capela da fazenda Caiçara.

As missas, os festejos e as visitas de homens e mulheres das fazendas próximas contribuíram para a formação do povoado. Naquele mesmo ano, iniciou-se a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, para o qual foi decisiva a ação do Pe. João de Matos Monteiro (o Pe. Matinhos). Criou-se assim um ciclo de crescimento socioeconômico: a igreja atraía fiéis e novos moradores, aumentando a população, o que por sua vez estimulava ainda mais o comércio e outras atividades (FARIAS, 2015, p. 57).

Crescendo em importância a partir da instalação do Curato, em 5 de julho de 1773 o povoado, então conhecido pelo nome da fazenda, Caiçara, tornou-se a Vila Distinta e Real de Sobral, “‘distinta’ por ser colonizada por brancos e ‘real’ porque fora criada por ordem direta do rei lusitano – o nome Sobral<sup>39</sup> teria sido uma homenagem a um parente do fundador da fazenda Caiçara, que seria natural de Sobral de Lagoa, em Portugal” (FARIAS, 2015, p. 58). Em 1778 começou a ser construída a Igreja Matriz, em torno da qual se desenvolveria o primeiro núcleo urbano<sup>40</sup>.

Já em 9 de junho de 1774, a recém criada Câmara de Sobral toma uma medida que pode ser considerada um dos primeiros atos oficiais de segregação socioespacial, estabelecendo que as pessoas que tivessem casas em construção dentro da vila deveriam concluir as obras em até um ano, ou pagariam multas de seis mil réis. Além disso, “foi

<sup>39</sup> “O nome Sobral é de origem latina, *suber*, que derivou em souveiro, árvore originária de Portugal, a que foi acrescentada a terminação “al”, significando abundância” (HOLANDA, 2014, p. 153).

<sup>40</sup> Por esta época, Sobral contava com doze ruas no entorno da Igreja Matriz (BARBOSA; SOUSA, *et al.*, 2000).

proibida a construção de casas de palha a não ser nos arredores” (ARAÚJO, 2015, p. 377), ou seja, aqueles que não dispusessem de recursos para construir casas com material de qualidade e rapidamente, que se instalasse nas periferias.

Ainda no Século XVIII, a economia cearense sofreu grandes perdas devido uma devastadora sequência de secas (1777-1780, que ficou conhecida como “seca dos três setes”, e 1790-1794), que dizimou grande parte do rebanho local. Com a diminuição da importância do charque, as elites sobralenses adaptaram-se e voltaram seus recursos para a rentável produção do algodão. A cotonicultura marca o segundo impulso econômico de desenvolvimento de Sobral.

Economicamente Sobral firma-se através do binômio gado-algodão. Essas atividades caminham lado a lado, mas a segunda vai adquirindo características comerciais mais desenvolvidas. É deste período a implantação de uma indústria de beneficiamento do algodão, a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, um dos símbolos da emergência do período técnico em Sobral, onde os objetos são primordiais (HOLANDA, 2014, p. 155).

Sobral, que já tinha relevância na economia local devido ao gado, tornando-se o principal entreposto comercial exportador da produção da região norte cearense e até do Piauí, consolidou-se como um dos principais nós da rede urbana cearense. O fluxo comercial era feito pelo porto de Acaraú, que graças a isso também se desenvolveu. Era por Acaraú que escoava a produção e que chegavam produtos requintados, importados da Europa, como porcelanas e pratarias, reflexo da ampliação do padrão econômico e de consumo da sociedade sobralense. A parceria seguiu até que o porto de Acaraú perdesse relevância diante do de Camocim no Século XIX, quando foi construída a estrada de ferro<sup>41</sup> entre este município e Sobral (FARIAS, 2015).

A vila cresce em importância econômica e política, situação refletida em seu desenvolvimento urbano: “nas primeiras décadas do século XIX, a vila de Sobral dispunha de uma estrutura urbana composta de 237 casas, além de possuir uma Casa de Câmara e Cadeia, ainda inacabada” (PAIVA, 2009, p. 51). O reconhecimento vem através da elevação a cidade pela “[...] Lei nº 229, de 12 de janeiro de 1841, com o título de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, nome que a Lei nº 244, de 25 de outubro de 1842, extinguiu, restabelecendo a anterior denominação de Sobral.” (MARTINS FILHO; GIRÃO, 1966, p. 504). Sobral foi a segunda vila elevada a cidade no Ceará, após Fortaleza (1823)<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> Um dos pioneiros estudos sobre os impactos da construção da estrada de ferro na região: FERREIRA, Benedito Genésio. A estrada de ferro de Baturité. Fortaleza: Edições UFC, 1989.

<sup>42</sup> “A Vila em 1841 [...] contava então com 14 ruas, 6 travessas, 14 becos e algumas praças, já relativamente bem habitadas. Poucos anos depois, já se demonstrava preocupação quanto ao desenho de suas ruas e seu

**Imagem 1** - Povoado da Caiçara (metade do Séc. XVIII)  
Reconstituição a partir das descrições de D. José (FROTA, 1995)



Fonte: Desenho de Nelson Paiva. Reproduzido de Sales e Vasconcelos (2012, p. 67)

embelezamento. Em 1860, foi feito um plano de urbanização que mesmo não tendo sido realizado, demonstra a prosperidade do lugar que buscava construir especialmente a representação de uma estabilidade e de uma supremacias alcançadas. [...] Providências com a iluminação de alguns pontos privilegiados e a construção de praças visavam planejar e ordenar o crescimento da cidade, bem como embelezá-la” (BARBOSA; SOUSA, *et al.*, 2000, p. 25).

### 2.5.2 O “ouro branco” e a inserção de Sobral no mercado internacional

Se com o gado Sobral já ocupava destaque na articulação econômica cearense, com a ascensão do algodão, amplia sua influência.

A necessidade de integrar a atividade produtiva do algodão também articulou Sobral-Granja, sendo o segundo grande centro produtor na época. Assim, o algodão marcou o segundo período agrário exportador de Sobral, articulando o lugar com diversos subespaços, seja como centro coletor do algodão produzido no seu entorno, principalmente serra de Meruoca, seja como distribuidor do produto armazenado, que no início do século XIX era exportado pelo porto do Acaraú (ALMEIDA, 2009, p. 58).

Inicialmente absorvida pelo mercado interno nordestino, com a Guerra da Secessão dos Estados Unidos (1861-1865) assume o segundo lugar na pauta de exportação, mantendo posição de destaque até a década de 1870, quando entra em declínio, que acontece em decorrência da retomada do domínio norte-americano sobre o mercado mundial e, novamente, por causa de uma seca, a que ocorreu entre 1877-1879. A seca trouxe consigo um período de pestes que assolaram o Ceará, especialmente varíola, cólera e febre amarela, tendo como consequência a imigração de grandes massas populacionais para as cidades.

Nesse cenário, Sobral dispôs de muitos recursos do governo provincial que oportunizaram, em grande parte, o abastecimento de alimentos e remédios e do estabelecimento de frentes de trabalho responsáveis pela construção de importantes símbolos na paisagem da cidade, como o Teatro São João em 1875, bem como do hipódromo, que se caracterizavam na época como elementos espaciais distintos frente às demais cidades do Estado, como também refletem o poderio dos grupos econômicos locais firmados politicamente, revelando ainda a intensidade de uma dinâmica sócio-cultural vivida na cidade (PAIVA, 2009, p. 53).

Apesar da seca, o algodão e demais produtos da região necessitavam de vias que oferecessem agilidade no transporte. Nesse contexto ocorre a construção da mencionada estrada de ferro Sobral-Camocim entre 1878 e 1882 por determinação do governo imperial, usando novamente a mão de obra dos flagelados sob o pretexto de “ajuda humanitária” (FARIAS, 2015, p. 211). Ocorre, a partir daí, um rearranjo no território cearense. A chegada da estrada de ferro foi vista pelas elites locais da época como a chegada de um novo tempo de modernidade<sup>43</sup> (FARIAS, 2015).

---

<sup>43</sup> A chegada da estrada de ferro foi responsável não apenas por uma dinamização econômica, mas também social e cultural nos municípios alcançados por ela. Com o trem, produtos, tecnologias e notícias circulavam mais rapidamente, proporcionando mudanças de hábitos especialmente entre as elites locais, que buscaram alinhar-se aos costumes vindos da capital do Brasil e dos países europeus, especialmente da França, a exemplo do que aconteceu em Ipu, conforme estudado por Antonio Vitorino Farias Filho (2016).

Sobral, com a ferrovia, incrementou o controle sobre o centro-norte do Ceará e, com os prolongamentos da EFS [Estrada de Ferro de Sobral] – para Crateús, em 1912 e Ibiapaba em 1918 -, influenciou ainda mais áreas do Piauí e Maranhão. Sobral continuava com seu destacado papel de entreposto comercial: mais facilmente passou a coletar a produção de algodão, café, couros etc., daquelas localidades e a fornecer-lhes importados. A cidade conheceu igualmente uma fase de expansão urbana e aformoseamento (construção do Teatro São José, do Jockey Club, casas elegantes etc.). Em 1950, após muitas interrupções, se concluiria a estrada de ligação entre a EFS e a EFB [Estrada de Ferro de Baturité] (iniciada na década de 1910) (FARIAS, 2015, p. 212).

Superada a seca, a cotonicultura cearense ganha novo fôlego, dessa vez devido ao aumento da demanda do mercado interno. Neste momento, são inauguradas no Ceará as primeiras indústrias de beneficiamento do algodão, em Fortaleza, Aracati e Sobral, que segue seu processo de desenvolvimento econômico, social e cultural.

Nessa nova etapa, iniciada na última década do Século XIX, Sobral assistiu à inauguração da Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano (C.F.T.E.D.)<sup>44</sup>, também conhecida como “Fábrica de Tecidos de Sobral” ou “Fábrica Ernesto & Ribeiro” (onde hoje está localizado um dos campi da Universidade Federal do Ceará em Sobral), da Casa Quirino Rodrigues (1916) – exportação de castanha-de-caju, couros e oleaginosas, da Fábrica Santa Catarina (1916) – guaraná, cidra, champanhe, conhaque de alcatrão, vinhos e xaropes de morango, da Fábrica Hermanos (1929) – indústria de guaraná, e da Companhia Industrial de Algodão e Óleos - Fábrica CIDAIO, em 1918, que extraía óleo de sementes do algodão e oiticica (instalada no então bairro Cruz das Almas<sup>45</sup>, hoje bairro Jocely Dantas de Andrade Torres<sup>46</sup>) (RODRIGUES, 2012).

A implantação das fábricas foi responsável pela dinamização da economia na região, pelo surgimento de uma classe proletária industrial local e pelo surgimento de alguns bairros operários (ALMEIDA, 2009), que por encontrarem-se em uma área central, passam atualmente por grande pressão imobiliária, com destaque para o bairro Pedrinhas e a comunidade Tamarindo, no Centro.

<sup>44</sup> Sales e Vasconcelos (2012) trazem interessantes narrativas de antigos trabalhadores e como suas vidas foram impactadas pela Fábrica de Tecidos.

<sup>45</sup> Recebeu esse nome em decorrência de um cruzeiro que havia no local, chamado de Cruz das Almas, erguido por iniciativa do missionário Frei Vidal da Penha, como símbolo de fé, na sua passagem por Sobral no final do século XVIII. A Cruz das Almas foi demolida em 1929 por iniciativa de Dom José Tupinambá da Frota, então arcebispo de Sobral, e em seu lugar foi erguido o Arco Nossa Senhora de Fátima em 1953, como marco da visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Sobral (SOBRAL, 2018).

<sup>46</sup> Até dezembro de 2017, o bairro era oficialmente nomeado de Derby Clube, mas sofreu a mudança a partir da Lei Complementar Nº 56, de 6 de dezembro de 2017, que estabeleceu o novo perímetro urbano de Sobral, alterou denominações de bairros, criou e extinguiu outros.

### 2.5.3 Indústria, trilhos e expansão da área urbana

Após o gado e a cotonicultura (bem como o beneficiamento do algodão), a indústria de beneficiamento de óleo vegetal é considerada o terceiro surto econômico sobralense. O período industrial trouxe considerável impacto na expansão do espaço urbano local, tanto ao transformar áreas até então rurais em parte da mancha urbana quanto possibilitando um maior dinamismo comercial, ampliando ainda mais os fluxos de pessoas e mercadorias de outros municípios em direção a Sobral, quanto alterando fluxos intra-urbanos.

O rápido crescimento a partir da segunda metade do Século XVIII refletiu, segundo Frota (1995), em uma expansão desordenada seguindo da margem esquerda à Meruoca, tendo como primeira iniciativa de ordenamento o estabelecimento de numeração de casas e de denominações de ruas, becos e travessas, conforme indica a sessão da Câmara municipal de 19 de outubro de 1842. De acordo com Gonçalves (2016, p. 128), “havia uma inquietação pelo ordenamento das ruas e o embelezamento da cidade, algo perseguido pelos sujeitos ilustres na segunda metade do século XIX”.

O fluxo de pessoas na cidade incentivou o surgimento e expansão de serviços públicos. Entre 1894 e 1918 Sobral contou com a empresa “Carril Sobralense”, que explorava o serviço de transporte público coletivo com o uso de bondes cobertos, puxados a burros, com capacidade para 30 passageiros, cuja rota ligava a estação da EFS à Fábrica CIDAO, passando por diversos pontos importantes da cidade, como a Praça do Teatro São João, a Igreja do Patrocínio e ao longo das principais vias do Centro. Até então, os deslocamentos eram feitos a cavalo, jumentos, carroças etc. Além disso, em 1895, Sobral teve implantado seu primeiro sistema de iluminação pública, com lampiões a querosene iluminando as principais vias da cidade até às 21h (VIANA, 2013). A iluminação a energia elétrica só viria a ser implantada em 1926.

A Carril Sobralense, cujo dono era Ernesto Deocleciano, da Fábrica de Tecidos, alterou a forma de deslocamentos na cidade. Segundo Helaine Rodrigues (2012, p. 38), “Sobral passou de um pequeno centro de comercialização do gado a importante polo de comércio e de prestação de serviços para uma vasta área do estado do Ceará, alcançando também estados vizinhos, como Maranhão e Piauí”.

Esta etapa do processo de ocupação de Sobral é caracterizada pela expansão seguindo a certa distância a margem esquerda do rio Acaraú (para o qual literalmente as elites locais davam as costas) e, para as famílias mais pobres, afastando-se para oeste e noroeste, distanciando-se da área central e, conseqüentemente, dos serviços oferecidos à época.

Aguiar Júnior (2005) aponta que com a EFS, a cidade passa a ter duas áreas de ocupação. A primeira era limitada pelo perímetro dos trilhos, intra-trilhos, mais antiga e com pouco espaço para expansão, caracterizada pelo centro comercial e pelos núcleos residenciais mais antigos, incluindo ainda os primeiros núcleos fabris, o que ocasionou uma supervalorização dos terrenos. A outra se localizava fora deste perímetro, que surgiu com a população de baixa renda, expulsa pelos altos valores territoriais da área central, indo ocupar terrenos menos valorizados às margens do rio Acaraú, riacho Mucambinho e trilho do trem, que não despertavam a atenção das classes mais abastadas. O segundo núcleo, fora do perímetro intra-trilhos, originou os atuais bairros periféricos<sup>47</sup>.

Na década de 1920, a seca e a competição da capital, Fortaleza, representam um duro golpe para a economia sobralense.

A Capital se fortalece pela função administrativa, comercial e de serviços, contribuindo para a fragilidade da rede urbana cearense. Não obstante, Sobral procura manter seu papel econômico ancorado na atividade algodoeira. Essa atividade contribuiu sobremaneira para a implantação de indústrias na cidade de Sobral, ligadas ao beneficiamento de matérias primas locais, como as indústrias têxtil, de óleo vegetal, sabão, alimentos, etc. Aqui já podemos falar de um meio técnico ampliado (HOLANDA, 2014, p. 156).

Até então vista como área abandonada da cidade, as proximidades da sede da CIDAO, conhecida na época como espaço de bebedeiras e prostituição, ganhou o foco das autoridades. O então bispo Dom José encabeçou a demolição da Cruz das Almas em 1929, com o objetivo de converter o trecho em área residencial, pois os terrenos nas imediações já despertavam o interesse das classes mais abastadas, que começavam a trocar o Centro pelas proximidades do Derby Clube, fundado em 1893.

Em 1930 é aprovado pela Câmara de Sobral o primeiro código de obras e postura, que deixava claro seu caráter segregacionista. Estabelecia em seu Art. 4º: “É proibido dentro do perímetro urbano edificar casas de palha ou taipa, assim como construir cercas ou curraes de madeira ou material análogo”<sup>48</sup>. Além disso, o código estabelecia dimensões mínimas para a edificação de residências na área urbana, não oferecendo outra solução para as camadas mais pobres a não ser ocupar terrenos fora do perímetro.

---

<sup>47</sup> Herbert Rocha destaca que o rio Acaraú e os trilhos foram os principais fatores de adensamento populacional de Sobral, pois limitaram a expansão da cidade por um longo período. “Os trilhos, até o começo da última década de 80, representavam o limite físico entre a classe dominante e o proletariado. Era pejorativo dizer que alguém morava ‘depois da linha’ ou ‘do outro lado do rio’, isto é, à margem direita” (ROCHA, 2003, p. 212).

<sup>48</sup> Código de Obras e Posturas de Sobral (1930), citado por Aguiar Júnior (2005, p. 46).

Com a inauguração da ponte Othon de Alencar sobre o rio Acaraú em 1935, foi facilitado o transporte rodoviário entre Fortaleza e Sobral<sup>49</sup>, além de fazer surgir um novo vetor de ocupação urbana em Sobral, agora no sentido Sul, região que daria origem aos populares bairros Dom Expedito e Sinhá Saboia. Já a inauguração do Cristo Redentor, em 1939, no Morro do Cruzeiro das Missões, pode ser considerada responsável pela ocupação daquela área, dando origem ao atual bairro Alto do Cristo.

Mas Sobral seguia perdendo espaço na economia diante do crescimento da importância de Fortaleza no cenário estadual. A capital era alavancada pela instalação de indústrias atraídas por incentivos fiscais. Contudo, Sobral conseguiu manter sua relevância econômica até 1950, quando passou por período de estagnação industrial devido o impacto da seca de 1958. Na década seguinte, assim como em outros estados nordestinos, no Ceará, por intermédio da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), o governo federal incentiva a implantação de indústrias, especialmente em Fortaleza, Juazeiro do Norte, Crato e Sobral, os mais importantes polos políticos e econômicos. Neste processo, chega a Ditadura Civil-militar e, com ela, o Milagre Econômico.

Teve início um surto de crescimento que, no seu apogeu, superou qualquer período anterior, e o governo começou a falar de “milagre econômico brasileiro”. A performance de crescimento seria indiscutível, porém o milagre tinha explicação terrena. Misturava, com a repressão aos opositores, a censura aos jornais e demais meios de comunicação, de modo a impedir a veiculação de críticas à política econômica, e acrescentava os ingredientes da pauta dessa política: subsídio governamental e diversificação das exportações, desnacionalização da economia com a entrada crescente de empresas estrangeiras no mercado, controle do reajuste de preços e fixação centralizada dos reajustes de salários (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 452-453).

A atuação da Sudene teve como frutos, logo em 1964, a inauguração em Sobral da Moageira Serra Grande Ltda. e da Del Rio Refrigerantes e, nos anos seguintes, da Companhia Sobralense de Material de Construção (COSMAC-1965), da Laticínio Sobralense Limitada (LASSA-1969) e da Industrial Cearense de Castanha de Caju (INCASSA-1968), com o beneficiamento da matéria-prima regional. Além disso, o município se destacava com a exportação de chapéus de palha, sendo o principal produto de sua pauta naquela década.

Além das indústrias, os serviços receberam investimentos do poder local, especialmente no ano de 1965. Na prestação de contas da sua administração, o prefeito Cesário Barreto destaca: “‘Fomento à Produção; Instrução Pública; Previdência e Assistência Social; Habitação e Serviços Urbanos’ e outros serviços

---

<sup>49</sup> Antes do trem, o percurso era feito em cinco dias a cavalo. Depois da inauguração, os passageiros deveriam seguir de trem até Umary (atual Umirim) e, de lá, seguirem viagem de carro de Catuana ao Soure (atual Caucaia) (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 47).

complementares [...] de sua profícua administração.” O sistema de telefonia também foi melhorado com a inauguração do sistema de micro-ondas.

Várias outras obras de infraestrutura e serviços foram noticiados pela imprensa durante a administração de Cesário Barreto no ano de 1965, como a verba de 45 milhões de cruzeiros na construção do Mercado Público, que seria uma de suas maiores realizações; a verba de 10 milhões de cruzeiros, que o prefeito conseguiu junto ao governador Virgílio Távora para a extensão do serviço de águas até as casas populares que estavam sendo construídas pela prefeitura; a inauguração do moderno galpão para verdureiros junto ao Mercado Municipal, construído em curto espaço de tempo; a nova Avenida Eurípedes Ferreira Gomes que dá acesso ao clube AABB, também construída em parceria com o Governo do Estado e a fábrica de cimento de Sobral, que deveria ser concluída até o fim do corrente ano (SIC) (SILVEIRA, 2017, p. 32-33).

Neste período, além da expansão dos serviços de água, energia e comunicação, Sobral teve aprovado seu primeiro Plano Diretor (SILVEIRA, 2017) e o primeiro Conjunto Habitacional de Sobral, chamado de Casas Populares, no bairro Junco, na zona norte da cidade (RODRIGUES, 2012).

Além das obras de industrialização, o [jornal] Correio da Semana enumera várias outras obras executadas durante a administração de Jerônimo Prado na cidade, tais como: a Fundação Universidade Vale do Acaraú – UVA (1968); a construção do Estádio Plácido Aderaldo Castelo (1968); da Casa de Saúde e Maternidade Perpétuo Socorro – Hospital Dr. Estêvam (1970); a conclusão do Aeroporto de Sobral (1971); da Rodovia Sobral-Fortaleza (1968); grupos escolares nos distritos; Fábrica de Cimento Portland (1968); Distrito Sanitário da 2ª Região de Sobral, entre outras. Mesmo com a crise do “milagre”, vários investimentos continuaram a ser feitos no município nas administrações de Joaquim Barreto e José Prado ao longo das décadas de 1970-80 (SILVEIRA, 2017, p. 35-36).

A partir deste momento, a indústria sobralense caracterizou-se pela descentralização espacial. Se antes o núcleo fabril estava limitado à região intra-trilhos, com raras exceções, agora iniciava sua expansão para três áreas da cidade: ao sul, com a criação do Distrito Industrial, às margens da BR 222, especialmente com empresas de pequeno e médio porte, a oeste, com a inauguração da Fábrica de Cimento Portland e, após alguns anos sem novidades consideráveis em termos de impacto industrial, já na década de 1990, com a Grendene a nordeste (AGUIAR JÚNIOR, 2005). Além da localização fora da área mais movimentada da cidade, facilitando o fluxo de matéria-prima e da produção, estes locais contavam com outro fator fundamental para as indústrias: mão de obra barata. Era exatamente nestes locais onde habitava (e habita ainda hoje) a população mais pobre da cidade. E se já havia pessoas ocupando aquelas áreas, a instalação das novas indústrias atraiu ainda mais moradores de outros municípios.

Para uma melhor configuração da estrutura espacial urbana excludente, ofereceram-se meios de transporte, e se abriram grandes avenidas, asfaltadas e com ciclovias, visando a maior rapidez na mobilização de pessoas, viabilizando a reprodução do capital e da mão-de-obra. Notadamente, as grandes indústrias, como a Grendene e a

Fábrica de Cimento, bem como as agroindústrias do Distrito Industrial, possuem largas vias de acesso ligando suas unidades aos conjuntos habitacionais onde mora grande parte da sua mão-de-obra (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 78).

Contudo, no final da década de 1960, Fortaleza consolida sua hegemonia na economia estadual. A modernização da rede rodoviária, comemorada pela população dos municípios do interior, logo se mostrou prejudicial aos antigos centros econômicos regionais, como no caso de Sobral, que viu sua influência econômica minguar, ainda mais após a inauguração do porto do Mucuripe, que se tornou o destino de quase toda a produção cearense voltada para a exportação.

Terminaria, assim, um longo período da industrialização sobralense, classificado por alguns como *industrialização espontânea*, para enfatizar a reduzida participação do Estado como indutor da atividade industrial. O que de fato marcou o primeiro período foi sua intensa dependência da produção agrícola regional, isto é, a indústria como extensão do campo, seguindo o ritmo regional das safras, dependente da matéria-prima que oscilava com períodos de estiagem, e, ainda, com um sistema de trocas, principalmente regional (ALMEIDA, 2009, p. 65-66).

#### 2.5.4 O novo perfil do Centro: os incomodados que se retiram

As oportunidades oferecidas por uma cidade que vinha em ascendência há mais de um século continuavam atraindo imigrantes das áreas rurais da região, mesmo nos momentos de crise. A submoradia começou a representar um problema, estimulando a adoção de uma política habitacional que seguia espraçando a ocupação da cidade com a implantação de conjuntos habitacionais afastados da área central.

Em 1970 foram construídas 500 unidades habitacionais no bairro Sinhá Saboia, empreendimento conhecido como Cohab I. Anos mais tarde, novas 400 unidades deram origem ao que hoje representa o bairro Cohab II. Enquanto isso, do outro lado do rio, a população mais pobre seguia ocupando os terrenos localizados às margens dos trilhos, dando origem a bairros como o Dom José e Coração de Jesus. Mais a noroeste, uma ocupação irregular recebeu obras de infraestrutura básica da prefeitura, que doou terrenos a famílias de baixa renda, surgindo o bairro Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior (conhecido como Terrenos Novos).

Se a população mais pobre afastava-se do Centro devido ao alto valor dos imóveis, as camadas mais ricas começaram a fazer o mesmo, mas por outros motivos:

[...] o Centro passou a mudar de uso, substituindo o residencial pelo comercial/serviços em razão de fatores, como: o aumento do valor do imóvel e do aluguel e a queda na qualidade de vida, tornando-se vazio e perigoso à noite e, como consequência, deu-se o processo de descentralização das residências da classe de

renda alta e sua transferência da área central para bairros mais distantes como o Junco, Derby Clube, Colina, entre outros. Contudo ainda existem diversas residências no espaço intra-trilhos (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 73).

Junte-se a este cenário o fato de Sobral apresentar uma peculiaridade em relação aos demais municípios nordestinos: ter se caracterizado por uma forte concentração da população na área urbana, iniciada na década de 1980, fazendo com que esta quase dobrasse desde então, indo de 82.460 para 166.310 habitantes em 2010, passando a representar 88% do total populacional do município (IBGE, 2011), proporção superior à taxa média estadual (86%) e nacional (85%).

Já na década de 1990, Sobral assiste a uma nova fase de expansão industrial. A política de atração de indústrias do governo do Estado através de incentivos fiscais tem como resultado a implantação de uma unidade da fábrica de calçados Grendene (1993), que se tornaria posteriormente a maior geradora de empregos da região. Em seu entorno, forma-se novo núcleo popular, com o bairro Novo Recanto.

E nessa década, o crescimento da área urbana segue tanto em direção ao sul, com a inauguração do Conjunto Habitacional Santo Antonio (bairro Cidade Gerardo Cristino de Menezes), quanto ao norte, com o Conjunto Habitacional Dom José, conhecido como Cohab III (atual bairro Cidade Pedro Mendes Carneiro), em uma tentativa de minimizar o problema do déficit habitacional no município.

Sobral aparece no presente como ponto luminoso, cujo marco desse novo ciclo é 1996, com a chegada de um novo modelo de administração pública implantado pelo prefeito Cid Ferreira Gomes. A cidade vem deste então atraindo para si a maioria dos investimentos que se encaminham para a região. Reafirma seu papel na rede urbana cearense (HOLANDA, 2014, p. 40).

Este momento também marca o início de um processo de periferização da cidade (RODRIGUES, 2012). Se até então grande parte das famílias com melhores condições financeiras permanecia na região intra-trilhos<sup>50</sup>, a partir de meados da década de 1990 estas pessoas passam a se afastar da área central. Este processo também foi alavancado pela demanda por habitação por parte de famílias de profissionais qualificados que se fixaram na cidade devido às oportunidades econômicas surgidas com este novo momento de impulso

---

<sup>50</sup> É interessante notar que excetuando-se pequenos trechos, como aquele conhecido como Tamarindo e áreas ribeirinhas da margem esquerda, a região intra-trilhos não tem ocupação da população de baixa renda. Contudo, mesmo estas áreas estão em forte processo de pressão imobiliária, com a implantação de equipamentos turísticos e comerciais. Se antes as elites sobralenses davam as costas para o rio Acaraú, após a reforma e urbanização da margem esquerda, hoje considerada área de lazer importante do município, os terrenos nas margens passaram a ser bastante cobiçados.

industrial e de serviços e, mais tarde, pela expansão do ensino superior, com a instalação de instituições particulares<sup>51</sup> e públicas a partir da primeira década do Século XXI<sup>52</sup>.

Semelhante ao que ocorre nas grandes cidades, a área central de Sobral não é o local preferido das elites. Embora muitas famílias residam no Centro, as habitações de alto padrão tem se proliferado além do espaço intra-trilhos provocando também uma reestruturação intra-urbana com a formação de “subcentros terciários” (ou seja, instalação de clínicas médicas e odontológicas, academias, salões de beleza, dentre outros) em importantes avenidas e bairros. Supermercados e pequenos comércios se instalaram nessas áreas para onde o Estado também direcionou os investimentos através da duplicação de avenidas, requalificação de praças, construção de parques, entre outros benefícios. (RODRIGUES, 2012, p. 60).

Este momento é também marcado por uma nova forma de segregação socioespacial institucionalizada, através de novas políticas de gestão do espaço público que privilegiam os interesses do capital, atendendo especialmente aos especuladores do mercado imobiliário. Enquanto o Estado cria espaços “bonitos de se ver”, aproveitados por uma parcela mínima da população, o restante é relegado à segregação, no máximo podendo observar de relance os novos espaços de lazer. Criam-se estruturas voltadas para a “venda” de uma cidade modelo com o objetivo de atrair investimentos, como a urbanização do Parque da Cidade, da Margem Esquerda do Acaraú e o vistoso calçadão do Boulevard do Arco, enquanto a maior parcela da população não tem acesso a este fortemente publicizado desenvolvimento, sendo esquecida nas piores condições habitacionais, econômicas e culturais, não por acaso criando um vácuo que, neste mesmo período, foi ocupado pelo crime organizado. Nas palavras de Aguiar Júnior,

“A cidade como máquina de crescimento”, cidade do amanhã, orgulho cívico e patriotismo das massas, a “sobralidade”, melhorando a auto-estima dos sobralenses, criando uma marca. Num desejo de “ser de Sobral” está inserida a ideia de progresso e perpassa para outras cidades a ideia de pioneirismo e “empreendedorismo” do sobralense (2005, p. 54).

É inegável a atuação do Estado no direcionamento da expansão de Sobral. Nos últimos anos, o principal vetor escolhido foi a região noroeste da cidade, no sentido da serra da Meruoca, a partir do bairro Junco, onde foram instalados diversos equipamentos públicos como o Centro de Convenções, a Escola de Saúde Pública, o Centro de Distribuição Farmacêutica, o Hospital Regional Norte, a nova sede do Departamento Estadual de Trânsito

---

<sup>51</sup> Em 2016 eram 12 instituições oferecendo ensino superior presencial em Sobral (FREITAS; SALES, 2018, p. 184).

<sup>52</sup> A primeira delas, o Instituto Superior de Teologia Aplicada – Faculdades INTA, atual Centro Universitário INTA (Uninta), fundado em 1999, por exemplo, foi responsável por uma verdadeira transformação em um dos bairros periféricos, o Dom Exedito, cujo valor do terreno aumentou bastante devido a especulação de antigos proprietários locais cientes de que a instituição teria de se expandir. Hoje as feições do bairro estão bastante diferentes, tendo grande parcela ocupada pelo centro universitário. Recentemente, outros empreendimentos se instalaram no bairro, como o North Shopping Sobral e a Faculdade Luciano Feijão, além de diversos pequenos negócios atraídos pela demanda dos estudantes. Sobre este assunto, ver Freitas e Sales (2018).

(Detran-CE), a sede da Perícia Forense de Sobral, além de uma unidade do SEST/SENAT Sobral (Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte), valorizando lotes e construções neste bairro e no Renato Parente, Nossa Senhora de Fátima e Cidade Pedro Mendes Carneiro (Cohab III).

Além dos equipamentos públicos, a região atraiu empreendimentos privados, com destaque para uma unidade do Pinheiro Supermercado, que segundo Aguiar Júnior (2005), alterou o padrão do comércio varejista de Sobral, pois motivou a instalação de outras redes de supermercados, shoppings, “importando numa mudança de atitude no cotidiano da população sobralense” (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 173).

Contudo, nem todos os sobralenses são beneficiados pela mediação do Estado. Como explica Aguiar Júnior, são perceptíveis as disparidades entre os bairros ricos e os bairros pobres da cidade:

[...] a diferença da qualidade ambiental e de vida da população residentes em bairros da periferia e bairros nobre; a carência de equipamentos urbanos, comunitários e mobiliário urbano nos bairros populares e a concentração de objetos e redes técnicas nos bairros das classes mais abastadas, refletida na reprodução das relações sociais. A cidade, assim cresce, fragmentando seus espaços, unindo e concentrando atividades, informações e objetos, num espaço privilegiado, para ser consumido pela classe de alto poder aquisitivo e mantendo longe a população trabalhadora, contudo originando condições de mantê-la viva e produzindo cada vez mais lucro para a classe dominante. Conflitos sociais são ensejados nessa relação de exploração entre a classe empresarial e a mão-de-obra trabalhadora, refletindo numa série de problemas sociais: violência urbana, desemprego, marginalização, tráfico e consumo de drogas, alcoolismo, prostituição, enfim, degeneração da sociedade (AGUIAR JÚNIOR, 2005, p. 187-188).

Sendo bem ou mal sucedidas para a coletividade, as decisões sobre as transformações espaciais não ocorrem de forma aleatória. O espaço urbano é alterado de acordo com interesses de determinados agentes imobiliários, como assinala Corrêa:

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato (CORRÊA, 1995, p. 11).

Estes agentes com poder para transformar o espaço urbano são os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1995, p. 12), cada um utilizando de estratégias próprias e ações concretas para atingirem seus objetivos.

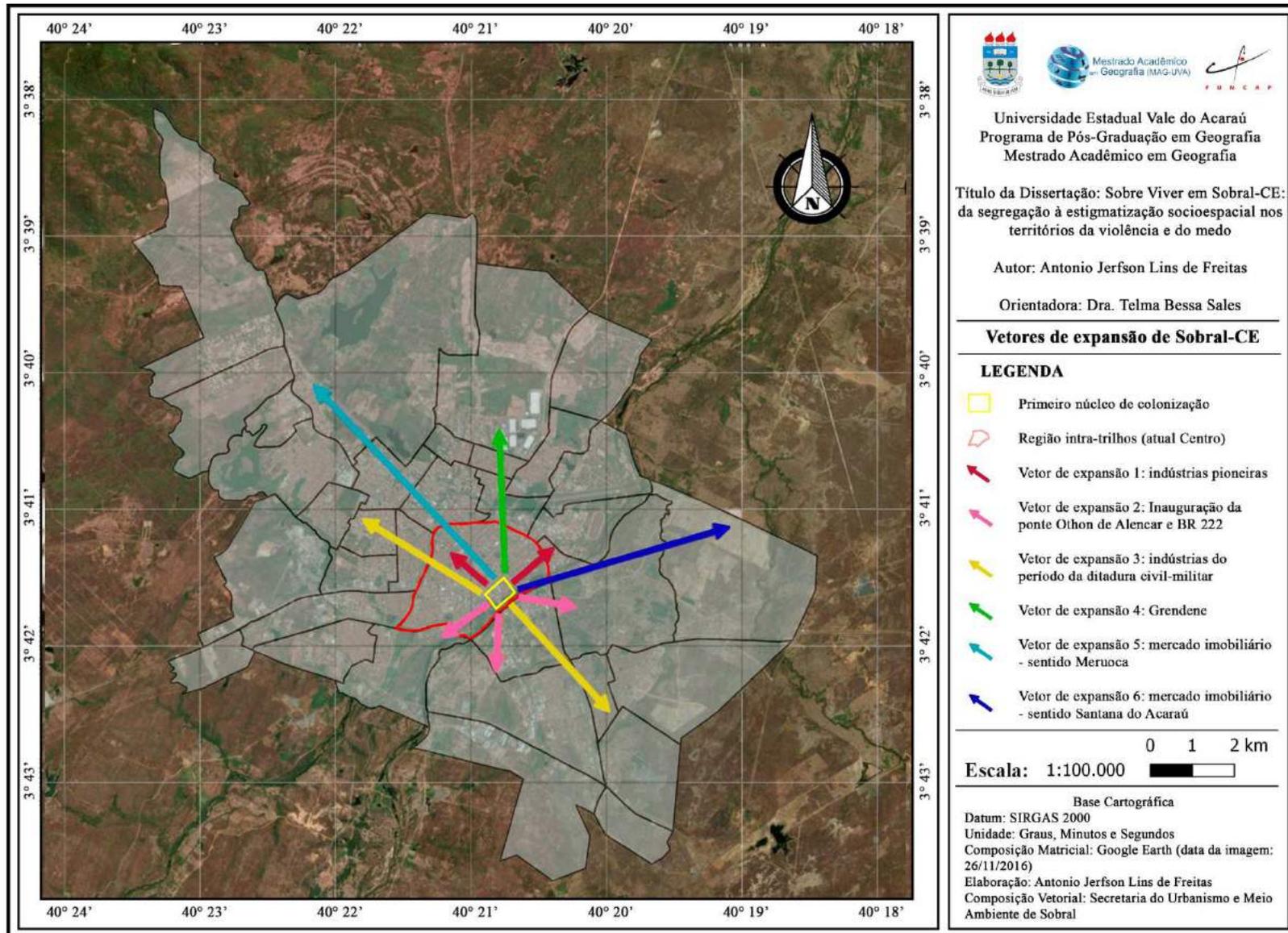
De acordo com Bortolo (2010, p. 9), três níveis se articulam para que haja a transformação espacial: “o político (que se revela na gestão política do espaço), o econômico

(que produz o espaço como condição e produto da acumulação) e o social (que nos coloca diante das contradições geradas na prática socioespacial como plano da reprodução da vida)”. Essa articulação é mediada pelo Estado, que organiza as relações sociais e de produção.

O papel do Estado nessas relações seria garantir que os interesses do capital e das classes dominantes sejam atendidos, mesmo que, em alguns casos, tenha de fazer certas concessões para garantir a reprodução da força de trabalho, especificamente quando as pressões das classes trabalhadoras se tornam irresistíveis, como no caso dos programas habitacionais.

Com base no processo de expansão de Sobral, foi criado o mapa 1, a seguir, que aponta os principais vetores de expansão da cidade.

**Mapa 1 - Vetores de expansão de Sobral-CE**



### 3 SEGREGAÇÃO E VIOLÊNCIA EM SOBRAL

*O nosso é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda dos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tabloides “investigativos” que pescam conspirações suficientemente ferozes para libertar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral” (BAUMAN, 2001, p. 48).*

Seja por não terem condições de ocupar áreas urbanas de maior interesse especulativo, devido aos preços proibitivos dos lotes, seja por serem direcionadas pelas políticas habitacionais promovidas pelo Estado, as camadas mais pobres de Sobral foram se concentrando nas áreas periféricas. O fenômeno, conhecido como segregação socioespacial urbana, tem como consequência uma descontinuidade no tecido urbano-social, com áreas ocupadas por pessoas de mesmo poder econômico, etnia ou qualquer outro fator que os force a isso. Assim, “na prática ou até formalmente, ficam separados, excluídos de certos espaços reservados para as classes e grupos dominantes da sociedade” (RODRIGUES, 2017, p. 430).

A população mais pobre procura as áreas mais distantes, em direção contrária às áreas mais nobres, e se dirige em busca de terrenos mais baratos. Todavia, a cidade é um local dinâmico de atividades exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais, promovendo diretamente o processo de produção e reprodução do espaço (RODRIGUES, 2017, p. 431).

Ao contrário, seguindo uma tendência percebida em outros centros urbanos, as camadas mais ricas de Sobral também têm se concentrado em áreas fora do perímetro central. Devido a diversos fatores, como a utilização da violência urbana pelos agentes do mercado imobiliário como estratégia de marketing, que prometem “oásis de segurança” no espaço urbano, muitos têm optado pelos condomínios fechados, tanto verticais quanto horizontais, inacessíveis para a maioria da população, criando verdadeiras ilhas dentro do espaço urbano (SOUZA, 2008), fenômeno chamado de auto segregação (pois diferente dos mais pobres, estes atores optam pela situação). Contudo, esta fragmentação do tecido urbano, criando enclaves dentro da cidade, gera um paradoxo, contribuindo para a ampliação da sensação de insegurança e para a expansão da violência.

De um ponto de vista político-pedagógico, pode-se afirmar que os “condomínios exclusivos” ameaçam o fortalecimento de valores de civilidade e solidariedade cidadã, uma vez que são ambientes de socialização que, a um só tempo, pressupõem e reforçam um descompromisso para com a cidade como um todo. Reforçam porque, implicando um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o Outro (entendido esse Outro como o favelado, o morador de rua, o suburbano...), o enclausuramento voluntário só pode terminar por reforçar preconceitos, na esteira da ignorância e do medo. O espaço urbano também educa – ou “deseduca”. No caso dos condomínios, educa não para a liberdade, para

o diálogo, para o respeito à diferença, para a solidariedade, mas sim para o ódio de classe (não raro amalgamado com o ódio racial), para o elitismo arrogante, para o temor e o desinteresse (e o desrespeito) em face dos diferentes. (SOUZA, 2008, p. 74).

Da mesma forma que os condomínios fechados, o fenômeno é percebido nos bairros homogeneizados por classes, onde devido aos elevados valores dos imóveis é vetada a presença das classes mais pobres da cidade, vistas normalmente com desconfiança pelos moradores, como invasores em seu território “exclusivo”<sup>53</sup>.

Esse é o cenário observado em Sobral nesta segunda década do Século XXI, quando diversos fatores sociais, econômicos e históricos se coadunam para a formação de um tecido urbano fragmentado, repleto de desigualdades, onde a maior parte da população não tem pleno acesso e direito à cidade<sup>54</sup>.

### 3.1 A violência em Sobral

O que se percebe na trajetória de crescimento urbano de Sobral é que houve uma mudança nos critérios de estigmatização espacial. Se morar além dos trilhos ou “do lado de lá do rio” era considerado demérito até a década de 1980 (ROCHA, 2003), nos dias de hoje, quando estas barreiras físicas já foram superadas, o discurso que justifica a segregação socioespacial baseia-se em outros critérios, especialmente renda e violência<sup>55</sup>, ou melhor, deriva da relação simplista e perversa que estabelece uma correlação causal direta entre

<sup>53</sup> Lúcia Leitão aponta que a violência é apenas mais uma justificativa para a tendência que as classes dominantes brasileiras têm de se apartarem do espaço público, desde a estrutura física dos sobrados, que tendiam a internalizar a vida em detrimento da rua. Segundo a autora, “na verdade, um olhar mais acurado sobre essa questão pode revelar que, embutida na realidade da insegurança urbana, a preferência pela moradia em condomínios fechados manifesta, também, o desejo de se fazer distinto, quer social, quer espacialmente, de se manter longe ‘das vulgaridades da rua’, identificada, ainda hoje, como o espaço do pobre, do moleque, do socialmente marginalizado, enfim. [...] Nesse sentido, o argumento da insegurança urbana, usado como justificativa para esse modo de habitar expressa apenas uma meia verdade” (LEITÃO, 2005, p. 240).

<sup>54</sup> Nas palavras de David Harvey (2014, p. 28): “a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é o direito de mudar ou reinventar a cidade mais de acordo com os nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização”. De forma concisa, Lefebvre fala o seguinte: “O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 2001, p. 117-118).

<sup>55</sup> Conforme explicado no capítulo 2, por isso optou-se pela utilização, nesta pesquisa, do conceito “estigmatização socioespacial”.

pobreza e violência<sup>56</sup>, baseada em preconceitos de classe, relação esta que pode ser rebatida com alguns argumentos enumerados por Michel Misse:

1) se a pobreza causasse o crime, a maioria dos pobres seria criminosa, e não é; 2) a esmagadora maioria dos presos e desocupados é de pobres, pretos e desocupados porque a polícia segue um “roteiro típico” que já associa de antemão a pobreza (ou a marginalidade e também os negros e os desocupados) com a criminalidade; 3) os próprios pobres declaram nas pesquisas que não se identificam com qualquer carreira criminal, pois são “trabalhadores honestos”. Além disso, a “tese” não explica porque a maioria dos criminosos pobres é masculina e jovem (MISSE, 1995, p. 4-5).

É interessante perceber que as imagens socialmente construídas sobre os bairros não são apenas de uma camada social em relação à outra. A desconfiança se estabelece também em relação ao Outro (sujeito sociológico) como aquele diferente de mim, no caso, àquele que não vive nas mesmas condições e local do sujeito, que não compartilha os mesmos espaços, daí em certa medida, há um “estranhamento”. Ou como um mecanismo de defesa, de negação, se procura enaltecer seu espaço de vivência, apontando os problemas como algo exógeno e fora deste espaço. Assim, falas como “aqui onde eu moro é bom. Perigoso é ali na outra rua” se tornam comuns nas narrativas dos moradores, independentemente de sua camada social de origem.

Estas percepções foram inicialmente verificadas quando foi aplicada pesquisa entre moradores de Sobral com o objetivo de averiguar a forma como classificam os bairros, segundo uma escala de sensação de perigo, devido à violência urbana. A aplicação do questionário representou o primeiro momento desta pesquisa, cuja metodologia e resultados deram origem ao que aqui se convencionou chamar de “cartografia da percepção da violência em Sobral” e “cartografia dos homicídios em Sobral”, sendo cartografia, segundo o IBGE (2018), definida como:

[...] um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo como base os resultados de observações diretas ou a análise de documentação já existente, visa a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão gráfica ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização.

Dessa forma, no caso da cartografia da percepção da violência em Sobral (mencionada de agora em diante sem as aspas), tem como resultado a elaboração de mapas que, baseados nos resultados da pesquisa aplicada a uma amostra da população sobralense, representem suas

<sup>56</sup> Ao alertar para o risco de se reforçar estigmas espaciais ao tratar sobre as áreas de elevados indicadores de violência, Pablo Silva Lira lembra que entre os pressupostos da teoria da rotulação (*labeling approach*) está a afirmativa de que “nessas regiões os estigmas sociais não recaem somente sobre os criminosos, podendo atingir comunidades que passam a conviver com prejuízos simbólicos, muitas vezes irreparáveis” (LIRA, 2014, p. 28-29).

percepções sobre a espacialidade da violência na cidade. A construção e desenvolvimento desta etapa da pesquisa foram bastante discutidos ao longo de seu desenvolvimento em diversos eventos acadêmicos. Quanto à cartografia dos homicídios em Sobral (a partir de agora sem as aspas), tem como resultado uma representação gráfica da distribuição dos homicídios na sede do município.

O imaginário do medo é construído, como nos lembra Luciana Cruz (2011, p. 22), sob a influência de diversos fatores, dentre os quais “a indústria da segurança, os índices de criminalidade, o sensacionalismo midiático em torno da violência, as experiências alheias e a incredibilidade no sistema de segurança pública”. Contudo, vale ressaltar que nem todo cidadão tem acesso ou interesse em acessar estatísticas sobre a criminalidade. Mesmo as pessoas mais “apavoradas” dificilmente buscam basear suas práticas e vivências nos dados estatísticos disponibilizados pelos órgãos de segurança pública.

O medo se propaga na vida cotidiana através de uma espécie de contaminação, pois, segundo Fernandes,

[...] sentimos medo ao sentir que os outros o sentem. O rumor insegurizante foi invadindo as grandes cidades e, depois, as cidades de menor escala, à medida que se iam repetindo as notícias sobre assaltos um pouco por toda a parte [...] numa espécie de demonstração mediática de que a criminalidade se dispersou e de que ninguém está seguro em parte alguma (FERNANDES; RÉGO, 2011, p. 170).

Normalmente, o cidadão comum tem acesso a este tipo de informação através da mídia, dos meios de comunicação de massa, que bem ou mal, tem participação na construção e reprodução de discursos e simbolismos sociais. Como afirma Fausto Neto (1999, p. 18), “as mídias transformam-se em lugares de passagem daquilo que a sociedade produz discursivamente”, atuando na reprodução e amplificação de impressões. É o medo difuso que atua no estabelecimento de percepções na cidade moderna, se esgueirando em cada traço da convivência na vida urbana, ou nas palavras de Marcelo Lopes de Souza, agindo no estabelecimento da fobópole, ou seja, “uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta” (SOUZA, 2008, p. 9).

Como será visto a seguir, este medo difuso gera estigmas e diversas contradições, muitas vezes imperceptíveis a quem os adota e reproduz como verdade.

### 3.1.1 Uma pesquisa de percepção sobre a violência em Sobral

O primeiro passo desta pesquisa foi a aplicação de um questionário exploratório, em fevereiro de 2017, sobre a percepção dos moradores de Sobral acerca da violência e insegurança nesta cidade. Inicialmente, foi aplicado de forma digital através do recurso de formulários desenvolvido pela Google<sup>57</sup> (auto preenchido) a um grupo de teste com algumas dezenas de pessoas de perfis diversos, tanto economicamente, quanto de local de moradia, instrução etc. Este momento foi fundamental para que alguns ajustes necessários fossem feitos, tornando os resultados mais confiáveis.

A seguir, com os ajustes efetuados, o formulário, com questões fechadas (estruturado) foi disponibilizado novamente tanto de forma digital, quanto impressa, com aplicação direta (auto preenchido ou com auxílio dos aplicadores), conforme classificação proposta por Mattar (1996).

A versão final do questionário foi aplicada entre junho e julho de 2017 junto a uma amostra aleatória simples (ou casual simples), ou seja, aquela na qual todos os elementos têm a mesma probabilidade de serem selecionados. Optou-se por aplicar o método de conglomerados, uma unidade onde se pode concentrar parte de uma população (universidade, comércio etc.), que tem de ser representativo da população. Neste caso, uma equipe de cinco aplicadores atuou aleatoriamente em pontos de bastante fluxo na sede do município de Sobral, especialmente no centro comercial, onde transitam diariamente pessoas de todos os bairros.

Desse modo, a amostra foi composta especificamente por moradores de Sobral, sendo este o único critério de validação. Contudo, informações sobre escolaridade, sexo, idade e tempo de residência também foram levantados no formulário, mas sem caráter eliminatório, e sim como elementos para posterior análise dos dados.

Como a população estimada de Sobral em 2017, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 205.529 pessoas, aplicando-se erro amostral padrão de 5%<sup>58</sup>, nível de confiança de 95%<sup>59</sup>, após a realização dos cálculos amostrais, chegou-se à

---

<sup>57</sup> Formulários Google podem ser criados a partir do link <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about>.

<sup>58</sup> Erro amostral é a diferença entre o valor estimado pela pesquisa e o verdadeiro valor. Digamos que em uma situação existem efetivamente 10% de moradores de uma comunidade. Se a pesquisa estimar que existem 12%, o erro amostral é de 2% ( $12\% - 10\% = 2\%$ ). Em geral esse valor é definido pelo próprio pesquisador. Frequentemente o valor definido é 5%.

<sup>59</sup> Nível de confiança é a probabilidade de que o erro amostral efetivo seja menor do que o erro amostral admitido pela pesquisa. Se foi definido erro amostral de 5%, o nível de confiança indica a probabilidade de que o erro cometido pela pesquisa não exceda 5%. Utilizando o exemplo anterior, o nível de confiança é a probabilidade de que a pesquisa estime algo entre 5% e 15% de moradores da comunidade. Dado que na verdade existem 10% de moradores, se a estimativa da pesquisa estiver entre esses 5% e 15%, o erro amostral cometido não será maior que 5%. Frequentemente o nível de confiança utilizado nas pesquisas é de 95%.

amostra mínima de 384 respondentes necessários<sup>60</sup>. Após a aplicação da pesquisa, obteve-se um total de 514 formulários respondidos, sendo que 17 foram descartados por terem sido respondidos por não moradores de Sobral, restando um total de 497 respostas válidas.

Composto por 16 questões, o formulário de caráter exploratório foi aplicado com o intuito de sondar a visão geral dos moradores de Sobral sobre determinadas áreas da cidade, como forma de direcionar os passos seguintes da pesquisa. A partir do questionário foi possível observar quais comunidades são encaradas pela população como seguras, inseguras e até violentas, a fim de determinar duas delas como objetos de estudo, sendo uma apontada pela pesquisa como segura (bairro Renato Parente) e outra como violenta (bairro Nova Caiçara). Com essa determinação, a segunda parte da pesquisa tornou-se viável, pois com um universo menor foi possível a realização de entrevistas qualitativas com moradores de ambos, através do emprego da história oral<sup>61</sup>.

Vale ressaltar que quando o questionário foi aplicado, tanto o perímetro urbano de Sobral quanto a denominação, limites e quantidade de bairros era um pouco diferente. Até o momento da aplicação, estes aspectos eram regulamentados pela Lei Complementar N° 33 de 15 de dezembro de 2010, segundo a qual a cidade de Sobral era composta por 37 bairros: Alto da Brasília (Betânia), Alto do Cristo, Cachoeiro, Campo dos Velhos (Parque Alvorada), Centro, Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior (Terrenos Novos), Cidade Gerardo Cristino de Menezes, Cidade Pedro Mendes Carneiro (Cohab III), Cohab I, Cohab II, Coração de Jesus, bairro das Nações (Loteamento Morada da Boa Vizinhança), Derby Clube, Distrito Industrial, Dom Expedito, Dom José (Alto Novo), Domingos Olímpio, Dr. Juvêncio de Andrade (Loteamento Morada dos Ventos), Edmundo Monte Coelho, Expectativa, Jardim, Jatobá, Jerônimo de Medeiros Prado, Juazeiro, Junco, Mucambinho, Nossa Senhora de Fátima (Loteamento Nossa Senhora de Fátima), Novo Recanto, Padre Ibiapina, Padre Palhano, Parque Silvana, Pedrinhas, Renato Parente (Loteamento Moradas do Planalto), Sinhá Saboia, Sumaré (Pantanal), Várzea Grande (Marrecas) e Vila União<sup>62</sup>.

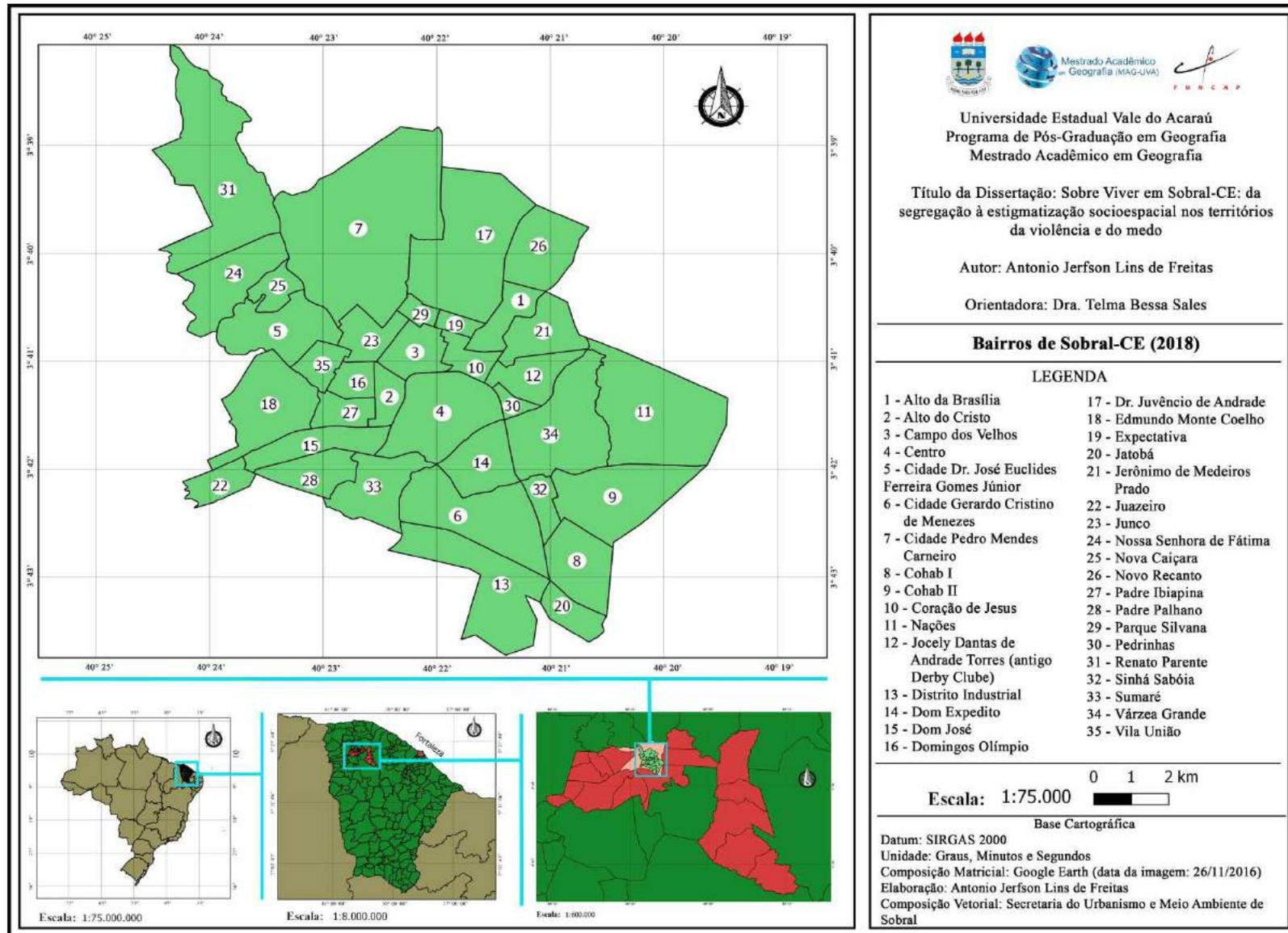
---

<sup>60</sup> Utilizando-se a calculadora elaborada por Glauber Santos. SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. Cálculo amostral: calculadora on-line. Disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>. Acesso em: 11 jan. 2017.

<sup>61</sup> O embasamento teórico sobre a aplicação da história oral nesta pesquisa é abordado no capítulo cinco.

<sup>62</sup> Com a Lei Complementar N° 56, de 6 de dezembro de 2017, o perímetro urbano de Sobral foi reduzido e a quantidade de bairros caiu para 35, deixando de existir os bairros Cachoeiro, Jardim e Mucambinho, o Derby Clube teve o nome alterado para Jocely Dantas de Andrade Torres e o Conjunto Residencial Nova Caiçara passou a ser considerado bairro.

**Mapa 2 - Divisão dos Bairros de Sobral (2018)**



Após a aplicação da pesquisa teste, alguns conjuntos habitacionais, comunidades e nomes populares dos bairros foram acrescentados no formulário final, totalizando 45 bairros e comunidades. Os casos de acréscimo foram o Conjunto Residencial Nova Caiçara, até então não reconhecido como bairro, Conjunto Santo Antonio (localizado no bairro Cidade Gerardo Cristino de Menezes), Santa Casa e Tamarindo (localizadas no Centro), Paraíso das Flores e Residenciais Recanto I e II (no bairro Novo Recanto).

Outro fator importante observado e alterado a partir do formulário teste foi a classificação sugerida entre os critérios de “sensação em relação a segurança dos bairros”. A versão final contou com a seguinte classificação: seguro, inseguro, não possuo informações (desconheço o bairro) e violento. Cada item será explicado no momento de análise das respostas. Cada respondente assinou o espaço reservado para aceite na pesquisa (no caso do formulário impresso), ou marcou a opção de aceite no formulário digital disponibilizado através de e-mail e redes sociais.

Os dados obtidos a partir dos questionários, as estatísticas disponibilizadas pela SSPDS-CE e o acompanhamento dos blogs de notícias locais possibilitaram a criação da cartografia dos homicídios e da percepção da violência. O geoprocessamento das informações e a elaboração dos mapas, através de ferramenta do Sistema de Informação Geográfica – SIG, neste caso, o aplicativo QGIS 2,18 Las Palmas, permitiu a análise da espacialidade dos crimes (mapa de concentração ou *hot spot*) e percepção do grupo de resposta dos questionários aplicados, como visto a seguir.

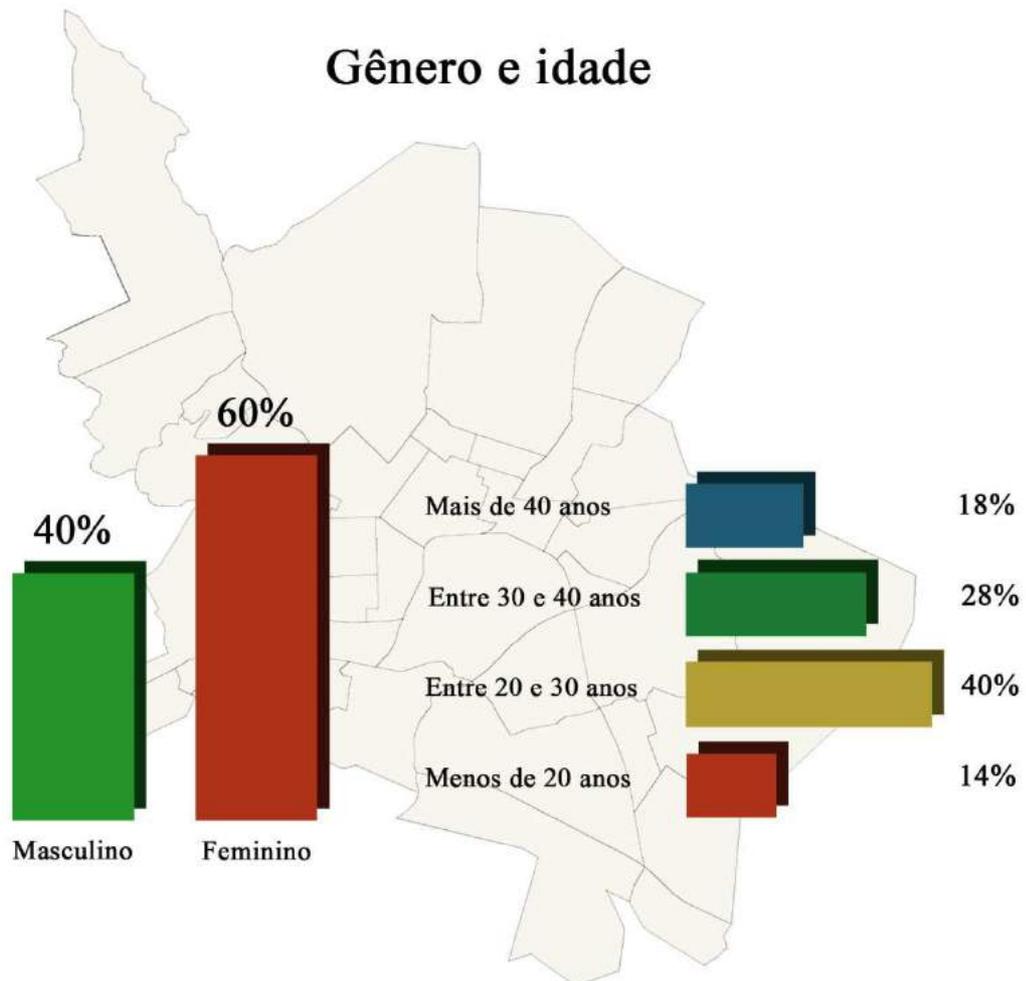
### *3.1.2 Perfil dos participantes do primeiro momento da pesquisa*

A primeira parte do formulário trazia questões sobre o perfil dos respondentes. Dos 497 formulários validados, 70,22% foi respondido por pessoas naturais de Sobral, resultado que oferece dados bastante interessantes para a análise, pois o objetivo é exatamente perceber o impacto dos discursos estigmatizantes veiculados pela mídia local sobre a opinião dos sobralenses (e moradores de Sobral) acerca da violência na cidade.

A maior parte das pessoas que respondeu é do gênero feminino (60,56%), o que foge um pouco da realidade de Sobral, cujo equilíbrio entre os gêneros prevalece (segundo dados fornecidos pelo IBGE, o percentual de homens e mulheres em Sobral é, respectivamente, de 50,45% e 49,54%) (IBGE, 2017).

Quanto à idade, 39,63% estão entre os 20 e os 30 anos, ou seja, população na faixa etária economicamente ativa. Na população geral, este percentual chega a 21,83%. A diferença pode ser explicada pelos locais e horários de aplicação dos formulários impressos, sendo normalmente em áreas centrais e em horário comercial.

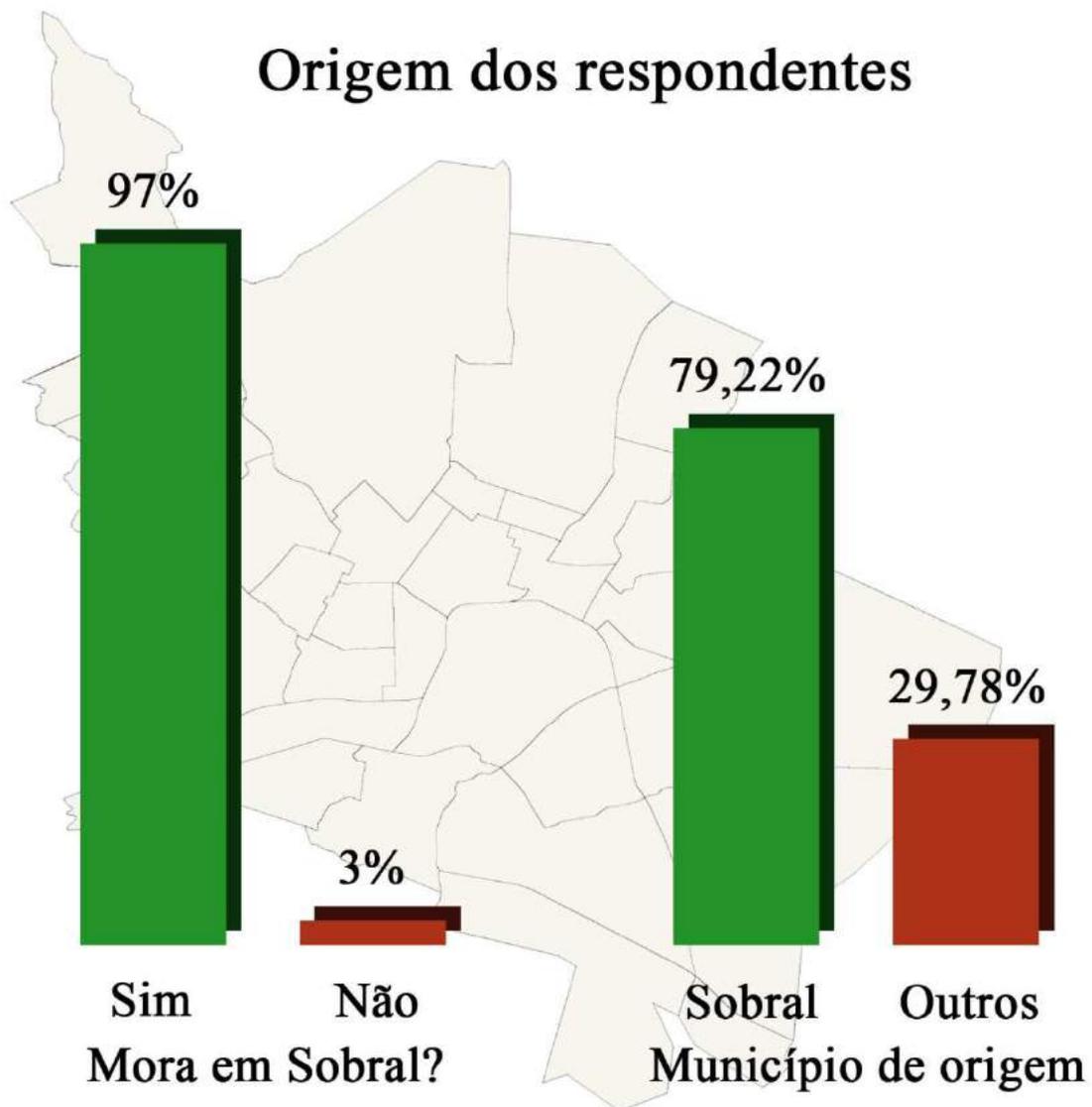
**Gráfico 1 - Gênero e idade dos respondentes**



Elaborado pelo autor

A pergunta de validação, sobre o local de residência do respondente, teve como retorno 497 formulários válidos, ou seja, de moradores de Sobral, e 17 descartados (respondidos online). Este resultado quase dobrou a amostra mínima necessária para que os resultados tivessem valor estatístico.

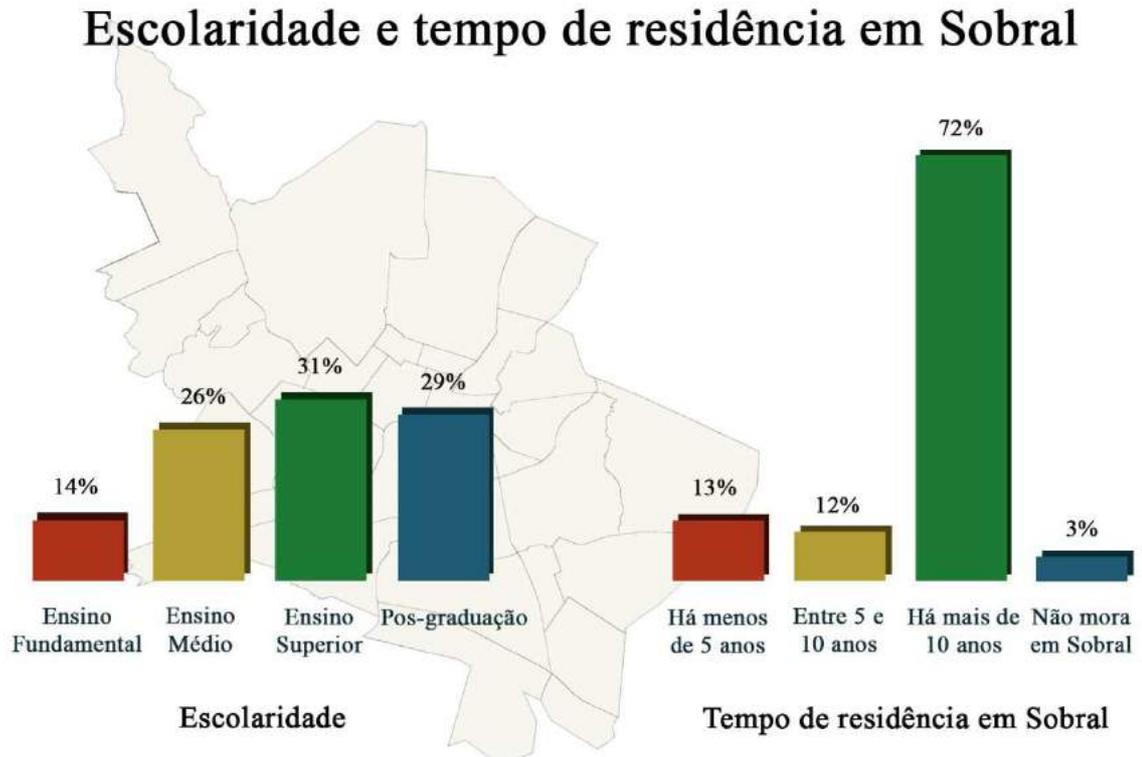
Gráfico 2 - Origem dos respondentes



Elaborado pelo autor

Quanto à escolaridade, a pesquisa foi respondida por perfis variados. Outro dado interessante dos respondentes é que a grande maioria (72%) mora há mais de 10 anos em Sobral. Por viverem há bastante tempo na cidade, acompanharam as últimas mudanças na organização espacial local, lhes oferecendo uma perspectiva bastante interessante para esta pesquisa.

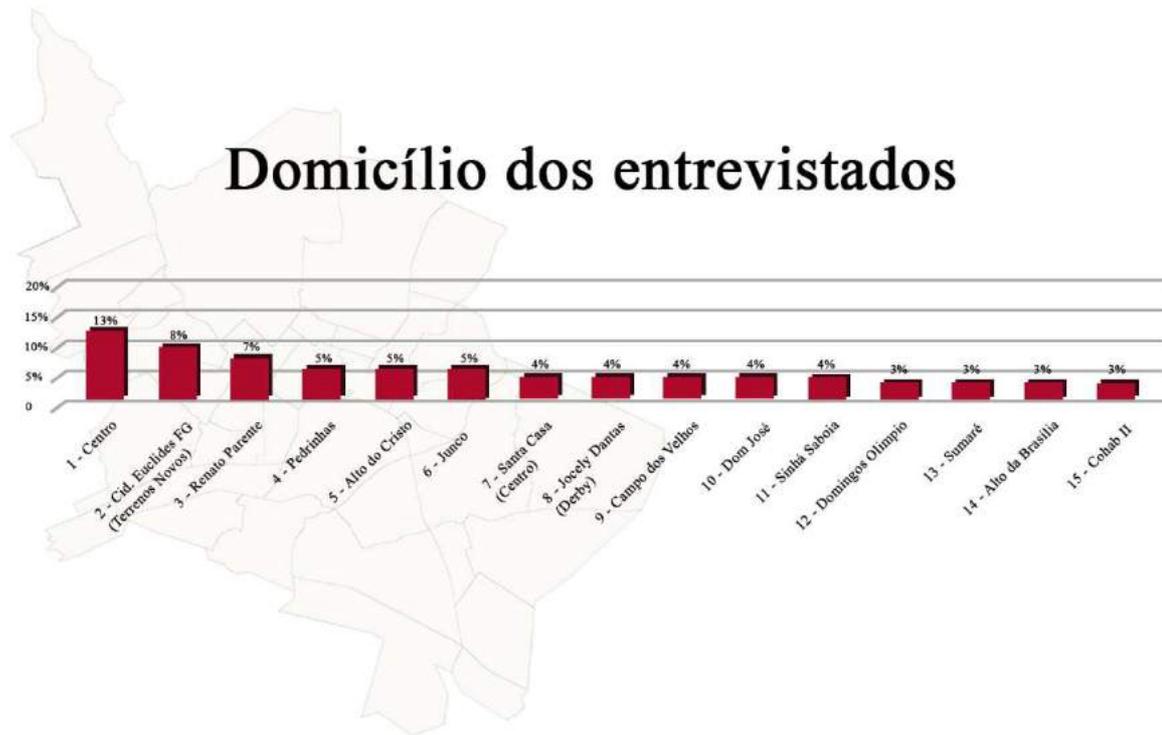
Gráfico 3 - Escolaridade e tempo de residência em Sobral dos respondentes



Elaborado pelo autor

A pesquisa foi respondida por moradores de quase todos os bairros de Sobral, com um dado interessante: dos 15 bairros com maior percentual de respondentes, apenas 3 não figuram na lista dos 15 mais populosos segundo o IBGE: Jocely Dantas (Derby Clube), apontado como o 17º mais populoso no último censo, Santa Casa, que na verdade não é um bairro, mas sim uma área dentro do Centro, e o Renato Parente, que não figurava na lista do censo, pois apenas naquele ano tornou-se bairro. O destaque fica por conta do Centro, que corresponde por cerca de 13% da população urbana de Sobral e repete o percentual na pesquisa.

Gráfico 4 - Domicílio dos entrevistados

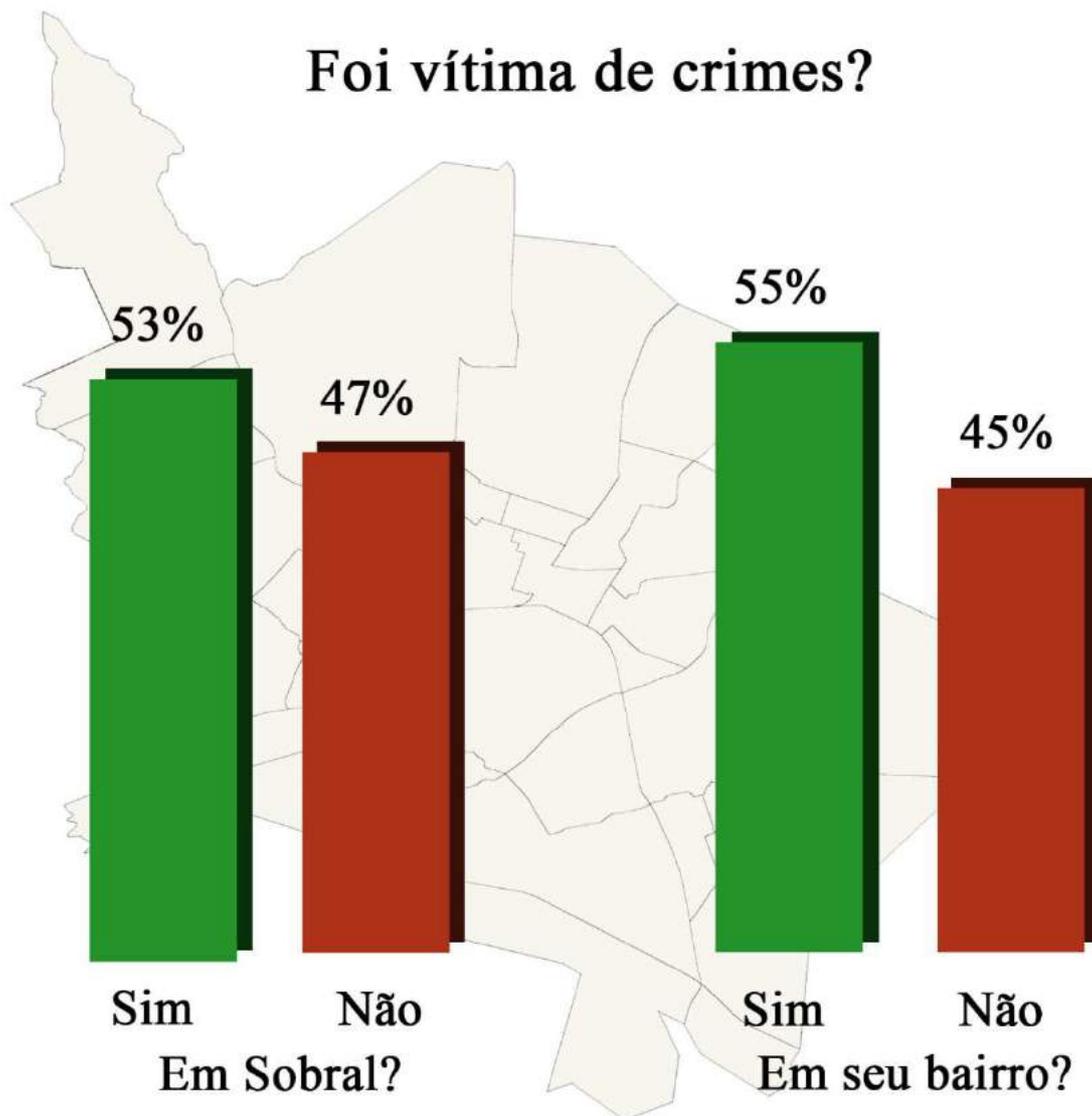


Elaborado pelo autor

### 3.1.3 As percepções sobre a violência em Sobral

Após as perguntas sobre o perfil, o formulário traz questões sobre como a violência afeta os hábitos dos respondentes. O primeiro item questiona se o participante foi vítima de algum crime em Sobral, desde crimes contra o patrimônio, como invasões a residências, furtos e assaltos, até crimes contra a pessoa, como agressões ou tentativas de homicídio, por exemplo. Levando-se em consideração a margem de erro da pesquisa, de 5%, é bastante considerável que praticamente a metade afirme já ter sido vítima de algum tipo de crime. Entre aqueles que foram vítimas, 55% foram no próprio bairro<sup>63</sup>, ou seja, dentro da margem de erro, metade dos respondentes foram vítimas de crime no próprio bairro onde mora.

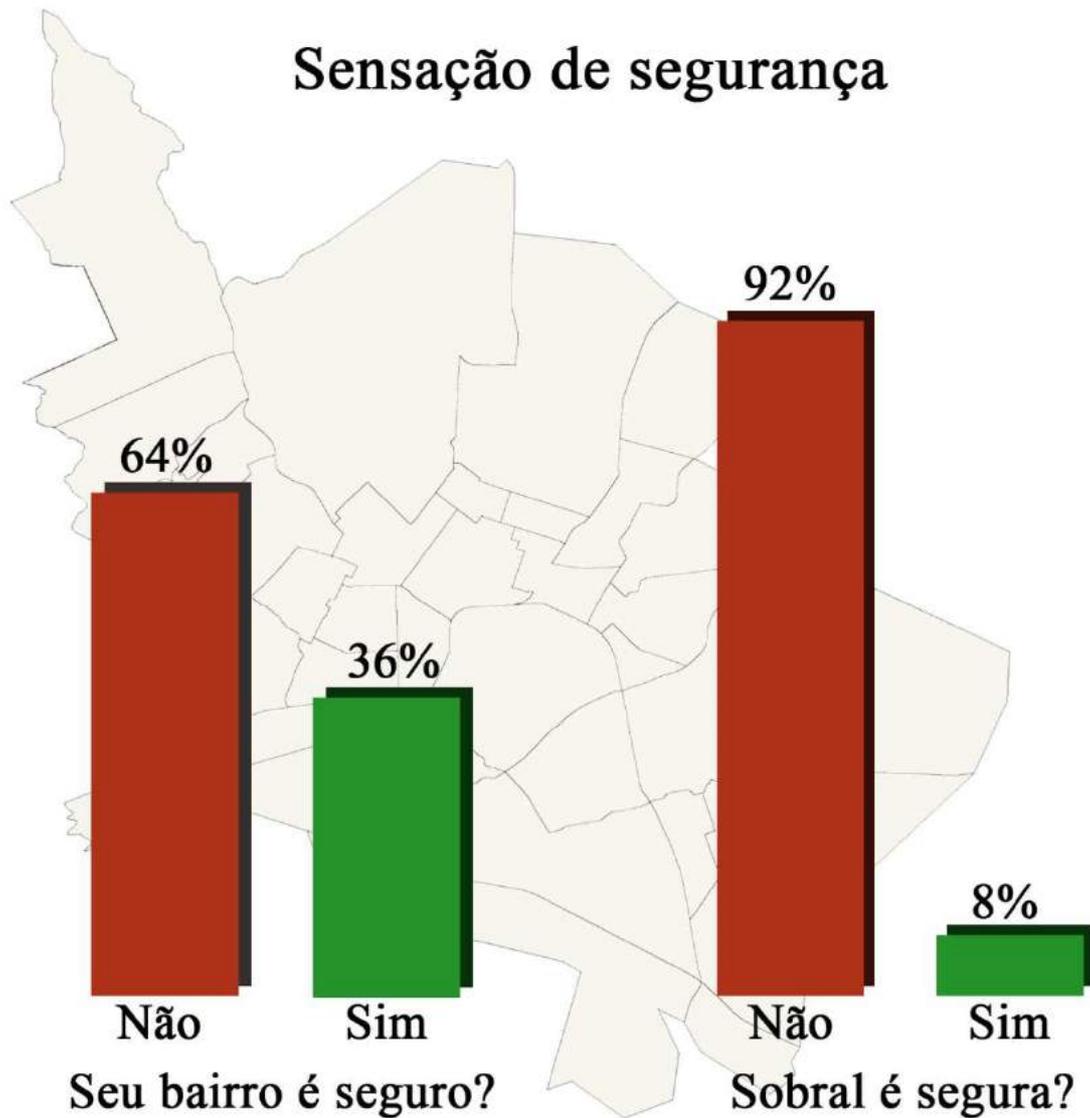
<sup>63</sup> O percentual de 55% dos respondentes terem sido vítimas de crimes no próprio bairro pode abrir um novo flanco de pesquisa, quem sabe em um doutorado, pois dependendo do bairro de origem dos respondentes e o período no qual foi vítima, se antes ou depois do domínio das facções criminosas, pode contradizer a afirmativa de que os bairros dominados por elas são isentos de crimes.

**Gráfico 5** – Respondente foi vítima de crimes em Sobral ou no seu bairro

Elaborado pelo autor

Outro dado interessante diz respeito à sensação de segurança no próprio bairro e na cidade. O medo difuso está tão presente no cotidiano dos respondentes que a maior parte não considera nem mesmo o próprio bairro seguro (64%). Quanto a Sobral, a percepção negativa é quase unânime. Vale destacar que ao chegarem a esta pergunta, a maioria dos respondentes de forma presencial fizeram comentário semelhante: “Sobral está toda perigosa”.

**Gráfico 6** – Como o respondente avalia a segurança de Sobral e de seu próprio bairro



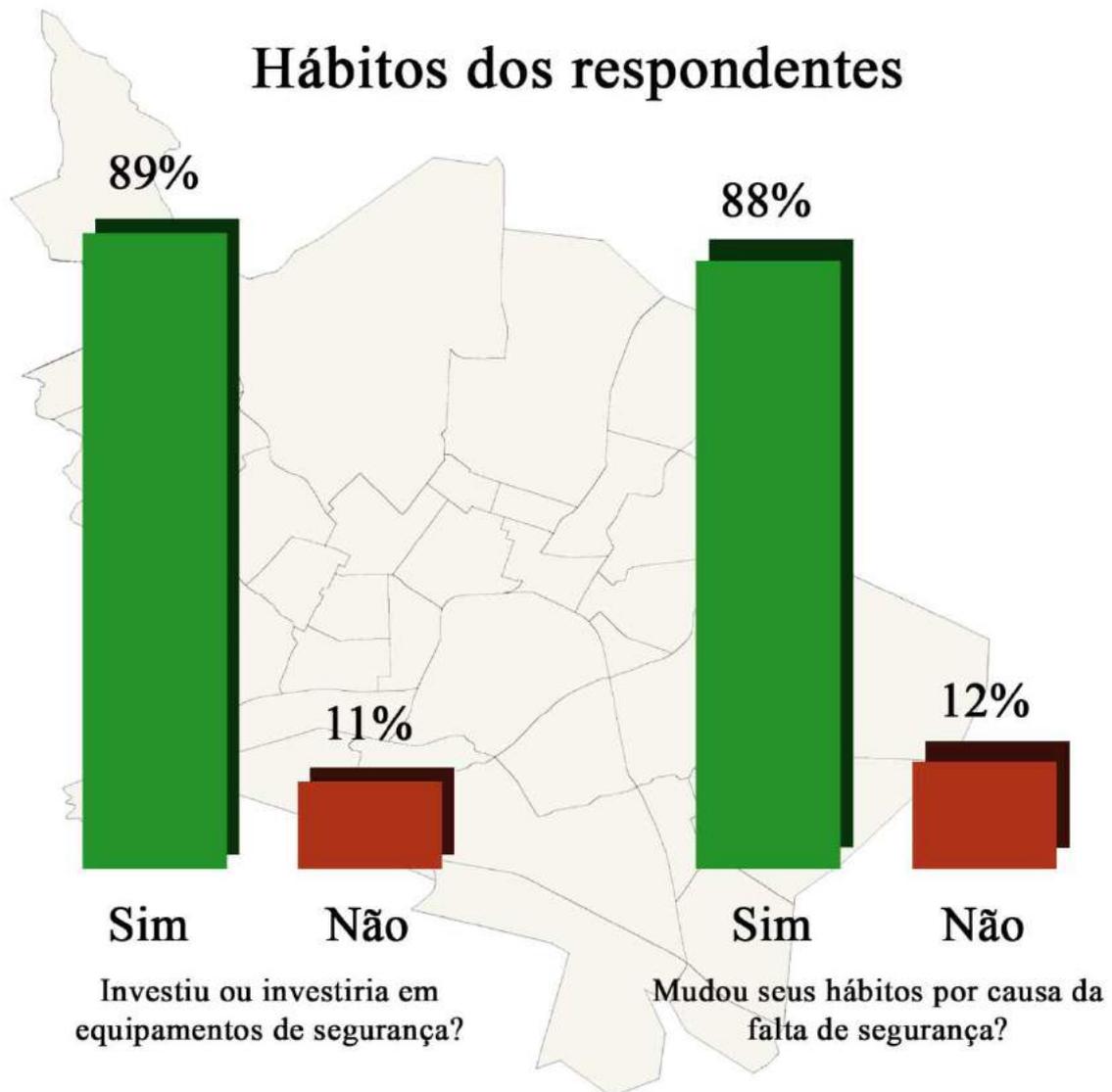
Elaborado pelo autor

Outro dado relevante é que das 40 pessoas que responderam achar Sobral segura, a maior parte é oriunda de outras cidades, especialmente de Fortaleza, e moram há mais de cinco anos em Sobral. Neste caso, as questões da percepção e do referencial pesam, pois a sensação de insegurança e as estatísticas de crimes na capital superam consideravelmente os de Sobral.

O medo da violência também afeta os hábitos das pessoas. Dos 497 pesquisados, 89% disseram que investiram ou investiriam em dispositivos de segurança (câmeras, alarmes, sensores residenciais etc.) para se sentirem mais seguros. Além disso, 88% afirmaram que

mudaram algum hábito, como deixar de caminhar sozinho(a), deixar de andar em alguns lugares em determinadas horas, deixar de usar equipamentos caros em público etc.

**Gráfico 7 - Impacto da violência sobre os hábitos dos respondentes**



Elaborado pelo autor

A pesquisa traz ainda outra informação interessante: a influência que o medo da violência exerce sobre as escolhas de moradia. A maioria dos participantes gostaria de residir no Centro da cidade, área que, como descrito no tópico anterior, foi o primeiro núcleo de povoamento e ainda hoje guarda certo *status*, tanto simbólico quanto prático, pois concentra a maior parte dos serviços oferecidos na cidade.



O Centro é seguido pelo Renato Parente e alguns dos outros bairros considerados “nobres” da cidade. Contudo, uma presença interessante entre os dez mais desejados como lugar de moradia é o Alto do Cristo. Visto por muitos como inseguro (234) e até mesmo violento (119), sendo encarado como seguro por apenas 55 respondentes (conforme analisado no tópico seguinte), o bairro foi apontado como o 8º mais desejado para se morar, com 3% das menções. É interessante perceber que o Alto do Cristo ficou igualmente entre os dez mais e dez menos desejados. Como a pesquisa é de percepção, deve-se levar em conta a relativização. Os respondentes que residem em “áreas nobres” da cidade não morariam no bairro. Já aqueles que moram em áreas que consideram mais violentas, veem no Alto do Cristo uma comunidade mais tranquila.

Em relação ao local onde o respondente não moraria de forma alguma por considerar sem segurança, é considerável o percentual registrado pelo Conjunto Residencial Nova Caiçara, recentemente transformado em bairro, que atingiu 37,22% das menções, deixando em segundo lugar o bairro onde inicialmente estava localizado, os Terrenos Novos, com 13,08%. Para que se tenha uma ideia, o terceiro colocado, o Sumaré, obteve apenas 6,64% das opiniões.

Com o cruzamento destes resultados, somados aos do tópico seguinte, foi possível chegar à delimitação do próximo passo da pesquisa a duas áreas. Devido às respostas, o bairro a ser estudado como “seguro” seria o Centro, contudo, seu caráter heterogêneo, sendo composto por comunidades de diversos perfis diferentes e por ser tanto comercial quanto residencial, inviabiliza o estabelecimento de características gerais, restando para esta pesquisa o segundo colocado dentro deste perfil, o Renato Parente, mais homogêneo em termos de perfil populacional e que traz ainda uma considerável vantagem em relação aos demais: ser bastante próximo da comunidade estudada como a mais violenta, o Nova Caiçara, localizado a menos de um quilômetro daquele. Além disso, os dois são relativamente novos, o que oferece outra vantagem em termos de estudo sobre os discursos construídos sobre ambos.

Mas não é só isso. A pesquisa ainda trouxe outras informações relevantes, sobre as quais será discutido a seguir.

### 3.1.4 As percepções do medo e a cidade

A relação entre as pessoas e o espaço se dá através de suas percepções. É através das informações apreendidas pelos sentidos e processadas pelo intelecto, mediadas por experiências positivas e negativas e pelos signos pertencentes a determinada cultura, que fazem com que determinado local seja representado de formas diferentes. Assim, um mesmo bairro, uma mesma rua, pode ser encarado como “lar doce lar” para alguns e área a ser evitada por outros.

[...] é através da percepção que se constrói o conhecimento do espaço adjacente e organiza outro, individualizado. Ou seja, a percepção é um dos processos necessários para a estruturação do mundo para a pessoa. Contudo, privilegiar a experiência sensível em prejuízo ao pensamento seria ratificar o empirismo, pois a realização do corpo pressupõe a indissociabilidade entre capacidades sensíveis e intelectuais a consciência humana (MALANSKI, 2014, p. 33).

O processo de fobopolização pela qual passam os centros urbanos, esse medo difuso que contamina a vida nas cidades, tem como consequência o estabelecimento de uma percepção generalista de que o que é estranho é perigoso, seja um habitante desconhecido, seja um local fora do fluxo rotineiro. O medo difuso tem como resultado um constante estado de alerta, no qual o que foge de uma “normalidade” quase mecânica ou de estereótipos aceitos como positivos, é visto com um misto de desprezo e animosidade.

Com os bairros e comunidades de Sobral, bem como com seus moradores, não é diferente. As percepções sobre determinadas áreas da cidade são construídas, muitas vezes, a partir de informações de terceiros e especialmente da mídia. Como afirmam Maria Paula Moreira e Maria Benedicta Monteiro, “a maior parte das coisas que nós sabemos ou pensamos, não foram experienciadas (isto é, vividas, por nós pessoalmente), mas ouvidas através de histórias que nos são contadas” (MOREIRA; MONTEIRO, 2009, p. 31).

Segundo as autoras, são essas histórias o que chamamos de arte, religião, educação, organização política dentre outras, que em conjunto constroem a rede de símbolos chamada cultura. Para elas, é exatamente neste ponto onde entra a mídia, que de acordo com a Teoria de Cultivação de Crenças (*Cultivation Theory*), do sociólogo americano George Gerbner, ajuda a inculcar pontos de vista comuns e estereótipos, como em relação à violência, pois as pessoas estão mais propensas a experimentar cenas de violência na televisão (em programas noticiosos ou de entretenimento) do que na vida real.

Desse modo, para Moreira e Monteiro, a visão de mundo das pessoas acaba alterada: “os telespectadores mais assíduos irão tendencialmente perceber o mundo como um lugar

assustador e mau, acreditando que o crime e a violência são mais frequentes do que realmente são, e tomar precauções para se protegerem da criminalidade” (2009, p. 32).

Nesse sentido, é interessante ser verificada a percepção dos moradores de Sobral sobre sua cidade, especificamente sobre os bairros e comunidades, levando-se em consideração o fator violência urbana, que como visto nos tópicos anteriores tem o poder de influenciar as práticas e hábitos. Para isso, foi solicitado no item 14 do questionário que os respondentes classificassem 45 bairros e comunidades de acordo com uma proposta de escala de percepção de violência<sup>64</sup>.

Aos respondentes foram apresentados os nomes dos locais e deveriam marcar, para cada um deles, uma opção entre as quatro seguintes: seguro (pouca probabilidade de serem vítimas ou presenciarem algum tipo de crime, mesmo os não violentos, como furtos), inseguro (grande probabilidade de serem vítimas ou presenciarem algum tipo de crime não violento, como furtos), desconhece (não sabe onde fica a comunidade, nunca ouviu falar sobre ela ou não tem informações suficientes para formar opinião) e violento (grande possibilidade de ocorrerem homicídios).

Para facilitar a identificação das comunidades a serem avaliadas, os nomes populares foram colocados ao lado dos oficiais sempre que possível. A lista das 45 comunidades foi composta pelos 37 bairros oficiais na época mais as comunidades apontadas pela pesquisa exploratória teste, conforme consta nos Apêndices (Formulário de aplicação de pesquisa sobre a percepção da segurança pública em Sobral).

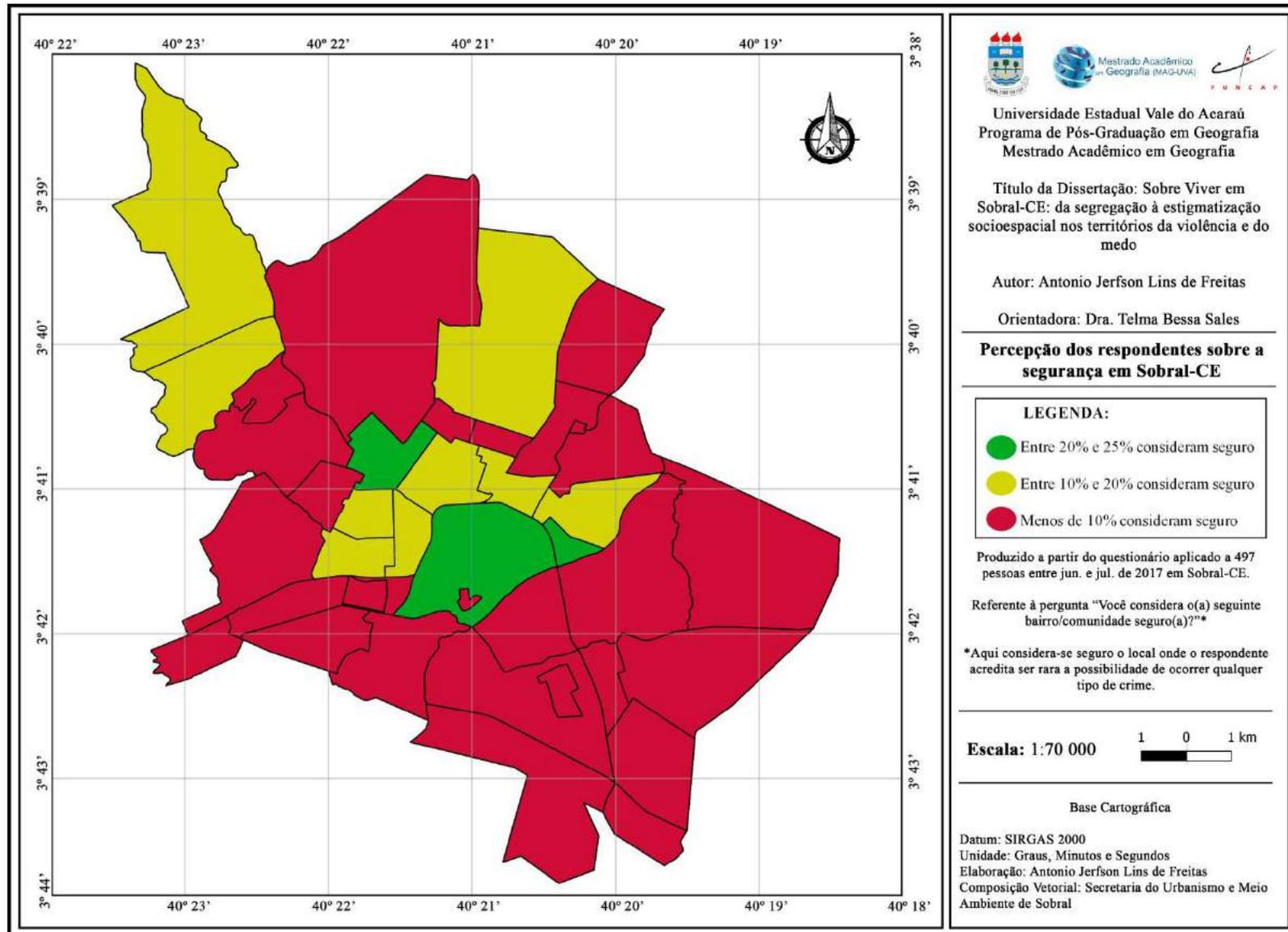
As respostas das questões permitiram a elaboração dos mapas e gráficos utilizados neste capítulo (cartografia da percepção da violência), bastante esclarecedores sobre a percepção dos respondentes. Vale novamente enfatizar que os respondentes avaliaram cada um dos bairros/comunidades, ou seja, cada um destes locais foi avaliado por todos os 497 respondentes. Desse modo, os percentuais se referem à quantidade de respondentes que coincidentemente avaliaram da mesma forma o bairro/comunidade, podendo coincidir ou não as respostas dos demais itens<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> A tabela com os valores brutos encontra-se nos apêndices.

<sup>65</sup> Por isso, ao afirmar, por exemplo, que o Centro e o Junco foram classificados como inseguros por 64% e 61% dos respondentes respectivamente, não é erro de cálculo, mas significa que dos 497 respondentes, 318 avaliaram o Centro dessa forma e 303, consideraram o Junco também inseguro.

**Mapa 4 - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes de acordo com a percepção de segurança**



Sobre os bairros e comunidades considerados seguros, nenhum foi unanimemente apontado como tal. Na verdade, nenhum bairro ou comunidade foi classificado como seguro por mais do que 26% dos respondentes. É considerável que apenas este percentual considere algum bairro ou comunidade realmente segura em Sobral. Além disso, apenas três bairros atingiram mais de 20% desta avaliação: Junco (26%), Centro (25%) e Pedrinhas (22%).

Dos demais bairros e comunidades, nove foram avaliados como seguro por percentuais entre 10% e 20% dos respondentes: Coração de Jesus (19%), Renato Parente (16%), Jocely Dantas (16%), Domingos Olímpio (16%), Nossa Senhora de Fátima (14%), Campo dos Velhos (14%), Alto do Cristo (11%), Dr. Juvêncio de Andrade (10%) e Padre Ibiapina (10%).

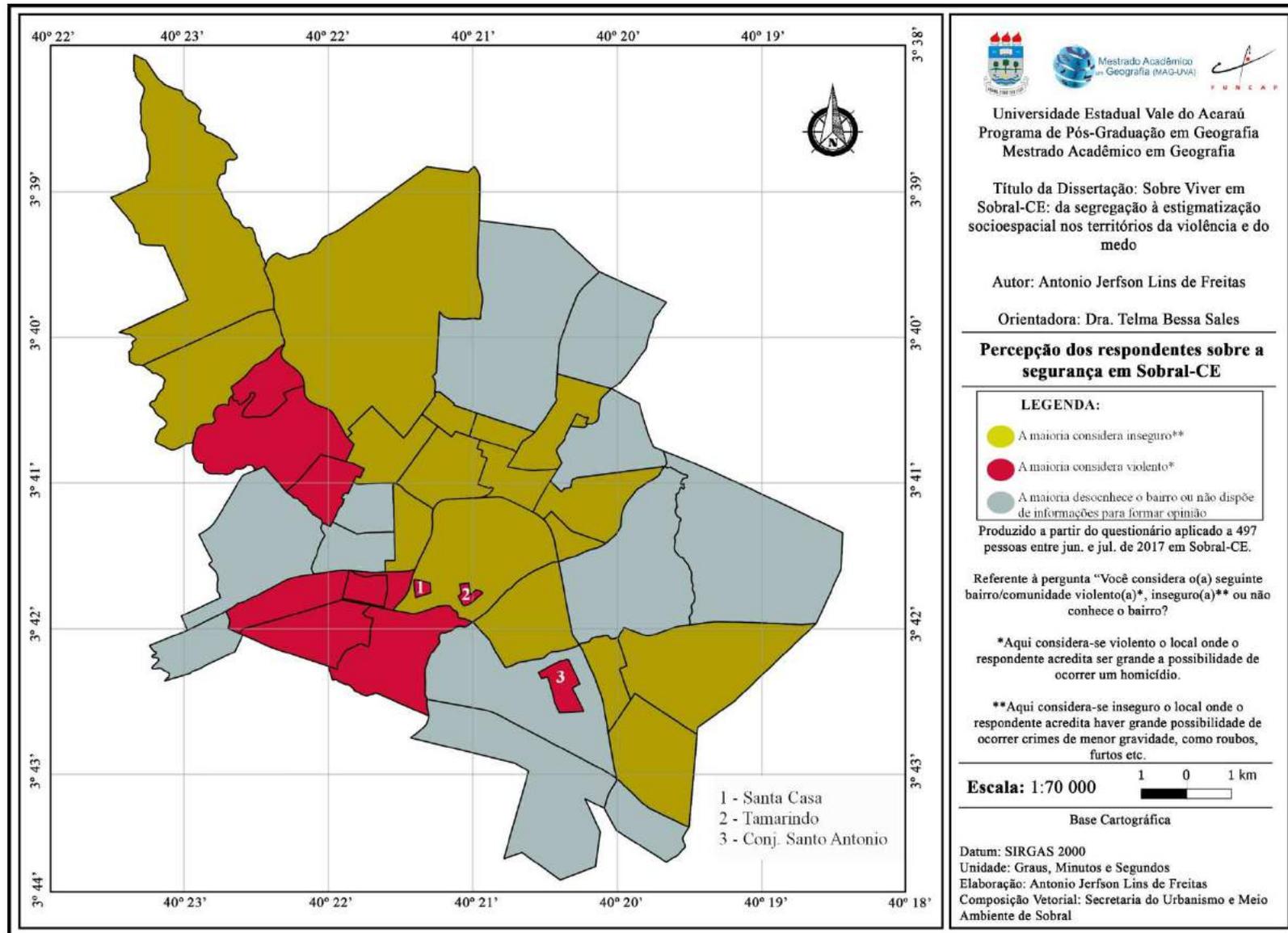
Dos doze bairros listados, sete estão entre os que figuram como áreas de maior valor imobiliário e, conseqüentemente, são ocupados por pessoas de maior poder aquisitivo (Junco, Centro, Renato Parente, Jocely Dantas, Nossa Senhora de Fátima, Dr. Juvêncio de Andrade e Campo dos Velhos). Já os demais são vistos como bairros populares (AGUIAR JÚNIOR, 2005). Vale salientar que o Coração de Jesus tem mudado de perfil desde a urbanização do Riacho Pajeú, que deu origem ao Parque da Cidade, fato que promoveu a retirada de famílias de baixa renda do local e estimulou a especulação imobiliária. Atualmente, o Parque da Cidade é margeado por diversos empreendimentos residenciais de três a quatro pavimentos e pontos comerciais.

Ao observar o mapa, percebe-se que sobre a área central há a percepção de maior segurança, embora para uma minoria dos respondentes. O maior fluxo de pessoas pela concentração de serviços e comércio transmite uma menor percepção de perigo para os respondentes. Fora da área central, apenas os bairros recentes e de grande interesse imobiliário foram apontados como seguros por um número considerável de respondentes: Dr. Juvêncio de Andrade (loteamento Morada dos Ventos), Nossa Senhora de Fátima (loteamento Rosário de Fátima) e Renato Parente (loteamento Morada do Planalto).

Estes dados reforçam o clima de fobopolização de Sobral. Nenhum dos 45 bairros e comunidades obteve a maioria das avaliações como “seguro”. Como visto, o que obteve maior percentual como seguro foi o Junco, com 26%, mas quando se leva em conta apenas a maioria das classificações, ele é percebido por 60% dos respondentes como inseguro (como visto no próximo mapa).

Quanto aos bairros considerados inseguros, ou seja, onde há grande possibilidade de ocorrência de crimes não violentos, metade estão entre os que apresentam famílias com maior rendimento. Os demais são considerados bairros populares.

**Mapa 5 - Avaliação dos bairros e comunidades pelos respondentes entre violentos, inseguros ou desconhecidos**



É importante registrar que dos dez bairros com maior percentual de classificação como inseguros, o primeiro colocado, o Centro, foi avaliado dessa forma por 64% dos respondentes, já o décimo, o Cachoeiro (que deixou de ser considerado como bairro em 2017, tendo uma parte, nas imediações da estrada para a Meruoca, incorporada ao bairro Renato Parente), obteve essa avaliação em 45% das respostas, percentuais consideráveis.

Outro dado interessante é sobre os bairros desconhecidos pela maioria dos respondentes, ou seja, aqueles sobre os quais os respondentes não souberam opinar por desconhecê-los ou por não possuírem informações a respeito. Todos os listados são frutos de ocupações relativamente novas, representando áreas de expansão urbana a oeste, sul e a norte e nordeste, fora do traçado original da área intra-trilhos. São aquilo a que Bauman chama de “espaços vazios” (2001), lugares sem significado, que vão além do evitamento, mas são realmente invisíveis, fora da percepção dos habitantes da cidade.

Contudo, mesmo os espaços vazios, como um bairro pouco conhecido de Sobral como o Juazeiro (quase todos os respondentes se surpreenderam à simples menção deste bairro), com a fobopolização ganham rapidamente avaliação negativa, pois estranhos, evocam incerteza e, portanto, da insegurança. No caso do bairro Juazeiro, se 66,1% o classificaram como desconhecido, 28,7% o consideraram inseguro, 3,2% como violento e 1,8% como seguro. Isso é reflexo ainda da pouca ocupação do bairro e pelo fato de não figurar nos noticiários locais.

O desconhecimento é um reflexo da segregação socioespacial, que tem como uma de suas consequências a falta de apropriação da cidade por grande parte de seus habitantes (CORRÊA, 1995), o que se percebe inclusive pelo desconhecimento das denominações oficiais de bairros tradicionais, conhecidos normalmente pelos nomes populares, como Terrenos Novos (Cidade José Euclides Ferreira Gomes), Alto Novo (Dom José) e Pantanal (Sumaré), o que reflete a falta de democratização das decisões sobre o espaço urbano. Caso que também ilustra essa situação é o do bairro Gerardo Cristino de Menezes, desconhecido por 46% dos respondentes, mas cujo núcleo de ocupação, o Conjunto Santo Antonio, é classificado como violento em 43,4% das respostas.

Já os dez bairros e comunidades considerados mais violentos, ou seja, onde há grande possibilidade de ocorrência de homicídios, todos são bairros populares, cujos habitantes apresentam as menores rendas na cidade. Dentre eles, excetuando-se a comunidade do Tamarindo, área de risco no Centro da cidade, todos estão fora do perímetro intra-trilhos, mais um reflexo da expansão urbana segregacionista que ocorreu em Sobral.

Salienta-se também a expressiva maioria registrada pela região do bairro Cidade José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos) neste critério. Na época da pesquisa, o Residencial Nova Caiçara ainda não era considerado bairro, fazendo parte dos Terrenos Novos, ou seja, os dois primeiros colocados representam a área mais violenta na percepção dos entrevistados (registrando, respectivamente, 69% e 59% das avaliações como violentos). Completando a lista dos dez bairros e comunidades que obtiveram mais avaliações como violentos, figuram, respectivamente, o Sumaré (59%), Dom José (50%), Vila União (49%), Santa Casa (45%), Conjunto Santo Antonio (43%), Padre Palhano (42%), Paraíso das Flores (36%) e Tamarindo (33%).

Entre os dez primeiros colocados neste quesito, três são conjuntos habitacionais, nascidos a partir de um planejamento urbano definido, com infraestrutura que não está presente em outras áreas da cidade, o Paraíso das Flores, o Santo Antonio e o Nova Caiçara, que devido suas grandes dimensões passou a ser um dos bairros oficiais de Sobral.

Com menos de três anos de existência na época da aplicação da pesquisa, o Nova Caiçara já havia sido estabelecido no imaginário popular como a área mais violenta de Sobral. Contudo, cabe a verificação se realmente os dados de crimes violentos contra a pessoa respaldam esta imagem.

### **3.2 Onde se convive com a morte**

Dois rapazes tentam passar despercebidos enquanto entram de motocicleta no Alto Novo, como eles chamam o bairro Dom José. Estão torcendo para não cruzarem com a polícia, pois se forem abordados, serão facilmente descobertos. A moto que estão ocupando foi tomada de assalto alguns dias antes e o jovem na garupa carrega um revólver calibre 38 sem registro. O destino é a Rua Francisquinha Frota, onde tentarão “se livrar” de mais um inimigo. Ambos sabem que não há margem para erro. Se um deles for pego pelos rivais terá de torcer por uma morte rápida, pois o mais provável é que, no mínimo, seja espancado e apedrejado até a morte, como aconteceu com Eliaquim de Sousa Lima, 16 anos, que caiu da garupa da moto depois de “dar uns tiros”, ali por perto, e foi linchado<sup>66</sup>.

Finalmente chegam à rua, que foi apelidada pela imprensa de “Cracolândia” (BORGES, 2018) pelos motivos óbvios: é comum encontrar usuários de drogas nas redondezas. De longe avistam um rapaz tão jovem quanto eles. Aliás, a única diferença entre

---

<sup>66</sup> Caso ocorrido em 4 de dezembro de 2014, quando o jovem tentou atingir desafetos, caiu da moto e foi morto a pedradas na Rua do Arame.

os ocupantes da moto e o alvo é que pertencem a grupos rivais, de bairros rivais. São “oprimidos que oprimem outros oprimidos” (SOUZA, 2008, p. 61).

O jovem que carrega o revólver sabe que é chegado o momento. Enquanto seu companheiro reduz a velocidade, retira a arma da cintura, engatilha e, como já fez diversas vezes antes dessa, atira com a certeza de que a vítima não vai escapar. São três tiros, sendo pelo menos um certo na cabeça. Em seguida, saem em disparada, sabendo que ninguém falará nada (até porque, não há nada para falar, afinal).

Mais tarde, este homicídio será publicado nos blogs de notícias locais. O texto parece uma cópia daqueles publicados anteriormente: “dois autores em uma motocicleta, cuja placa não foi anotada, executaram o jovem a tiros e fugiram, tomando rumo ignorado”. As diferenças entre as notícias são básicas: o nome da vítima, a quantidade de tiros, o nome da rua, o bairro e, caso a vítima tenha antecedentes criminais ou seja usuário de drogas, essa informação ganha destaque, parecendo uma tentativa de justificar o ocorrido, como uma forma de expiação social, pois como será visto nos comentários, “é um a menos pra dar trabalho pra polícia” ou “bandido bom é bandido morto”. Nas palavras de Alcindo Sá, que aproxima o “lixo humano”, o “refugio” e “dispensável” (BAUMAN, 2008), e o conceito de *homo sacer*, de Agamben, identificando estas características naqueles chamados de “alma sebosa” pela população de Recife:

Estes “postos de lado”, abandonados pelo poder soberano, desprovidos de qualquer valor no campo da ordem divina ou laica, são mortos e “desovados” cotidianamente de forma humilhante, em ermos espaços. Para o consciente e o inconsciente coletivo, suas mortes não são crimes nem sacrifícios, afinal, privados de significação humana, seus extermínios, como delitos, não são passíveis de punição (geralmente os matadores estão encapuzados, “paramilitares” inclementes). E, considerando o divino, são oferendas renegadas, almas sebosas irrecuperáveis, já nascidas com o estigma de maus irrecuperáveis; não-humanos que não merecem sequer a condição de uma vida nua virtualmente não-matável. Não é incomum ouvirmos na voz da “comunidade”, quando da morte de um bandido “periculoso”, a seguinte assertiva: é um alívio; devia ter morrido há mais tempo; nunca foi um filho de Deus, mas um verdadeiro demônio a atormentar a comunidade (SÁ, 2012, p. 88).

Este não é um caso específico, mas poderia ser o relato de centenas que ocorreram entre 2014 e 2017 na cidade de Sobral. Dos 392 homicídios registrados no município neste período (total da sede e dos distritos), 233 foram execuções por arma de fogo, ou seja, 59,43%. Deste total, 11 foram registrados na Rua Francisquinha Frota, a campeã em homicídios no bairro campeão em homicídios, o Dom José, onde 45 pessoas foram mortas nestes quatro anos<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> As demais mortes registradas no bairro foram, em sua maioria, nas imediações da referida rua.

Enquanto isso, um dos bairros escolhidos para a escuta das narrativas dos moradores (capítulo 5), o Nova Caiçara, localizado a pouco mais de quatro quilômetros dali, nos mesmos quatro anos foram executadas sete pessoas, todas do sexo masculino. Os dois mais jovens tinham 14 anos de idade. O mais velho, tinha 19 anos. Esta quantidade coloca o Nova Caiçara na 17ª posição na lista de locais de ocorrência de homicídios em Sobral (sede e distritos), e 13º entre os 35 bairros localizados na sede. Para que se tenha ideia, o Centro da cidade registrou 19 homicídios, e isso sem se levar em consideração os 11 mortos na comunidade Santa Casa e os nove no Tamarindo, que são popularmente representadas como bairros apesar de estarem no perímetro do Centro.

Os locais de ocorrência dos crimes dizem muito sobre a cidade e suas representações, mas antes de focá-las, é interessante que os dados da violência sejam apresentados.

### *3.2.1 Sobreviver em Sobral*

Há um risco em se trabalhar com dados sobre a violência urbana, tanto na imprensa quanto academicamente: reforçar estigmas em relação a determinadas comunidades. As críticas à abordagem feita pela imprensa, por ela veicular, na maioria das vezes, dados e notícias negativas sobre os bairros populares, são comuns nos trabalhos que abordam essa temática.

Por meio de uma superexposição da violência nas áreas desprestigiadas da cidade, criou-se uma espécie de *doxa* sobre os bairros populares, pautada na homogeneização das suas diferenças, sem nenhuma relativização das distinções concernentes à sua população. Para muitos administradores públicos das cidades, ficou esquecido o fato de serem os moradores desses bairros, sem absolutamente nenhuma relação com a criminalidade, as principais vítimas da violência urbana (PAIVA, 2014, p. 22).

Este é um problema importante a ser discutido. A sensação de medo, potencializada pelas notícias de homicídios e tiroteios descontextualizadas, limita a racionalidade. É mais fácil apontar a violência como um problema localizado, esquecendo que ela é consequência de diversas relações que moldam as sociedades da atualidade. Quando um jovem é morto em uma periferia por causa de R\$ 50 em dívidas de drogas, é mais fácil dizer que ele é culpado pelo fato de ter começado a consumir drogas e esquecer que a bala e a arma que o mataram e a droga que ele consumia não foram produzidas em sua comunidade.

Mas ao pensarmos a violência – real, possível ou improvável – da cidade, imaginamos que esteja localizada apenas em certos pontos e não em sua extensão total, como resultado de um processo de urbanização homogêneo. A crença comum na violência urbana nasce das crenças particulares na violência de um bairro, de uma região ou de uma área periférica da cidade. Dessa forma, esquecemos que os bairros formam um todo e que sua violência é a violência de toda a cidade. Ela pode também ser o resultado sociológico da “paz” – real, possível ou improvável – de um outro bairro, identificado socialmente como tranquilo, estimulando ações de repressão nos demais espaços urbanos (PEDRAZZINI, 2006, p. 57).

Contudo, há aí outro risco: ao não se noticiar os crimes que ocorrem nos bairros populares, amplia-se a invisibilidade destas populações, já esquecidas pelo poder público e ignoradas pelas elites, que de fato detêm o controle do espaço urbano. O problema então não é a divulgação, mas a forma como isso é feito. Recorrendo mais uma vez a Luíz Fábio Paiva, “enquanto as experiências positivas aparecem raramente nas páginas e nas telas dos jornais, os crimes, principalmente os mais graves, são exaustivamente mostrados e reapresentados diariamente para toda a Cidade” (2014, p. 27). A questão, então, não é publicizar as “coisas ruins”, mas não oferecer o mesmo espaço para as “coisas boas”.

Não se trata apenas de conhecer os locais onde mais se mata na cidade, mas de entender como as decisões sobre a organização da cidade influenciam na forma como estes territórios da violência e do medo são criados. Ora, ao se segregar a maior parte da população, limitando ou muitas vezes até impedindo seu acesso a direitos básicos, conforme afirmado anteriormente, cria-se um vácuo, que no melhor dos cenários, é ocupado pelo associativismo e pelas relações de solidariedade (SOUZA, 2008), e no pior, pelos criminosos. Isso leva a generalizações perigosas, mesmo quando bem intencionadas.

As áreas de habitações sub-humanas são presas do crime organizado e tornaram-se questão de segurança. É impossível, no labirinto das favelas, repletas de vielas e becos, o acesso de uma ambulância ou uma viatura da polícia, dentre as sensíveis ausências do Poder Público. E como não existe vácuo de poder, estes serviços de assistência passam a ser prestados pelos delinquentes.

As consequências recaem sobre os próprios moradores, na sua esmagadora maioria, honestos e que ficam reféns de grupos criminosos. Desta forma, o urbanismo converte-se em um grave fator criminógeno (LARA; FERREIRA; VIEIRA, 2015, p. 134).

Os territórios da violência e do medo são constituídos a partir das relações dos diversos atores sociais, que atuam em determinada porção do espaço, apropriando-se dele e modelando suas bases de acordo com seus interesses. No caso dos criminosos, ocupar o vácuo de poder deixado pelo Estado, estabelecendo novas regras de convivência à margem da lei, de forma a garantir a prevalência das condições necessárias para manterem seu domínio através de atos ou ameaças de violência.

Embora via de regra atuem como comerciantes, dentro de uma mentalidade capitalista, eles podem, ocasionalmente, tanto demonstrar uma certa solidariedade com pessoas da “comunidade” onde atuam (genuína ou por razões “políticas”) quanto cometer atos de crueldade contra essas mesmas pessoas. Pelas características do uso disseminado da violência de que acaba se revestindo em decorrência da ilegalidade, o tráfico de drogas ilícitas corresponde perfeitamente àquilo que, na linguagem jornalística dos anos 80, se atribuía ao Brasil como um todo: um “capitalismo selvagem” (SOUZA, 2008, p. 61).

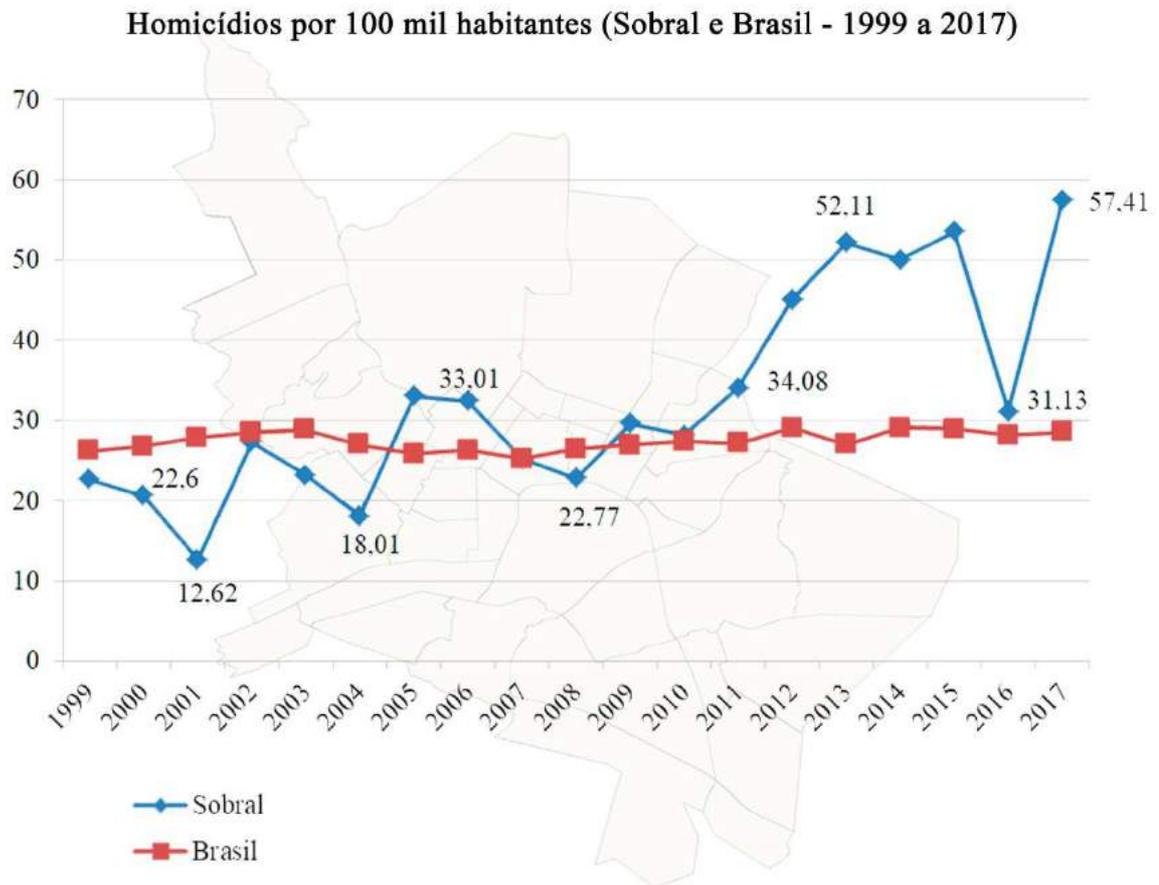
No caso de Sobral, as áreas ocupadas a partir do processo de segregação socioespacial receberam historicamente pouca atenção do Estado, o que se reflete exatamente na falta de condições recomendáveis de vida<sup>68</sup> e na falta de oportunidades (lazer, educação, trabalho) criadas especialmente para os jovens. Essas comunidades entram em um círculo vicioso em que quanto mais se amplia a violência, menos oportunidades são criadas, o que aumenta ainda mais as condições para mais violência, fato presenciado em todo o Brasil.

Para fins de comparação, em 2015 foram registrados 468 mil homicídios no mundo (ONU BR, 2017), destes, 33% foram na América Latina e Caribe, que concentram 8% da população mundial (dos 20 países com mais homicídios, 14 se localizam na região). O Brasil ocupa o 9º lugar no continente, com 28,9 assassinatos para cada 100 mil habitantes, enquanto o líder, Honduras, registrou 85,7. “Tal índice revela, além da naturalização do fenômeno, um descompromisso por parte de autoridades nos níveis federal, estadual e municipal com a complexa agenda da segurança pública” (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 8).

Entre 2005 e 2015, seis estados apresentaram crescimento acima de 100% no número de homicídios, todos eles localizados nas regiões Norte e Nordeste, que se tornaram foco para as facções criminosas. No Ceará, por exemplo, entre 2010 e 2015 houve aumento de 47% na quantidade de homicídios.

---

<sup>68</sup> Mas deve-se aqui adiantar que no caso específico do Residencial Nova Caiçara, apesar do problema inicial em relação ao abastecimento de água, houve a oferta de diversos equipamentos de lazer, além de educação e saúde, conforme verifica-se no capítulo 4.

**Gráfico 8** - Evolução da taxa de homicídios por 100 mil habitantes de Sobral em relação ao Brasil (1999 a 2017)

Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

Quando se analisa a quantidade de homicídios registrados em Sobral de 1999 a 2017, percebe-se considerável evolução nos indicadores. A última vez que a taxa de homicídios por cem mil habitantes em Sobral foi inferior à nacional foi em 2009. De lá para cá, o único momento de queda acentuada foi em 2016, quando ocorreu o então chamado “pacto pela paz”, promovido pelas facções criminosas.

Em números absolutos, a partir de 2013, quando superou a marca anual de cem homicídios, apenas em 2016 Sobral voltou aos dois dígitos. É interessante constatar que exatamente nos meses de duração do pacto (julho a outubro de 2016) houve redução drástica na quantidade de homicídios. No mesmo período de 2014, foram 31 assassinatos em Sobral, em 2015 foram 36, em 2016 foram 8 e, no ano seguinte, o número subiu para 52. Nos meses de junho e novembro as médias dos outros anos foram mantidas.

**Gráfico 9** - Evolução da quantidade de homicídios registrados em Sobral (1999-2017)

Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

De acordo com pesquisa realizada pelo Ipea (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017), três fatores contribuem para o aumento da quantidade de homicídios: mercado de trabalho, mercados ilícitos e desorganização do espaço urbano.

No primeiro caso, quando as oportunidades são criadas com a ampliação da quantidade de postos de trabalho em decorrência do crescimento econômico, aumenta-se o custo de oportunidade de entrar no mundo da criminalidade urbana, o que impacta diretamente na diminuição do incentivo ao crime e, por consequência, contribui para a queda nos homicídios. Contudo, se não há uma universalização das oportunidades de trabalho, ficando restritas a apenas uma pequena parcela da sociedade, a vantagem em praticar crimes aumenta para quem não foi contemplado e não tem perspectivas de futuro. Segundo o Ipea, cada 1% de diminuição na taxa de desemprego de homens faz com que a taxa de homicídio diminua de 2,1%.

O segundo fator é derivado do primeiro. Quando uma cidade apresenta crescimento econômico abre oportunidade para novos negócios, inclusive os ilícitos. Como houve melhora na economia de médias e pequenas cidades, sobretudo do Norte e Nordeste, estas chamaram atenção para quem lucra com o mercado de drogas ilícitas.

E no rastro da expansão desses negócios, observou-se o incremento à prevalência da violência letal, utilizada não apenas na disputa por mercados, mas ainda para disciplinar devedores duvidosos e trabalhadores desviantes do narcotráfico, sem à qual o dono do negócio perderia credibilidade, levando a firma à falência (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 20).

O terceiro aspecto também deriva da melhora do desempenho econômico. Os trabalhadores tendem a migrar para áreas em desenvolvimento econômico em busca de oportunidades. Contudo, em muitos casos, a grande massa de novos habitantes encontra cidades despreparadas para recebê-la. O déficit habitacional, uma das causas do encarecimento do solo urbano<sup>69</sup>, obriga especialmente as famílias de baixa renda a ocuparem áreas periféricas sem as condições mínimas de moradia, levando a um processo de desorganização social. Ora, quanto maior a desorganização urbana, menor o controle da criminalidade e maior o anonimato para o cometimento de atos criminosos.

A situação acima ocorre quando as transformações urbanas e sociais acontecem rapidamente e sem as devidas políticas públicas preventivas e de controle, não apenas no campo da segurança pública, mas também do ordenamento urbano e prevenção social, que envolve educação, assistência social, cultura e saúde, constituindo assim o quarto canal pelo qual o desempenho econômico pode afetar a taxa de criminalidade nas cidades. Ou seja, a qualidade da política pública é um dos elementos cruciais que podem conduzir à diminuição das dinâmicas criminais (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 20-21).

Algo semelhante ocorreu em Sobral, especialmente nos últimos 30 anos. Houve um aumento da produção de riquezas no município<sup>70</sup>, mas esta riqueza e as oportunidades criadas por ela não foram compartilhadas por toda a população.

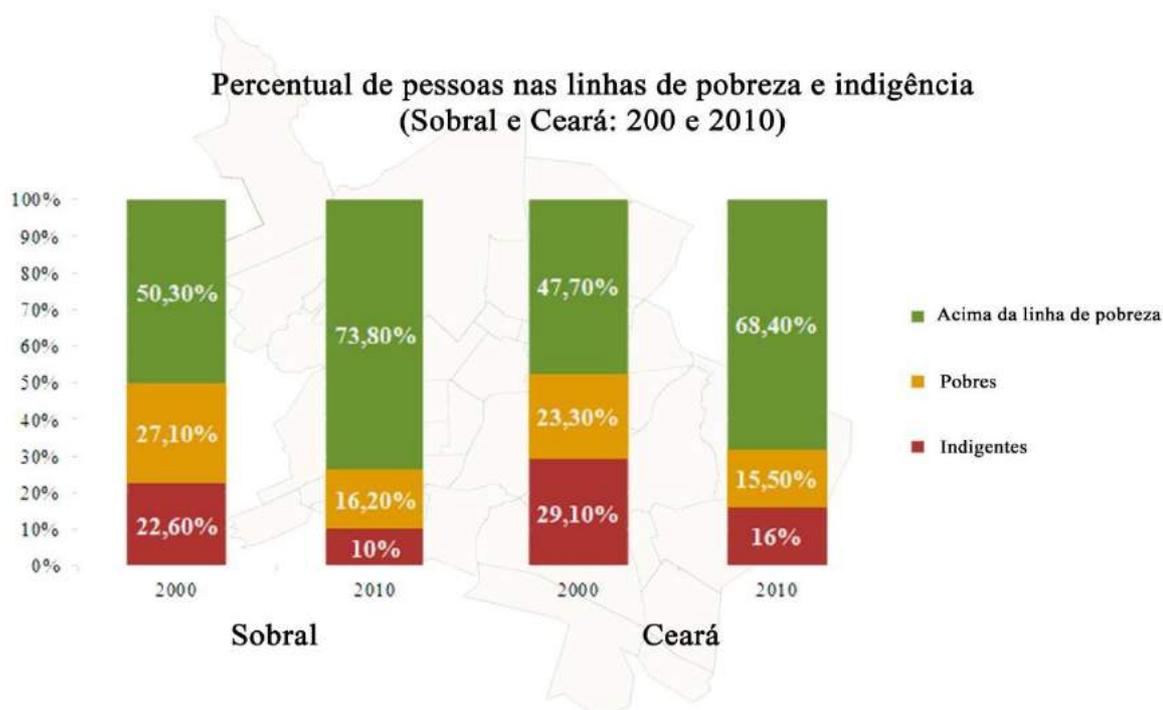
A espacialidade da pobreza é marcante em Sobral, mas a forte concentração de renda também é perceptível através de indicadores socioeconômicos. Em 2010, 27,1% da população sobralense vivia na linha de pobreza<sup>71</sup>, ou seja, com renda de um quarto a metade de um salário mínimo, e 10% abaixo da linha de indigência. Contudo, estes indicadores diminuíram em relação a 2000, quando registravam 27,1% e 22,6%, respectivamente (IBGE, 2011).

<sup>69</sup> Dentre outros fatores, como a especulação imobiliária.

<sup>70</sup> Em Sobral, o Produto Interno Bruto *per capita*, ou seja, a divisão das riquezas produzidas pela quantidade de habitantes, chegou a R\$ 18.993,00 em 2017, ocupando a 7ª posição no Estado, superando a média cearense (R\$ 14.255,00) (MEDEIROS; SOUSA, *et al.*, 2017).

<sup>71</sup> A linha de pobreza é medida a partir da soma da renda de todas as pessoas do domicílio, que é dividida pelo número de moradores. Para o Ipea, indigente é a pessoa com renda igual ou inferior a um quarto do salário mínimo. Pobre é aquele que recebe acima desse valor até a metade de um salário mínimo. Já o rico é aquele pertencente a famílias de renda igual ou superior a 40 salários mínimos.

**Gráfico 10** - Proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza e indigência em Sobral e no Ceará – 2000 e 2010



Fonte: (IBGE, 2001) / (IBGE, 2011). Elaborado pelo autor

Mesmo não sendo excelentes, os indicadores de Sobral superam os do Ceará tanto em 2000 quanto em 2010.

Com o cenário propício, fomentado pela presença do crime organizado e da forte concentração de renda e segregação socioespacial, tornou-se rotina para a população de Sobral acompanhar relatos de homicídios no município.

### 3.2.2 Sobre morrer em Sobral

A partir dos dados coletados, foi possível elaborar um mapa com a localização de 331 homicídios ocorridos na sede de Sobral entre 2014 e 2017. A espacialidade da maior parte dos crimes coincide exatamente com as áreas caracterizadas pelas piores condições sociais, que não por acaso são as áreas que passaram pelo processo de segregação socioespacial.

É necessário explicar que as informações que permitiram a geração deste mapa são oriundas de uma conjunção de fontes. A origem principal foram os Relatórios Diários e Relatórios de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI) disponibilizados pela SSPDS-

CE<sup>72</sup>, mas eles apresentam algumas lacunas: os relatórios não registram os nove casos de pessoas mortas em decorrência de ações policiais. Contudo, optou-se por acrescentá-los na medida em que também representam mortes violentas provocadas por outros agentes; Foram localizados 6 casos que foram amplamente noticiados pela imprensa mas não figuraram nos relatórios oficiais, como o latrocínio do qual foi vítima o empresário e ex-vereador Raimundo Nelson Ramos Tavares<sup>73</sup>; houve ainda 20 casos que foram listados nos relatórios, mas sobre os quais não há informações acerca da localização dos crimes, nem mesmo foram noticiados pela imprensa (destes, dois foram identificados com erro de localização graças às notícias: um ocorreu em Massapê e outro em Camocim, mas as duas vítimas morreram na Santa Casa de Misericórdia de Sobral<sup>74</sup>); foram localizados na lista de homicídios dois casos que não dispunham dos nomes das vítimas, mas dispunham das localizações (nem mesmo na imprensa estes casos foram noticiados).

**Tabela 1** - Quantidade de homicídios em Sobral por localização (2014-2017)

Homicídios em Sobral por localização (2014-2017)	
Localização	Quantidade
Sede	331
Distritos	43
Não informado	18
<b>TOTAL</b>	<b>392</b>

Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

<sup>72</sup> Dados referentes à Área Integrada de Segurança 12 (AIS 12), que engloba 29 municípios, dentre os quais Sobral. O Ceará está dividido em 18 AIS, sendo as seis primeiras na capital, três na Região Metropolitana de Fortaleza e o restante no interior do Estado.

<sup>73</sup> Caso ocorrido em 17 de novembro de 2017. Pelo fato da vítima não ter resistido e morrido dias depois em Fortaleza, não entrou nas estatísticas da SSPDS ou nos dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/DATASUS) como vítima em Sobral.

<sup>74</sup> A discrepância de informações é originada de um procedimento do SIM/DATASUS: o fato de registrar o local da morte da vítima, e não o local da agressão. Assim, se a pessoa for baleada no Sumaré e morrer em um hospital no Centro, o endereço do hospital é que entra como local do óbito. Este é uma das duas justificativas para que se tenha optado pela não utilização destes dados na pesquisa atual. O outro ponto negativo é a demora na consolidação dos dados. Quando esta pesquisa foi desenvolvida, ainda não se dispunha de dados referentes a 2016 e 2017, o que inviabilizaria a análise referente ao Nova Caiçara, pois limitaria a pesquisa há apenas um ano.

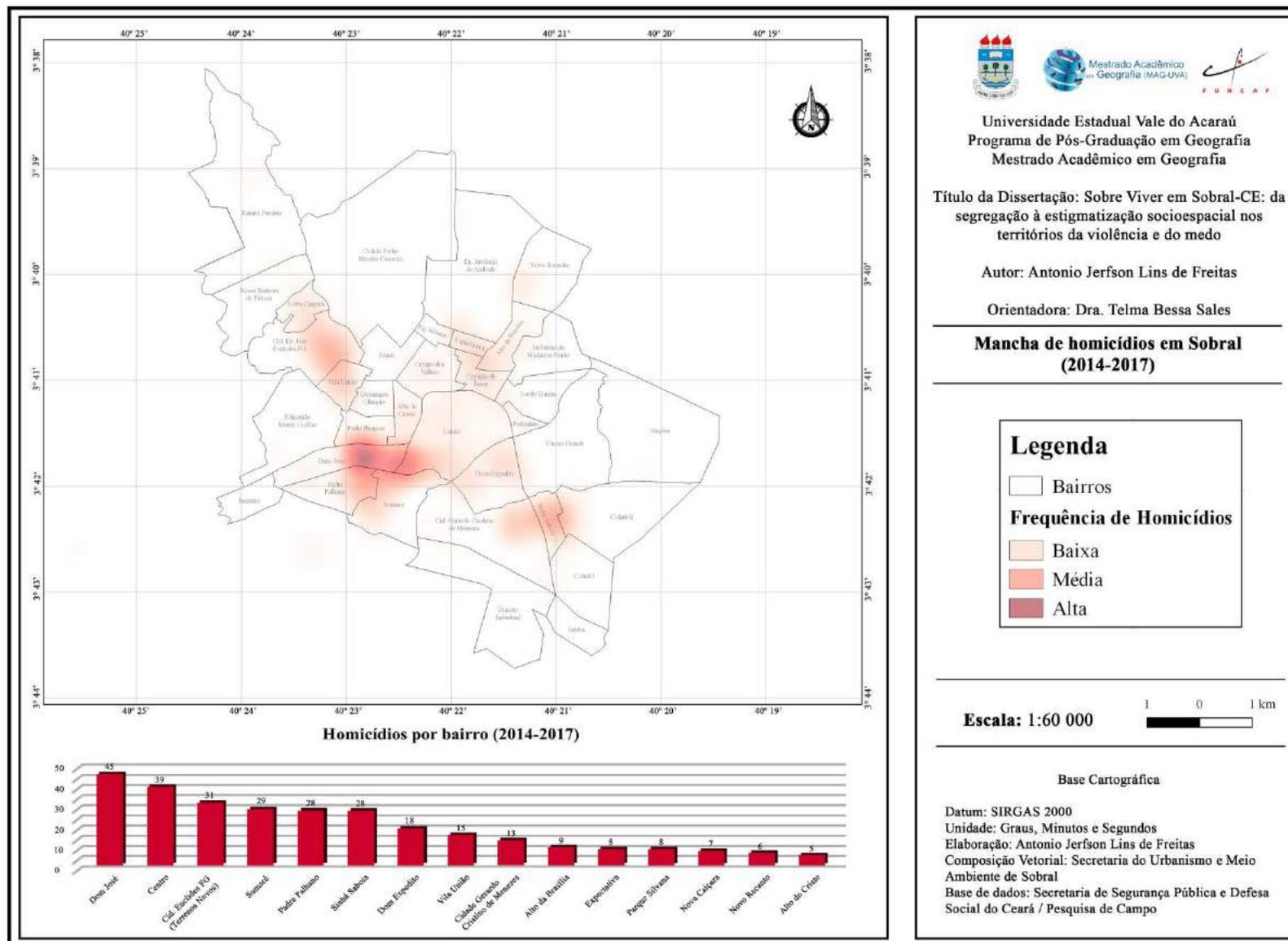
Dessa forma, além dos 43 casos ocorridos em um dos distritos de Sobral (conforme Tabela 01), não foram mapeados 18 casos por inconsistência nos dados, totalizando 331 homicídios marcados, conforme o mapa *hot spot* a seguir, onde as manchas mais escuras (quentes) representam a maior concentração de homicídios. Para facilitar a interpretação cartográfica, a densidade foi traduzida em alta, média e baixa concentração, associadas a uma escala de cores em tons de vermelho.

Ao se analisar o mapa 6, percebe-se a concentração dos homicídios em três áreas da cidade: a primeira compreende os bairros Terrenos Novos, Vila União e Nova Caiçara<sup>75</sup>, que a prefeitura convencionou denominar de área I; a segunda compreende os bairros Dom José, Padre Palhano e Sumaré (área II), além das comunidades popularmente conhecidas como Tamarindo e Santa Casa; e a terceira compreende os bairros Cidade Gerardo Cristino de Menezes, Cohab I, Cohab II, Sinhá Saboia e Dom Expedito. As três áreas, formadas por 11 dos 35 bairros, concentram 66,46% dos homicídios cometidos na sede do município. Contudo, vale ressaltar que estes bairros são ocupados por quase a metade da população urbana de Sobral. Todos apresentam população acima de 5 mil habitantes, exceto Dom Expedito e Cidade Gerardo Cristino de Menezes.

---

<sup>75</sup> Apesar de não apresentar indicadores elevados de homicídios, conforme por ter sido apenas posteriormente separado do bairro Terrenos Novos, ainda figura como parte dessa área.

**Mapa 6 - Mancha de Homicídios cometidos em Sobral (2014-2017)**



Outro dado importante é que as três áreas que se destacam na quantidade de registros de homicídios são fronteiras entre territórios de grupos criminosos rivais. Como afirma Feltran (2011, p. 15):

Onde há fronteira, há conflito. Ainda que latente. Se a fronteira pode ser disputada é comum, sobretudo em sociedades muito hierarquizadas e desiguais, que a latência ceda lugar à violência. No Brasil contemporâneo, já não é mais possível compreender as fronteiras entre as periferias e o público sem situar a violência – e os modos como vem sendo gerenciada nas periferias da cidade – no centro do debate.

Segundo dados da Secretaria dos Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social de Sobral, cerca de 18 mil pessoas vivem em situação de pobreza ou extrema pobreza (indigência) e são beneficiárias do Programa Bolsa Família no município. Analisando a quantidade destas famílias acompanhadas pelas equipes dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) em 2015, constata-se que este perfil populacional concentra-se exatamente nestas três áreas. O CRAS Dom José<sup>76</sup> foi responsável por 39% dos atendimentos, seguido pelo CRAS Regina Justa<sup>77</sup> (22%), CRAS Mimi Marinho<sup>78</sup> (17%), Jaibaras<sup>79</sup> (13%), Aracatiaçu<sup>80</sup> (5%) e Irmã Oswalda<sup>81</sup> (4%) (SOBRAL, 2016).

Além das condições socioeconômicas das áreas onde mais ocorrem os homicídios em Sobral, outro fator recorrente diz respeito às armas utilizadas. Em 2014, 71% dos homicídios foram praticados com armas de fogo. Em 2015 e 2016, os percentuais foram 69,72% e 78,12%. Já o ano de 2017, quando o município registrou a maior quantidade de assassinatos em sua história, o percentual aumentou, atingindo 89,83%, o que aponta para uma grande circulação de armas de fogo em Sobral.

---

<sup>76</sup> O CRAS Dom José atende aos bairros Alto do Cristo, Dom José, Padre Ibiapina, Padre Palhano e Sumaré, correspondentes à Área II.

<sup>77</sup> O CRAS Regina Justa responde por Boqueirão, Cachoeiro, Cidade Dr. Euclides Ferreira Gomes Jr. (incluindo o Nova Caiçara, na época pertencente ao bairro), Cidade Pedro Mendes Carneiro, Domingos Olímpio, Junco, Nossa Senhora de Fátima, Renato Parente e Vila União, que apresenta os três bairros correspondentes à Área I.

<sup>78</sup> O CRAS Mimi Marinho atende aos bairros Cidade Gerardo Cristino de Menezes, COHAB I, COHAB II, Derby Club, Distrito Industrial, Dom Expedito, Pedrinhas, Santa Casa e Sinhá Saboia, contemplando os bairros da Área III.

<sup>79</sup> O CRAS Jaibaras responde por Aprazível, Baracho, Bonfim, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda e São José do Torto.

<sup>80</sup> O CRAS Aracatiaçu contempla Aracatiaçu, Bilheira, Caioca, Caracará, Patos, Patriarca, Salgado dos Machados e Taperuaba.

<sup>81</sup> O CRAS Irmã Oswalda atende ao Alto da Brasília, Expectativa, Betânia, Campos dos Velhos, Centro, Colina Boa Vista, Coração de Jesus, Doutor Juvêncio de Andrade, Jerônimo de Medeiros Prado, Novo Recanto, Parque Silvana, Residencial Meruoca e Várzea Grande.

**Gráfico 11** - Percentual de homicídios praticados no município de Sobral segundo a arma utilizada (2014/2017)

Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

De acordo com o Atlas da Violência (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017), tem aumentado a quantidade de homicídios praticados com o uso de armas de fogo em todo o país, reflexo da maior circulação deste tipo de armamento.

Em primeiro lugar, a maior disponibilidade de armas faz diminuir o seu preço no mercado ilegal, permitindo o acesso da mesma ao criminoso desorganizado (muitas vezes aquele criminoso que ao praticar um roubo termina cometendo latrocínio). Em segundo lugar, as chances de um indivíduo armado sofrer homicídio, ao ser abordado por criminosos, aumenta. Por último, muitos crimes letais (seja feminicídios, brigas de bar, de trânsito, conflito entre vizinhos, etc.) acontecem num ambiente de conflito, em que o contendor com a arma de fogo na mão termina perdendo a cabeça e matando o oponente (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 43).

No período de quatro anos, dois vigilantes de escolas sobralenses e um vigilante particular foram mortos durante o trabalho quando abordados por criminosos que tinham como objetivo roubarem suas armas. Além destes casos, outros quatro vigilantes foram baleados e cinco foram assaltados e tiveram as armas levadas durante o trabalho. Algumas das armas roubadas foram recuperadas tempos depois nas mãos de criminosos após trocarem tiros

com policiais<sup>82</sup>. Estes casos, cujas vítimas foram profissionais treinados, ilustram o aumento do risco ao se portar armas de fogo.

Quanto ao gênero das vítimas, Sobral segue a tendência nacional com grande concentração dos casos de assassinatos entre os homens. Quanto às mulheres, a média tem se mantido estável nos últimos quatro anos, entre 6 casos anuais, com pequena redução.

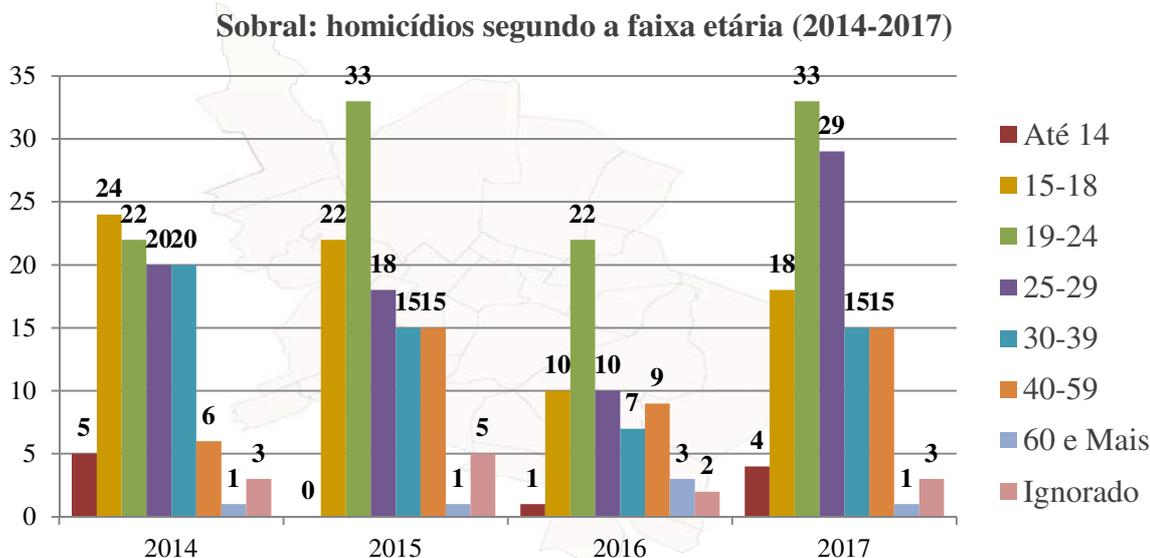
**Gráfico 12** - Homicídios praticados no município de Sobral de acordo com o gênero das vítimas (2014/2017)



Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

Quanto à faixa etária, a população jovem é a mais afetada pela violência. A maior parte das vítimas se concentra na faixa dos 15 aos 29 anos de idade, com percentual acentuado entre 19 e 24 anos.

<sup>82</sup> Um dos casos ocorreu dia 12 de fevereiro de 2016, quando policiais tentaram abordar dois suspeitos em uma moto roubada. Após troca de tiros e perseguição, ambos conseguiram fugir, largando as armas no local, mas foram identificados. A polícia fez, a seguir, busca na casa de um deles e acabou prendendo sua esposa com drogas e materiais oriundos do tráfico de drogas. OLIVEIRA, Frank. Em Sobral: ao entrarem em fuga, bandidos trocam tiros com a polícia. Blog Sinhá Saboia. 12 fev. 2016. Disponível em <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com.br/2016/02/em-sobral-ao-entrarem-em-fuga-bandidos.html>. Acesso: 15 mar. 2018.

**Gráfico 13** - Homicídios praticados no município de Sobral segundo a faixa etária das vítimas (2014/2017)

Fonte: SSPDS-CE. Elaborado pelo autor

Esses resultados contrariam a percepção de senso comum segundo a qual crimes encontram-se distribuídos aleatoriamente no tempo e no espaço, e vítimas são recrutadas igualmente em todos os locais e grupos sociais. O medo é universalmente distribuído, mas as vitimizações, de fato, são altamente concentradas em poucos locais da cidade e em grupos sociais bastante específicos. As chances de morrer, vítima de homicídio, quando se é um homem jovem habitante da periferia chega a ser de até trezentas vezes mais do que para uma senhora de meia-idade que habita bairros de classe média (BEATO, 2012, p. 152).

De acordo com o Atlas da Violência, o fenômeno do aumento das mortes entre os jovens está associado à falta de oportunidades educacionais e de trabalho, que os relega a “uma vida de restrição material e de anomia social, que terminam por impulsionar a criminalidade violenta” (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 26). O texto vai além:

É um filme que se repete há décadas e que escancara a nossa irracionalidade social. Não se investe adequadamente na educação infantil (a fase mais importante do desenvolvimento humano). Relega-se à criança e ao jovem em condição de vulnerabilidade social um processo de crescimento pessoal sem a devida supervisão e orientação e uma escola de má qualidade, que não diz respeito aos interesses e valores desses indivíduos. Quando o mesmo se rebela ou é expulso da escola (como um produto não conforme numa produção fabril), faltam motivos para uma aderência e concordância deste aos valores sociais vigentes e sobram incentivos em favor de uma trajetória de delinquência e crime.

Enquanto isso, a sociedade, que segue marcada pelo temor e pela ânsia de vingança, parece clamar cada vez mais pela diminuição da idade de imputabilidade penal, pela truculência policial e pelo encarceramento em massa, que apenas dinamizam a criminalidade violenta, a um alto custo orçamentário, econômico e social (CERQUEIRA; LIMA, *et al.*, 2017, p. 29).

Quanto às motivações, houve 261 homicídios com características de execução, com autores chegando ao local onde se encontrava a vítima, seja na rua ou em sua própria residência, alvejando-a diversas vezes, em muitos casos com tiros na cabeça, e fugindo em seguida. Percebe-se pelas histórias que poucos casos podem ser classificados como “bala perdida” ou “morte por engano”, pois os relatos das notícias veiculadas nos blogs dão conta de que os autores atentavam especificamente contra as vítimas.

Foram registrados 10 latrocínios entre 2014 e 2017 em Sobral. Além dos dois vigilantes mortos para o roubo de suas armas, o caso que mais ganhou repercussão foi o já mencionado latrocínio do ex-vereador morto em sua loja, no Centro da cidade, quando teria reagido a um assalto.

### 3.2.3 Crimes noticiados

Conviver com os tiroteios tornou-se parte da rotina nas comunidades controladas pelas facções criminosas ou territórios disputados por gangues. Mesmo sem vítimas, a ocorrência de tiroteios em espaço público impacta diretamente na percepção da insegurança, alimentando o medo. E a influência exercida pelo medo vai além das fronteiras dos bairros e territórios das facções, potencializada pelos meios de comunicação de massa. Muitos leitores dos inúmeros blogs informativos locais desconhece até mesmo a localização de alguns dos bairros de Sobral, mas já ouviram falar que em determinadas áreas da cidade é comum haver tiroteios.

Além disso, as notícias sobre os crimes praticados em determinados locais influencia a percepção dos leitores, que passam a criar representações negativas sobre estes locais. Como afirmam os pesquisadores portugueses Luís Fernandes e Alexandra Ramos,

[...] parece-nos também, que a naturalização da violência é uma das dimensões da exclusão: quando acontece reiteradamente num lugar, põe em evidência o quanto aí se suspendem as regras da sociabilidade comum. Como se entrássemos num território à parte, em que a violência exprime, pela sua vulgaridade, a excepcionalidade que aí se vive – e esta é uma das dimensões centrais com que a exclusão é olhada a partir de fora (FERNANDES; RAMOS, 2010, p. 22).

Por conta disso, foi feito um levantamento das notícias dos blogs no período entre 2014 e 2017 a fim de verificar quais bairros aparecem na mídia como palco de ações criminosas diversas, entre disparos em via pública, assaltos, furtos, agressões, estupros, tráfico de drogas e tentativas de cometimento de crimes diversos<sup>83</sup>, excetuando-se o crime de

---

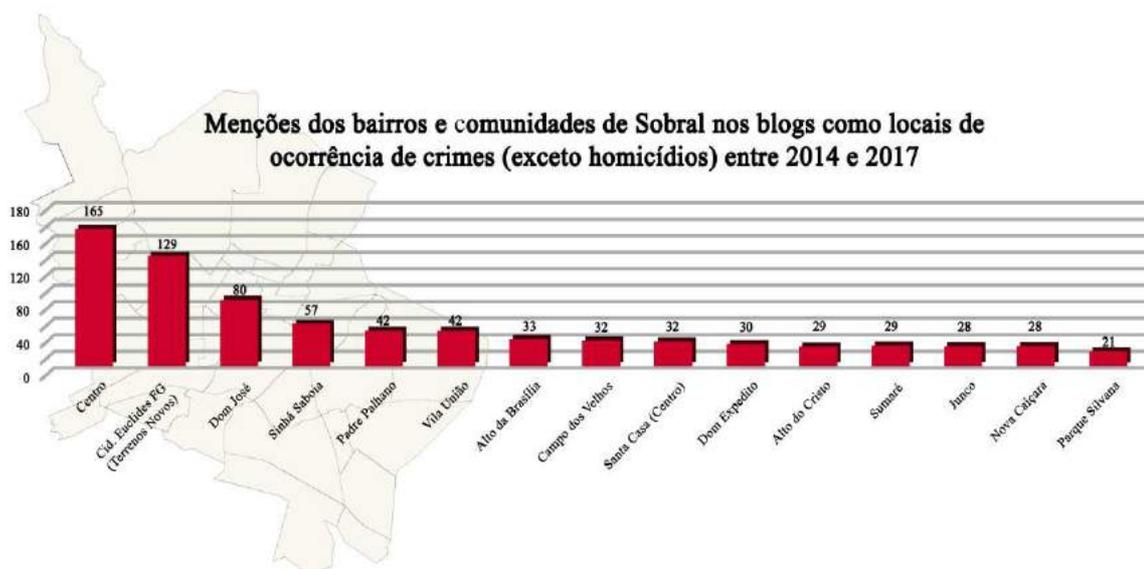
<sup>83</sup> Enfatiza-se que são dados obtidos apenas a partir da observação dos blogs locais, sem o cruzamento com dados da SSPDS-CE, pois o objetivo é verificar a formação de percepções, constituídas a partir dos relatos da

homicídio, analisado em separado anteriormente. O objetivo é verificar se a conjunção dos relatos de crimes coincide com a percepção de medo dos respondentes da pesquisa.

A partir dos dados, foi elaborado o gráfico a seguir, cuja graduação vai do bairro com mais menções como cenário de práticas criminosas aos menos mencionados. Para efeito de análise, foram listados apenas os 15 mais mencionados.

Percebe-se com o gráfico que a maior parte dos locais que figuram no noticiário policial coincidem com os de ocorrência de homicídios em Sobral, ou seja, há realmente áreas na cidade onde devido a uma correlação de fatores, como a segregação socioespacial, condições socioeconômicas precárias e forte presença do crime organizado, é maior a incidência de atos contra a vida.

**Gráfico 14** - Menções dos bairros e comunidades de Sobral nos blogs como locais de ocorrência de crimes (exceto homicídios) entre 2014 e 2017



Fonte: Blogs Sinhá Saboia e Sobral 24 Horas. Elaborado pelo autor

Contudo, é importante salientar que o bairro onde, segundo as notícias veiculadas, há maior incidência de crimes é o Centro (165), e mesmo sem somar as ocorrências na Santa Casa (32) e no Tamarindo (6). Além disso, ao se comparar estas áreas com o mapa de percepção, verifica-se que há certa discrepância, especialmente em relação ao Nova Caiçara, que mesmo não figurando entre áreas de maior incidência deste tipo de ocorrência, foi apontado como o bairro “mais violento” de Sobral.

---

média. Cada ato criminoso foi registrado uma única vez, mesmo tendo repercussão em diversos blogs ou por vários dias, no caso dos crimes de maior comoção, pois o objetivo é verificar a quantidade de vezes que os bairros figuram como locais de práticas criminosas.

Percebe-se então que o Nova Caiçara não é o bairro onde ocorre o maior número de homicídios em Sobral, nem mesmo é o principal bairro noticiado como cenário de crimes, além de não ser dos piores em relação a infraestrutura, pelo contrário, já foi entregue com diversos serviços básicos indisponíveis em outras áreas da cidade, como rede de esgoto, iluminação e pavimentação. Apesar dos números baixos de ocorrências em relação ao restante da cidade, é listado como parte de uma das áreas mais violentas pelos próprios agentes da segurança pública, tendo seus indicadores de homicídios somados aos dos bairros vizinhos Vila União e Terrenos Novos, do qual fez parte inicialmente (conforme nota da página 103). Então o que levou o local a adquirir tal representação? Esta discussão é feita no capítulo a seguir.

#### 4 UM DISCURSO DE SEGREGAÇÃO

*O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 2003, p. 14).*

No trabalho, em casa, em um restaurante, barzinho ou lanchonete, quem vive em Sobral já deve ter ouvido algum conhecido perguntar: “viu o que saiu no blog?”. Normalmente, são notícias sobre crimes, acidentes, ou em períodos de disputas eleitorais, sobre algum boato acerca de um dos candidatos envolvidos no pleito.

De acordo com a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira” (BRASIL, 2016), o meio de comunicação apontado como o mais utilizado pelas pessoas para se informar foi a televisão, com 89% das menções, seguido pela internet, com 49%. O rádio foi mencionado por 30% dos entrevistados (os entrevistados podiam apontar mais de um meio de comunicação). Contudo, em uma cidade do porte de Sobral, que não conta com grandes veículos tradicionais de notícias diárias, como jornal impresso e TV<sup>84</sup>, o rádio ainda tem muita relevância para a obtenção de informações sobre os acontecimentos locais, mas a demanda é atendida de forma mais expressiva pela atuação dos blogueiros, muitos dos quais radialistas que adotaram esta mídia como forma de ampliar sua relevância junto ao público.

Com a popularização de aplicativos de mensagens instantâneas em aparelhos celulares, especialmente o WhatsApp, o dinamismo da atuação destes blogueiros garantiu-lhes o incremento crescente de público. Enquanto um blogueiro recebe as informações via WhatsApp e logo parte para confirmar sua veracidade, tendo a possibilidade de postar quase imediatamente as notícias, um meio tradicional, como TV, jornal impresso ou rádio deve operar dentro de uma dinâmica menos ágil, levando em consideração uma grade de programação e sua própria lógica de produção.

Mas se o dinamismo é o diferencial positivo dos blogs em relação às mídias tradicionais, também pode ser apontado como um problema, pois informações incompletas, exageradas e por vezes inverídicas podem facilmente ganhar repercussão por causa de uma

---

<sup>84</sup> O único jornal impresso local a circular atualmente é o Correio da Semana, mas como o nome já diz, é semanal. Quanto a TV, como anteriormente mencionado, a única local é a NordesTV, mas ela produz a maior parte de seu conteúdo na capital, Fortaleza.

apuração<sup>85</sup> apressada e mal feita<sup>86</sup>. Em muitos momentos, é possível verificar em blogs uma chamada de efeito, com uma manchete contundente, como “‘chuva de balas’ em Sobral”, acompanhada apenas da frase “em breve teremos mais informações sobre o crime ocorrido há alguns momentos”, sem responder a qualquer uma das questões fundamentais do texto jornalístico, que compõem a base do lide (*lead*), ou seja, o que, quem, como, onde, quando e por que.

Por causa desta influência junto ao público consumidor de notícias em Sobral, os blogs assumem, junto aos veículos de mídia tradicionais, um papel relevante na manutenção e difusão de imagens mentais sobre ações, fatos, instituições e pessoas. Dessa forma, os discursos veiculados nestes blogs reproduzem e ajudam a massificar determinadas percepções da realidade socioespacial.

Ao desempenhar este papel na massificação de percepções, os blogs ajudam na reconstrução da realidade e, dessa forma, é importante abrir espaço para elencar os blogs entre os objetos de análise desta pesquisa, desenvolvida sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme será discutido nas páginas seguintes. Segundo essa perspectiva de análise, mais do que apenas o discurso por si mesmo, mas o contexto de sua produção e reprodução, bem como seu impacto nas práticas socioespaciais são fundamentais para a compreensão de determinada sociedade, seus atritos, desigualdades, abusos, enfim, das relações que permeiam o momento sócio histórico no qual estes discursos circulam.

Desse modo, os blogs acabam reforçando estereótipos sobre determinados recortes espaciais e suas respectivas populações, com papel importante no direcionamento da forma como as pessoas se relacionam com estes recortes e entre si. Ao atribuir qualidades, despertam interesse econômico por um bairro. Ao realçar os problemas de outro, que mesmo não sendo o único a apresentá-los, devido o destaque adquirido passam a figurar nas percepções e imaginário como áreas a serem evitadas. Nas palavras de Milton Santos:

---

<sup>85</sup> De acordo com Juarez Bahia (1990, p. 40), a apuração significa o completo levantamento dos dados sobre um acontecimento, que por sua vez servem de matéria-prima para se escrever a notícia, ou nas palavras do autor, “É o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto”. O método de apuração utiliza determinadas práticas, dentre as quais a observação de eventos e de seus desdobramentos, a realização de entrevista com fontes de informações, consulta e análise de documentos etc.

<sup>86</sup> A apuração mal feita é tema de diversos estudos sobre a prática do fazer jornalístico, mas se deve fazer uma ressalva aos profissionais do jornalismo, pois muitos dos problemas de apuração se devem ao tempo exíguo imposto pela verdadeira linha de produção nas quais foram transformadas as redações dos veículos de comunicação, com equipes cada vez mais enxutas e cobradas para a realização de múltiplas tarefas, limitando sua capacidade de produção de material mais aprofundado e com análises mais maduras. Há ainda a questão dos interesses econômicos por trás dos veículos de comunicação, tema que dispõe de vasta bibliografia.

É a mídia o grande veículo desse processo ameaçador da integridade dos homens. Virtualmente possível, pelo uso adequado de tantos e tão sofisticados recursos técnicos, a percepção é mutilada, quando a mídia julga necessário, através do sensacional e do medo, captar a atenção (SANTOS, 1992, p. 8).

E o impacto mais direto desta operação é o reforço do processo de segregação socioespacial. Ora, se um determinado bairro é visto como perigoso ou violento, logo os moradores de outros bairros passam a evitá-lo. O resultado disso é que mesmo os representantes do poder público passam a atuar naquele local com receio, não desempenhando suas funções como desempenhariam em áreas onde se sentiriam mais seguros, enxergando a população com certa desconfiança e, como é uma relação de mão dupla, também passam a ser vistos da mesma forma pelos moradores. Este distanciamento amplia o abismo entre o Estado e as pessoas que mais necessitam de políticas públicas, e até mesmo entre comunidades vizinhas, somando mais um elemento para o estabelecimento de um poder paralelo, o poder do crime organizado, e por consequência, dos territórios da violência e do medo tratados nos capítulos anteriores.

Por isso, as notícias e suas manchetes, publicadas entre 2014 e 2017, são objetos deste estudo, uma forma de verificar nestes gêneros discursivos específicos o reflexo de outros discursos, no que seria um interdiscurso. Sob esta perspectiva, não se pode declinar da necessidade de uma compreensão mínima sobre a forma de produção das notícias nos blogs, bem como de se conhecer a trajetória de ocupação dos bairros Nova Caiçara e Renato Parente que, conforme tratado no capítulo anterior, foram escolhidos por uma série de fatores, como sua proximidade espacial e discrepância quanto à visão que suscitam na sociedade.

São muitas informações, muitos conceitos, mas que serão tratados o mais claramente possível iniciando-se pela perspectiva de análise adotada, a Análise Crítica do Discurso, cujas premissas interdisciplinares e de engajamento social condizem com a proposta desta pesquisa.

#### **4.1 – A Análise do Discurso**

A vida em sociedade é mediada pelos discursos. Das leis às concepções de mundo, de religiosidade, de estética, de ética, cada viés das relações humanas guarda, em si, um caráter discursivo. Tomando esta premissa como base, estudiosos de diversas ciências têm recorrido à Análise do Discurso (AD) para compreender a realidade social em diferentes contextos. Este caráter multidisciplinar gerou diversas correntes na AD, cada uma voltada para objetivos específicos de seus utilizadores.

Por estar no entrecruzamento das ciências humanas, a *análise do discurso* é submetida a uma grande instabilidade. Há analistas do discurso mais sociólogos, outros mais linguistas, outros mais psicólogos. A essas divisões acrescentam-se as divergências entre múltiplas correntes. Assim, nos Estados Unidos, a análise do discurso é bem marcada pela antropologia, ao passo que, na França, desenvolveu-se, nos anos de 1960, uma *análise do discurso* de orientação mais linguística e marcada pelo marxismo e pela psicanálise (MAINGUENEAU, 1998, p. 14).

Mais do que um “mundo discursivo”, intangível, os discursos afetam diretamente a constituição do mundo real. A partir desta premissa, as cidades são mais do que os fixos que a compõem. Os seus fluxos são discursivamente ordenados, ressignificados e assumem novas modalidades e objetivos de acordo com os interesses da população que habita a cidade (ideal) ou daqueles que detêm o poder de comando simbólico e econômico.

Estudiosos do discurso apoiam-se em inúmeras vertentes teórico-metodológicas para analisar discursos de diversos gêneros, desde as falas de políticos, notícias de jornais, textos literários, às entrevistas de emprego e conversas entre vizinhos, buscando compreender como os discursos impactam na manutenção de uma ordem social sob a égide de uma ideologia<sup>87</sup> hegemônica<sup>88</sup>. Orlandi afirma que a AD tem os seguintes objetivos:

Em suma, a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2003, p. 26-27).

Desse modo, a AD aponta que há uma relação fundamental entre linguagem e ideologia. Os discursos só fazem sentido para os enunciadores<sup>89</sup> e ouvintes porque ambos estão, sem que se deem conta disso, sob a influência da ideologia. Como afirma Orlandi (2003, p. 20), “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós”.

Então, o trabalho de um analista do discurso poderia ser definido como uma espécie de investigação, na qual, através da determinação de um conjunto de conceitos, ele tenta localizar, na materialidade linguística, os traços da ideologia. Mas vale ressaltar que seu papel

<sup>87</sup> O conceito de ideologia será retomado posteriormente, pois há contradições, por exemplo, entre a vertente francesa da AD, que utiliza a conceituação proposta por Althusser, e a ACD defendida por Fairclough, adotada neste estudo.

<sup>88</sup> Aqui, segue-se o conceito de hegemonia cultural, como formulado por Antônio Gramsci, segundo o qual, de forma resumida, é um conjunto de ideias dominantes em uma determinada conjuntura social, política, cultural e econômica. Através da hegemonia cultural, uma classe social domina outra ou o conjunto de todas as outras, respondendo pela direção intelectual e moral em dado momento sócio histórico. Ver, por exemplo, Os Intelectuais e a Organização da Cultura (GRAMSCI, 1992).

<sup>89</sup> Sujeito responsável pela emissão de enunciados.

não é “interpretar” textos. A análise não é livre, mas presa a amarras oferecidas por um cabedal de conceitos pré-selecionados. Como afirma Rêgo (2006, p. 15), “através deste recorte de conceitos torna-se impossível obter um mesmo resultado em duas análises sobre um mesmo objeto a partir da utilização de diferentes conceitos”.

A perspectiva da AD é a de que há muito mais em uma comunicação entre dois indivíduos do que um emissor, um código, um canal e um receptor<sup>90</sup>. Esse algo mais é exatamente o discurso, definido de forma sucinta por Orlandi (2003, p. 15) como “palavra em movimento” ou, como destaca a autora, é para Michel Pêcheux o “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2003, p. 21).

Ao se definir o discurso como “efeito de sentidos entre locutores”, o esquema elementar de comunicação é desfeito, quebrando sua linearidade, colocando emissor e receptor em um mesmo nível. Os locutores (ou interlocutores) se revezariam entre os papéis de emissor e receptor, atuando em conjunto na produção de sentidos em uma relação dialética. Vale questionar que tipo de sentido é produzido entre os locutores. Ao estabelecerem essa parceria, cujo resultado é um discurso, os locutores reafirmam, de forma direta ou reformulada, a ideologia vigente, concretizando a materialidade ideológica.

Sendo assim, as características do discurso estão diretamente ligadas à forma como os locutores interagem. Segundo Osakabe:

Do ponto de vista de sua natureza, o discurso caracteriza-se inicialmente por uma maior ou menor participação das relações entre um eu e um tu [interlocutores]; em segundo lugar, o discurso caracteriza-se por uma maior ou menor presença de indicadores de situação; em terceiro lugar, tendo em vista sua pragmaticidade, o discurso é necessariamente significativo na medida em que só se pode conceber sua existência enquanto ligada a um processo pelo qual um eu e um tu se aproximam pelo significado; e, finalmente, o discurso tem sua semanticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre suas pessoas (eu/tu) e as pessoas da situação, entre seus indicadores de tempo, lugar, etc. da própria situação (OSAKABE, 1999, p. 20-21).

Se os percussores da AD preocupavam-se apenas com a dimensão textual do discurso, posteriormente a dimensão do contexto de produção destes discursos assumiu o protagonismo nas análises. Contudo, outra corrente somou a estas inquietações a dimensão da prática social, ficando conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD).

---

<sup>90</sup> Respectivamente, quem fala, o que se fala, através do que se fala (rádio, ar, telefone etc.) e para quem se fala.

## 4.2 – A Análise Crítica do Discurso

Para um dos expoentes desta vertente de análise, Teun van Dijk, “a *análise do discurso* em si não é um *método*; antes, constitui um domínio de práticas acadêmicas, uma transdisciplina distribuída por todas as ciências humanas e sociais” (VAN DJIK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017, p. 11). Além disso, para ele, não se trata apenas de analisar o discurso pelo seu significado literal, mas o seu uso como forma de exercício de poder, e não qualquer tipo de poder. Em sua perspectiva, as análises “se concentram no *abuso* de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdades e injustiças sociais” (VAN DJIK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017, p. 10).

De acordo com o autor, este abuso de poder se manifesta nos discursos (e na língua propriamente dita) quando há a possibilidade de escolha de termos para representar determinados elementos do mundo. Exemplo disso é quando a imprensa, dependendo dos personagens envolvidos no fato, escolhe como qualificá-los. Se o filho de uma juíza é preso portando drogas, na manchete ele é referido como “suspeito” ou com qualificadores, e as manchetes são variações de algo como “estudante é preso com drogas”, usando muitas vezes exatamente a voz passiva na frase, como forma de minimizar o seu ato. Quando o preso é uma pessoa pobre, normalmente as manchetes trazem frases como “polícia prende traficante” ou “polícia tira mais um bandido de circulação vendendo drogas”, atribuindo a ação aos agentes do Estado, deixando claro que a ação do personagem é passível de uma punição justificada.

Desse modo, para van Dijk, os Estudos Críticos do Discurso (termo que ele prefere empregar, ao invés de ACD), devem levar em consideração algumas metas, sendo a primeira que devem focar no “estudo da reprodução discursiva do abuso de poder” (VAN DJIK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017, p. 15), sendo o abuso de poder, o uso indevido do poder, ou seja, o uso do poder por parte de um determinado grupo sobre outro(s) para manter seus privilégios. Mas não é tudo:

Os Estudos de Discurso, mais especificamente, podem ser definidos como “críticos” se satisfazem um ou vários dos seguintes critérios, em que “dominação” significa “abuso de poder social por um grupo social”:

- Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse.
- As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante.
- Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas.
- Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados (VAN DJIK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017, p. 15).

Esta perspectiva de estudo do discurso já havia sido proposta por outro autor. Em seu livro, *Discurso e Mudança Social*, considerado precursor dessa vertente de análise, Norman Fairclough trabalha conceitos fundamentais para a ACD, como discurso, texto, prática discursiva, ordens do discurso, prática social, ideologia e hegemonia, estabelecendo suas bases teórico-metodológicas. Ele afirma que sua proposta ao usar o termo “discurso” é de “considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLAUGH, 2001, p. 90-91). Para o autor, o discurso “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLAUGH, 2001, p. 91).

Estabelece-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social: discurso é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a construir as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças (MAGALHÃES, 2001, p. 17).

Desse modo, em seu trabalho, Fairclough leva em consideração três questões básicas:

- (1) as relações dialéticas entre discurso e práticas sociais;
- (2) o grau de conscientização que as pessoas têm (ou, o mais provável para ele, não têm) acerca dessas relações; e
- (3) o papel essencial dos discursos nas mudanças sociais (OLIVEIRA; CARVALHO, 2013, p. 282).

Em outras palavras, a proposta de Fairclough é de que a ACD leve em conta três níveis de interpretação: o texto propriamente dito (escrito, imagético, uma fala etc.), a prática discursiva e a ordem do discurso (interdiscurso) e as práticas e ações sociais. Por isso, a visão de Fairclough é conhecida como um quadro tridimensional de análise.

A ACD, na minha visão, é muito mais uma teoria, que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material, que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social. Além do mais, esta perspectiva tem uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais, com eles engajando-se não apenas de maneira interdisciplinar, mas transdisciplinar, entendendo que coengajamentos particulares sobre determinados aspectos do processo social devem suscitar avanços teóricos e metodológicos que perpassem as fronteiras das várias teorias e métodos. Dito isso de outra maneira, todos nós deveríamos estar abertos a diferentes lógicas teóricas, a sua “interiorização”, tornando possível transformar as relações que existem entre elas (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 307-308).

Percebe-se que, para Fairclough, os conceitos de discurso e práticas sociais são fundamentais. Quanto ao discurso, o autor o encara como uma forma de ação sobre o mundo e sobre as outras pessoas e, também, como forma de representação. O discurso seria, então,

moldado e restringido pela estrutura social, “pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação” (FAIRCLAUGH, 2001, p. 91). E o autor vai além:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLAUGH, 2001, p. 91).

Ou seja, é através do discurso que os seres humanos interagem entre si, pois é a partir dele que eles constroem sua compreensão sobre o mundo, sobre si e sobre os outros seres humanos. Daí vem o poder do controle sobre a produção de discursos em uma sociedade. Como afirma van Dijk (2017, p. 18), “se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar”, ou de maneira mais clara “se somos capazes de influenciar as mentes das pessoas – por exemplo, seu conhecimento ou suas opiniões -, podemos indiretamente controlar (algumas de) suas ações, tal como sabemos, a partir da persuasão e da manipulação” (VAN DIJK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017, p. 118).

Assim, o controle sobre a produção dos discursos representa poder sobre a sociedade como um todo, o que levou Fairclough, inspirado por Gramsci, a conceituar hegemonia como:

[...] o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios (FAIRCLAUGH, 2001, p. 122).

Quanto à concepção de prática social, Fairclough afirma que:

[...] nos permite combinar as perspectivas de estrutura e de ação – uma prática é, por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las. Todas são práticas de produção, arenas dentro das quais a vida social é produzida, seja ela econômica, política, cultural, ou cotidiana (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 308).

E o autor acrescenta que toda prática discursiva inclui os seguintes elementos: atividade produtiva; meios de produção; relações sociais; identidades sociais; valores

culturais; consciência; e semiose, que embora sejam diferentes, estão dialeticamente relacionados. De forma resumida, segundo Fairclough,

A ACD é a análise das relações dialéticas entre semioses (inclusive a língua) e outros elementos das práticas sociais. Essa disciplina preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas. O papel da semiose nas práticas sociais, por sua vez, deve ser estabelecido por meio de análise. A semiose pode ser mais importante e aparente em determinada ou determinadas práticas do que em outras, e sua importância pode variar com o passar do tempo (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 309).

E a semiose, essa construção de imagens da materialidade do mundo, atua, segundo ele, de três formas: 1) como parte da atividade social inserida em uma prática, por exemplo, o jornalismo, que constrói a imagem de isenção, imparcialidade e de defensor dos interesses da sociedade, especialmente do direito à informação, e para tal, os profissionais desta área estabelecem toda uma forma de atuar, de se comportar e de emitir seus discursos; 2) nas representações, ou seja, os jornalistas não refletem apenas sobre suas práticas, não atuam apenas na construção de sua autoimagem, mas também na construção de outras representações sociais, de outros papéis e práticas sociais onde estão inseridos, por exemplo, ao emitirem discursos sobre determinadas figuras públicas, empresas, comunidades etc.; 3) e os atores sociais reproduzem representações de formas distintas, dependendo de sua posição dentro de suas práticas, por exemplo, um jornalista patrocinado por uma empresa, dificilmente construirá discursos que venham a denegri-la, da mesma forma que trabalhando em um grande veículo, o jornalista acaba tendo de preservar os interesses deste veículo, diferentemente do que venha a publicar em seu blog pessoal, ou um jornalista especializado em jornalismo policial utiliza uma linguagem diferente daquela de um jornalista da área cultural.

E se atuam na significação e ressignificação do mundo, as práticas discursivas têm um papel fundamental sob e sobre a ideologia, que na visão de Fairclough (1989) é constituída por pressupostos do senso comum subentendidos ou implícitos nas convenções de interação linguística entre as pessoas, mas das quais elas geralmente não têm consciência.

Ao passo que os discursos atuam na manutenção da ideologia, um contra discurso, ao impor-se sobre o discurso dominante, atua em sua desconstrução. Exemplo disso é a ideologia de dominação de determinados grupos sobre outros, a exemplo dos brancos sobre os negros, representada pelo discurso racista apoiado, por exemplo, em sua relação com o discurso religioso, científico etc. A partir do momento em que este grupo iniciou a defesa de um

discurso de igualdade, impondo-se através de diversas práticas discursivas (atos, falas, textos etc.), abalou a ideologia de superioridade branca. Nas palavras de Fairclough:

Todo discurso é ideológico? Sugerir que as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. Em princípio, as relações de poder podem ser afetadas pelas práticas discursivas de qualquer tipo, mesmo as científicas e as teóricas. Isso impede uma oposição categórica entre ideologia e ciência ou teoria que alguns autores que escrevem sobre linguagem/ideologia sugerem (Zima, 1981; Pêcheux, 1982). Mas daí nem todo discurso é irremediavelmente ideológico. As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia. Portanto, não aceito a concepção de Althusser (1971) de 'ideologia em geral' como forma de cimento social que é inseparável da própria sociedade. Além disso, o fato de que todos os tipos de discurso são abertos em princípio, e sem dúvida de certo modo concretamente, ao investimento ideológico em nossa sociedade não significa que todos os tipos de discurso são investidos ideologicamente no mesmo grau. Não deve ser muito difícil mostrar que a publicidade em termos amplos é investida com mais vigor do que as ciências físicas (FAIRCLAUGH, 2001, p. 121-122).

Para uma melhor compreensão dos conceitos aqui empregados e por uma dinamização maior deste estudo, a partir deste ponto eles serão desenvolvidos à medida que forem usados na análise.

### 4.3 O Gênero Discursivo dos blogs

A discussão sobre a ação da semiose leva à compreensão de um conceito fundamental: o *gênero discursivo*, que segundo Fairclough,

[...] são as maneiras diversas de agir, de produzir a vida social semiótica. São exemplos: a conversação cotidiana, as reuniões dos diversos tipos de organização, as entrevistas políticas e de outros tipos, e as críticas de livros. A semiose na representação e autorrepresentação de práticas sociais constitui os discursos, que são as várias representações da vida social. Os atores sociais posicionados diferentemente veem e representam a vida social de modo distinto, com discursos distintos. A vida de pessoas pobres, por exemplo, é representada nas práticas sociais do governo, da política, da medicina, da ciência social, e os diferentes discursos, inseridos nessas práticas, correspondem às diversas posições dos atores sociais (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 310).

Assim, os gêneros discursivos são modelos genéricos e familiares de discurso usados no cotidiano, como cartas, notícias de jornal, leis, artigos acadêmicos, entrevistas, confissões, atas, poesias, músicas, fotografias e mais recentemente, os memes de internet. Enfim, são formas de se construir e difundir discursos. Enquanto alguns são mais comuns, outros, por serem mais específicos de determinadas atividades especializadas, como gêneros do discurso

jurídico, ou mesmo aqueles com os quais a maior parte da população não tem contato frequente, escapam à atenção.

Mas Fairclough (2001) alerta que, embora seja útil recorrer a um arcabouço analítico com um universo pequeno de categorias, como “gênero”, “estilo”, “registro” e “discurso”, que são claramente diferenciáveis e tornam possível a revelação de práticas discursivas como reguladas por convenções sociais, decidir em que momento se está lidando com cada conceito pode representar uma armadilha para o analista.

Fairclough afirma que cada um deles se aplica a um domínio diverso e heterogêneo e que por vezes as razões que motivam seu emprego não são claras. O autor reconhece que é possível que tenhamos que recorrer a termos, como “tipo discursivo”, por exemplo, utilizado de forma bastante abrangente por Fairclough. “Tipo discursivo” seria para ele “qualquer tipo de convenção”. Fairclough coloca ainda que devemos reconhecer que não há e nem poderia haver uma lista de gêneros, estilos ou discursos, e que “constantemente nos defrontamos com o que parecem ser decisões arbitrárias, decisões estas influenciadas pelo ponto de partida de cada análise, sobre se algo constitui ou não uma instância diversa de um destes tipos” (OLIVEIRA, 2001, p. 164-165).

Desse modo, Fairclough enfatiza as categorias “gênero”, “tipo de atividade” e “estilo”, que segundo ele são diferentes elementos da ordem do discurso. Para ele, o gênero abarca os demais, pois representa, em certa medida, práticas sociais determinadas. Abaixo de gênero, em termos de autonomia decrescente, encontram-se discurso, estilo e tipo de atividade.

Pelas necessidades de interação social, os gêneros discursivos acabam sendo contaminados por outros gêneros, em uma relação de reconstrução mútua. Exemplo disso são os já mencionados memes de internet, que unem pequenos textos de humor à imagética, normalmente imagens da cultura pop ou oriundas de vídeos que despertaram a atenção de um número considerável de pessoas na rede, os assim chamados “virais”, ou o gênero político, que muitas vezes recorre ao gênero sermão religioso para justificar determinadas posturas.

Esse processo de hibridização de gêneros se dá por meio da intertextualidade, quando um texto faz alusão direta a outro texto, ou uma fala cita outra fala, por exemplo, ou pela interdiscursividade, quando um discurso remonta a outro discurso de forma direta ou subentendida, ou seja, “a constituição de um texto a partir de discursos e gêneros diversos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 39). Desse modo, toda intertextualidade implica em uma interdiscursividade, mas nem toda interdiscursividade<sup>91</sup> implica em uma intertextualidade.

---

<sup>91</sup> Os discursos entrecruzados por outros discursos, chamado por Jacqueline Authier-Revuz (1990) de heterogeneidades. Esse conceito aproxima-se do interdiscurso, que segundo Orlandi (2003, p. 54), é “a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas que vão construindo uma história de sentidos. É sobre esta memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um

O termo interdiscursividade está reservado para os textos e as interações: a interdiscursividade de um texto é parte de sua intertextualidade, é uma questão de quais gêneros, discursos e estilos os constituem, e como, no texto, esses aspectos são trabalhados para formar articulações particulares (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 311).

Assim, o gênero “notícia” poderia englobar tanto notícias veiculadas pela mídia tradicional quanto aquelas veiculadas pelos blogs, e o que as diferenciaria seria o “estilo”, pois qualquer que seja este estilo, estará contaminado por diversos discursos, dependendo dos objetivos do enunciador, ou seja, pelo discurso religioso, científico, jurídico etc. Contudo, as diferenças nos processos de produção e consumo de ambos promovem um afastamento maior do que apenas em estilo. Ora, se o gênero não seria o texto em si, mas o conjunto formado pelos processos de sua produção, distribuição e consumo, ações que variam conforme a atividade à qual estão associados, e a atividade, por sua vez, é composta por um conjunto sequencial e específico de ações e pelos seus participantes, a categoria “as notícias veiculadas pelos blogs” poderia ser considerada um gênero específico, pois estes textos são produzidos a partir da ação de determinados profissionais que buscam os fatos e os convertem em notícias, seja através de textos escritos, imagens ou falas, que depois de prontos são rapidamente veiculados para o público, que o consome através de dispositivos de fácil acesso, como computadores, *tablets* e *smartphones*, em sua maioria, em qualquer lugar ou horário, selecionando os conteúdos que mais lhes interessam. Ao consumir a notícia, o público interage com os produtores, seja comentando, seja enviando e-mails, e a partir destas reações os responsáveis pelos blogs reformulam e direcionam suas próprias ações, em uma construção dialética, muitas vezes até imediata, como quando cometem erros de escrita ou utilizam termos considerados pejorativos ou ofensivos pelo seu público, que podem corrigir imediatamente quando alertados nos comentários.

Mas qual a diferença marcante entre os blogs dos grandes portais de notícias tradicionais?

É exatamente o perfil dos envolvidos e seu processo de produção. Enquanto a mídia tradicional tem de contar com jornalistas de formação, profissionais, que seguem normas rígidas de conduta, tanto de linguagem quanto de ética e estética, pautando sua atividade em determinados preceitos formais, não é preciso toda essa formalidade para se criar um blog. Qualquer pessoa, de qualquer perfil social, econômico ou etário pode criar um blog focado em

---

lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem”.

qualquer assunto, inclusive de notícias, e mantê-lo, tendo apenas que dispor de acesso à internet, conhecimento mínimo e de tempo para se dedicar à sua atualização.

Essa democratização do ato de emissão de conteúdos, tão próprio da internet, é que permitiu a multiplicação exponencial de blogs. E quanto ao público, sua relação com o blog se torna mais direta. A audiência dos blogs os encara com uma maior proximidade, por serem produzidos por “gente da gente”, por usarem linguagem popular, preocupando-se mais com a agilidade da veiculação e com o conteúdo em si, pois muitas vezes o que é pauta nos blogs não ganha espaço na mídia tradicional. Uma briga de vizinhos pode virar pauta em um blog focado em determinada comunidade, mas dificilmente estará entre os conteúdos de um portal de notícias ligado a um grupo de comunicação renomado, a menos, é claro, que chegue às “vias de fato” e ocasione danos sérios ou vítimas.

Cabe uma reflexão importante sobre o papel social dos blogs e dos veículos de comunicação tradicionais. Pelo modo de operação e pelos seus operadores, os blogs foram muito criticados quando começaram a se popularizar como alternativa para o consumo de notícias, sendo encarados como uma forma marginal ou inferior. Contudo, essa visão é mais um viés da hegemonia ideológica. Ao romper com o paradigma de produção de notícias, que obrigatoriamente deveria ser produzida por profissionais “neutros” e “isentos” em relação aos fatos, permitindo agora que mesmo os envolvidos consigam, caso assim o queiram, publicizar suas interpretações dos acontecimentos, os blogs assumem um papel importante no processo de construção de significados sociais. Mas sua análise deve ser feita com cautela, pois mesmo o analista socialmente engajado deve evitar encará-los com certo heroísmo, que seria tão grave quanto assumir a visão depreciativa hegemônica.

Do mesmo modo como os jornais impressos e demais veículos de jornalismo tradicionais, os blogs de notícias também podem se focar em acontecimentos de determinados locais (um número bastante significativo) ou serem generalistas. É muito comum haver blogs que enfatizam os acontecimentos de determinados bairros (recebendo até mesmo o nome do bairro sobre o qual tratam, como o blog Dom Expedito ou o Sinhá Saboia, em Sobral), embora noticiem o que acontece em outros pontos da cidade onde atua o blogueiro, do estado, do país e do mundo. O critério de seleção do que será veiculado não segue o padrão de noticiabilidade tradicional do jornalismo, baseado em diversos preceitos, dentre os quais o impacto social da notícia, mas sim o que atrai a atenção do blogueiro, em uma escolha mais intuitiva do que objetiva.

As notícias veiculadas pelos blogs caracterizam um gênero discursivo, mas assim como os demais gêneros, está entranhado por muitos outros, carregado por discursos diversos

e ideologia<sup>92</sup>. Nos blogs, o gênero notícia está em constante interação com o gênero imagem (ou fotojornalismo), gênero e-mails e com o gênero comentários. Em uma relação cíclica, os blogs reproduzem e reconstróem discursos em forma de notícias que, quando decodificados pelos seus leitores, geram novas interpretações. Mesmo com múltiplas interpretações, o núcleo discursivo permanece, como a ideia de que os pobres moradores de áreas carentes são, por natureza, mais propensos a cometerem atos de violência, ideia que acaba reproduzida e compartilhada até mesmo por essas pessoas, mesmo que direcionando a generalização para outras subcategorias. O discurso é ressignificado, e as pessoas pobres, moradoras de comunidades carentes, não assumem uma autoimagem de violentas, mas estabelecem essa imagem aos jovens pobres, ou os jovens pobres e negros/pardos, moradores de áreas específicas daquela comunidade, e assim por diante.

Em poucas palavras, o gênero discursivo não se trata apenas do texto, mas do seu processo de produção e reprodução dentro de um determinado contexto sócio histórico. Ele traz em si a ideologia e as imagens que são compartilhadas por um determinado grupo social, ou comunidade discursiva, como define Swales (1993, p. 9): “redes sociorretóricas que se formam a fim de atuar juntas em favor de um conjunto de objetivos comuns”.

Segundo Swales (1990), uma *comunidade discursiva* deve possuir propósitos comuns e mecanismos de intercomunicação; usar esses mecanismos de participação principalmente para prover informação; utilizar e possuir um ou mais gêneros que garantam a continuidade do evento comunicativo; utilizar um léxico específico e possuir uma quantidade de membros com grau adequado de conhecimento pertinente ao evento (CARMO, 2001, p. 147).

Dessa forma, por ser um mecanismo de compartilhamento de discursos entre os membros de uma mesma comunidade discursiva, ou seja, grupo que engloba os produtores das notícias e os seus consumidores, e que dialeticamente buscam a solidificação de determinadas concepções de mundo, as “notícias veiculadas pelos blogs” podem ser consideradas um gênero discursivo.

Vale enfatizar que o mundo é significado e representado por signos sócio historicamente constituídos, ou seja, os signos são carregados de ideologia. A constituição de significados representa poder para quem a controla (BOURDIEU, 1989). Mas os sentidos estabelecidos, como são sócio históricos, não são eternos, podem ser alterados para satisfazer a novos interesses e, desse modo, o mundo discursivo está em constante processo de ressignificação. Além disso, essa significação de mundo não é algo puro, não é isento de

---

<sup>92</sup> Há aqui uma aproximação do conceito de polifonia, de Bakhtin, que nas palavras de Brandão (1996, p. 91) se refere “à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro”.

interpretações e reinterpretações pelos diversos atores discursivos, sendo constituída através de um processo que mistura múltiplas vozes, indeterminadas, uma heterogeneidade discursiva, fazendo com que cada pessoa assuma um papel polifônico em uma semiose infinita, que nas palavras de Sousa seria:

A semiose infinita é o entrelaçamento sem fim de sistemas heterogêneos onde estão presentes operações da ordem do ideológico, do poder, do psicológico, do linguístico e do social, cujas consequências se revelam na construção do mundo discursivo. Estamos no interior da heterogeneidade que nos transforma em seres polifônicos, construtores de discursos que sempre vão gerar outros repletos de vozes que nem sempre sabemos de onde vêm. Entendo discurso como algo que construímos a partir do que somos, ou seja, a partir das heterogeneidades que cabem em nós sempre visando o *outro*, cujo pensamento é constitutivo do nosso (SOUSA, 1997, p. 90).

Portanto, a relação entre o público e o veículo de comunicação, no caso aqui estudado, blogs e portais de notícias, é estabelecida de acordo com códigos e ideologias que circulam no contexto sócio histórico no qual estão inseridos. Evidentemente os blogs de notícias não seriam os únicos responsáveis pela difusão de determinadas “verdades” socialmente aceitas (senso comum), mas atuariam como mais um canal de reforço destas ideias, que já estariam presentes nas construções mentais de seu público leitor consciente ou, preferencialmente para as classes dominantes, inconscientemente, afinal, como afirma Fairclough:

A ideologia é mais eficaz quando seu funcionamento é menos visível. Se alguém fica ciente de que um aspecto particular do senso comum está sustentando as desigualdades de poder às suas próprias custas, deixa de ser senso comum, e pode deixar de ter a capacidade de sustentar as desigualdades de poder, ou seja, de funcionar ideologicamente. E a invisibilidade é alcançada quando as ideologias são trazidas ao discurso não como elementos explícitos do texto, mas como pressupostos de pano de fundo que, por um lado, levam o produtor do texto a "textualizar" o mundo de uma maneira particular e, por outro, levam o receptor textual a interpretar o texto de uma maneira específica. Os textos geralmente não emitem ideologia de forma explícita. Eles deixam pistas das ideologias para direcionar o receptor a determinada interpretação - e as reproduz no processo!<sup>93</sup> (tradução nossa) (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85).

Para que haja uma melhor compreensão deste gênero discursivo, será feita uma discussão mais aprofundada a seguir.

---

<sup>93</sup> No original: “Ideology is most effective when its workings are least visible. If one becomes aware that a particular aspect of common sense is sustaining power inequalities at one's own expense, it ceases to be common sense, and may cease to have the capacity to sustain power inequalities, i.e. to function ideologically. And invisibility is achieved when ideologies are brought to discourse not as explicit elements of the text, but as the background assumptions which on the one hand lead the text producer to 'textualize' the world in a particular way, and on the other hand lead the interpreter to interpret the text in a particular way. Texts do not typically spout ideology. They so position the interpreter through their cues that she brings ideologies to the interpretation of texts - and reproduces them in the process!”.

#### 4.3.1 O webjornalismo e os blogs

Mesmo com os problemas apontados no início deste capítulo, o dinamismo e facilidade de acesso apresentado pelos blogs levaram à sua popularização. Junto com as páginas jornalísticas, os blogs assumiram bastante relevância na produção de notícias, especialmente nos últimos vinte anos, seguindo aquilo que é chamado de webjornalismo, ou seja, a linguagem jornalística adaptada ao potencial multimídia da rede internacional de computadores, que tem como características a interatividade, customização de conteúdo (personalização), hipertextualidade, multimídia (ou convergência) e a memória (PALÁCIOS; LUCIANA, *et al.*, 2002, p. 4).

A *customização*, também denominada de personalização ou individualização, “consiste na opção oferecida ao usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais” (PALÁCIOS; LUCIANA, *et al.*, 2002, p. 4-5), ou seja, o leitor pode configurar a hierarquização dos conteúdos, formato visual, dentre outras características. Através de diversas ferramentas, os leitores podem, por exemplo, adicionar alertas para receberem apenas determinados tipos de conteúdos de determinados veículos em seus *smartphones*. Desse modo, ele filtraria apenas os conteúdos que considera relevantes, dinamizando seu consumo de informações.

A *hipertextualidade* é a possibilidade de interconectar textos através de links. Assim, no meio de um texto que menciona, por exemplo, uma notícia anterior, o leitor pode clicar sobre o link e ler a notícia citada. A *multimídia* é a convergência de diversos formatos de mídias, como imagens, textos e sons na narração do fato jornalístico, ou seja, a notícia veiculada pode conter apenas o texto simples, mas ter links de vídeos, áudios, imagens, enfim, diversos recursos que enriquecem a experiência de consumo da notícia. Quanto à *memória*, pela natureza da internet, é mais viável técnica e economicamente a acumulação de informações neste meio:

A memória pode ser recuperada tanto pelo produtor da informação, quanto pelo usuário. Sem as limitações anteriores de tempo e espaço, o jornalismo tem a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa. Diferentemente do que sucedia em suportes midiáticos anteriores (impresso, rádio, TV, CD-ROM), a Web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para o material noticioso (sob a forma de texto ou outros formatos midiáticos), bem como permite a disponibilização imediata de informação anteriormente produzida e armazenada, através de material de arquivo (PALÁCIOS; LUCIANA, *et al.*, 2002, p. 5).

Finalmente, dentre as características mencionadas, a que é mais relevante para este estudo é a *interatividade*, ou seja, a notícia *online* permite que o leitor/usuário sinta-se parte do processo de produção da notícia.

Isto pode acontecer de diversas maneiras, entre elas, pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas; através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em sites que abrigam fóruns de discussões; através de chats com jornalistas. [...]

Conclui-se que, neste contexto, não se pode falar simplesmente em interatividade e sim em uma série de processos interativos. Adota-se o termo multiinterativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na Web. Diante de um computador conectado à Internet e acessando um produto jornalístico, o usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros leitores - através da máquina (PALÁCIOS; LUCIANA, *et al.*, 2002, p. 4).

A interatividade acaba alimentando a produção deste tipo de mídia, que opera sob uma lógica menos rígida que os veículos tradicionais, adaptando-se aos interesses apontados pelo seu público, como um *contrato de leitura* mais direto, ou seja, uma espécie de estabelecimento de relação entre o veículo e seu público, ou conforme explica Verón (1985, p. 206), o contrato de leitura é uma espécie de compromisso que os veículos assumem com seu público<sup>94</sup>, oferecendo conteúdos que se articulem corretamente às expectativas, às motivações, aos interesses e aos conteúdos do imaginário do público visado. Mas o contrato, segundo o autor, não é imutável, os responsáveis pelo veículo devem ser capazes de modificar esse contrato de leitura acompanhando a evolução sociocultural, mas devem fazê-lo de uma maneira coerente, sob o risco de provocarem um rompimento do contrato estabelecido<sup>95</sup>.

Mesmo sendo muito parecidos graficamente e tratando dos mesmos assuntos, dois jornais impressos, dois blogs, duas páginas de notícias, podem ser completamente diferentes no que diz respeito ao contrato de leitura. A análise dos contratos de leitura permite destacar as especificidades de um suporte, constituindo sua maneira particular de se relacionar com seus leitores.

Para esta pesquisa, foi selecionado o blog Sobral 24 Horas devido sua longa periodicidade (já tem cerca de 50 mil postagens), por ter interações constantes com o público

<sup>94</sup> O autor trata dos jornais impressos, mas suas reflexões podem ser extrapoladas para os demais veículos.

<sup>95</sup> Desse modo, um leitor assíduo de um blog de notícias policiais sabe que diariamente encontrará relatos de crimes com fotos explícitas neste veículo. Se repentinamente este blog passa a noticiar, por exemplo, a agenda de determinado político deixando de publicar as notícias que seus leitores procuram, poderá perder seu público cativo ou gerar reclamações. Foi o que ocorreu com o blog Sinhá Saboia, que na disputa eleitoral pela prefeitura de Sobral, em 2016, passou a publicar diariamente diversas notícias sobre um dos candidatos, o que gerou reclamação de seus leitores, levando o responsável a escrever uma “nota de esclarecimento” onde se comprometia a não mais seguir com este procedimento (NOTA DE ESCLARECIMENTO!!!. **Blog Sinhá Saboia**. 1 set 2016. Disponível em: <http://bairrosinhasaboia.blogspot.com/2016/09/nota-de-esclarecimento.html>. Acesso em: 22 ago. 2018).

através dos comentários e ser o mais acessado de Sobral, bem como um dos mais acessados no Ceará, segundo dados disponibilizados pelo Ranking de Site<sup>96</sup>, figurando nas listas de clipping<sup>97</sup> de equipes de comunicação de órgãos públicos<sup>98</sup> e empresas privadas, além de agências de assessoria de comunicação, o que reforça sua relevância.

Evidentemente que, ao usar uma metodologia comparativa, não se pode deixar de mencionar outros veículos de relevância regional<sup>99</sup>. No caso desta pesquisa, optou-se por utilizar, para efeitos comparativos e como forma de posicionar o Sobral 24 Horas em um ponto relativamente central em uma escala de relevância, o blog Sobral Agora, como veículo de impacto localizado, apenas na região de Sobral, e o Ceará News 7, portal de notícias que atinge todo o território cearense. Outro fator importante a se tratar neste trabalho é que há um considerável processo de replicação de informações entre os blogs, muitas vezes sem o registro dos créditos das fontes das notícias.

#### 4.3.2 O Blog Sobral 24 Horas

Os procedimentos adotados pela maior parte dos blogs de Sobral são os mesmos. Como uma receita de bolo, atuam basicamente em duas frentes: a primeira, a mais comum, apela para a veiculação de notícias sobre a violência e crimes registrados na região, fatos muitas vezes que não despertam atenção da imprensa tradicional. A segunda, também de grande apelo, foca as questões políticas, muitas vezes operando na manutenção de interesses de determinados grupos de situação ou oposição, dependendo do contexto eleitoral do momento.

---

<sup>96</sup> O Ranking de Site, segundo seus idealizadores, “é uma publicação mensal do comportamento dos sites de notícias e informativos online de todos os Estados brasileiros, o site é atualizado a partir do dia 20 e será finalizado até o final de cada mês, e a coleta das colocações é feita com o ALEXA, sistema líder global em analytics. Ele é o principal fornecedor livre, web métricas globais” (RANKING DE SITES. 29 jan. 2018. Disponível em: <http://www.rankingdesites.com.br/noticia/21242/saiba-mais-sobre-o-ranking-de-sites-como-funciona-quais-seus-criterios-como-anunciar-entre-outras-duvidas/>. Acesso em: 12 ago. 2018). Neste ranking, o Sobral 24 Horas fica atrás, no Ceará, apenas do portal O Povo Online, Portal Verdes Mares (ambos de Fortaleza) e do Site Miséria (Juazeiro do Norte).

<sup>97</sup> Fazer clipping, segundo Araújo e Souza (2008, p. 342), “é a atividade encarregada de identificar, coletar e encaminhar à Assessoria tudo que sair na imprensa sobre determinada empresa, pessoa ou assunto”.

<sup>98</sup> Em seus pregões eletrônicos para a contratação de empresas para prestar o serviço de clipping, os órgãos públicos listam veículos que devem ser priorizados no monitoramento.

<sup>99</sup> Outros blogs e sites de notícias relevantes em Sobral, embora com menor impacto, são o Blog Dom Expedito, O Sobralense, Sinhá Saboia, Sobral Agora, Sobral de Prima, Sobral News, Sobral Online, Sobral Portal de Notícias, Sobral em Revista e Blog do Wilson Gomes.

Imagem 2 - Tela inicial do blog Sobral 24 Horas

Pesquisar

**Sobral 24 horas**  
Notícias da Bola Princesa do Norte, do Brasil e do Mundo!

INICIO ÚLTIMAS NOTÍCIAS \* CURIOSIDADES \* ENTRETENIMENTO \* VIDEOS DIVERSÃO \* ESPORTE POLÍTICA POLÍCIA

RASTREADORES DE MOTOS POR APENAS 10 X R\$ 65,00 - FALE COM KELTON: (88) 9 9975.7272/(88) 9 9299.9212

CLIQUE AQUI E SAIBA MAIS.

**RASTREMENTO EM TEMPO REAL!**  
PROTEJA SEU CARRO PROTEJA SUA MOTO  
Rua Cel. Diogo Gomes, 1672 - Sobral-CE  
88 9 9975.7272 / 88 9 9299.9212

MAURÍCIO VASCONCELOS - CORRETOR DE IMÓVEIS (88) 99208.8406

**ELAJES PREMOLDADOS - TUDO EM PREMOLDADOS PARA SUA CONSTRUÇÃO**  
SEXTA-FEIRA, DEZEMBRO 14, 2016 | 1 COMENTÁRIO

**elges**  
Tudo em premoldados para sua construção.  
(88) 3721.0009  
99224.2450 / 99736.2014

A Pré-moldados que desenvolve soluções com qualidade. Já estamos há mais de três anos no mercado com experiência acumulada de mais de dez anos neste segmento. Trabalhamos com Lajes Treliçadas com Lajes, Cerâmica ou EPS (Isopor), Blocos de Concretos, Pisos Intertravados, Manilhas, Caixas de Passagem, Chapim, Pisos Tátil, Piscigranitos e vários modelos de Combogós (Elementos Vazados) para áreas de ventilação, batôcos e divisão de ambientes. Faça-nos.

Continue lendo.

**POLICIAIS MILITARES DA UNISEG SOBRAL EM AÇÃO**  
SEXTA-FEIRA, DEZEMBRO 14, 2016 | NENHUM COMENTÁRIO

Na noite de ontem (14), dois indivíduos armados de revólver tomaram de assalto dois celulares em frente ao IFCE. Poucos minutos após o crime, PMs da Uniseg Sobral capturaram os criminosos e recuperaram os aparelhos celulares. Os infratores foram presos e conduzidos à Delegacia Regional de Polícia Civil para lavratura do flagrante. Os celulares foram devolvidos aos proprietários, que agradeceu e parabenizou o trabalho da polícia.

Continue lendo.

**Fux determina prisão de Battisti; decisão pode facilitar extradição**  
SEXTA-FEIRA, DEZEMBRO 14, 2016 | NENHUM COMENTÁRIO

Italiano foi condenado à prisão perpétua por quatro homicídios. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux determinou hoje (13) a prisão do italiano Cesare Battisti, condenado à prisão perpétua por quatro homicídios.

Siga-nos no Twitter

WIKIPEDIA

Sobral 24 horas  
25.760 curtidos

Curtir Página Enviar mensagem

12 amigos curtiram isso

CONTATO COM O BLOG  
aparecidafeijao@gmail.com - (88) 99218.8174

**LIQUIGÁS PETROBRAS**  
(88) 3614.4242  
88 999 02 02 02  
88 992 02 02 02

**UNINTA**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO

CONTATO: (88) 3611.3134

**SOBRALNET**  
internet fibra óptica

Fonte: Blog Sobral 24 Horas. Disponível em <http://www.sobral24horas.com>. Acesso em: 14 dez. 2018

O caso do Sobral 24 Horas (imagem 2), que em sua página principal registra como contato Aparecida Feijão, é semelhante. Contudo, apesar de em determinados momentos fazerem críticas contundentes à gestão municipal, os responsáveis pela produção de notícias do blog tentam sustentar uma imagem de independência e imparcialidade. Assim como os demais veículos locais, ostenta uma vasta lista de patrocinadores em banners laterais, que com

certa periodicidade figuram entre as notícias publicadas no campo central, como novos produtos e serviços oferecidos, dentre os quais o Massa Concursos, Liquigás, Uninta, Sobral Net, Diplomata Motel, Grupo São Domingos, dentre outros, com destaque para empresas de vigilância eletrônica e rastreamento, como a Sobral Rastreadores<sup>100</sup>.

Esta lista de patrocinadores demonstra que há um reconhecimento do mercado local quanto à visibilidade do blog. Para os empresários, não haveria interesse em utilizar espaço pago se não houvesse boa exposição da marca e, conseqüentemente, aumento da procura de clientes. Assim, o Sobral 24 Horas segue o modo de operação de seus congêneres, ou seja, busca mais leitores para ser mais atrativo para os anunciantes.

Contudo, diferente de blogs mantidos por grandes portais de comunicação, como os que figuram na lista do Sistema O Povo, a apresentação visual (*template*) utilizada pelo Sobral 24 Horas é bastante simples, sem muitos elementos personalizados, conforme verificado na imagem 2.

Quanto à parte gráfica, o blog Sobral 24 Horas tem uma apresentação bastante limpa, sem fundo colorido que possa prejudicar a leitura. As notícias não mantêm um padrão de tamanho, podendo haver desde notinhas a textos longos, sejam mais descritivos, narrativos ou mais opinativos, e quando possível, há o uso de vídeos e áudios. Há um cuidado para que todas as notícias veiculadas tenham pelo menos uma imagem, seja ela ilustrativa (coletada na internet aleatoriamente de acordo com o tema), de outros blogs ou de produção própria. Quanto às manchetes, seguem um tamanho médio de cerca de 100 caracteres, com conteúdo, em sua maioria, factual, ou seja, notícias recentes.

De acordo com o slogan presente no banner de apresentação do Sobral 24 Horas, o objetivo do blog é veicular “Notícias da Bela Princesa do Norte, do Brasil e do Mundo”, sendo assim, não há um assunto específico que monopoliza o espaço do veículo, sendo publicadas desde notícias sobre denúncias, empregos, curiosidades, eventos, esportes, dentre outros temas. Todavia, os temas que são mais recorrentes são o noticiário policial e político.

---

<sup>100</sup> A veiculação de notícias sobre a violência local ao mesmo tempo em que veiculam publicidade de serviços de vigilância particular despertou crítica do prefeito Ivo Ferreira Gomes, que em plenária sobre a segurança pública no Centro de Convenções os avaliou como sensacionalistas. “Sem citar nomes, Ivo Gomes, começou criticando os blogs em que um deles, para Ivo, o de maior acesso em Sobral, ‘escorre sangue na tela do computador’. Ao se referir que este sites de notícias policiais oferece serviço de proteção e venda de rastreamento dar para acreditar que Ivo Gomes estava falando do (Sobral 24 horas). ‘Ele não coloca somente os crimes de Sobral. Coloca de Morrinhos, de Groaíras, de Forquilha, e na manchete é sempre uma manchete ambígua, como por exemplo: ‘Saraivada de balas no centro’ - mas não diz de que cidade’. Mais adiante Ivo Gomes, acrescenta: ‘Está muito enganado quem pensa que essas pessoas estão interessadas no combate a violência’ (SIC)” (Programas e sites policiais são alvos de críticas pelo prefeito Ivo Gomes. **Sobral 24 Horas**. 3 jul. 2017. Disponível em: <https://www.sobral24horas.com/2017/07/programas-e-sites-policiais-sao-avos.html>. Acesso em: 1 fev. 2018). A informação, noticiada inicialmente pelo blog Wilson Gomes, repercutiu em diversos outros veículos locais.

Analisando de forma mais demorada o slogan, pode-se apreender algumas informações relevantes. A primeira palavra utilizada, “notícias”, já demonstra a tentativa dos responsáveis pelo blog de estabelecerem sua seriedade como veículo de jornalismo, mesmo não sendo produzido por jornalistas com formação profissional. Outro elemento importante é a espacialidade estabelecida. O slogan destaca que os leitores que optarem pelo blog como canal de informação, obterão preferencialmente notícias sobre a “Bela Princesa do Norte”, apelido carinhoso de Sobral, ou seja, enfatiza-se o viés local dos mantenedores e é estabelecida uma relação com o público sobralense, apelando para o sentimento ufanista e de pertencimento. Só então o slogan informa a seus leitores que não se trata apenas de mais um blog local, mas um veículo que procura posicionar Sobral dentro do cenário macro, com notícias do “Brasil e do mundo”, o que amplia indefinidamente a capacidade do blog de produzir e veicular qualquer tipo de notícias, não se limitando por tema ou espacialmente, buscando atingir a todos os públicos, mas priorizando o local.

Contudo, o que destacou o Sobral 24 Horas dos demais e definiu sua escolha como objeto de estudo foi a manutenção do espaço de comentários, que é consideravelmente movimentado pelo seu público (embora esta seja uma característica dos *weblogs*, muitos desativam a função pela possibilidade de serem responsabilizados por conteúdos impróprios/ilegais publicados por seus leitores, como ofensas e calúnias), o que demonstra sua expressiva aceitação como veículo de informação.

Como representante do “gênero jornalismo”, os blogs devem ter como principal premissa a veiculação das notícias, garantir o acesso de seu público à informação mediada pelos profissionais de imprensa, a quem cabe buscar e organizar estas informações de forma compreensível (as informações trabalhadas sob determinados critérios se tornam notícias), oferecendo espaço para o contraditório, para que os diversos personagens envolvidos no fato possam apresentar suas versões, permitindo que seu público possa formar opinião de maneira embasada.

Mas em diversas notícias produzidas pelos blogs, o que se percebe é uma narrativa sucinta, apressada, que utiliza apenas alguns dos elementos-chaves da notícia. Por inabilidade ou por receio de comprometerem-se, muitos destes profissionais limitam-se a enumerar fatos sem uma reflexão mais apurada. A maior parte das notícias de produção própria, ou seja, que não são simplesmente reproduzidas dos veículos de imprensa tradicionais ou reescritas para demonstrar um viés local, é de notícias policiais ou políticas. Se as notícias políticas muitas vezes parecem mais fofocas com o objetivo de denegrir adversários, sob a alegação de serem “opiniões” do blogueiro no papel de cidadão, as notícias policiais, excetuando-se casos de

maior comoção, são meramente registros de ocorrências, somatórios de fatos que, de tão recorrentes nas páginas, tornam-se corriqueiros, havendo uma verdadeira banalização da violência. Muitos blogs apelam, inclusive, para a veiculação de imagens chocantes a fim de atrair um público maior<sup>101</sup>, caracterizando o apelo ao sensacionalismo.

A confusão entre imparcialidade, que é a característica do jornalismo de buscar não se comprometer com os interesses dos envolvidos na história, a não ser o de seu público, com a banalização da impessoalidade, a falta de um maior aprofundamento das causas e efeitos dos fatos, parece ser um problema que atinge de forma considerável estes blogs. Assim, quando ocorrem novos casos de homicídios, muitos blogs apenas registram como “mais um caso da epidemia de violência”, sem a mínima reflexão sobre como esta morte está inserida em um contexto mais amplo de crise de poder do Estado sobre questões básicas, como segurança pública, educação e garantia de cidadania, muitas vezes superficializando o caso, apontando como causa apenas o fato de a vítima ser usuária de drogas ou de ter sido morta em um lugar conhecido como violento, o que seria, antes disso, um efeito do contexto de crise.

Mesmo as notícias do perfil conhecido como “de serviço”, ou seja, que buscam oferecer ao público o acesso a informações úteis de como, por exemplo, garantir direitos ou ter seus problemas resolvidos pelas autoridades, tornam-se superficiais pela falta de iniciativa de muitos blogueiros em buscar as soluções junto aos órgãos competentes. A maior parte das notícias de reclamações de habitantes de Sobral limita-se à reprodução dos e-mails enviados (que seriam representantes de outro gênero discursivo), sem que as autoridades sejam procuradas para responderem às demandas. Assim, o blog assume um papel meramente de amplificador de vozes, um megafone, ou um mural, cujos apelos do público serão ouvidos pelas autoridades apenas quando lhes convier, ou seja, quando o prejuízo à imagem pela repercussão negativa for maior que a conveniência de ignorá-los.

#### 4.3.3 A Ordem do Discurso

As diversas práticas sociais não são isoladas umas das outras. Elas se inter-relacionam e, dialogicamente, se reconfiguram e se reconstituem em significado, estabelecendo e mantendo uma ordem social determinada histórico espacialmente. Isto é o que Fairclough chama de *ordem do discurso*, ou nas palavras do autor,

---

<sup>101</sup> Em algumas notícias de homicídios ou acidentes, os blogueiros disponibilizam quase um álbum com imagens de corpos mutilados em todos os ângulos possíveis.

O aspecto semiótico de uma ordem social é o que podemos chamar de ordem de discurso. É a maneira de os diversos gêneros e discursos estarem inter-relacionados entre si. Uma ordem de discurso é uma estruturação social da diferença semiótica, uma ordenação social particular das relações entre os vários modos de construir sentido, isto é, os diversos discursos e gêneros (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 310).

A ordem de discurso na qual se desenrolam as práticas sociais e discursivas aqui analisadas é basicamente a ordem marcada por um discurso de inferioridade de determinadas categorias sociais em relação a uma minoria que detém a hegemonia discursiva, que estabeleceu uma ideia de “modernidade”, “ordem”, “progresso” e “sucesso” defendidos por “pessoas de bem”, que conhecem seu papel social e, de forma ordeira, atuam para o constante desenvolvimento da cidade de Sobral.

Da mesma forma, aqueles que não se encaixam no modelo imposto por não cumprirem esse papel ordeiro são considerados páreas sociais, que não merecem ser tratados com o mínimo de humanidade e cidadania e, portanto, devem ser excluídos ou, no mínimo, serem tratados com desconfiança.

Tanto a polícia, ou a justiça, como os meios de comunicação de massa e parte da sociedade reproduzem estigmas que, de maneira direta ou indireta, concorrem para cristalizar o saber prático da população, associado ao senso comum frente à criminalidade e à violência. Movidos por estas visões, abusos, omissões, imperícias, torturas, abusos de poder, desrespeitos, autoritarismos, julgamentos prévios e discriminatórios, entre outras práticas violentas institucionalizadas, são legitimados conforme a ira pacificadora contra populações excluídas socialmente e previamente consideradas violentas ou culpadas (FREITAS; BRASIL; ALMEIDA, 2012, p. 178).

E estes páreas não são apenas aqueles que cometem crimes, mas aqueles que mantêm práticas desviantes, como dependentes químicos, moradores de rua e pessoas de insignificante potencial de consumo por terem baixo poder aquisitivo, além de grupos ainda encarados com preconceito, como a comunidade LGBT<sup>102</sup>, especialmente se não se enquadram no perfil de consumo. Além disso, nessa visão de mundo, o fato de viver em uma área de domínio do tráfico e outras atividades criminosas, como que por osmose, transforma as pessoas em um perigo potencial.

Hoje a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo. Além disso, nesse momento, a exclusão tende a ser uma via de mão única. É pouco provável que se reconstruam as pontes queimadas no passado. E são justamente a irrevogabilidade desse “despejo” e as escassas possibilidades de recorrer contra essa sentença que transformam os excluídos de hoje em “classes perigosas” (BAUMAN, 2009, p. 23).

---

<sup>102</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Para estas pessoas, resta um discurso moralizante e excludente. Para aqueles que não se enquadram ao perfil de cidadania defendido nesta ordem social, ou seja, que não são economicamente ativas, que se rebelam contra a situação de exploração, seja ocupando espaços “que não lhes cabem”<sup>103</sup>, seja promovendo manifestações por condições dignas de moradia, saúde, educação, respeito, resta a condenação pública e a segregação, conforme visto nos capítulos anteriores sobre o processo de periferização e segregação socioespacial promovido direta e indiretamente pelas autoridades em Sobral.

#### 4.3.4 A Aplicação da Estrutura Analítica de Fairclough

Fairclough sugere uma estrutura analítica para a ACD que venha possibilitar uma trilha metodológica clara a ser seguida pelo analista. No seu esquema, aponta os seguintes passos:

1. Dar ênfase em um problema social que tenha um aspecto semiótico.
2. Identificar obstáculos para que esse problema seja resolvido, pela análise:
  - a. Da rede de práticas no qual está inserido;
  - b. Das relações de semiose com outros elementos dentro das práticas particulares em questão;
  - c. Do discurso (a semiose em si):
    - i. Estrutura analítica: a ordem de discurso;
    - ii. Análise interacional;
    - iii. Análise interdiscursiva;
    - iv. Análise linguística e semiótica;
3. Considerar se a ordem social (a rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não;
4. Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos;
5. Refletir criticamente sobre a análise (1-4) (FAIRCLOUGH; MELO, 2012, p. 311-312).

No caso aqui abordado, o problema social de aspecto semiótico é a construção de uma imagem negativa do Conjunto Residencial Nova Caiçara e de seus habitantes, fato perceptível quando se compara com a imagem de um bairro de classe média/alta vizinho, o Renato Parente. O estigma atribuído a este bairro e a estas pessoas afeta diretamente suas vidas, suas práticas. Para que seja possível verificar como este problema impacta as vidas das pessoas, conforme explicado anteriormente, optou-se por analisar os discursos das notícias veiculadas em um determinado blog, o Sobral 24 Horas, além de um site de notícias, o Ceará News 7, e

<sup>103</sup> Presenciamos casos de jovens abordados de forma ríspida por agentes da Polícia Militar ou pela Guarda Civil Municipal simplesmente por transitarem em grupo em determinados pontos da cidade, como o Boulevard do Arco de Nossa Senhora (Av. Dr. Guarani) ou a Praça Quirino Rodrigues (conhecida como Praça do Farias Brito). E em algumas conversas com moradores das proximidades destes espaços, são comuns as reclamações de que a maior presença destes jovens nestes espaços traz “uma maior sensação de insegurança”, mesmo que nenhum tipo de crime ou desordem tenha sido registrado.

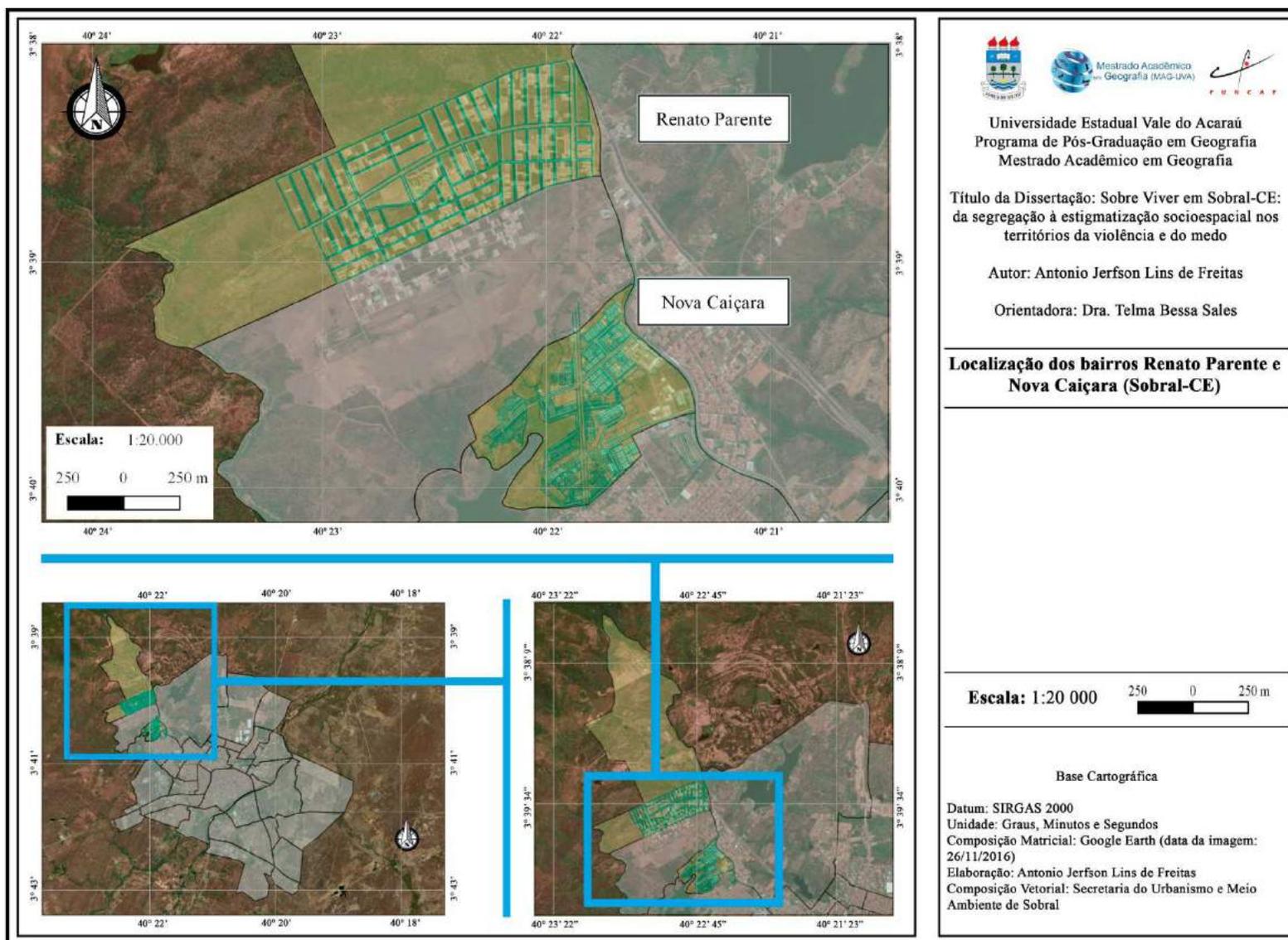
um blog de um radialista local, Bené Fernandes, o Sobral Agora<sup>104</sup>. Esta análise permitirá verificar como os estigmas estão arraigados nos dois gêneros que representam de forma tão clara a reprodução de discursos hegemônicos. No próximo capítulo serão analisados os obstáculos impostos a estes moradores, segundo as suas próprias narrativas, e possibilidades de enfrentamento do processo de estigmatização socioespacial.

Antes, é interessante que se conheça o cenário sobre o qual são construídos estes discursos, ou seja, os bairros escolhidos como objetos de análise: o Renato Parente e o Nova Caiçara, sobre os quais será tratado nos tópicos seguintes e cuja localização pode ser verificada no mapa 7, a seguir.

---

<sup>104</sup> Será aprofundado o motivo da escolha quando for feita a descrição destes veículos.

**Mapa 7 – Localização dos bairros Renato Parente e Nova Caiçara (Sobral-CE)**



#### 4.4 Primo rico e primo pobre

Nascidos na mesma porção da cidade, os bairros Renato Parente, o primo rico, e o Nova Caiçara, o primo pobre, têm muito em comum ao mesmo tempo em que são opostos. Eles estão espacialmente próximos e socialmente distantes. Tanto seu surgimento quanto a origem de seus habitantes oferecem parte da explicação para o fato de serem vistos de forma tão diferente pelo restante da cidade.

##### 4.4.1 Renato Parente

Há pouco menos de 20 anos, a área localizada no extremo oeste de Sobral, região quase na subida da serra da Meruoca, se configurava como área rural, com baixa densidade demográfica e com atividade predominantemente agrária. Contudo, a partir da virada do século XX para o XXI, os agentes imobiliários locais passaram a enxergar aquelas terras como uma grande oportunidade de negócio, ainda mais no período final do governo Lula, quando houve forte investimento no Programa Minha Casa Minha Vida.

Se com o processo de periferização das populações mais pobres e implantação de indústrias Sobral já havia passado por um processo de expansão seguindo os antigos vetores a leste, sul e norte, era chegada a hora dos rearranjos espaciais focarem-se no oeste. Mas para isso, seria preciso haver uma reorganização não apenas espacial, mas também no cotidiano e imaginário da população, e para tal, foi imprescindível o alinhamento da atuação dos empresários do setor imobiliário a ações específicas do Estado. E o que aconteceu em Sobral foi exatamente como explicado por Roberto Lobato Corrêa (1995): o capital adquiriu as terras limítrofes da cidade com investimento relativamente baixo e, através de pressão exercida sobre o Estado, promoveu sua valorização e posterior comercialização.

Os proprietários de terras bem localizadas, valorizadas por amenidades físicas, como o mar, lagoa, sol, sal, verde etc., agem pressionando o Estado visando à instalação da infraestrutura urbana ou obtendo créditos bancários para eles próprios instalarem a infraestrutura. Tais investimentos valorizam a terra que anteriormente fora esterilizada por um razoavelmente longo período de tempo. Campanhas publicitárias exaltando as qualidades da área são realizadas, ao mesmo tempo que o preço da terra sobe constantemente (CORRÊA, 1995, p. 18).

O clima mais ameno, influenciado pela Meruoca e pela localização privilegiada devido o posicionamento mais elevado em relação ao restante da área urbana, além de ainda dispor de vasta área verde, seriam atrativos a se realçar. Contudo, aquele pedaço da cidade ainda era ermo, sem a infraestrutura necessária para atrair a atenção do público-alvo focado pelos

empresários do setor imobiliário: a classe média, formada por funcionários públicos e profissionais liberais, tanto de origem local quanto oriundos de outras regiões do país, atraídos pelo desenvolvimento econômico sobralense, muitos dos quais sem conseguir adquirir imóveis na área central, há muito saturada, criavam a demanda exata.

Surgiram então os loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima, que posteriormente deram origem aos bairros Renato Parente<sup>105</sup> e Nossa Senhora de Fátima<sup>106</sup>, que muitas pessoas confundem ou chamam ambos apenas de “Planalto”. Com as vendas iniciadas em 2001 pela Construtora Mãe Rainha, os loteamentos não atraíram a atenção da população como um todo, que ainda via a região praticamente como “fora da cidade”, “longe demais”, “no meio do mato”, realidade que começou a mudar com os incentivos oferecidos pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV).

Se os lotes (de 8x25m) podiam ser inicialmente adquiridos por valores em torno de R\$ 3 mil, de acordo com corretores imobiliários, no auge da especulação chegaram a valer R\$ 65 mil, um retorno de investimento de mais de 22 vezes em poucos anos para aqueles que os adquiriram com esta finalidade, o que Silva (1992) chama de “terrenos de engorda”. E estes lucros foram ainda maiores para aqueles que decidiram construir casas para vender. É o poder econômico e o Estado alinhados na promoção da mudança espacial. Como afirma Helaine Rodrigues,

A especulação com terras é uma estratégia de valorização do capital. Ao mesmo tempo, com o processo de transformação da terra rural em terra urbana, a especulação passa a desempenhar um papel fundamental, sendo este potencializado por fatores como, a fiscalização ineficiente e a legislação permissiva. [...] É importante ressaltar que em Sobral estas estratégias podem ser identificadas em várias áreas da cidade. Desta forma, as relações entre o poder público e promotores imobiliários geram benefícios para ambos (RODRIGUES, 2012, p. 70).

De forma questionável, os dois loteamentos foram liberados pela prefeitura sem que fossem respeitados alguns critérios de infraestrutura básica. Assim, os bairros nasceram sem um projeto eficiente de abastecimento de água (somente em 2018 foi efetuada a construção de uma caixa d’água para atender a área, e muito mais devido à pressão exercida pela criação da segunda etapa do loteamento e o surgimento de novos loteamentos de alto padrão na região, além da grande demanda criada pelo Nova Caiçara), sem rede de coleta de água fluvial e de esgoto, sem pavimentação das vias e sem iluminação pública (muitos moradores tiveram,

---

<sup>105</sup> Que recebeu este nome em homenagem a Renato Frota Parente (1912-1989), sobrinho de Dom José Tupinambá da Frota. Foi um dos fundadores do Derby Clube Sobralense, vereador entre 1952 e 1956 e trabalhou durante muitos anos no Instituto dos Comerciários. Agropecuarista, criou cavalos em suas terras, ao pé da serra da Meruoca, na área onde hoje se localiza o bairro (ARRUDA, 1996, p. 17).

<sup>106</sup> Oficialmente criados em 15 de dezembro de 2005, através das Leis Nº 649 e 647, respectivamente.

inclusive, que promover a colocação de lâmpadas em postes de iluminação pública), além da falta de um projeto de fornecimento de energia elétrica eficiente para atender àquela área, cuja população teve de, durante muito tempo, conviver com interrupções constantes, contrariando o artigo 94 da Lei Complementar Nº 006, de 01 de fevereiro de 2000, que tratava à época do Uso e Ocupação do Solo da Cidade de Sobral<sup>107</sup>, segundo a qual:

Art. 94 - É obrigatório, no loteamento, a instalação de redes e equipamentos para o abastecimento de água potável, energia elétrica, drenagem pluvial, esgotamento sanitário e obras de pavimentação, com as características funcionais, geométricas, infra-estruturais e paisagísticas das vias estabelecidas nas normas técnicas oficiais pertinentes.

Parágrafo único - Constitui responsabilidade exclusiva do proprietário do loteamento executar as obras referidas neste artigo, constantes dos projetos aprovados, as quais serão fiscalizadas pelos órgãos técnicos municipais, cuja execução deverá ser objeto de prestação de garantia por parte do loteador, na forma disposta nesta Lei. (SOBRAL, 2000).

Desse modo, enquanto os empreendedores lucraram consideravelmente ao converter a terra rural em terra urbana, elevando o valor sem oferecer a infraestrutura básica, a omissão da prefeitura e de seus órgãos de fiscalização prejudicou não apenas àqueles que optaram por morar no bairro, mas ao próprio Estado, que mais cedo ou mais tarde terá de arcar com os custos para sanar os problemas<sup>108</sup>.

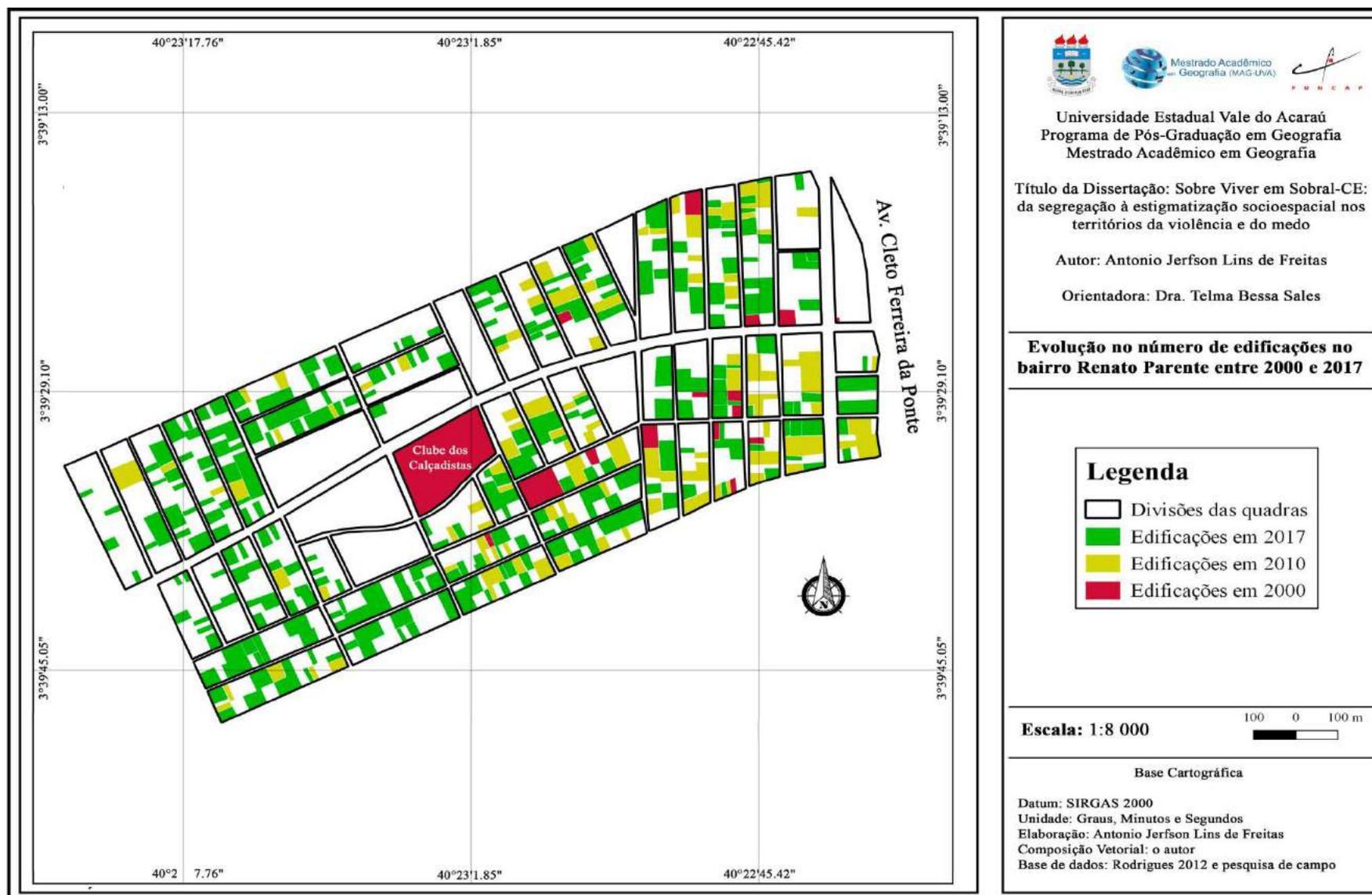
Nos anos iniciais, o único equipamento de referência instalado naquele local era o Clube dos Calçadistas de Sobral, pertencente à Grendene Calçados, inaugurado em 2001. Além disso, pela sua localização no extremo da cidade, há dificuldades de deslocamento para quem não possui transporte próprio, sendo um dos pontos de tarifas mais caras cobradas por taxistas e mototaxistas em direção ao Centro.

---

<sup>107</sup> O Plano Diretor foi revisado em 2010.

<sup>108</sup> Em 2013, o Ministério Público firmou um Termo de Ajustamento de Conduta relativo a problemas do loteamento. Estiveram presentes os secretários municipais de Serviços Públicos e Conservação, Mário Parente, e de Urbanismo, Gizella Gomes, além de representantes da empresa Mãe Rainha Ltda. Segundo o promotor de Justiça Irapuan da Silva Dionizio Junior, o loteamento “tem causado transtornos à administração municipal, que tem sofrido com as reclamações dos moradores do bairro Renato Parente, onde está localizado”. Ficou acordado que a empresa faria durante dois anos a limpeza de todos os lotes cujos compradores ainda não construíram residências. Já a Prefeitura de Sobral ficou responsável por asfaltar a Avenida Mãe Rainha, a principal do bairro, por uma distância de 1km. Em relação ao esgotamento sanitário e à iluminação do loteamento, ficou acertado que seria feito um levantamento financeiro desses serviços. Ficou a cargo do Município levantar os custos do asfaltamento por metro linear para posteriormente acordar com a construtora a instalação da iluminação pública em troca de asfalto em um dos loteamentos da empresa. Como a iluminação pública passou a ser responsabilidade dos municípios a partir de 2014, coube à prefeitura sanar o problema. Quanto ao esgoto, até 2018 a prefeitura não apresentou previsão para a resolução do problema.

**Mapa 8** - Evolução do número de edificações no bairro Renato Parente entre 2000 e 2017



Com o passar do tempo, com o ápice do crescimento imobiliário naquela parte da cidade, o que ocorreu por volta de 2014, pequenos negócios começaram a surgir com a oferta de serviços diversos, desde academias de ginástica a restaurantes e empreendimentos hoteleiros. Como se pode perceber no mapa 7, a ocupação do bairro apresentou uma aceleração a partir de 2010.

Mas como foi possível atrair pessoas interessadas em investir e, acima de tudo, morar em uma área considerada distante, isolada, sem infraestrutura e sem equipamentos como os bairros Renato Parente e Nossa Senhora de Fátima? Havia a necessidade de se alterar a percepção dos possíveis compradores quanto à distância da nova área residencial. E a estratégia foi ressaltar, em campanhas publicitárias massivas, a tranquilidade de se morar mais distante do burburinho da parte central da cidade, tendo ainda o privilégio de possuir uma bela paisagem e proximidade com uma natureza ainda abundante. Desse modo, “vende-se” a imagem de um oásis de tranquilidade e bem-estar em meio ao “caos urbano” que começava a se instalar em Sobral. Como explica Corrêa:

Estas terras de periferia de amenidades são destinadas à população de *status*. Como se trata de uma demanda solvável, é possível aos proprietários fundiários tornarem-se também promotores imobiliários; loteiam, vendem e constroem casas de luxo. Criam-se assim bairros seletivos em setores de amenidades: como a palavra “periferia” tem sentido pejorativo, estes bairros fisicamente periféricos não são mais percebidos como estando localizados na periferia urbana, pois afinal de contas os bairros de *status* não são socialmente periféricos! (CORRÊA, 1995, p. 18).

Em sua pesquisa, Helaine Rodrigues (2012) destaca algumas das peças publicitárias usadas pelos corretores de imóveis e construtoras, que apelaram exatamente para a exclusividade, luxo, tranquilidade, segurança, qualidade de vida e contato com a natureza, com *slogans* do tipo “Naturalmente você vai viver aqui!”, “Conforto e qualidade reunidos com o objetivo de fazer sua família feliz”, “Requinte e segurança”, dentre outros. No auge da especulação e ocupação do bairro, Lima dizia:

Este bairro em Sobral é um dos que mais se expande e materializa novas formas de consumo e recortes do solo urbano, alimentando investidores, degradando novos espaços de natureza, uma vez que o mesmo está aos “pés” da Serra da Meruoca, o que instiga aos novos residentes ter contato mais íntimo com a natureza. Como resultado sobre a edificação do solo urbano deste bairro, felicita-se sua localização ao possibilitar residir nos limites verdes da cidade, mas que visivelmente materializa condições segregantes de acesso e uso do solo, uma vez que as residências em sua grande maioria são padronizadas em seus estilos, o que explicita o vetor social dos seus inquilinos (LIMA, 2014, p. 60).

Atualmente o bairro Renato Parente disputa com o Bairro das Nações (originado do loteamento Morada da Boa Vizinhança) o protagonismo no mercado imobiliário sobralense, mas tem sido preterido por aquele nos últimos três anos. Isso ocorre porque os imóveis

construídos no Renato Parente logo deixaram de ser viáveis para a manutenção do preço máximo necessário para o perfil do PMCMV<sup>109</sup>, pois além do preço dos lotes ter subido consideravelmente devido à procura, o padrão de casas requerido pelo perfil de interessados, maiores e com materiais de melhor qualidade, também ajudou neste processo. Nas palavras de Roberto Lobato Corrêa:

Em relação ao onde morar é preciso lembrar que existe um diferencial espacial na localização de residências vistas em termos de conforto e qualidade. Esta diferença reflete em primeiro lugar um diferencial no preço da terra – que é função da renda esperada –, que varia em função da acessibilidade e das amenidades. Os terrenos de maior preço serão utilizados para as melhores residências, atendendo à demanda solvável. Os terrenos com menores preços, pior localizados, serão utilizados na construção de residências inferiores, a serem habitadas pelos que dispõem de menor renda (CORRÊA, 1995, p. 63).

Enquanto isso, o Bairro das Nações já dispõe de toda a infraestrutura de saneamento e áreas de lazer, além de apresentar um perfil diferente de imóveis, com casas de dois quartos construídas em lotes menores, viabilizando o financiamento pelo programa do governo.

Outro fator apontado como problemático para a manutenção do Renato Parente como o bairro de maior aquecimento imobiliário foi a instalação do Conjunto Residencial Nova Caiçara, que como será visto a seguir, surgiu sob fortes críticas dos moradores das áreas vizinhas, bem como já nasceu estigmatizado pelo perfil das famílias contempladas pelos apartamentos.

#### 4.4.2 Nova Caiçara

Se o Renato Parente e bairros congêneres surgiram a partir da demanda por imóveis voltados para as classes média e rica, em ritmo ainda maior, nas áreas de pouco interesse especulativo, surgiram bairros populares e ocupações desordenadas para atender à demanda de pessoas de baixo poder aquisitivo. Em 2015, o Brasil tinha um déficit habitacional de 9,3%, ou seja, havia 6.355.743 habitações a menos do que o necessário para atender a toda a população. Só no Ceará, havia em 2015 um déficit de 10,7%, o que em números absolutos representa 302,623 imóveis a menos do que o necessário (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018)<sup>110</sup>, sendo quase a metade disso na Região Metropolitana de Fortaleza.

<sup>109</sup> Nos primeiros anos, era possível para um construtor utilizar dois lotes para a construção de três casas de 5x25m, mas a prefeitura normatizou que apenas uma casa pode ser construída por lote, que por terem preços superiores a R\$ 40 mil, tornaram os custos muito elevados para o teto do Minha Casa Minha Vida.

<sup>110</sup> A Fundação João Pinheiro, do governo de Minas Gerais, desenvolve estudos sobre déficit habitacional no Brasil e é considerada referência nacional sobre o tema. Por déficit habitacional é possível entender as deficiências na oferta de moradias, e não necessariamente de pessoas em situação de rua. Ou seja, é possível saber a porcentagem de moradias precárias em relação ao total de moradias disponíveis. Segundo a fundação, a

Apesar de não apresentar números equiparados às demais regiões metropolitanas do Brasil, Sobral historicamente atraiu consideráveis contingentes populacionais devido sua precoce industrialização (se comparada ao restante do Ceará). Como visto no capítulo 2, isso levou à ocupação desordenada de diversas áreas sem as condições mínimas de infraestrutura de moradia, onde grandes bairros populares foram posteriormente oficializados.

Contudo, mesmo após tornarem-se bairros, as áreas periféricas ainda caracterizam-se pela precariedade. Sendo assim, os moradores destas áreas encaixam-se no perfil prioritário para as políticas habitacionais. Foi este o critério usado para a seleção dos contemplados com apartamentos do Conjunto Residencial Nova Caiçara, instalado na porção noroeste de Sobral, o primo pobre do título deste tópico. Aqui cabe uma breve explicação sobre o PMCMV.

#### *4.4.2.1 Programa Minha Casa Minha Vida*

Lançado oficialmente pelo Governo Federal em 25 de março de 2009, através do Ministério das Cidades, em parceria com a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) foi uma das soluções apontadas pela equipe do governo Lula para a crise econômica que assolava o mundo inteiro. Ele surgiu com o objetivo de movimentar a economia brasileira incentivando a construção civil, com a produção de casas para as camadas mais populares, não contempladas com a produção de mercado, além de buscar minimizar o déficit habitacional como um todo. A expectativa no ato de criação do programa era de diminuir o déficit habitacional brasileiro em 14%.

Através do PMCMV, as construtoras obtiveram recursos federais para desenvolverem empreendimentos habitacionais, ou seja, o programa viabiliza financiamentos para contratos de empreendimentos, criando subsídios para a aquisição dessas unidades para a população de menor poder aquisitivo.

O percentual subsidiado e a origem do financiamento dependem da faixa de renda da população-alvo. No início do PMCMV, as unidades destinavam-se a três faixas de renda familiar: faixa 1, para famílias com renda de até 3 salários mínimos; faixa 2, para famílias com renda entre 3 e 6 salários mínimos; e faixa 3, para famílias com renda entre 6 e 10 salários mínimos. Posteriormente os limites foram fixados em R\$ 1.800,00 para a faixa 1, entre R\$ 1.801,00 e R\$ 2.350,00 para a faixa 1,5, entre R\$ 2.351,00 e R\$ 3.600,00 para a faixa 2 e entre R\$ 3.601,00 e R\$ 6.500,00 para a faixa 3. Os recursos destinados à faixa 1 são

---

conta engloba moradias "sem condições de serem habitadas em razão da precariedade das construções ou do desgaste da estrutura física e que por isso devem ser repostas".

oriundos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR), nas cidades com população acima de 50 mil habitantes. Para as demais faixas, a origem dos recursos é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

No Ceará, até o ano de 2015, foram contratadas 85.157 unidades habitacionais pelo Programa. Entre estas, 82,64% são dedicadas à faixa 1, a chamada faixa de Habitação de Interesse Social. Deste total de 85.157, 66,19% foi contratado para a Região Metropolitana de Fortaleza, enquanto que as cidades médias e centros regionais receberam uma porcentagem de 16,48% do total, o que é razoável se considerarmos que o déficit dessas cidades representa quase 19% do déficit total do estado. Porém, ao analisarmos o número total de unidades produzidas por cidade, perceberemos que é insuficiente em relação ao total do déficit (MARQUES, 2017, p. 8).

De acordo com dados divulgados pelo Governo Federal em fevereiro de 2018, o PMCMV entregou cerca de 3,6 milhões de unidades habitacionais até 2017. Em Sobral, o maior expoente do PMCMV foi o Conjunto Residencial Nova Caiçara, cuja expectativa no lançamento do projeto, quando ainda era batizado de “Orgulho Tropical”, era de reduzir em 20% o déficit habitacional do município, que chegava a 7.511 domicílios em 2010, correspondente a 14,88% do total de Domicílios Particulares Permanentes (DPP) da cidade naquele ano, segundo a Fundação João Pinheiro. O cadastramento das famílias interessadas dentro da faixa 1 do programa, ou seja, a quem seriam destinadas habitações de interesse social (HIS), começou no dia 19 de abril de 2013, levando milhares de pessoas ao Centro de Convenções da cidade em busca do sonhado imóvel.

#### *4.4.2.2 O Nova Caiçara e o PMCMV*

Como visto no capítulo 2, a expansão urbana de Sobral não seguiu um único vetor, mas se deu a partir da ocupação de áreas periféricas pelas classes mais pobres, expulsas do Centro e áreas de maior interesse imobiliário devido o preço elevado da terra e políticas de segregação socioespacial destas populações, seja através da imposição de regras de construção impraticáveis por aqueles com recursos financeiros escassos, seja com políticas habitacionais implantadas em áreas de menor adensamento populacional devido a maior distância.

O Plano Local de Habitação de Interesse Social de Sobral (PLHIS) aponta que não há ações continuadas que considerem a produção habitacional uma verdadeira política pública municipal. Segundo o PLHIS, os investimentos em habitações de interesse social têm se concentrado nas áreas onde há menos investimentos estruturantes na sede do município, o que

só reforça o perfil segregacionista destas iniciativas, o que de certa forma não ocorreu com o Nova Caiçara. Segundo Marques,

Como resultado, percebe-se a criação de uma cidade legal e uma ilegal. O PLHIS (2009) aponta três tendências urbanas na periferia: i) expansão da ocupação territorial, ampliando os limites da cidade; ii) densificação crescente, pela massificação de barracos, ocupação de áreas de risco, casas populares, mutirões e conjuntos habitacionais para a população de baixa renda; e iii) baixa qualidade das unidades, do contexto urbano e crescente deterioração das habitações (MARQUES, 2017, p. 12).

O Nova Caiçara é o maior empreendimento habitacional do interior do Ceará e seu porte conferiu a Sobral a 5ª posição entre os municípios que mais receberam recursos do PMCMV no estado. Para que se tenha ideia, apenas outros dois empreendimentos foram contemplados pelo programa na faixa 1, com famílias de renda inferior a três salários mínimos, o Jatobá I e o Jatobá II, localizados no bairro Cohab II, que contam com 496 unidades de interesse social. Os três módulos, que no projeto ainda era chamados de Orgulho Tropical 1, 2 e 3, receberam investimentos de R\$ 208.587.800,00 do PMCMV, além de contrapartida do Estado no valor de R\$ 10.111.800,00. O banco responsável pelo financiamento das unidades junto aos beneficiários é o Banco do Brasil, com prazos de até 120 meses e prestações equivalentes a 5% da renda bruta da família, sendo o valor mínimo da parcela de R\$ 25,00.

Os três módulos totalizam 3.364 apartamentos, cada um com 42,9 m<sup>2</sup>, divididos entre sala de estar, cozinha, dois quartos, um banheiro e área de serviço. Cada bloco tem quatro andares. O Nova Caiçara possui ainda áreas comuns para lazer e convivência, como playground e quadras poliesportivas. Além disso, o projeto contempla três Centros de Educação Infantil e uma escola de ensino fundamental, todos em tempo integral, dois Centros de Saúde da Família (com cinco equipes e 50 agentes de saúde), uma unidade do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), um Galpão da Economia Solidária e um Centro de Desenvolvimento Humano, para a realização de ações de cultura, esporte e cidadania. A obra ficou a cargo da construtora mineira Direcional, que entregou as últimas unidades em 2016.

À prefeitura coube a escolha do terreno para a implantação do novo bairro, adquirido de particulares em 2011, a elaboração do Plano Diretor Participativo, atualizado em 2008, e do Plano Local de Habitação de Interesse Social, atualizado em 2009. Além disso, a prefeitura fez o cadastro e seleção das famílias beneficiadas, que segundo a Secretaria de Urbanismo, Patrimônio e Meio Ambiente deveriam atender aos parâmetros previstos na Portaria Nº 610, de 26 de dezembro de 2011, que estabelecia que deveriam estar inscritas nos cadastros habitacionais e satisfazerem aos critérios nacionais e adicionais de priorização.

Quanto aos critérios municipais e de desempate, foram aprovados pelo Conselho Municipal de Habitação – COMHAB e publicados no Impresso Oficial do Município Nº 466, de 15 de agosto de 2013. Segundo estes critérios, teriam preferência famílias em situação de risco; famílias com mulheres responsáveis pela unidade familiar; famílias das quais façam parte pessoas com deficiência, idosos e crianças; famílias de menor renda; com maior tempo de moradia em Sobral; além da territorialidade, usada como critério de desempate.

Dessa forma, os contemplados são famílias com renda mensal de até três salários mínimos e que moravam em situação de aluguel ou de cômodo/imóvel cedido. A maior parte dos apartamentos tem de 3 a 5 moradores, totalizando uma população superior a 10 mil pessoas, ou seja, a implantação do conjunto promoveu um verdadeiro reordenamento populacional interno em Sobral, com mais de 5% dos habitantes da área urbana sendo realocada naquele empreendimento.

Apesar de contar com uma infraestrutura relativamente boa, o conjunto habitacional foi construído em uma área da cidade ainda carente de serviços básicos, embora seja um dos principais vetores de expansão, que é o sentido serra da Meruoca. Os três módulos foram construídos no final do bairro Cidade José Euclides Ferreira Gomes, os Terrenos Novos, até então estigmatizado como uma das áreas mais violentas da cidade. Somente em 2017 foi oficializado como bairro Nova Caiçara.

Distante 3,5 km do centro histórico, o Nova Caiçara foi construído em uma porção da cidade dentro de três macrozonas, conforme o Plano Diretor Participativo de Sobral (2008): Zona Residencial, Zona de Preservação e ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), estando a maior parte do conjunto na Zona de Preservação, inclusive em áreas apontadas como alagáveis. Desse modo, não estaria em uma área prevista para a sua construção, aliás, grande parte do empreendimento foi erguida em zona de preservação, às margens do açude Mucambinho.

Quanto a mobilidade, a entrada do conjunto fica a 200 metros da última estação da linha norte do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), a estação Cohab III. Contudo, como não há transporte público regular circulando dentro do bairro, isso obriga os moradores dos blocos mais distantes a percorrerem longos percursos até esta estação ou a optarem pelo transporte ilegal<sup>111</sup>. Segundo o Plano de Mobilidade de Sobral, quando for implementado o transporte público, todos os ônibus que circularem pela região convergirão ao Nova Caiçara.

---

<sup>111</sup> Ou transporte pirata, oferecido por ônibus, vans e motocicletas sem a autorização da prefeitura.

Outro fato interessante sobre o conjunto diz respeito às vias de acesso à área onde se localiza. Até pouco depois de 2012, os dois principais caminhos rumo à Meruoca ainda não eram duplicados em seu entroncamento com a CE-440 que liga Sobral às cidades de Meruoca e Alcântaras: a Avenida John Sanford, cruzando a área de grande adensamento dos Terrenos Novos e que passa onde hoje é a entrada do Nova Caiçara, e a Avenida Cleto Ferreira da Ponte, que se conecta diretamente à CE-440 a partir da entrada do Renato Parente. Acontece que houve uma ampla reforma e duplicação desta última via, o que levou os moradores dos grandes empreendimentos voltados para as classes de maior poder aquisitivo localizados no sopé da serra a preferirem a John Sanford em função da Cleto Ferreira da Ponte. O resultado foi que a via facilitou ainda mais o processo de expansão urbana, atraindo postos de combustíveis, a instalação de galpões comerciais e, com destaque, de um empreendimento habitacional de alto padrão, o edifício Ícone.

Com a inauguração do Nova Caiçara, os moradores dos bairros Renato Parente e Nossa Senhora de Fátima, que já haviam diminuído o fluxo pela Av. John Sanford, passaram a evitá-la, ainda mais depois que a via tornou-se mão única no sentido Meruoca-Sobral. O acesso à entrada do Nova Caiçara passou a ser feito apenas através de ruas transversais do bairro Cohab III ou, em um percurso mais longo, passando pela entrada do bairro Nossa Senhora de Fátima. Dessa forma, pela Av. John Sanford, os moradores do Nova Caiçara só têm um sentido de deslocamento a partir da entrada do bairro, em direção à área central de Sobral.

Diferentemente do Renato Parente, que tinha a princípio apenas o Clube dos Calçadistas como equipamento de referência, o Nova Caiçara tem em suas imediações (em bairros vizinhos) uma diversidade maior, sendo os equipamentos públicos de maior destaque a sede do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), o Instituto Médico Legal (IML), nove equipamentos de educação, sendo três de Ensino Infantil, três de Ensino Fundamental, um de Ensino Superior (o Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – CCH-UVA) e dois de Ensino Técnico (Escola Estadual Lysia Pimentel Gomes, construída com o Conjunto, e a Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Saboia), e dois de saúde, o Hospital Regional Norte e o Centro de Saúde da Família Inácio Rodrigues de Lima – Cohab III. Ou seja, o bairro surgiu com uma ampla estrutura, destoando das outras áreas da cidade consideradas violentas pelos respondentes da pesquisa de percepção analisada no capítulo 3.

Conforme Marques (2017) afirma em seu estudo, o local de instalação do empreendimento tem como ponto positivo ser a maior frente de expansão urbana de Sobral,

com investimentos realizados e previstos em equipamentos sociais e de mobilidade. Contudo, segundo a autora,

[...] ao invés de realizar a construção em loteamentos já realizados nas proximidades do local escolhido, optou-se por uma zona ainda não loteada, isolada do restante do tecido urbano por, inclusive, possuir no seu território uma zona de preservação ambiental. Além de permitir um maior adensamento com um pequeno investimento inicial, a construção deste conjunto num extremo da cidade gera todo um investimento necessário em infraestrutura desde o centro da cidade, que fica a cargo do poder público, e acaba atraindo investimentos privados para esses bairros pericentrais que ficam no caminho, e que já possuem um potencial construtivo bastante valorizado. Além disso, percebe-se uma total falta de diálogo entre as leis municipais e a produção do Programa, considerando que o Conjunto em estudo se situa dentro de zona de preservação e guarda pouca relação com a ZEIS vizinha. A lógica da produção se torna, portanto, essencialmente econômica, dispensando a legislação e, conseqüentemente, a função social da produção de habitação (MARQUES, 2017, p. 18).

Quanto ao nome do conjunto, que veio a se tornar o nome do bairro, cabe reflexão. De Orgulho Tropical, nome que não gerava nenhuma identificação com a história local, mudou-se para Conjunto Residencial Nova Caiçara, uma menção direta à fazenda que deu origem à cidade. Contudo, a palavra caiçara, segundo o dicionário Michaelis (CAIÇARA, 2018), significa:

caiçara

cai·ça·ra

sf

1 Cerca ao redor de uma aldeia indígena como proteção contra inimigos ou animais: “Os guerreiros tabajaras, acorridos à taba, esperavam o inimigo diante da caiçara” (JA11).

2 POR EXT Qualquer cerca rústica, com galhos ou troncos de árvores, paus a pique etc., ao redor de uma roça ou plantação para impedir a entrada do gado: “Inscreviam, depois, nas cercas de troncos combustos das caiçaras, a área em cinzas onde fora a mata exuberante” (SER).

3 Arvoredo morto de que ainda restam troncos eretos.

4 Conjunto de ramos e galhos que restam das árvores cortadas para uso da madeira.

5 Cercado de madeira, à margem de rio navegável, para o embarque de gado.

6 Abrigo tosco ou palhoça, geralmente na beira da praia, para guardar embarcações, jangadas, redes e materiais de pescadores.

7 Esconderijo onde se embosca o caçador.

8 REG (AM, PA) Braçada de ramos de árvores que se deita no rio, formando um cercado, para apanhar peixes.

9 REG (AM, PA) Armadilha ou viveiro de tartarugas.

10 ZOOL V sardinha-bandeira.

11 Madeira do angelim-pedra.

sm

12 COLOQ Indivíduo malandro, vagabundo.

sm+f

1 Pessoa muito estúpida, bronca; inútil, sem serventia.

2 REG (RJ, SP) Caipira asselvajado; matuto bronco.

3 REG (RJ, SP) Nativo ou habitante do litoral, em especial pescador, que vive de modo rústico: “O que esses caiçaras liderados por aquele surfista arruaceiro de nome estranho querem é se beneficiar” (TB2).

4 REG (SP) Natural ou habitante do litoral; praiano.

5 Natural ou habitante de Cananeia (SP).

adj m+f  
Relativo ou pertencente a essa cidade.  
ETIMOLOGIA  
tupi kaa-ysá.

Aparentemente, a origem do nome da fazenda deva-se ao uso mais corrente do termo no período, que seriam 1, 2 e 5. Conforme registrado por Pe. Sadoc Araújo (2015, p. 396), na sessão da Câmara de 2 de janeiro de 1778 foi determinada a construção de “uma caiçara de carnaúbas fortes e duráveis para servir de curral’ para o gado vendido no porto do Acaraú e assim se poder controlar os impostos de venda”.

Desse modo, o uso corrente do termo que inspirou o nome da fazenda fundadora de Sobral era basicamente “curral”. Mais recentemente, o termo passou a ser empregado de forma depreciativa para denominar “pessoa muito estúpida”, “bronca”, “inútil” e “sem serventia”, conforme apontado nos dicionários. Se usado pelo seu significado ao pé da letra, o nome deprecia o empreendimento e seus moradores. Contudo, problematizações a parte, a escolha não parece ter sido um ato falho, mas sim uma forma de enfatizar, ao saudar o início da história da cidade, a possibilidade de recomeço para muitos dos novos moradores do bairro.

Contudo, apesar de toda uma construção discursiva positiva em relação à implantação do Nova Caiçara, o bairro já surgiu sob forte oposição política, dos adversários da gestão, e econômico-social, por parte dos moradores dos bairros nobres vizinhos e dos empreendedores, que viram no conjunto a real possibilidade de desvalorização de seus investimentos. Estas preocupações ajudaram a reforçar preconceitos e a segregar e estigmatizar ainda mais as pessoas beneficiadas pelo Nova Caiçara, conforme será analisado a partir dos discursos das páginas noticiosas locais e nas narrativas de alguns dos entrevistados.

#### 4.5 As manchetes e a construção de imagens

Os títulos de reportagens (manchetes) representam mais do que um elemento gráfico comum, configurando-se como espaços fundamentais para a construção e direcionamento dos sentidos que o autor pretende estabelecer com o leitor.

[...] o ato de titular cria uma obrigação no interior do campo de fala que ele instaura; ele corresponde então à definição do ato ilocutório, quer dizer, de um ato produzido pela própria fala – já que está em sua natureza fornecer as marcas necessárias à sua leitura – marcas que pretendem regular a relação dos leitores com o que é dito (GOUAZÉ, 1979, p. 134).

Segundo Gouazé (1979), três critérios permitem a identificação de um título: a localização (aparece no início do texto, se estendendo sobre as colunas ocupadas por ele), o tamanho relativo dos caracteres tipográficos (sempre diferente do tamanho empregado no corpo do texto; normalmente, o título apresenta fonte maior que a do corpo do texto) e a ausência de pontuação forte, característica nem sempre empregada nos blogs<sup>112</sup>.

Ao titular uma matéria, o autor/jornalista procura seduzir o leitor, despertar seu interesse pela reportagem.

Para o leitor, a cena se inicia por um título, título de cartaz da página e título de página interior. O título é como uma propaganda, ele atrai a atenção, faz-se colocar questões que motivam a leitura do artigo. Como uma vinheta, o título qualifica a informação, ilustra-se e condensa-se em um sentido pleno (GOUAZÉ, 1979, p. 119).

Com o título, o veículo de imprensa pretende se dirigir de forma rápida e direta ao leitor, que capturado por este jogo de sedução, é motivado a “consumir” a informação contida na matéria. Já a constituição do conteúdo de um título se dá seguindo determinadas regras, que separam os títulos segundo certas categorias: *títulos-assuntos*, *informativos* e *de referência*.

A primeira categoria, a dos *títulos-assuntos*, corresponde aos elementos invariantes do veículo de imprensa, como o nome de sessões (política, polícia, economia, esporte etc.). Eles servem para guiar a leitura de forma a facilitar a compreensão do leitor, como índices de um catálogo. Estes títulos não têm nenhum conteúdo informacional e não se constituem como enunciados autônomos, fazendo sentido apenas quando estão em seus “devidos lugares”, remetidos a certas informações. Nos blogs, utiliza-se antes do restante do texto do título,

<sup>112</sup> Como em “CAOS NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE!” (Sobral 24 Horas. 26 dez. 2015. Disponível em: [http://www.sobral24horas.com/2015/12/caos-no-abastecimento-de-agua-no-bairro\\_26.html](http://www.sobral24horas.com/2015/12/caos-no-abastecimento-de-agua-no-bairro_26.html). Acesso em: 10 fev. 2018).

destacando o local de ocorrência do fato, como “Sobral-Ce: bandidos estão botando terror no residencial ‘Novo Caiçara’ e bairros vizinhos! Veja o vídeo” (grifo nosso)<sup>113</sup>.

A segunda categoria, os títulos *informativos*, é caracterizada por não poderem ser repetidos nas edições seguintes. Eles têm uma duração efêmera, pois devem trazer sempre as novidades, a quebra da normalidade, o inesperado, para pegar o leitor “desprevenido”. São as informações quotidianas. Segundo Mouillaud, “qualquer informação em um quotidiano ocorre, supostamente, no lapso de 24 horas e fecha-se com este tempo” (MOUILLAUD; PORTO, 2002, p. 105).

E é exatamente o efêmero, o imediato, a principal mercadoria da imprensa, seja ela analógica ou digital, um veículo de existência única. A vida útil de um jornal acaba quando o outro número começa a ser distribuído. Ele não faz parte de uma coleção real. Os leitores não precisam acompanhar toda a série de jornais para apreender o sentido de um enredo. Da mesma forma, uma notícia de blog já lida, refletida e compartilhada pelo público torna-se obsoleta até que possa ser ressignificada para outros fins, como lembrar um escândalo protagonizado por um político para desqualificá-lo em novo pleito.

Caso seja necessário estabelecer um elo com todo o desenrolar de um acontecimento, isso não é feito no título. A reminiscência é feita utilizando-se outros recursos, como os selos de matérias especiais, como “Operação lava jato”<sup>114</sup>, ou em outra parte do cabeçalho da reportagem, no *abre*, um texto um pouco maior que o título, localizado abaixo dele, funcionando como um resumo da matéria. No caso dos blogs, este recurso é pouco utilizado. Mais comumente, os blogs recuperam a história no próprio título das reportagens.

Para esse encadeamento, os veículos de imprensa utilizam-se da terceira categoria: os títulos anafóricos ou *de referência*, que diferentemente dos títulos informativos, remetem-se a outras matérias sobre o tema.

[...] o jornal só existe dia após dia: todos os outros números são remetidos a uma existência virtual. Os títulos anafóricos permitem vencer o intervalo entre um número e outro: fazem uma ponte entre o número e a coleção (dos títulos anafóricos se poderia dizer que incluem a coleção no número, ou o número na coleção (MOUILLAUD; PORTO, 2002, p. 105).

<sup>113</sup> Sobral-Ce: bandidos estão botando terror no residencial "Novo Caiçara" e bairros vizinhos! Veja o vídeo. **Sobral 24 Horas**. 2 mar. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/03/bandidos-estao-tomando-de-conta-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>114</sup> Para identificar qualquer nova reportagem sobre um tema que se desenrola há muitas edições, alguns jornais utilizam um selo, que apresenta um “nome” para o caso e um pequeno desenho, servindo de guia para os leitores. Normalmente, o selo é localizado ao lado do título. Um exemplo de tema que merece um selo é a chamada “Operação lava jato”, que vem repercutindo em sucessivas fases de prisões e novas delações há anos.

Por anáfora, “entende-se a retomada de um segmento por outro situado depois, dentro de um mesmo conjunto textual” (RÊGO, 2006, p. 48). Este tipo de título remete a um assunto cuja temporalidade não se limita ao cotidiano, tendo repercussão mais longa.

Contudo, os títulos dos números anteriores não são simplesmente lembrados, mas condensados numa “classe-paradigma”. Desse modo, é criado um novo recorte enunciativo para o qual o título é remetido, caracterizado pela presença de um determinante, um artigo definido, ou seja, a classe paradigma se transforma em um substantivo sobre o qual se enuncia<sup>115</sup>. Isso permite que os títulos de referência possam ser prolongados em várias edições sem sofrer modificações.

No caso do blog Sobral 24 Horas, apesar de aparentemente não utilizar-se destes recursos técnicos de forma consciente, percebe-se a retomada de determinados assuntos recorrentes, através de expressões que se repetem nos títulos como “caos” e “chuva de balas”, usadas em diversas ocasiões, que direcionam o leitor a recuperar informações de reportagens semelhantes, antecipando o teor do texto, seja apenas o assunto, seja muitas vezes o próprio perfil dos envolvidos e lugares onde os fatos ocorrem. Deste modo, a expressão “chuva de balas” normalmente é usada em relação a homicídios, que na maior parte dos casos ocorrem em bairros periféricos e de população de baixa renda. Já a expressão “caos” é normalmente empregada em relação a problemas de abastecimento de água, retratados na maior parte das vezes nos bairros Nova Caiçara e Renato Parente. Para evitar confusão, a partir de agora os títulos serão referenciados como “manchetes”.

#### *4.5.1 As manchetes e as imagens dos bairros*

Durante o recorte temporal desta pesquisa, 2014 a 2017, foram coletadas 58 reportagens no blog Sobral 24 Horas que traziam, em suas manchetes, menções diretas aos bairros Renato Parente e Nova Caiçara, sendo 23 sobre o primeiro e 35 sobre o segundo. Este critério foi utilizado para tornar a análise viável, pois há diversas outras menções aos bairros, mas sem que seus nomes figurem nas manchetes.

Quando estas notícias são divididas por tema, percebe-se uma maior concentração de reportagens sobre segurança pública relacionadas ao Nova Caiçara. Das 35 notícias, 28 se referiam a crimes ou ações policiais. Das outras sete notícias, que trazem reclamações

---

<sup>115</sup> Uma reportagem intitulada como “Paralisação de servidores causa prejuízos à indústria” não remete a mais nada do que o atual, que à notícia em si, mas se o título trouxe um artigo definido, fica claro que se trata de um assunto com repercussões: “A paralisação de servidores causa prejuízos à indústria”.

diversas, cinco referem-se à falta d'água, uma à falta de transporte e uma narra o caso de uma família que, não sendo cadastrada, invadiu um dos apartamentos e foi expulsa pela prefeitura. Já as 23 notícias relacionadas ao Renato Parente são predominantemente acerca de reclamações de moradores sobre a falta d'água (oito), de falta infraestrutura e falta de saneamento (três), dez sobre a falta de segurança e, curiosamente, duas sobre aluguel e venda de imóveis.

Quanto aos conteúdos das manchetes, é interessante perceber como ajudam na construção da imagem dos bairros. Seguem listadas as manchetes da forma como foram veiculadas, com todas as letras maiúsculas ou não, separadas por bairro (1 a 35 são as manchetes que mencionam o Nova Caiçara e, de 36 a 58, mencionam o Renato Parente):

1. Violência: várias famílias estão abandonando suas residências no "Conjunto Novo Caiçara"<sup>116</sup>
2. Sobral-Ce: bandidos estão botando terror no residencial "Novo Caiçara" e bairros vizinhos! Veja o vídeo<sup>117</sup>
3. Que absurdo! Cidadãos pagam "pedágio" no conjunto "Nova Caiçara"<sup>118</sup>
4. BANDIDOS BOTAM TERROR NO ENTORNO DO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>119</sup>
5. SOBRAL-CE: MULHER LESIONA TRÊS PESSOAS A GOLPES DE FACA NO CONJUNTO NOVO CAIÇARA!<sup>120</sup>
6. VÍDEO: Leitor flagrou uma briga generalizada no residencial "Novo Caiçara"!<sup>121</sup>
7. SOBRAL-CE: HOMICÍDIO À FACA NO RESIDENCIAL CAIÇARA!<sup>122</sup>

<sup>116</sup> **Sobral 24 Horas**. 28 jan. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/01/violencia-varias-familias-estao.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>117</sup> **Sobral 24 Horas**. 2 mar. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/03/bandidos-estao-tomando-de-conta-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>118</sup> **Sobral 24 Horas**. 11 mar. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/03/que-absurdo-cidadaos-pagam-pedagio-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>119</sup> **Sobral 24 Horas**. 20 dez. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/12/bandidos-botam-terror-no-entorno-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>120</sup> **Sobral 24 Horas**. 28 dez. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/12/sobral-ce-mulher-lesionada-tres-pessoas.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>121</sup> **Sobral 24 Horas**. 4 jan. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/01/video-leitor-flagrou-uma-briga.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>122</sup> **Sobral 24 Horas**. 25 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/sobral-ce-homicidio-faca-no-residencial.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

8. VÍDEO: INDIVÍDUOS SÃO FLAGRADOS FURTANDO CANOS DA TUBUÇÃO DE GÁS NO CONJUNTO CAIÇARA<sup>123</sup>
9. ÁUDIO: BOMBA DE GÁS LACRIMOGÊNICO CAI DENTRO DE RESIDÊNCIA NO RESIDENCIAL CAIÇARA, EM SOBRAL<sup>124</sup>
10. GUARDAS MUNICIPAIS SÃO ATACADOS E EXPULSOS DO RESIDENCIAL CAIÇARA!<sup>125</sup>
11. BALA, SANGUE E MORTE NO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>126</sup>
12. VÍDEO: LAMENTÁVEL! FAMÍLIA ACUSA PREFEITURA DE "EXPULSÁ-LA" DO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>127</sup>
13. "CHUVA" DE BALAS DEIXA UM JOVEM MORTO NO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>128</sup>
14. VEJA EM QUE SITUAÇÃO FICOU A SEDE DA GUARDA MUNICIPAL NO CAIÇARA APÓS A INVASÃO DE BANDIDOS<sup>129</sup>
15. FACÇÃO CRIMINOSA DEIXA RECADO EM MURO NO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>130</sup>
16. SOBRAL - CONJUNTO NOVA CAIÇARA<sup>131</sup>
17. POLÍCIA CIVIL FAZ MEGA OPERAÇÃO POLICIAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>132</sup>
18. EXCELENTE TRABALHO REALIZADO PELA POLÍCIA CIVIL DE SOBRAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>133</sup>

---

<sup>123</sup> **Sobral 24 Horas.** 10 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/video-individuos-sao-flagrados-furtando.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>124</sup> **Sobral 24 Horas.** 16 out. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/10/audio-bomba-de-gas-lacrimogeneo-cai.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>125</sup> **Sobral 24 Horas.** 6 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/01/ultima-hora-guardas-municipais-sao.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>126</sup> **Sobral 24 Horas.** 7 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/01/bala-sangue-e-morte-no-residencial.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>127</sup> **Sobral 24 Horas.** 9 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/01/lamentavel-familia-e-expulsa-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>128</sup> **Sobral 24 Horas.** 18 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/01/chuva-de-balas-deixa-um-jovem-morto-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>129</sup> **Sobral 24 Horas.** 26 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/01/veja-em-que-situacao-ficou-sede-da.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>130</sup> **Sobral 24 Horas.** 10 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/facao-criminosa-deixa-recado-em-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>131</sup> **Sobral 24 Horas.** 17 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/sobral-conjunto-nova-caicara.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>132</sup> **Sobral 24 Horas.** 21 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/policia-civil-faz-mega-operacao.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>133</sup> **Sobral 24 Horas.** 22 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/excelente-trabalho-da-policia-civil-de.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

19. SOBRAL-CE: MADRUGADA DE TERROR NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>134</sup>
20. INTERNAUTA FLAGRA CRIANÇAS TOMANDO BANHO DENTRO DE RESERVATÓRIO DE ÁGUA NO CAIÇARA<sup>135</sup>
21. PMs DO FTA APREENDEM PISTOLA NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>136</sup>
22. VÍDEO: A FALTA DE ÁGUA NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA PROVOCA CAOS<sup>137</sup>
23. VIOLÊNCIA: "CHUVA" DE BALAS DEIXA JOVEM LESIONADO NO RESIDENCIAL "NOVA CAIÇARA"<sup>138</sup>
24. DENÚNCIA: APARTAMENTOS ABANDONADOS NO CAIÇARA ESTÃO SERVIDO DE ESCONDERIJO PARA BANDIDOS E USUÁRIOS DE DROGAS<sup>139</sup>
25. DENÚNCIA: ALUNOS DO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA ESTÃO SEM ESTUDAR POR FALTA DE TRANSPORTE ESCOLAR<sup>140</sup>
26. FALTA DE ÁGUA PROVOCA CAOS NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA!<sup>141</sup>
27. LEITOR DENUNCIA A FALTA DE ÁGUA NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>142</sup>
28. VÍDEO: Comunidade do residencial Caiçara confirma protesto no desfile cívico dessa quinta-feira (7)<sup>143</sup>

---

<sup>134</sup> **Sobral 24 Horas**. 14 abr. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/04/sobral-ce-madrugada-de-terror-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>135</sup> **Sobral 24 Horas**. 10 jun. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/06/internauta-flagra-criancas-tomando.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>136</sup> **Sobral 24 Horas**. 12 jun. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/06/pms-do-fta-apreendem-pistola-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>137</sup> **Sobral 24 Horas**. 24 jun. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/06/video-esta-faltando-agua-no-residencial.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>138</sup> **Sobral 24 Horas**. 5 jul. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/07/violenciachuva-de-balas-deixa-jovem.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>139</sup> **Sobral 24 Horas**. 23 jul. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/07/denuncia-apartamentos-abandonados-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>140</sup> **Sobral 24 Horas**. 1 ago. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/08/denuncia-alunos-do-residencial-nova.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>141</sup> **Sobral 24 Horas**. 12 ago. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/08/falta-de-agua-provo-caos-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>142</sup> **Sobral 24 Horas**. 2 set. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/09/leitor-denuncia-falta-de-agua-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>143</sup> **Sobral 24 Horas**. 6 set. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/09/comunidade-do-residencial-caicara.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

29. VÍDEO - MATANÇA SEM CONTROLE EM SOBRAL! JOVEM É EXECUTADO COM VÁRIOS TIROS NA CABEÇA NO RESIDENCIAL CAIÇARA<sup>144</sup>
30. MORADORES DO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA GRITAM POR SOCORRO!<sup>145</sup>
31. DENÚNCIA: BANDIDOS ESTÃO EXPULSANDO MORADORES DO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>146</sup>
32. INTERNAUTA DENUNCIA AGRESSÃO A ASSISTENTE SOCIAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>147</sup>
33. Assistentes Sociais não querem mais cumprir escala de serviço no residencial Novo Caiçara<sup>148</sup>
34. POLÍCIA CIVIL DE SOBRAL FAZ OPERAÇÃO NO CAIÇARA E PRENDE 5 PESSOAS<sup>149</sup>
35. Descaso do SAAE com os moradores do bairro Renato Parente em Sobral-CE<sup>150</sup>
36. CÂMERA DE SEGURANÇA FLAGRA BANDIDO FURTANDO RESIDÊNCIA NO BAIRRO RENATO PARENTE! VÍDEO<sup>151</sup>
37. Leitor flagra o abandono dos bairros Renato Parente e Nossa Sra. de Fátima<sup>152</sup>
38. SOBRAL-CE: PM PRENDE INDIVÍDUOS QUE ESTAVAM ATERRORIZANDO O BAIRRO RENATO PARENTE<sup>153</sup>
39. Que absurdo! Vazamento de água no bairro Renato Parente há vários dias<sup>154</sup>

---

<sup>144</sup> **Sobral 24 Horas.** 28 set. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/09/matanca-sem-controle-em-sobral-jovem-e.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>145</sup> **Sobral 24 Horas.** 16 out. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/10/moradores-do-residencial-nova-caicara.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>146</sup> **Sobral 24 Horas.** 7 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/denuncia-bandidos-estao-expulsando.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>147</sup> **Sobral 24 Horas.** 22 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/internauta-denuncia-agressao-assistente.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>148</sup> **Sobral 24 Horas.** 23 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/assistentes-sociais-nao-querem-mais.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>149</sup> **Sobral 24 Horas.** 4 maio. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/05/policia-civil-de-sobral-faz-operacao-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>150</sup> **Sobral 24 Horas.** 22 ago. 2014. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2014/08/descaso-do-saae-com-os-moradores-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>151</sup> **Sobral 24 Horas.** 16 set. 2014. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2014/09/camera-de-seguranca-flagra-bandido.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>152</sup> **Sobral 24 Horas.** 10 abr. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/04/leitor-flagra-o-abandono-dos-bairro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>153</sup> **Sobral 24 Horas.** 11 jun. 2015. Disponível em: <https://www.sobral24horas.com/2015/06/sobral-ce-pm-prende-dois-individuos-que.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>154</sup> **Sobral 24 Horas.** 26 set. 2015. Disponível em: <https://www.sobral24horas.com/2015/09/que-absurdo-vazamento-de-agua-no-bairro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

40. CAOS NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE!<sup>155</sup>
41. URGENTE! HÁ DUAS SEMANAS QUE OS MORADORES DO BAIRRO RENATO PARENTE ESTÃO SEM ÁGUA NAS TORNEIRAS<sup>156</sup>
42. SOBRAL ABANDONADA: O BAIRRO RENATO PARENTE PEDE SOCORRO<sup>157</sup>
43. Mulher alicia menores e leva pra ser estuprada por maníaco no bairro Renato Parente em Sobral<sup>158</sup>
44. Vídeo: Furto no bairro Renato Parente em Sobral<sup>159</sup>
45. PREÇO IMBATÍVEL: VENDE-SE UMA CASA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>160</sup>
46. "CHUVA" DE BALAS DEIXA UM MORTO E OUTRO BALEADO NO RENATO PARENTE<sup>161</sup>
47. VÍDEO: INDIVÍDUO SUSPEITO CIRCULA PELA MADRUGADA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>162</sup>
48. MORADORES DO BAIRRO RENATO PARENTE SOFREM COM A FALTA DE ÁGUA DO SAAE!<sup>163</sup>
49. FALTA DE ÁGUA: MORADORES DO BAIRRO RENATO PARENTE ESTÃO DESESPERADOS!<sup>164</sup>
50. DENÚNCIA: BAIRRO RENATO PARENTE ESTÁ ABANDONADO!<sup>165</sup>

---

<sup>155</sup> **Sobral 24 Horas.** 6 ago. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/08/sobral-ce-caos-na-abastecimento-de-agua.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>156</sup> **Sobral 24 Horas.** 31 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/urgente-duas-semanas-que-os-moradores.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>157</sup> **Sobral 24 Horas.** 2 set. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/09/sobral-abandonada-o-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>158</sup> **Sobral 24 Horas.** 2 set. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/09/mulher-alicia-menores-e-leva-para-ser.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>159</sup> **Sobral 24 Horas.** 17 nov. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/11/video-roubo-no-bairro-renato-parente-em.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>160</sup> **Sobral 24 Horas.** 5 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/07/vende-se-casa-no-bairro-renato-parente.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>161</sup> **Sobral 24 Horas.** 6 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/chuva-de-balas-deixa-um-morto-e-outro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>162</sup> **Sobral 24 Horas.** 2 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/video-individuo-suspeito-circula-pela.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>163</sup> **Sobral 24 Horas.** 1 mar. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/03/moradores-do-bairro-renato-parente.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>164</sup> **Sobral 24 Horas.** 5 mar. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/03/falta-de-agua-moradores-do-bairro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>165</sup> **Sobral 24 Horas.** 28 abr. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/04/denuncia-bairro-renato-parente-esta.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

51. INSEGURANÇA PÚBLICA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>166</sup>
52. ALERTA AOS MORADORES DO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>167</sup>
53. INTERNAUTA DENUNCIA A FALTA DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE, EM SOBRAL<sup>168</sup>
54. ALUGA-SE CASA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>169</sup>
55. SOBRAL: INSEGURANÇA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>170</sup>
56. DENÚNCIA DE FALTA DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE<sup>171</sup>
57. SOBRAL-CE: ACHADO DE CADÁVER NO BAIRRO RENATO PARENTE (FOTOS)<sup>172</sup>

Em geral, percebe-se que não é mantido um padrão gráfico quanto ao uso da fonte em letras maiúsculas ou minúsculas, e sobre o uso da referência de lugar (Sobral-CE) antes do restante da manchete, que abusam do uso de adjetivos e interjeições, como “desesperados”, “abandonado”, “absurdo”, “lamentável” e “excelente”, podendo-se observar aqui o uso de juízo de valor.

As metáforas e expressões populares também funcionam como atrativo para os leitores, como “botando terror”, “chuva de balas”, além do apelo ao exagero, como em “moradores gritam por socorro”. Todos estes recursos, quando utilizados em reportagens sobre os bairros Nova Caiçara e Renato Parente ajudam a estabelecer junto ao público suas imagens, como será visto a seguir.

---

<sup>166</sup> **Sobral 24 Horas**. 10 maio. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/05/inseguranca-publica-no-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>167</sup> **Sobral 24 Horas**. 13 jun. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/06/alerta-aos-moradores-do-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>168</sup> **Sobral 24 Horas**. 10 out. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/10/internauta-denuncia-falta-de-agua-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>169</sup> **Sobral 24 Horas**. 20 dez. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/12/aluga-se-casa-no-bairro-renato-parente.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>170</sup> **Sobral 24 Horas**. 27 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/sobral-inseguranca-no-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>171</sup> **Sobral 24 Horas**. 3 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/denuncia-de-falta-de-agua-no-bairro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>172</sup> **Sobral 24 Horas**. 27 jul. 2014. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2014/07/achado-de-cadaver-no-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

#### 4.5.2 O Nova Caiçara nas manchetes

Poucos meses depois de inaugurado, já em janeiro de 2015, o Nova Caiçara aparece na manchete com a denúncia de abandono dos apartamentos recém-adquiridos por “várias famílias”. O uso da palavra “Violência” não deixa dúvidas quanto ao motivo. Na segunda manchete, veiculada algumas semanas depois, começa a ser estabelecida a relação do nome do residencial com a imagem de cenário de violência e criminalidade. Ao afirmar que “bandidos estão botando terror no residencial ‘Novo Caiçara’ e bairros vizinhos”, fica subentendido que o epicentro da criminalidade é o residencial, pois é o único local mencionado explicitamente. Afinal, o lugar onde inicialmente estão “botando terror” é no “Novo Caiçara”, ou seja, a presença do residencial está relacionada aos atos criminosos. Ao utilizar aspas<sup>173</sup> no nome do residencial, mesmo que de forma inconsciente o autor enfatiza o nome do bairro e, conseqüentemente, esta relação. Da mesma forma, a manchete 4, veiculada meses depois, volta a relacionar o bairro à criminalidade ao afirmar que “bandidos botam terror no entorno do Caiçara”.

A manchete 3, “Que absurdo! Cidadãos pagam ‘pedágio’ no conjunto ‘Nova Caiçara’”, já foge ao padrão jornalístico ao utilizar a expressão “Que absurdo!” (que denota juízo de valor, o que deve ser evitado do jornalismo). Se analisada sem se levar em conta a interdiscursividade, não seria possível compreendê-la completamente. O fato de “cidadãos” serem mencionados já leva o leitor a iniciar a compreensão de que se trata de uma notícia sobre violência, pois a oposição “cidadão de bem”/“marginal” já faz parte do vocabulário sobre esse assunto, evidenciando uma violência simbólica que traz em suas entrelinhas um discurso autoritário.

Quanto ao pedágio, a cobrança pelo Estado poderia gerar reclamações e até suscitar a revolta e, em artigos de opinião escritos por opositores, justificar o uso da expressão “que absurdo!”, mas no caso específico, unindo-se todos os elementos, o leitor percebe que se trata da cobrança ilegal de pedágio por criminosos, ou seja, crime de extorsão. A construção em si já demonstra que o estabelecimento da relação entre “Caiçara” e “lugar de crimes” está se sedimentando no senso comum.

Em outra manchete, a 31, a figura do “bandido” é usada em oposição a “moradores”. Apesar de haver uma construção negativa nas manchetes, ligando o bairro à criminalidade, esse caso chama atenção. Nos comentários de diversas notícias veiculadas pelo blog, muitos

---

<sup>173</sup> O uso de aspas como elemento de ênfase, por si só, representa um esforço de análise que geraria um novo trabalho de pesquisa, por isso optou-se por aprofundar esta questão em pesquisa posterior, que contemple também os comentários das notícias.

leitores utilizam um discurso generalizante referindo-se aos moradores do residencial Nova Caiçara como sendo “na maioria criminosos”, mas neste caso específico, a manchete deixa subentendido que a bandidagem é algo exógeno ao local, pois os bandidos expulsam os moradores, ou seja, o termo “moradores” é empregado apenas em relação às vítimas, tornando-se um substituto para a expressão normalmente usada em oposição a “bandido” ou “criminoso”, ou seja, “cidadão de bem”.

Assim como na manchete 3, o recurso avaliativo é usado nas manchetes 12 e 18. No primeiro caso, o autor classifica como “lamentável” a “expulsão” de uma família de um dos apartamentos do Caiçara pela prefeitura. Somente com a leitura do texto fica evidente que se trata do despejo de ocupantes ilegais, pois a família não estava entre as contempladas pelo programa habitacional, o que não deixa de ser lamentável pelo fato de ainda existirem famílias nesta situação. Já na manchete 18, o blog qualifica como “excelente o trabalho realizado pela Polícia Civil de Sobral no residencial Nova Caiçara”, mas qual foi o trabalho excelente? Ao ler a reportagem, a ação qualificada dessa forma foi a solicitação por parte do delegado para que a prefeitura pintasse um muro onde facções haviam escrito normas para que fosse permitido o ingresso no local, conforme noticiado na semana anterior (título 15), além de oferecer apoio à equipe que fez o serviço a fim de evitar retaliações, ou seja, a ação “excelente” foi a necessidade de imposição do aparato repressivo do Estado para que uma atividade relativamente banal fosse efetuada, mas que estava carregada de simbolismo, pois representava o Estado “reterritorializando” o Nova Caiçara.

Na sequência, notícias diversas sobre crimes e confusões no residencial (5 a 8), que mesmo não ocorrendo com tanta frequência, separadas por meses, vão estabelecendo o bairro como “área de prática de crimes”, de “população violenta”, “selvagens”, imagem esta que pode ser constatada ao ler os comentários, que em grande parte fazem este tipo de generalização<sup>174</sup>.

Além destas, manchetes como 11, 19 e 21 deixam claro que a violência no residencial é grande, pois lá há “bala, sangue e morte”, “madrugada de terror”, “pistola”, agressão a representantes do Estado (10 e 32) e que isso justifica a Polícia Civil fazer uma “mega operação” no local (17) e fazer operações menores ao longo do tempo (35). Já a manchete 16 não diz muita coisa, mas no texto, retirado de outro veículo, o Via Press, o autor realça as qualidades estruturais do residencial, a quem qualificou de “rico e populoso”. Contudo, a conclusão do texto reforça a periculosidade do local: “mas o que deixa a desejar é que o

---

<sup>174</sup> Os comentários dos blogs representam um excelente objeto de análise. Infelizmente não foi possível utilizá-los neste momento. O objetivo é que possam ser utilizados em pesquisas posteriores.

Caiçara apesar de tudo isso se tornou um dos bairros mais perigosos de Sobral”. Ao usar como ligação a conjunção adversativa “mas”, o autor acaba enfatizando o viés negativo. Desse modo, o Caiçara seria um lugar inseguro em uma cidade que já é violenta, pois conforme afirmado na manchete 29, passa por “um processo de matança sem controle”.

Já a manchete 9 refere-se à gravação de uma denúncia de moradora sobre uma ação questionável da polícia, que durante uma ocorrência disparou uma bomba de gás lacrimogêneo em sua residência. Contudo, ao atribuir a voz passiva, o blog omite a autoria da ação. Dessa forma, não foi uma ação questionável da polícia, mas uma bomba que simplesmente caiu na residência. Nem mesmo no texto o blog deixa a autoria clara.

A manchete 10, “Guardas municipais são atacados e expulsos do Caiçara!”, novamente reforça o perigo da área. Ao omitir quem expulsou os guardas, a manchete abre margem para a interpretação de que a ação foi praticada pelos moradores de forma geral. Somente ao ler a reportagem e assistir ao vídeo é deixado claro que a expulsão foi imposta por “vários bandidos que estavam fumando maconha e traficantes de drogas”.

O ataque a representantes do poder público voltou a ser destaque nos dias 22 e 23 de novembro de 2017, quando foram veiculadas as notícias “Internauta denuncia agressão a assistente social no residencial Nova Caiçara” e “Assistentes Sociais não querem mais cumprir escala de serviço no residencial Novo Caiçara”, respectivamente. A segunda manchete (33) só se torna compreensível quando há um conhecimento prévio da primeira (32), pois as causas da recusa destes profissionais a atuarem no residencial poderiam ser diversas, como a distância, falta de algum benefício, falta de estrutura de trabalho etc., o que não é o caso, mas sim o fato de uma assistente social ter sido agredida. Contudo, sem que o texto seja lido fica a dúvida de quem agrediu a profissional, se foi um morador, algum criminoso ou, o que seria pior e a falta de informações pode levar a pensar, a população do lugar como um todo, e não pessoas específicas em locais específicos do Nova Caiçara. Já na manchete 14, o leitor é convidado a assistir a um vídeo no qual poderá ver “em que situação ficou a sede da guarda municipal no Caiçara após a invasão de bandidos”, enfatizando o desrespeito dos criminosos à autoridade do poder público, reforçando a percepção de que não há controle sobre a violência no Nova Caiçara. Embora a manchete esteja correta do ponto de vista técnico, o blog não traz no texto informações sobre o ocorrido ou sobre respostas das autoridades, limitando-se a expor diversas fotos do local vandalizado, o que só reforça a percepção de desalento.

O uso de metáforas, como “chuva de balas” (13, 23 e 34), “caos” (22 e 26), como tratado no tópico anterior, é uma forma de ampliar a percepção de relevância do fato. Dessa

forma, um tiroteio ganha uma repercussão maior por ter sido disparado um grande número de munições. Quanto à falta d'água, não que os problemas causados por ela não tenham relevância, mas o uso da palavra caos pode denotar um certo exagero por parte do blogueiro, levando a uma interpretação que beira à linguagem sensacionalista do jornalismo.

Já na manchete 20, “internauta flagra crianças tomando banho dentro de reservatório de água no Caiçara”, não foi preciso mencionar o problema da falta d'água em Sobral (como observado em 22, 26 e 27), que torna a vida dos moradores do Nova Caiçara um verdadeiro “caos”, para que a atitude das crianças fosse considerada questionável. O próprio uso da palavra flagrante, que mesmo com o significado formal, ou seja, no sentido de algo visto ou registrado no próprio momento da ação, acaba fazendo referência à linguagem policialesca, ou seja, aludindo a um ato criminoso.

A palavra “denúncia” é usada em três manchetes (24, 25 e 31), além das variantes “leitor denuncia” (27) ou “internauta denuncia” (32):

24. DENÚNCIA: APARTAMENTOS ABANDONADOS NO CAIÇARA ESTÃO SERVIDO DE ESCONDERIJO PARA BANDIDOS E USUÁRIOS DE DROGAS<sup>175</sup>
25. DENÚNCIA: ALUNOS DO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA ESTÃO SEM ESTUDAR POR FALTA DE TRANSPORTE ESCOLAR<sup>176</sup>
27. LEITOR DENUNCIA A FALTA DE ÁGUA NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>177</sup>
31. DENÚNCIA: BANDIDOS ESTÃO EXPULSANDO MORADORES DO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>178</sup>
32. INTERNAUTA DENUNCIA AGRESSÃO A ASSISTENTE SOCIAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA<sup>179</sup>

<sup>175</sup> **Sobral 24 Horas**. 23 jul. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/07/denuncia-apartamentos-abandonados-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>176</sup> **Sobral 24 Horas**. 1 ago. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/08/denuncia-alunos-do-residencial-nova.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>177</sup> **Sobral 24 Horas**. 2 set. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/09/leitor-denuncia-falta-de-agua-no.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>178</sup> **Sobral 24 Horas**. 7 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/denuncia-bandidos-estao-expulsando.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>179</sup> **Sobral 24 Horas**. 22 nov. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/11/internauta-denuncia-agressao-assistente.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

Em todos os casos, são textos, áudios ou vídeos enviados ao blog por e-mails ou mensagens via WhatsApp. O blog publica integralmente as mensagens, acrescentando apenas algum comentário. As denúncias são por motivos diversos, como a falta d'água, falta de transporte, apartamentos abandonados servindo de esconderijo para criminosos, famílias sendo expulsas por criminosos e a agressão à assistente social. Além destas cinco, houve uma notícia-denúncia sem o uso da vinheta: “moradores do residencial Nova Caiçara gritam por socorro!”, referindo-se à presença das facções criminosas. Apesar disso, na manchete 28 (VÍDEO: Comunidade do residencial Caiçara confirma protesto no desfile cívico dessa quinta-feira (7)) a comunidade do Nova Caiçara aparece como protagonista da luta por seus direitos, quando se mobiliza para um protesto pela normalização do abastecimento de água.

#### 4.5.3 O Renato Parente nas manchetes

Quanto ao Renato Parente, há uma constante ênfase nos problemas estruturais do bairro, em alguns casos culpando ou instigando os órgãos competentes a solucioná-los (nos textos das reportagens isso fica ainda mais claro), diferentemente das manchetes enquadradas na categoria “reclamações diversas” referentes ao Nova Caiçara, onde se apela por ajuda de forma genérica, sem direcionamento. Normalmente o Renato Parente é apontado como abandonado (manchetes 37, 42 e 50), em situação desesperadora (49) causada pelo descaso do poder público (como na manchete 35), trazendo “caos” à vida dos moradores (40). São várias as manchetes que fazem alusão aos problemas de abastecimento de água no bairro:

35. Descaso do SAAE com os moradores do bairro Renato Parente em Sobral-CE<sup>180</sup>

37. Leitor flagra o abandono dos bairros Renato Parente e Nossa Sra. de Fátima<sup>181</sup>

40. CAOS NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE!<sup>182</sup>

<sup>180</sup> **Sobral 24 Horas**. 22 ago. 2014. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2014/08/descaso-do-saae-com-os-moradores-do.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>181</sup> **Sobral 24 Horas**. 10 abr. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/04/leitor-flagra-o-abandono-dos-bairro.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>182</sup> **Sobral 24 Horas**. 6 ago. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/08/sobral-ce-caos-na-abastecimento-de-agua.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

## 42. SOBRAL ABANDONADA: O BAIRRO RENATO PARENTE PEDE SOCORRO<sup>183</sup>

## 50. DENÚNCIA: BAIRRO RENATO PARENTE ESTÁ ABANDONADO!<sup>184</sup>

As manchetes sobre criminalidade no Renato Parente apontam suas causas como exógenas ao bairro. Assim, são normalmente suspeitos que circulam ou cometem atos criminosos no local. A manchete de maior caráter sensacionalista encontrada remete justamente ao único caso de homicídio registrado no bairro em 2017, quando o blog recorreu novamente ao uso da metáfora “chuva de balas”(46) que resultou em um morto e um ferido. Nas demais manchetes, a escolha das palavras foi mais comedida, como em “vídeo: furto no bairro Renato Parente em Sobral” (44), “vídeo: indivíduo suspeito circula pela madrugada no bairro Renato Parente” (47), “insegurança pública no bairro Renato Parente” (51), “alerta aos moradores do Renato Parente” (52) e “Sobral: insegurança no bairro Renato Parente” (55). Há uma impessoalidade nas manchetes que tratam da criminalidade no bairro.

Apesar da imagem de bairro sem estrutura, o blog abriu espaço para um anúncio de venda (45) e um de aluguel (54), indício de que ainda está entre os principais vetores do mercado imobiliário de Sobral. Há ainda uma manchete que faz referência ao bairro em relação ao achado de um cadáver (57. SOBRAL-CE: ACHADO DE CADÁVER NO BAIRRO RENATO PARENTE (FOTOS)<sup>185</sup>), com certo apelo sensacionalista ao destacar que a reportagem contém fotos, pois mesmo que a intenção tenha sido alertar as pessoas mais sensíveis, não houve cuidado no corpo da reportagem para que o leitor tivesse como evitar ver as imagens.

Ao analisarem-se as manchetes, percebe-se que enquanto há uma tendência em apontar o Nova Caiçara como um bairro perigoso, violento, onde ações criminosas são constantes, em relação ao Renato Parente há a solidificação da imagem de um bairro sem infraestrutura, no qual os moradores, reiteradas vezes, têm de buscar soluções junto aos órgãos públicos, mesmo em relação à falta de segurança, que não é algo inerente ao local, mas um problema trazido por moradores de outras áreas da cidade, exceto na manchete 43, quando

<sup>183</sup> **Sobral 24 Horas**. 2 set. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/09/sobral-abandonada-o-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>184</sup> **Sobral 24 Horas**. 28 abr. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/04/denuncia-bairro-renato-parente-esta.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

<sup>185</sup> **Sobral 24 Horas**. 27 jul. 2014. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2014/07/achado-de-cadaver-no-bairro-renato.html>. Acesso em: 01 mar 2018.

a mulher que aliciou a menor a levou para ser estuprada justamente por um “maníaco” residente no bairro.

#### **4.6 Ditos e não ditos na construção das imagens dos bairros**

Se a análise das manchetes ajuda a localizar marcas ideológicas e imagens construídas sobre os dois bairros, os textos assumem um papel de aprofundamento ainda mais expressivo. Quando apreendido em seu conjunto, o gênero “notícias veiculadas nos blogs”, composto pelas manchetes, fotografias, textos noticiosos, textos argumentativos, vídeos, e-mails e comentários, ou seja, pelo hibridismo de gêneros, ajuda a consolidar ou pelo menos a sugerir ao leitor o estabelecimento de determinadas percepções.

Contudo, é ainda mais difícil perceber as marcas ideológicas presentes nos textos em sua integralidade do que nas manchetes, pois enquanto gênero, a notícia jornalística busca transmitir ao público a ideia de isenção. Já as manchetes têm o objetivo de instigar o consumo da notícia. Para tornar viável a análise, optou-se por selecionar, dentre as dezena de notícias levantadas durante a pesquisa, aquelas que expõem juízo de valor sobre os bairros, seja explícita ou implicitamente.

Dessa forma, foram selecionadas cinco notícias sobre o bairro Nova Caiçara e cinco sobre o Renato Parente, todas veiculadas no blog Sobral 24 Horas entre os anos de 2014 e 2017, embora algumas não tenham sido produzidas pelo blog, mas por parceiros, devidamente creditados<sup>186</sup>.

##### *4.6.1 Nova Caiçara*

A vinculação da imagem do residencial Nova Caiçara com a violência e criminalidade em Sobral, como percebido nas manchetes, deu-se praticamente logo após sua inauguração. Se nas manchetes, mesmo nas notícias que não são de viés policial, esta construção pode ser facilmente percebida, nos textos sobre crimes e falta de segurança associadas ao bairro os autores do blog estudado parecem desistir de manter a formalidade e lançam mão de elementos argumentativos.

---

<sup>186</sup> Afinal, mesmo não sendo o produtor, ao veicular a notícia o blog se torna responsável por ela.

#### 4.6.1.1 O “epicentro do crime”

Na reportagem publicada no dia 11 de março de 2015, “Que absurdo! Cidadãos pagam ‘pedágio’ no conjunto ‘Novo Caiçara’!”<sup>187</sup>, a primeira frase deixa claro que as informações foram repassadas por “moradores vítimas”, que estariam pagando pedágio para entrar nas próprias residências, o que leva à compreensão de que essas pessoas estão sendo obrigadas por moradores que não são vítimas, ou seja, criminosos, pois estão praticando o crime de extorsão.

No grande e único parágrafo seguinte, o autor do texto relembra que o “conjunto foi inaugurado recentemente, mas o medo e a violência impera no residencial”. Desse modo, é plantada a ideia de que entre as pessoas contempladas pelos apartamentos há bandidos, confirmada na frase seguinte, na qual lista as várias atividades criminosas praticadas dentro do Caiçara.

A seguir, o autor atribui ao texto um perfil editorial, determinando ações que devem ser desenvolvidas pelo Estado<sup>188</sup>:

O poder público não pode permitir que se instale o tráfico de drogas e o crime organizado em um local construído para servir a cidadãos de bem. Em virtude dos crimes praticados e da quantidade de bandidos que ali estão instalados em meio a cidadãos de bem, o residencial está sendo conhecido pelo apelido de "CARANDIRU", uma triste alusão ao presídio de São Paulo. As autoridades constituídas devem tomar providências e procurar selecionar mais os beneficiários para as futuras moradias que serão inauguradas, sob pena de termos uma cidade inteira dominada pelo crime.

O autor do texto instiga o Estado a assumir uma postura determinada diante das ocorrências de crimes no Nova Caiçara, que enfatiza ter sido criado para atender a “cidadãos de bem”, termo usado duas vezes. Pela ênfase dada no texto, o autor acredita que “a quantidade de bandidos que ali estão instalados” é algo fora do comum, e que isso se deve às falhas do próprio poder público, que não fez uma seleção adequada dos beneficiários. O texto finaliza com uma afirmativa alarmista, que se as “autoridades constituídas” não revirem a política de escolha dos contemplados pelos apartamentos do residencial, isso repercutirá

<sup>187</sup> Que absurdo! Cidadãos pagam ‘pedágio’ no conjunto ‘Novo Caiçara’!. **Blog Sobral 24 Horas**. 11 mar. 2015. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2015/03/que-absurdo-cidadaos-pagam-pedagio-no.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>188</sup> Segundo Araújo e Souza (2008, p. 181), “o editorial expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão do momento. É a forma mais eficiente de as empresas se comunicarem com o Estado”. As autoras acrescentam que o editorial “analisa o assunto de forma valorativa a partir do ponto de vista da empresa. Apresenta um diagnóstico e uma receita para a questão [...] no editorial a opinião do autor é o eixo do texto. Há certo dogmatismo que, em consequência, é marcado pela adjetivação, juízos, reclamação e indignação” (ARAÚJO; SOUZA, 2008, p. 198).

negativamente por toda a cidade, que será “inteira dominada pelo crime”, ou seja, indica o Nova Caiçara como possível origem de toda a criminalidade que venha a dominar Sobral<sup>189</sup>.

Da mesma forma, a reportagem publicada no dia 21 de fevereiro de 2017, “Polícia Civil faz mega operação policial no residencial Nova Caiçara”<sup>190</sup> alude ao fato de haver denúncias e percepção de que o local é ponto de origem do aumento de ações criminosas naquela parte da cidade. Segundo a reportagem, o titular da Delegacia Regional de Sobral, Otávio Coutinho, afirmou que “há muita reclamação de tráfico de drogas e roubo que partindo do local” (SIC).

O mais interessante foi a conclusão da notícia, quando foram apresentados os resultados da ação, segundo o qual houve a “retomada do espaço público desmistificando a sensação de que o Conjunto Nova Caiçara só tem vagabundo”, ou seja, confirma que naquele momento a percepção já havia se tornado senso comum.

#### 4.6.1.2 Nova Caiçara: “um dos lugares mais perigosos de Sobral”

No dia 17 de fevereiro de 2017, o blog Sobral 24 Horas publicou uma foto, que trazia uma paisagem do Nova Caiçara, acompanhada de um pequeno texto:

Construído na cidade de Sobral, no Norte do Ceará, abriga milhares de famílias, um bairro rico e populoso: praças, quadra poliesportiva e playground, mas o que deixa a desejar é que o Caiçara apesar de tudo isso se tornou um dos bairros mais perigosos de Sobral<sup>191</sup>.

O texto é iniciado listando todas as qualidades do Nova Caiçara, contudo, o uso da conjunção adversativa “mas” leva o leitor a perceber que tudo o que foi apontado como positivo tem sua relevância diminuída pelo que vem a seguir, no caso, que o “Caiçara se tornou um dos bairros mais perigosos de Sobral”, sem explicar o que o levou a chegar a essa conclusão, quais estatísticas, em quais “falas autorizadas”<sup>192</sup> baseou a afirmativa. Assim, o texto alude a um senso comum<sup>193</sup> já estabelecido sobre o local.

<sup>189</sup> Conforme será visto no capítulo 5, esta ideia de que a seleção das famílias foi feita de forma errada e que poderá criar um epicentro de crimes na cidade é perceptível nas narrativas tanto de moradores do residencial quanto da vizinhança.

<sup>190</sup> POLÍCIA CIVIL FAZ MEGA OPERAÇÃO POLICIAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA. **Blog Sobral 24 Horas**. 21 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/policia-civil-faz-mega-operacao.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>191</sup> SOBREAL – CONJUNTO NOVA CAIÇARA. **Blog Sobral 24 Horas**. 17 fev. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/02/sobral-conjunto-nova-caicara.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>192</sup> Ao redigir uma matéria sobre um assunto qualquer, o jornalista busca, antes de tudo, ouvir pessoas especializadas, que tenham domínio sobre o tema, visando dar maior credibilidade às informações veiculadas. A

Dessa forma, é clara a polifonia no texto do blog, que baseia sua análise em “verdades” estabelecidas sobre o Nova Caiçara por vozes indeterminadas, mas que estão sempre presentes nos sentidos construídos sobre o bairro.

#### 4.6.1.3 O Nova Caiçara e o “cidadão de bem”

Não é apenas no primeiro texto deste tópico, quando o autor enfatiza que o Nova Caiçara foi construído para atender ao “cidadão de bem”<sup>194</sup>, e no segundo, no qual se enfatiza que uma ação da polícia tinha como objetivo desmistificar que no Nova Caiçara “só tem vagabundo”, que aparece a oposição bandido / cidadão de bem.

A partir da ação policial desencadeada em 21 de fevereiro, observa-se a tentativa dos responsáveis pelo blog em não propagar a percepção negativa sobre os moradores do Nova Caiçara. Já no dia seguinte, em uma continuação da repercussão da operação policial no residencial<sup>195</sup>, o autor do texto destaca a fala do delegado Otávio Coutinho, segundo o qual havia o intuito de “mostrar que de forma alguma a POLÍCIA vai admitir afrontas de ‘GRUPOS CRIMINOSOS’ ao Estado e ao Cidadão de Bem”, ao acompanhar a pintura de um muro com orientações de uma facção criminosa para as pessoas que entrassem no Nova Caiçara.

Parecendo seguir o discurso defendido pelo delegado, em reportagem publicada no dia 23 de julho de 2017 informando que apartamentos abandonados estavam sendo usados como “esconderijo para bandidos e usuários de drogas”<sup>196</sup>, ao fazer uma breve introdução ao vídeo enviado por um morador do residencial, o autor do blog faz uma ressalva: “Ressalta-se que no residencial Nova Caiçara mora muita gente de boa índole, ou seja, a maioria da população é formada por *cidadãos de bem*”.

---

quem se deve ouvir sobre uma greve de motoristas de ônibus? O Sindicato dos motoristas, a entidade representativa dos empresários etc.

<sup>195</sup> Segundo Orlandi, “a fixação de sentidos é socialmente organizada. Há um processo social de atribuição (distribuição) dos sentidos, segundo o qual, em toda sociedade, há vozes que se tornam gerais (indeterminadas) e que contribuem para a formação do conhecido ‘CONSENSO’ (senso-comum?): são as vozes das autoridades” (ORLANDI, 1989, p. 43).

<sup>194</sup> Conforme breve discussão sobre o conceito feita no capítulo 2.

<sup>195</sup> EXCELENTE TRABALHO REALIZADO PELA POLÍCIA CIVIL DE SOBRAL NO RESIDENCIAL NOVA CAIÇARA. **Blog Sobral 24 Horas**. 22 fev. 2017. Disponível em: <https://www.sobral24horas.com/2017/02/excelente-trabalho-da-policia-civil-de.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>196</sup> DENÚNCIA: APARTAMENTOS ABANDONADOS NO CAIÇARA ESTÃO SERVIDO DE ESCONDERIJO PARA BANDIDOS E USUÁRIOS DE DROGAS. **Blog Sobral 24 Horas**. 23 jul. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/07/denuncia-apartamentos-abandonados-no.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

#### *4.6.1.4 O uso político do Nova Caiçara*

Negar que os empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida tenham sido objetos de superexposição pelo Governo Federal seria pura inocência ou representaria alinhamento ideológico com os idealizadores do programa. Com o Nova Caiçara não seria diferente. Quando os governos federal, estadual e municipal, sabidamente alinhados, lançaram o empreendimento, trataram de explorar ao máximo o impacto que traria a oferta de mais de três mil unidades habitacionais a Sobral.

Como parte do jogo político, os grupos de oposição não assumiram a postura de simplesmente aplaudir a iniciativa sem apontar os inúmeros problemas que um empreendimento desta magnitude traria, como o impacto no mercado imobiliário, pois foi construído exatamente em um dos locais de maior interesse especulativo. Assim que as primeiras famílias se mudaram para o Nova Caiçara, começaram a surgir notícias negativas sobre o residencial, mas sem a devida contextualização.

Não cabe aqui avaliar o uso político em si, mas as estratégias discursivas utilizadas para o estabelecimento e popularização da representação negativa do Nova Caiçara e seus habitantes, que pode não ter sido a primeira ou a única responsável por isto, mas teve sua parcela de contribuição neste problema semiótico aqui analisado.

As pessoas contempladas pelo empreendimento foram desterritorializadas (HAESBAERT, 2014), removidas de diversas comunidades distintas e realocadas em um mesmo espaço, muitas das quais oriundas de áreas de risco e de domínio de grupos criminosos rivais. Sem o acompanhamento necessário e sem uma presença mais efetiva das autoridades, logo estes grupos entraram em choque. Repentinamente a família de um menor infrator pertencente a uma gangue passou a conviver lado a lado com famílias de integrantes de gangues rivais, um cenário extremamente explosivo que aparentemente não foi devidamente avaliado.

O que deveria ser a joia da coroa do grupo político hegemônico passou a ser desconstruído em consequência de sua popularidade. Por estar na mídia devido suas dimensões, todas as ocorrências registradas no Nova Caiçara ganharam repercussão maior do que as de bairros com índices de violência muito superiores. Há muitos interesses em jogo e a construção da imagem do residencial parece ser um dos campos de batalha.

O estabelecimento da imagem negativa do empreendimento pode ser observada em diversos blogs e sites locais. Apesar de não fazerem parte do escopo e alguns textos utilizados nem fazerem parte do recorte temporal desta pesquisa, é interessante registrar algumas

menções negativas mais explícitas feitas ao Nova Caiçara em outros veículos, mantidos por opositores ferrenhos ao grupo que mais colheu capital político com o empreendimento, ou seja, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o grupo dos Ferreira Gomes (atualmente no Partido Democrático Trabalhista – PDT).

No dia 8 de janeiro de 2017, no blog Sobral Agora, mantido pelo radialista Bené Fernandes, foi veiculada notícia da compra de carros compactadores de lixo<sup>197</sup>. No texto, o autor, ferrenho opositor ao PT, ao qual já foi filiado e pelo qual disputou eleição para vereador de Sobral<sup>198</sup>, opina sobre a coleta de lixo e menciona escândalo de corrupção relacionado ao serviço:

Prefeito Ivo Gomes começa sua administração fazendo uma limpeza geral, não só nos excessos de funcionalismo, mas na sujeira da cidade. Soube que nesta semana o prefeito Ivo teria comprado 10 carros compactadores. Pelo visto, Ivo vai cortar alguns “privilegiados” que estavam se dando bem como a história do LIXO em Sobral. Tive informações que as “caçambas” terão outros destinos e que a FARRA do LIXO vai se acabar na terrinha de Dom José.

Desafio

Soube que no Residencial Nova Caiçara tem acúmulo de LIXO em várias ruas e que o “carro” não vai apanhar esse lixo com medo de serem assaltados. No residencial Caiçara os bandidos estão dominando de um jeito que até a polícia tem medo de entrar lá, e quando entram é em comboios prontos para agir.

Nessa semana passada, dois Guardas Civis Municipais foram botados para correr do Residencial Nova Caiçara, por marginais que circulam naquele complexo habitacional. A pedra comeu frouxo. Soube que “Eles” não aceitam vigilância por ali.

Espero que estes desafios sejam enfrentados pelo prefeito Ivo Gomes, com medidas sérias e que realmente resolva a situação. (SIC).

Sem revelar como “soube” dos ocorridos, o radialista menciona que nem mesmo o carro de coleta de lixo ou a própria polícia entram no Nova Caiçara, onde “os bandidos estão dominando”. O mesmo blogueiro, no dia 25 de janeiro, relata, baseado em informações do blog Wilson Gomes, o arrombamento de um “posto de apoio da Guarda Municipal no Residencial Caiçara”<sup>199</sup>:

<sup>197</sup> SOBRAL – Prefeito Ivo Gomes inicia limpeza geral com compra de carros compactadores. **Blog Sobral Agora**. 08 jan. 2017. Disponível em: <http://sobralagora.com.br/2017/01/sobral-prefeito-ivo-gomes-inicia-limpeza-geral-com-compra-carros-compactadores/>. Acessado em: 10 jan. 2018.

<sup>198</sup> “O Radialista Benedito Fernandes ou simplesmente Bené Fernandes é apresentador de programa com apelo popular com entrevistas, participação popular e comentários ‘ácidos’ do horários das 14 às 15 horas de segunda a sexta na rádio Coqueiros FM. Já foi forrozeiro na rádio Paraíso e tece ainda comentários políticos na rádio Tupinambá no programa ‘Alô, Alô Zona Norte’, comandado pelo jornalista Ítalo Costa. Foi candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores em 1988, não foi eleito e resolveu posteriormente ingressar na radiofonia. Tem posições firmes e uma particularidade: resolveu apoiar o candidato Moses Rodrigues, que era de oposição, posicionamento divulgado abertamente em suas redes sociais” (SIC) (DOMINGOS, 2017, p. 24).

<sup>199</sup> SOBRAL – TRISTE Arrombaram o Posto de apoio da Guarda Municipal no Residencial Caiçara. **Blog Sobral Agora**. 25 jan. 2017. Disponível em: <http://sobralagora.com.br/2017/01/sobral-triste-arrombaram-o-posto-de-apoio-da-guarda-municipal-no-residencial-caicara/>. Acessado em: 10 jan. 2018.

Arrombaram a sala da Guarda Municipal do residencial Nova Caiçara e de lá levaram tudo que podia. Armas não letal, bebedouro e os spray de pimenta. Coitado dos Guardas Civis. É Ivo nessa!

Do Sobral Agora...

Soube que os guardas civis estão sendo obrigados na marra, para irem trabalhar no Conjunto Nova Caiçara, expondo-se aos perigos causados pelos marginais ali residentes. Ressaltar que no residencial Caiçara tem muitas famílias decentes, mas que infelizmente o complexo habitacional é dominado por gangues e o tráfico e uso de drogas é uma realidade cruel. Ali é perigoso até para quem reside, imaginem para quem não mora por lá.

Sem maldades, mas porque a Guarda Civil Municipal implantou um Posto de Serviço naquele Complexo Habitacional? Nenhum outro bairro ou distrito existe esse serviço. Aliás, só conheço um Posto de apoio da Guarda nas ruas de Sobral, que fica no Parque da cidade, e muitas vezes não serve de apoio à nada, pois assaltos são registrados bem próximos a esse posto e os “guardas” nada podem fazer.

Querem transformar alguém em herói?? Me poupem desse vexame!!! (SIC).

No texto, o autor enfatiza que mesmo os guardas civis municipais temem atuar no local, “sendo obrigados na marra”. Percebe-se a tentativa do autor em se eximir de uma possível acusação de estar sendo preconceituoso, ressaltando “que no residencial Caiçara tem muitas famílias decentes”, construção que apenas reforça a estigmatização socioespacial, pois logo a seguir ele usa a conjunção adversativa “mas” para destacar que “infelizmente o complexo habitacional é dominado por gangues e o tráfico e uso de drogas é uma realidade cruel”. Dessa forma, fica a percepção de que as “famílias decentes” são “muitas”, mas não a maioria, pois o local seria dominado pelos criminosos, o que torna o Nova Caiçara “perigoso até para quem reside, imaginem para quem não mora por lá”. Outro fator a ser destacado no texto é que todos os enunciados levam à desqualificação das ações promovidas pela gestão.

Já no dia 7 de março de 2018, repercutindo a aprovação da taxa de turismo e as novas regras para a queima de fogos de artifício em Sobral<sup>200</sup>, Bené Fernandes escreveu:

A Câmara Municipal realizou na noite desta terça-feira(6) a sua 6ª Sessão Ordinária, sob o comando do Vereador Paulo Vasconcelos(PDT) e secretariado pelo Vereador Rogério Arruda(PP).

No destaque – A volta do Projeto de Lei nº 2184/18, de 06/03/2018.

Ementa: Dispõe sobre regras e proibição da queima, soltura e manuseio de fogos de artifício, artefatos pirotécnicos, rojões e foguetes que causem poluição sonora, como estouros e estampidos, no Município de Sobral. Autoria: Vereadora Alessandra Ponte de Queiroz Miranda (PDT).

Ressaltar que esse Projeto havia sido apresentado às vésperas do final do ano passado, onde a Prefeitura havia programado a tradicional “queima de fogos” do réveillon de 2018. Soube que “mandaram” retirar o projeto da pauta por conta disso. Agora tudo voltou. As festas juninas em Sobral prometem ser “SILENCIOSAS”. Será que o POVO vai cumprir a LEI?...

O TURISMO...

<sup>200</sup> Sobral - 6ª Sessão da Câmara Municipal aprova TAXA DE TURISMO e REGRAS para queima de FOGOS de Artíficos. **Blog Sobral Agora**. 07 mar. 2018. Disponível em: <http://sobralagora.com.br/2018/03/sobral-6a-sessao-da-camara-municipal-aprova-taxa-de-turismo-e-regras-para-queima-de-fogos-de-artifícios/>. Acessado em: 10 jun. 2018.

A Câmara Municipal também aprovou em primeira votação o Projeto de Lei que CRIA A TAXA DE TURISMO em Sobral. Pelo jeito, o “TURISTA” que visitar nossa cidade, pagando uma TAXA de hospedagem, terá como opção, uma visita gratuita ao CAIÇARA, SUVACO DA COBRA, RIO ACARAÚ totalmente poluído, FEIRA DO APRAZÍVEL sem nenhuma estrutura para suportar uma CHUVA e as nossas PRAÇAS lindas, sujeitos a serem assaltados na hora da visita.

O Projeto ainda passará pela segunda votação, mas pelo visto, não terá problemas para ser aprovado pelos Vereadores da Câmara Municipal. Ressaltar que os vereadores da oposição, com exceção do Vereador Zezão(MDB), votaram contra a aprovação desse Projeto de LEI. (SIC).

Para desqualificar o projeto colocado em pauta pelo grupo político no poder, o radialista enumera diversos pontos negativos de Sobral como possíveis “atrações” para o turista desavisado. Assim, o Caiçara e outra área conhecida pelo comércio de drogas ilegais e violência no bairro Sinhá Saboia, o “Suvaco da Cobra”, são comparados a um rio poluído, a uma feira sem estrutura adequada e a praças sem segurança, ou seja, o Nova Caiçara figura, no entender do autor, como o primeiro de uma lista de pontos negativos de Sobral, mesmo sem ser acompanhado de adjetivos desabonadores ou ser referido por um apelido depreciativo, como o “Suvaco da Cobra”. Nesse contexto, percebe-se que o próprio nome do bairro tornou-se um adjetivo pejorativo no discurso do blogueiro.

Da mesma forma, o portal Ceará News 7, pertencente ao sistema de comunicação do empresário sobralense Donizete Arruda, também replica constantemente a imagem negativa sobre o Nova Caiçara, sempre em notícias relacionadas a críticas à gestão do prefeito Ivo Ferreira Gomes. Como exemplo, no dia 29 de setembro de 2017, a notícia sobre reunião do prefeito com o secretário de segurança pública do Ceará, André Costa<sup>201</sup>, é finalizada com o seguinte parágrafo:

Mais uma morte

Coincidentemente ou não, horas após a visita do secretário ao prefeito, mais um assassinato foi registrado nas ruas de Sobral. Era o começo da noite de quinta-feira quando um adolescente de apenas 15 anos de idade, identificado por Wanderson, foi executado com vários tiros na cabeça quando passeava de bicicleta com amigos. O crime ocorreu no Residencial Caiçara, na periferia da cidade, um dos redutos da criminalidade sobralense.

O Nova Caiçara é mencionado pelo autor do texto como “um dos redutos da criminalidade sobralense”. Expressão semelhante é utilizada na notícia sobre o reforço de 216 novos policiais militares ao efetivo de Sobral<sup>202</sup>, quando o bairro é o único da cidade

<sup>201</sup> Após criticar a Polícia Civil, Ivo recebe secretário e diz que “também agradece”. **Ceará News 7**. 29 set. 2017. Disponível em: <http://cearanews7.com/apos-criticar-policia-civil-ivo-recebe-secretario-e-diz-que-tambem-agradece/>. Acessado em: 15 abr. 2018.

<sup>202</sup> Sobral recebe reforço de 216 PMs após apelos da população contra a violência. **Ceará News 7**. 07 dez. 2017. Disponível em: <http://cearanews7.com/sobral-recebe-reforco-de-216-pms-apos-apelos-da-populacao-contra-violencia/>. Acessado em: 15 abr. 2018.

mencionado em comentário sobre a violência: “Bairros como Nova Caiçara são os mais violentos devido à presença de intenso tráfico de drogas e da ‘guerra’ entre facções criminosas”, o que voltou a ocorrer na reportagem sobre as obras de requalificação do Alto do Cristo, quando é afirmado que as famílias do local terão suas casas desapropriadas e receberão terrenos “num dos bairros mais perigosos da cidade, o Nova Caiçara”<sup>203</sup>.

O uso político dos problemas enfrentados pelos moradores do Nova Caiçara criaram, inclusive, atritos entre eles e os seus vizinhos, como será visto no tópico referente ao choque de interesses entre os moradores do residencial e os do Renato Parente.

Seguindo no uso da ACD, cabe verificar como foi representado o Renato Parente no mesmo período, pois ao contrastar as construções discursivas sobre ambos, é possível constatar que de fato há uma negação do Nova Caiçara.

#### 4.6.2 Renato Parente

A aprovação do loteamento Morada do Planalto sem que fossem seguidas as normas estabelecidas pela Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo cria problemas para os moradores do bairro Renato Parente e para a prefeitura até os dias de hoje. Graças à falta de infraestrutura básica, as dificuldades enfrentadas pelos habitantes locais só não é pior por se tratarem, em sua maioria, de pessoas com poder aquisitivo suficiente para tomar medidas paliativas, como a construção de cisternas, caixas d’água maiores, instalação de iluminação por conta própria, investir em segurança particular e pagar pela limpeza de terrenos mesmo não sendo os proprietários, quando a prefeitura não cumpre o papel de fiscalizar e notificar os responsáveis.

Apesar da falta de estrutura, o bairro segue como um dos principais focos do mercado imobiliário sobralense. A imagem positiva estabelecida pelos empreendedores continua atraindo novos moradores apesar das notícias sobre os problemas locais. Contudo, durante o ano de 2017 foi perceptível a queda nos investimentos locais. Alguns moradores e corretores<sup>204</sup> apontaram como causa principal a insegurança criada pela instalação do Nova Caiçara a menos de dois quilômetros. Outro fator, já apontado neste capítulo, foi o aumento da procura pelas residências de valor inferior no bairro das Nações.

---

<sup>203</sup> Ivo derrubará Cristo Redentor feito por Dom José para se vingar do bispo de Sobral. **Ceará News** 7. 05 jan. 2018. Disponível em: <http://cearanews7.com/ivo-derrubara-cristo-redentor-feito-por-dom-jose-para-se-vingar-do-bispo-de-sobral/>. Acessado em: 15 abr. 2018.

<sup>204</sup> Entrevistas realizadas durante a pesquisa.

Mas para alívio dos especuladores, aparentemente a presença do Nova Caiçara não afetou tão drasticamente o interesse pelo bairro, que registra novo aumento de canteiros de obras em 2018. Mas até 2017, esta perspectiva não parecia provável, como será visto nos próximos tópicos.

#### 4.6.2.1 Renato Parente e seus problemas

Quando surgem notícias sobre o bairro Renato Parente, quase sempre são referentes aos problemas de infraestrutura. No dia 26 de dezembro de 2015, por exemplo, foi noticiado o problema de abastecimento de água no bairro<sup>205</sup>. Ao relatar a reclamação de um morador, segundo o qual, depois de reiteradas reclamações, a resposta de um funcionário do Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sobral (SAAE) era sempre a mesma, de que em breve o fornecimento seria normalizado, o autor da notícia aproveitou para fazer uma dura crítica ao órgão: “Isso mostra a total incompetência do SAAE! Por que a CPI do SAAE não foi iniciada?”.

O mesmo problema foi novamente foco do blog no dia 31 de março de 2016<sup>206</sup>, quando foi publicado: “há duas semanas que vários moradores do bairro Renato Parente estão sofrendo com a falta de água”. Novamente o blog saiu em defesa dos moradores, argumentando que “essa situação já virou novela! Constantemente falta água e o SAAE fica enrolando a população com falácias”, lembrando que “os moradores querem uma solução definitiva para o problema que se arrasta desde a criação do bairro”.

Outra notícia, referente a uma série de furtos a lâmpadas das fachadas das residências<sup>207</sup>, destaca que “a polícia foi acionada, mas em virtude da falta de placas de identificação das ruas e bairros, ficou difícil a chegada da polícia no local” e que “a população clama por socorro, pois o bairro está abandonado e os bandidos estão ‘pintando e bordando’”.

<sup>205</sup> CAOS NO ABASTECIMENTO DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE!. **Blog Sobral 24 Horas**. 26 dez. 2015. Disponível em: [http://www.sobral24horas.com/2015/12/caos-no-abastecimento-de-agua-no-bairro\\_26.html](http://www.sobral24horas.com/2015/12/caos-no-abastecimento-de-agua-no-bairro_26.html). Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>206</sup> URGENTE! HÁ DUAS SEMANAS QUE OS MORADORES DO BAIRRO RENATO PARENTE ESTÃO SEM ÁGUA NAS TORNEIRAS. **Blog Sobral 24 Horas**. 31 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/urgente-duas-semanas-que-os-moradores.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>207</sup> A BANDIDAGEM EM SOBRAL NÃO DISPENSA NADA!. **Blog Sobral 24 Horas**. 05 dez. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/12/a-bandidagem-em-sobral-nao-dispensa-nada.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

Fora estas notícias, constantemente o blog publica integralmente e-mails dos moradores do bairro reclamando dos inúmeros problemas locais, como a falta de limpeza dos terrenos, falta de saneamento básico, alagamentos, ruas esburacadas e a falta de segurança.

#### 4.6.2.2 *Da realidade à imagem*

Apesar de todos os problemas relatados, o bairro segue com a imagem de área privilegiada da cidade, muito mais pela imponência de algumas mansões e as belas fachadas de muros altos de quase todas as casas, que seguem praticamente um padrão de acabamento e têm, em sua maioria, menos de dez anos de uso.

Quando reproduziu uma notícia de outro blog, o Sobral na Mídia, sobre o aliciamento de uma menor<sup>208</sup> do Parque Santo Antonio, abusada sexualmente por um “maníaco” “morador do bairro”, o blog manteve a ênfase de que o Renato Parente é uma “área nobre da cidade”. Apesar de ser uma notícia negativa, a imagem positiva é destacada, inclusive com desdobramento interessante nos dois comentários registrados em anonimato, que diferentemente do que ocorre quando as notícias de crimes são sobre o Nova Caiçara, um enfatizou que “isso não vai dar em nada”, por se tratar de crime praticado por um morador de área nobre, e o outro fez uma espécie de justificativa, ao ressaltar que “Bandido existe em todo canto”<sup>209</sup>.

A imagem positiva é novamente enfatizada no anúncio de venda<sup>210</sup> de uma casa no bairro. Segundo o autor do texto, a “linda casa (nova)” encontra-se “em local privilegiado”, uma “rua asfaltada no início do bairro”, ou seja, em um local que padece pela falta de infraestrutura, o fato de uma rua ser asfaltada é um qualificativo a ser destacado.

---

<sup>208</sup> Mulher alicia menores e leva pra ser estuprada por maníaco no bairro Renato Parente em Sobral. **Blog Sobral 24 Horas**. 02 set. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/09/mulher-alicia-menores-e-leva-pra-ser.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

<sup>209</sup> Cabe novamente justificar a ausência de uma análise dos comentários, que mesmo mencionados ao longo desta etapa da pesquisa, foram preteridos por consistirem em objetos de análise que merecem maior aprofundamento em etapas acadêmicas posteriores.

<sup>210</sup> PREÇO IMBATÍVEL: VENDE-SE UMA CASA NO BAIRO RENATO PARENTE. **Blog Sobral 24 Horas**. 05 jan. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/07/vende-se-casa-no-bairro-renato-parente.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

#### 4.6.3 Quando os interesses se chocam: o antagonismo entre as duas comunidades

Conforme afirmado anteriormente, a construção do Nova Caiçara suscitou diversos temores nos moradores dos bairros vizinhos. Os dois principais choques de interesses entre aquela nova comunidade e o bairro Renato Parente (assim como o Nossa Senhora de Fátima e a Cohab III) foram os problemas de abastecimento de água e de segurança pública.

Se o abastecimento de água já era deficitário naquela área da cidade, a chegada de mais de três mil novas famílias logo despertou receios dos moradores anteriores. Além disso, pelo fato de as novas famílias serem oriundas de áreas estigmatizadas e segregadas, logo foram vistas como potenciais riscos à segurança. Como nos lembram Freitas, Brasil e Almeida:

Assim, a correlação que analisamos não se passa entre pobreza e violência, mas entre violência e desigualdade social, na medida em que nem todos os bairros pobres apresentaram dados elevados de homicídios, e nem todos os bairros ricos ficaram isentos desse tipo de registro. Entretanto, o que nos parece relevante é o modo como expectativas coletivas são construídas quando referidas a esses espaços distintos, ao atribuírem aos bairros pobres a inexorabilidade e a naturalização de relações violentas como o homicídio, e aos bairros considerados ricos a sacralização de seus espaços e habitantes (FREITAS; BRASIL; ALMEIDA, 2012, p. 169).

Estes receios, como visto, foram bastante explorados pela oposição ao grupo político no poder. Alguns casos foram bastante explícitos, e para exemplificar foram trazidos dois deles, ambos veiculados pelo blog Sobral 24 Horas, um de produção própria e outro assinado pelo repórter Wellington Macedo.

O primeiro caso já foi mencionado, “Denúncia de falta de água no bairro Renato Parente”, publicada em 03 de março de 2016<sup>211</sup>. Após relatar que moradores de uma das ruas do bairro estavam há mais de uma semana sem abastecimento de água, e que por isso ingressariam na justiça, o autor critica o SAAE, a quem acusa de só inventar “desculpas para não resolver o problema”, e opina: “Na próxima semana a presidente Dilma irá entregar 300 casas da segunda etapa do ‘Conjunto Novo Caiçara’. A situação com certeza se agravará, pois se não nem água para as residências existente, imaginem com as novas casa!” (SIC).

Contudo, o caso de repercussões mais sérias foi registrado no dia 30 de agosto de 2016, auge da campanha eleitoral pela prefeitura de Sobral. Wellington Macedo preparou uma grande reportagem em vídeo denunciando um suposto desvio de água do Nova Caiçara para o

---

<sup>211</sup> DENÚNCIA DE FALTA DE ÁGUA NO BAIRRO RENATO PARENTE. **Blog Sobral 24 Horas**. 03 mar. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/03/denuncia-de-falta-de-agua-no-bairro.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

Renato Parente. A manchete, bastante sugestiva, já serviu como um verdadeiro estopim para o acirramento dos ânimos: “SAAE desvia água dos pobres para os ricos”<sup>212</sup>.

O blog Sobral 24 Horas publicou o link para a reportagem completa com uma pequena introdução, presente no perfil do autor do vídeo, na qual explicava: “Geralmente são os pobres os acusados de fazer gato para roubar água. Desta vez, o SAAE é quem está sendo acusado de fazer um gato, desviando água dos pobres para os ricos”.

O vídeo, bem editado, com efeitos visuais e com o uso de imagens captadas dentro de instalações de acesso restrito do SAAE, contou com depoimentos de um morador do Nova Caiçara e um tecnólogo de recursos hídricos, sem apresentar suas referências, que apontou a ligação feita pela autarquia como um “gato”, ou seja, uma ligação clandestina, que estaria prejudicando o abastecimento do Nova Caiçara para desviar a água para o Renato Parente. Em nenhum momento o repórter buscou incorporar o depoimento dos moradores do outro bairro.

Ao final do vídeo, um representante do SAAE explicou que todo o abastecimento de água do município funciona em rede, ou seja, não existem canais específicos para cada bairro, mas sim, a interligação entre todos. Deste modo, se a água chegasse ao Renato Parente, é porque já teria chegado ao Nova Caiçara e aos bairros espacialmente mais próximos à subestação principal. Além disso, pela obra ter sido feita pela autarquia, não poderia ser caracterizada como “gato”.

Mesmo com a explicação, o repórter manteve a manchete, que induz o público ao erro, levando à compreensão de que o Nova Caiçara não teria água porque ela estaria sendo “roubada” para os “ricos” moradores do Renato Parente, mesmo que este bairro seguisse passando pelo mesmo problema de abastecimento. Em um sistema em que observa-se que os mais abastados são protegidos em detrimento dos grupos menos favorecidos, o uso da oposição “pobres/ricos” potencializou a mensagem para a população do Nova Caiçara, marginalizados, explorados e privados de direitos básicos. Além disso, ao não tentar incorporar as falas dos moradores do Renato Parente, o repórter não observou uma das premissas do jornalismo, que é dar espaço para todos os lados envolvidos contarem as suas versões dos fatos. Todos os elementos associados demonstram sua parcialidade na divulgação do caso.

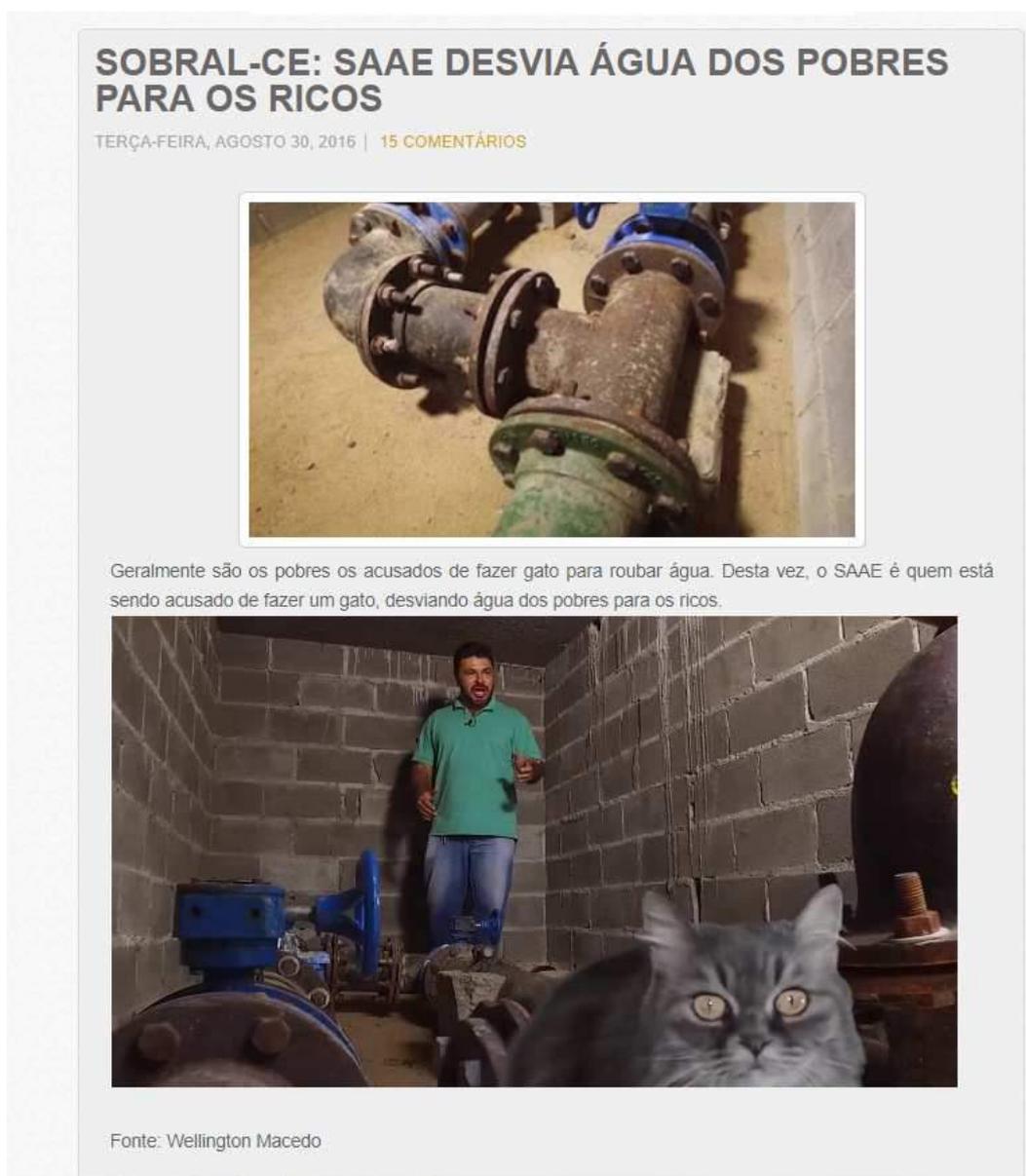
Em consequência, moradores do Renato Parente protestaram massivamente no perfil do repórter no Facebook, questionando sua ética profissional e seus interesses. Quanto aos

---

<sup>212</sup> SOBRAL-CE: SAAE DESVIA ÁGUA DOS POBRES PARA OS RICOS. **Blog Sobral 24 Horas**. 30 ago. 2016. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2016/08/sobral-ce-saae-desvia-agua-dos-pobres.html>. Acessado em: 4 jan. 2018.

moradores do Nova Caiçara, revoltados, quebraram a tubulação, fazendo com que o abastecimento de água nos dois bairros, já ineficiente por ser uma área de topografia elevada, fosse interrompido.

**Imagem 3** - Notícia sobre suposto desvio de água do Nova Caiçara para o Renato Parente



Reprodução do blog Sobral 24 Horas, disponível em <http://www.sobral24horas.com/2016/08/sobral-ce-saae-desvia-agua-dos-pobres.html>. Acesso em: 4 jan. 2018. No destaque, o efeito visual da inserção de um gato para enfatizar a denúncia de “gato”, ou ligação clandestina

O impacto da estigmatização socioespacial do bairro Nova Caiçara e de seus moradores alcança mais do que meramente sua imagem. Se os discursos moldam as ações,

essa ideia negativa incorporada ao senso comum influencia a forma como estas pessoas agem e suas interações com os demais habitantes de Sobral (VAN DJIK; HOFFNAGEL; FALCONE, 2017), prejudicando a plenitude de sua cidadania. É sobre isso que será focado o próximo capítulo.

## 5 O MEDO E A VIDA

*Sempre houve épocas de medo. Mas esta é uma época de medo permanente e generalizado. A fantasia sempre povoou o espírito dos homens. Mas agora, industrializada, ela invade todos os momentos e todos os recantos da existência a serviço do mercado e do poder e constitui, juntamente com o medo, um dado essencial de nosso modelo de vida (SANTOS, 1992, p. 8).*

Existe o medo da morte. Existe o medo de que se tome a vida de alguém com quem nos importamos ou algo valorizado por nós. Existe o medo da agressão dirigida a nós ou àqueles com quem nos importamos. Existe o medo daquilo que desconhecemos, que estranhemos, com o qual não nos identificamos. O medo existe. Simplesmente. E o medo não existe apenas nas mentes humanas, mas ganha forma. Ele precisa ganhar forma. E o medo dá forma ao espaço, modifica paisagens, relações, práticas, enfim, o medo impulsiona o homem tanto quanto o imobiliza.

Mas o que é esse sentimento tão poderoso e tão presente nas vidas dos seres humanos mesmo antes das primeiras sociedades serem erguidas, quando o temor do escuro, da natureza em si, era tão avassalador que ainda hoje se faz perceptível em nossos instintos mais primitivos? Nas palavras de Yi-Fu Tuan,

O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando o animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça (TUAN, 2005, p. 10).

Bauman também contribuiu com a discussão sobre o medo. Em sua forma particular de analisar nossa sociedade, o sociólogo e filósofo polonês também enxerga o medo como algo líquido, fluido, que escapa a qualquer controle e, por isso mesmo, inspira tanto desconforto, tanta ansiedade.

Todos nós já ouvimos histórias de covardes que se transformaram em intrépidos guerreiros quando confrontados com um “perigo real”; quando o desastre que tinha esperado, dia após dia, mas em vão tentavam imaginar, finalmente ocorreu. O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance (BAUMAN, 2008, p. 8).

Essa incerteza, que como lembrado por Yi-Fu Tuan origina a ansiedade, leva os seres humanos a buscarem algo reconhecível, que lhes conforte e lhes permita sentir a mínima segurança. Assim como se recorria aos amuletos para afastar os espíritos malignos, as pessoas alteram o meio onde vivem, buscando cercar-se de aparatos de segurança para afastar o mal que ronda a cidade moderna. Os muros altos, cercas elétricas e concertinas, grades, as onipresentes câmeras de vigilância, com suas atentas e inertes luzes infravermelhas, como os olhos de esfinges a escrutinar os indesejados, não garantem a segurança, mas contribuem para que a ilusão da invulnerabilidade permita que os moradores destes castelos pós-modernos nos quais se tornaram as residências das classes média e alta tenham noites de sono relativamente tranquilas, nem que sejam à base de medicamentos contra a insônia.

E na busca pelo que possam reconhecer e, conseqüentemente, as façam se sentir seguras, as pessoas tentam se camuflar entre seus semelhantes. Assim, criam verdadeiras ilhas dentro dos centros urbanos, numa inconsciente e constante busca pela mimetização e uniformização de comportamentos, mesmo que estes mais separem do que unam. Afinal de contas, em meio à manada aparentemente uniforme, a possibilidade de ser a presa se torna menor, ainda mais se o indivíduo puder correr antes e mais rápido, ou seja, se puder investir mais em segurança do que os vizinhos.

Em sua obra fundamental, a *História do Medo no Ocidente*, Jean Delumeau destaca:

Porque é impossível conservar o equilíbrio interno afrontando por muito tempo uma angústia incerta, infinita e indefinível, é necessário ao homem transformá-la e fragmentá-la em medos precisos de alguma coisa ou de alguém. “O espírito humano fabrica permanentemente o medo” para evitar uma angústia mórbida que resultaria na abolição do eu. É esse processo que reencontraremos no estágio de uma civilização. Em uma sequência longa de traumatismo coletivo, o Ocidente venceu a angústia “nomeando”, isto é, identificando, ou até “fabricando” medos particulares (DELUMEAU, 2009, p. 35).

Dessa forma, as sociedades modernas buscam dar um rosto ao medo. E esse rosto normalmente é diferente daquela imagem admirada no espelho. O outro se torna o inimigo. É o que pode ser percebido em Sobral e nas falas de narradores diversos ouvidos durante esta pesquisa. O efeito histórico do processo de segregação socioespacial verificado na cidade levou a um processo de fragmentação do tecido urbano, com a criação de enclaves fortificados (condomínios), espaços de auto segregação e territórios dominados por agentes do crime e da violência.

Como verificado anteriormente, a percepção da população acaba afetada por diversos fatores, dentre os quais a ação da mídia, que ajuda no direcionamento do medo a

determinados locais e seus moradores, normalmente as populações mais pobres, reforçando a relação generalista entre pobreza e violência, presente nas falas de alguns dos narradores.

As narrativas, mais do que meras opiniões apresentadas despretensiosamente, ajudam na compreensão de como os discursos midiáticos e o medo difuso ajudam na constituição das falas, que em efeito cíclico reforçam os estereótipos e estigmas sociais aceitos por muitos como naturais, realimentando o sistema e atuando na perpetuação dessa realidade.

Sob a perspectiva da história oral, narradores de diferentes profissões, gêneros e moradores dos bairros Renato Parente e Nova Caiçara foram ouvidos para ajudar na compreensão de como o discurso do medo e a midiaticização de estereótipos afetam suas vidas.

Foram feitas, no total, 17 entrevistas, das quais foram escolhidas sete para a composição desta etapa da pesquisa. A escolha se deu levando-se em consideração o fato de alguns dos narradores falarem com mais clareza sobre a questão da violência e suas falas estarem diretamente relacionadas aos dois bairros definidos como objetos de estudo. Como afirma Portelli, toda pesquisa trata-se de escolhas,

Mas, depende, na verdade, do que queremos fazer com a citação, de quais aspectos queremos colocar em evidência desse material. Porque, é claro que não é possível reproduzir tudo. Não é possível porque se torna ilegível, não é possível porque toma muito espaço. Portanto, nós devemos fazer escolhas. E escolher, então, levando em conta um critério que é aquele de dizer: isto eu estou citando porque tem uma informação. Ou, então, isto tem uma informação factual – “em 17 de março de 1949 os operários de Terni fizeram uma greve”. Ou, então: eu estou citando para dizer que dificuldade tem o narrador para conseguir dizer essa coisa. Por exemplo, – “em 16 de março, não em 17, talvez em 18, não, não, em 17 de março, de... 1949?” Então, para dizer que tem um problema de memória. Que coisa queremos dizer? Porque o editor edita, eu juntaria também isto (BESSA; NEVES, *et al.*, 2010, p. 6).

Como o medo de alguma retaliação foi apontado por alguns deles, optou-se pela utilização de nomes fictícios para todos os narradores, bem como de idades aproximadas e a supressão de passagens que permitissem sua identificação. Contudo, optou-se pela transcrição o mais fiel possível das falas, mantendo a forma de falar, com as pausas, gírias e repetições.

### **5.1 A história oral e a cocriação de fontes sobre a violência urbana**

Não há nada mais pessoal e verdadeiro do que a história de alguém. A afirmativa poderia parecer completamente correta não fosse por algumas indagações, dentre as quais: quem está transmitindo esta história? Qual a intenção ao se transmitir esta história? De que lugar social esta história está sendo transmitida? Para quem esta história está sendo transmitida?

Como qualquer discurso, a fonte oral está impregnada por diversos fatores ideológicos. Os interesses do narrador podem mudar com o tempo, e da mesma forma, muda seu discurso. E a narrativa também pode mudar de acordo com o interlocutor, o local e diversos outros fatores. A crítica ao uso destas fontes está exatamente na consideração da subjetividade. Mesmo que os narradores construam suas próprias “verdades”, assim como Dom Quixote<sup>213</sup> confunde moinhos de vento com gigantes, suas narrativas podem vir a se tornar fontes valiosas. Caberá ao pesquisador não necessariamente desmentir a existência dos gigantes, mas buscar compreender o porquê dos narradores optarem por não vê-los como moinhos de vento. Como explica Verena Alberti:

Ouve-se com frequência que a história é “construção” – não como sinônimo de “tentativa de entendimento”, de “síntese”, mas como sinônimo de “não vinculada à realidade”: tudo é possível, pois tudo são versões e “construções” do passado. Esse tipo de afirmativa é especialmente recorrente na história oral, terreno das diferentes versões e da subjetividade por excelência. Muitos não percebem, contudo, que a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Representações são tão reais quanto meios de transporte ou técnicas agrícolas, por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade. É claro que a análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevistas) (ALBERTI, 2004, p. 9-10).

A história oral vai além do que o termo aparenta exprimir. Não se trata meramente de uma fala qualquer captada por um historiador, ou nas palavras de Portelli (2016, p. 10), “não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador” (grifos do autor). E Portelli vai além:

Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista (PORTELLI, 2016, p. 10).

Como o primeiro parágrafo deste capítulo busca fazer perceber, o medo relaciona-se à perda, seja de algo ou alguém. E as palavras têm o poder incomum de externar os medos, mas se mal usadas, podem alimentá-lo, bem como podem minimizá-lo em uma verdadeira catarse.

---

<sup>213</sup> Janaína Amado é autora de um texto bastante interessante sobre o uso dessa mesma metáfora de Dom Quixote por um narrador: *O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. História, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf). Acesso em: 3 nov. 2017.

Dessa forma, o medo da perda ronda as mentes dos narradores. Uma palavra mal escolhida pode significar a perda da paz, da moradia, da vida.

Por isso, a cocriação de fontes orais sobre violência com pessoas que convivem com ela diariamente requer mais do que sensibilidade, mas o estabelecimento de uma espécie de cumplicidade. O medo parece anestésiar a língua enquanto acelera o coração. Mas com a criação do vínculo, as palavras fluem, mesmo que através do subterfúgio do uso dos eufemismos e metáforas.

Foram necessários meses de negociação para que as primeiras narrativas pudessem fluir. Os primeiros narradores em potencial literalmente “fugiam” à primeira menção da palavra violência. Como forma de tangenciar o problema, optou-se por falar sobre práticas cotidianas, sobre a vida na cidade, nos bairros, o que sem exceções sempre levou ao tema da violência, afinal, ele está “na moda”. A violência já lançou seus tentáculos sobre as diversas facetas da vida urbana e, dessa forma, não demora a surgir em conversas até mesmo sobre educação, sobre deslocamentos urbanos, sobre a escolha de um lugar para morar.

Medo semelhante ao dos narradores do bairro Nova Caiçara para falarem sobre a violência foi percebido nos alertas dados por diversas pessoas para que todos os cuidados fossem tomados ao pesquisar e ao falar sobre aquela comunidade. “Não entre lá! É perigoso”! “Você tem cara de policial e os marginais podem fazer alguma coisa com você”! No final, a maior preocupação foi com os narradores, que preferiram falar fora das fronteiras do bairro, longe dos domínios dos territórios do medo, seja no trabalho, em um restaurante em uma área “neutra”, seja na casa de amigos, mas sempre sob o escudo do sigilo, o que muitas vezes parece contradizer as falas, mas que na verdade, como será possível verificar, é a garantia de manter uma identidade de cidadão neutro, isento, que está além dessas questões, que não se mete com o crime, mesmo que para falar sobre ele, afinal, é preciso manter a política da boa vizinhança, ou nas palavras de uma das narradoras, “é preciso saber fazer os vizinhos”.

O estabelecimento da relação de confiança foi complicado no início, mas de diferentes formas de acordo com o perfil dos narradores. Os narradores com mais instrução acadêmica portaram-se de forma mais comedida na escolha de palavras, tentando utilizar um português formal e demonstrarem estar à vontade com a situação, muitas vezes mudando o timbre de voz e a velocidade da fala. Os de menor instrução acadêmica, especialmente os moradores do Nova Caiçara, portaram-se inicialmente com distanciamento, parecendo querer finalizar logo a entrevista, mas ao perceberem o rumo que a conversa teria, bem informal, todos relaxaram, especialmente após o primeiro terço da narrativa, quando pareceram naturalizar a situação e estabelecerem um vínculo informal com o pesquisador, assumindo um lugar de protagonismo

na narrativa. Seja de forma consciente ou inconsciente, perceberam que compartilhavam o controle da situação com o interlocutor, podendo selecionar o que e quando falar, e que suas falas tinham toda a importância por representarem conhecimentos de que não dispunha o pesquisador, que naquela relação, assumia o papel de aprendiz, e não de um professor, acadêmico ou alguém de conhecimento superior ao seu.

Seria um equívoco pressupor que só a similaridade permite que os entrevistados se expressem, que só a similaridade estabelece a “confiança” na qual o diálogo se funda. Por definição, na verdade, uma troca de conhecimento só tem significado se este conhecimento não está previamente compartilhado – isto é, se entre os sujeitos envolvidos existe uma diferença significativa e um deles está em situação de aprendizagem (PORTELLI, 2016, p. 13).

Em uma cidade como Sobral, onde há uma construção tão bem elaborada de uma história heroica, ufanista, ou nas palavras de Nilson Almino de Freitas (FREITAS, 2010), sua monumentalização e uso político, não se deve estranhar uma verdadeira invisibilização das populações pobres, relegadas à margem. É por este motivo que se faz fundamental ouvir estas pessoas, e a história oral é um caminho potencialmente interessante por sua própria essência, pois ela veio exatamente permitir que vozes antes sem ressonância na história pudessem finalmente ganhar relevância e visibilidade. Apesar de haver pesquisas com história oral utilizando depoimentos de figuras que sempre tiveram destaque nas fontes escritas, a exemplo de políticos e grandes empresários, a maior parte das pesquisas concentra-se nas pessoas das classes subalternas, o ribeirinho, o trabalhador do chão de fábrica, a dona de casa, o pedreiro, o agricultor, enfim, como bem resume Etienne François:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetivos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (Geschichte von unten, Geschichte von innen), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica” (FRANÇOIS, 2006, p. 4).

Ou seja, a história oral veio atribuir autoridade às falas e a atores sociais até então considerados “figurantes” da história. Apenas às classes dominantes cabia o poder de impor suas narrativas. Vale lembrar o que afirma o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989, p. 15): “O que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. Assim, ao ouvir e fazer ouvir as narrativas de quem até então

não tinha espaço para se fazer ouvir, o pesquisador que utiliza a história oral desempenha um papel revolucionário, o de legitimar discursos até então fadados ao esquecimento.

Contudo, conforme alerta Verena Alberti (2004, p. 47), não se trata de promover “polarizações do tipo ‘história de baixo’ *versus* ‘história de cima’”, pois isso contribui para o enfraquecimento da especificidade da história oral, ou seja:

[...] a de permitir, entre outras coisas, o registro da experiência de um número cada vez maior de grupos, e não apenas dos que se situam “embaixo” na escala social. É certo que os que se situam “acima” costumam deixar mais registros pessoais – como cartas autobiográficas, diários etc. – de suas práticas. Neste sentido – mas só neste –, é possível admitir que entrevistas de história oral com os que se situam “abaixo” na escala social poderiam ser prioritárias. Essa circunstância leva, contudo, a uma curiosa conclusão: à medida que a ênfase sobre a “história de baixo” acaba vinculada à noção de “povos sem escrita”, a história oral torna-se uma compensação para a incapacidade daqueles grupos de escreverem sobre si mesmos. Assim, um argumento que, inicialmente, reclamava maior importância para os “de baixo”, corre o risco de acabar reforçando, ainda que indiretamente, o preconceito em relação a eles: eles não são capazes de deixar registros escritos sobre si mesmos. Se, ao invés, desvincularmos a história oral dessa polaridade entre “história de baixo” e “história de cima”, ou entre “vencidos” e “vencedores”, reforçaremos suas características teórico-metodológicas – o fato de possibilitar a constituição de fontes que documentam histórias de vida, experiências pessoais e visões de mundo de diferentes pessoas e grupos – e impediremos que as clivagens sociais acabem se reproduzindo nas próprias pesquisas (p. 47-48).

Assim, não se trata apenas de ilustrar a realidade conhecida com depoimentos interessantes ou, como na linguagem jornalística, registrar as falas de fontes sobre determinados fatos, fazendo a transformação das informações, através da aplicação de técnicas específicas, em notícias. A história oral vai além. Nas palavras de Lozano:

A história oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” (LOZANO, 2006, p. 17).

Afinal de contas, nesta pesquisa busca-se a compreensão de como o geral, o contexto sócio histórico de Sobral, afeta o particular, as pessoas que dão vida à cidade. Busca-se compreender como toda a construção de estigmas espaciais e de classe impactam negativamente os moradores dos bairros aqui classificados como territórios da violência e do medo, por isso se recorreu à história oral, que nas palavras de Portelli (2012, p. 27) “é, principalmente, um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas”.

As próximas páginas dedicam-se a tais narrativas, tais discursos e sobre tais vidas.

## 5.2 “Era só mato”

Quando se ouve um pioneiro sobre determinado local é comum que a narrativa seja iniciada lembrando a vida no local anterior, o que o levou a escolher tal moradia e, como as fórmulas das fábulas, sempre iniciadas pela frase “era uma vez”, o narrador enfatiza as dificuldades enfrentadas no início, uma forma de estabelecer a autoridade de sua fala, de pessoa que viu o bairro ou a cidade nascer e, por isso, tem respaldo<sup>214</sup>. Os moradores de Renato Parente ouvidos, escolhidos justamente pelo seu pioneirismo no bairro, utilizam exatamente esta fórmula, como o comerciante Mayrton Pinheiro, com idade entre 45 e 65 anos. Após alguns desencontros, ele finalmente pôde conceder a entrevista em seu pequeno comércio, no dia 21 de fevereiro de 2018, a princípio com certo distanciamento e impaciência, mas logo ficou mais à vontade e foi possível desenvolver um diálogo bastante produtivo. Mesmo quando interrompido para atender a algum cliente, retomava sua linha de raciocínio com facilidade.

Entre os produtos de seu mercadinho, lembrou diversos momentos de sua trajetória no bairro e falou sobre os problemas enfrentados pelos seus contemporâneos, especialmente a falta de infraestrutura e segurança.

**Jerfson Lins (JL):** E quando o senhor se mudou para cá, o que as pessoas diziam pro senhor? Em relação a vir morar aqui?

**Mayrton Pinheiro (MP):** Quando eu comecei a construir minha casa, eu levei nome de doido porque... É... Tudo era mato, né? Muitas vezes, eu ou pessoas que estavam construindo comigo a casa, pedreiros e serventes, a gente tirou muitas vezes muitas moitas de jurema do meio do calçamento para poder, às vezes, passar um carro com material, uma coisa assim. Eu lembro que há quinze anos atrás, quando a gente era... Morando sozinho... Quando a gente via um carro, ou ficava alegre ou ficava era preocupado, com medo, sem saber o que era. Você entendeu agora a sensação que se tinha? E eu presenciei muitas coisas feias aqui no bairro também, nesse tempo (PINHEIRO, 2018).

Outro morador do bairro, o gerente comercial Adaílton Lopes, com idade entre 30 e 50 anos, também optou por conceder a entrevista em seu escritório, fora do bairro, no dia 11 de dezembro de 2017. Por conhecer previamente o interlocutor, a aproximação foi tranquila e,

---

<sup>214</sup> Exemplo interessante dessa postura assumida por pioneiros é o filme *Narradores de Javé* (Eliane Caffé, 2003), cuja história traz os moradores da pequena cidade Javé, que será submersa pelas águas de uma represa. Por não possuírem registros ou documentos das terras, eles não serão indenizados e não foram sequer notificados do fim de sua cidade. Ao descobrirem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico", decidem escrever a história de Javé - mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro, sabe escrever. Para desespero de Antônio Biá, responsável pela escrita do documento, todos o procuram para acrescentar algumas linhas e ter o seu nome citado.

desde o início, a conversa fluiu naturalmente. Assim como Mayrton Pinheiro, Adailton Lopes iniciou a narrativa contando como foi sua chegada ao bairro e as dificuldades de infraestrutura enfrentadas por ele e sua família logo quando se mudaram.

**JL:** E a estrutura na época? Energia, água, era complicado?

**Adailton Lopes (AL):** Vamos nós. Na época... O primeiro ano, graças a Deus, no nosso primeiro ano nós não tivemos problema com energia e nem água. Só fomos ter no segundo ano em seguinte. Porque aí foi ter o problema do abastecimento de água lá, sabe?! Aí foi ter o problema de abastecimento de água. Mas fora isso, nós não tivemos problema não. Felizmente não! Nós fomos ter depois, né?! Depois que a gente foi ter problema de água, como ainda temos hoje, e principalmente com a água. Energia a gente sabe que tem aqueles problemas, né?! Inclusive até mudando aí a companhia, e tudo... Mas, aqui e acolá... Mas volta logo. Não demora muito não.

**JL:** E a energia, a energia é... Falo, a iluminação pública na época que você veio pra cá...

**AL:** Na época, na época nós tivemos bastante problema. Eu mesmo, como nós fomos pra lá, eu comprei o braço de... Botei no poste lá. Mandeí botar, na verdade, né?! Mandeí botar num poste pra dar uma clareada lá em frente a minha casa, mas o resto da rua era só mato e tudo escuro (LOPES, 2017).

Já o professor Ewerton Pereira, com idade entre 30 e 50 anos, foi ouvido no seu escritório, em uma instituição de ensino local, e não demonstrou desconforto algum ao falar sobre qualquer tema, mesmo os mais pessoais. Durante o diálogo, registrado no dia 9 de janeiro de 2018, ao ser indagado sobre onde morava antes de optar pelo Renato Parente, traçou uma verdadeira biografia, ligando de forma singular sua trajetória pessoal à do bairro. De um só fôlego, comentou desde a falta de estrutura ao engajamento dos moradores na busca por melhores condições e sobre o tema de segurança. Nas palavras do professor, quando teve de “criar coragem” para conhecer o bairro, percebeu que ali já havia “casas grandes, bonitas”, mas não havia infraestrutura alguma. A distância do Centro e os problemas na oferta de serviços básicos o levaram a classificar o Renato Parente como o “fim do mundo, uma coisa de índio”, mas mesmo assim teve de ceder por causa dos preços dos imóveis no restante da cidade.

**JL:** Antes de ir para o Renato Parente, você morava... Você é de Fortaleza?

**Ewerton Pereira (EP):** Sou de Fortaleza. Cheguei aqui em 3 de setembro de 2001, né?

[...] Aí foi quando, depois, mais precisamente lá pra 2008, 2007... Um pouco antes, 2005, 2006, eu... Foi o meu quitinete das Pedrinhas. Foi quando devido à questão da especulação imobiliária, que em relação, o que eu digo, em relação a preço de alugueis, eu me vi pagando muito caro no aluguel dum quitinete. [...] Primeira noção, **por questão de segurança**, ir atrás de um apartamento. Não! Eu vou morar num apartamento, porque eu viajo, porque eu moro só. Só que os poucos apartamentos que tinham em Sobral, que era ali próximo do Parque da Cidade, os apartamentos que tavam ali próximo do Parque da Cidade eram caríssimos, eram

questão de 300, 400 mil, e muito pequenos, né? Então aquilo me... Até que eu tive que criar coragem pra conhecer o Renato Parente. Em 2010, uma professora nossa, daqui, foi pro Renato Parente com outro grupo de dois, três professores. Na época ainda eram baratas, as casas. Eu lembro que uma casa era 110 mil, 100 mil... Casas grandes, bonitas, era... Mas só que não tinha nada. E eu disse, puxa! Eu fui visitar a casa dela, da professora, e ela: “olha! Mora aqui do meu lado, porque qualquer coisa um vigia o outro, um tá do lado do outro”, porque ela morava só e eu ia morar só... Só que eu achava ali o fim do mundo, uma coisa de índio! Que pra vir pra Sobral tinha que ser por... Não! Não dá! Não dá! Não dá! Um ano depois, me vejo procurando casa lá. Então assim, foi muito rápido! Então aquela casa de 110 mil, que era muito maior, eu comprei uma, do mesmo preço, bem menor, né, um ano depois. É... Quando eu comprei a casa lá, eu comprei em setembro de 2011. [grifo nosso] (PEREIRA, 2018).

Em suas falas, os três moradores buscam fazer com que o pesquisador compreenda a realidade que tiveram de enfrentar ao escolherem seu lugar de moradia. Para eles, é importante fazer perceber que por mais que hoje o bairro Renato Parente seja classificado como “bairro de rico”, ou de forma mais precisa, tenha um perfil de moradores de classe média, mesmo que ainda haja problemas, as dificuldades iniciais foram semelhantes às encontradas em áreas ocupadas por pessoas de menor poder aquisitivo. Parece uma tentativa de justificar as melhorias conquistadas, que o bairro só tem essa imagem positiva graças aos sacrifícios a que os pioneiros tiveram de se submeter, por merecimento, e não pela posição social dos moradores.

Em cada um dos três fragmentos, os narradores enfatizam os serviços que não eram oferecidos devidamente pelo poder público. Diante da falta de iniciativa dos órgãos responsáveis, os próprios moradores tinham de capinar as ruas, de financiar a instalação de “braços”, ou melhor, hastes com luminárias nos postes que haviam no bairro e contar com o estabelecimento de solidariedades para garantir a mínima sensação de segurança.

Entre as dificuldades enfrentadas por escolherem viver em um bairro novo e sem estrutura básica, reflexo da forma inadequada como foi aprovado o loteamento, conforme verificado no capítulo anterior, está a zombaria por parte de pessoas próximas. Mas mesmo as zombarias são lembradas com certa satisfação pelos narradores, que comemoram poder confirmar que tomaram a decisão correta. Assim como Mayrton Pinheiro foi chamado de “doido”, Adailton Lopes conta caso semelhante:

**JL:** Chegar lá, à noite, nem pensar!

**AL:** Era... Até brincava, dizendo “você está saindo da cidade e vamos pra zona rural agora”.

**JL:** E quando você dizia que morava no Renato Parente nessa época, 2010, 2011, o que as pessoas diziam?

**AL:** Rapaz, a maioria torcia o nariz: “vixe! Tu mora naquele canto lá? É longe demais!” Aí lá vai aquela história. “Rapaz, já morou em Fortaleza”... E aquela coisa toda. E é o futuro, né? Como naquela época a gente se cansava de dizer, é o futuro. É o crescimento da cidade, que é praquela lado. Não é a toa que tá se comprovando mesmo. Não só o Renato Parente, como tão mais dois loteamentos pós Renato Parente tá acontecendo por lá (LOPES, 2017).

O sentimento de pertencimento ao bairro é perceptível nas falas dos três narradores, que, cada um a seu modo, ressaltam atuar em benefício de sua comunidade. Ainda respondendo sobre sua origem, Ewerton Pereira elenca outro assunto, quase sem pausa: o engajamento dos primeiros moradores na luta por melhorias para o bairro e como isso fez com que houvesse o estabelecimento deste sentimento de pertencimento:

**EP:** Em março de 2012 existe uma mobilização no bairro sobre estas questões de segurança, até porque todo mundo se... Eu lembro que logo quando eu comecei a morar lá, a iluminação pública só tinha... A via à noite era só pelo IML [Instituto Médico Legal]. Aí a iluminação pública só ia até o IML. Do IML pra lá não tinha iluminação pública. Então começou a trabalhar-se pela questão da iluminação pública, sobre asfalto, que não tinha, a questão dos calçamentos, então começou-se a... A população lá se mobilizava, né?! E eu me engajei nessas lutas lá pelo bairro... Participamos de... Como é que é mesmo o nome? Orçamento participativo<sup>215</sup>. Na época do orçamento participativo, na conjuntura anterior, não tinham incluído o bairro Renato Parente porque eles ainda... A prefeitura ainda reconhecia ali como Morada do Planalto. Loteamento. E Morada do Planalto é loteamento. Então... Mas a gente ia... Quando ia alguma coisa na Cohab III<sup>216</sup>, o pessoal do Renato Parente, todo mundo se mobilizava. Existia um grupo muito forte que se reunia mensalmente no Clube dos Calçadistas. O Clube dos Calçadistas nos permitia nos reunirmos mensalmente lá... A gente se reunia...  
[...]

E eu acho que depois de tudo que eu passei no Renato Parente, das lutas, de você pegar aquele bairro sem nada e você vê hoje o bairro... Você parece fazer parte daquela história. E você lembrar da história de como foi que você chegou. Como era o bairro e hoje... Você parece que tem um sentimento de pertencimento... Eu gostaria muito... Não é a toa que eu tenho um terreno lá também! Eu comprei no outro loteamento [grifo nosso] (PEREIRA, 2018).

Da mesma forma, Adailton Lopes destaca que a união entre os moradores pela melhoria trouxe bons frutos:

**AL:** [...] Nós tínhamos lá... Nós começamos uma, uma associação no bairro lá que clamava muito por segurança, principalmente naquela época, até porque foi constatado que o bairro não tava contemplado no programa Ronda do Quarteirão<sup>217</sup>,

<sup>215</sup> De acordo com o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o orçamento participativo é “um importante instrumento de complementação da democracia representativa, pois permite que o cidadão debata e defina os destinos de uma cidade. Nele, a população decide as prioridades de investimentos em obras e serviços a serem realizados a cada ano, com os recursos do orçamento da prefeitura. Além disso, ele estimula o exercício da cidadania, o compromisso da população com o bem público e a corresponsabilização entre governo e sociedade sobre a gestão da cidade” (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO, 2015).

<sup>216</sup> Como é popularmente conhecido o bairro Cidade Pedro Mendes Carneiro.

<sup>217</sup> Programa de segurança pública implementado no Estado do Ceará em novembro de 2007 (governo Cid Ferreira Gomes). Caracterizava-se pela tentativa de promover a aproximação dos agentes da Polícia Militar com as comunidades nas quais atuavam. O patrulhamento passou a ser feito em viaturas confortáveis e motocicletas

um programa antigo do Governo do Estado relacionado à segurança. E depois de tantas brigas foi que nós conseguimos colocar o bairro no programa Ronda do Quarteirão. Mas, o que eu digo assim, colocar foi fácil. O ruim foi as viaturas estarem indo pra lá. Certo? Mas graças a Deus que de um... Eu posso dizer assim, que de uns dois anos pra cá, muita coisa melhorou lá no bairro, principalmente essa questão de segurança, porque além de ter viaturas constantes, é... Nós... Nós... Vamos dizer assim, uma parte. Não vou dizer nem a maioria nem a minoria, vou dizer uma parte dos moradores do bairro conseguiram uma certa união. Nós temos nossos grupos de Whatsapp, nós se comunicamos quando vemos algo de anormal, já entramos em contato com a polícia, ou seja, e a polícia nos ajuda muito em relação a isso, certo? Sempre como a gente faz... Eu, por exemplo, eu, todas as ligações que eu faço, eu me identifico tudo direitinho, até o pessoal do CIOPS<sup>218</sup> já me conhece... Alguns, né? Todos não. Alguns. E a viatura já chega logo lá com pouco tempo, já faz a ronda... Então assim, uma coisa que nós trabalhamos muito, que eu acho que o bairro Renato Parente (eu acho, não tô afirmando), daqui de Sobral eu acho que é o único bairro que não tem questão de trote. Foi uma das coisas que nós levamos bem a sério mesmo foi isso. Então assim, eu acho que não tem isso, até porque a polícia, quando é acionada para lá, ela chega logo, não tem problema (LOPES, 2017).

Já Mayrton Pinheiro, quando pedido para explicar o que quis dizer com ter visto “muita coisa feia” no bairro, relata alguns episódios:

**MP:** Como justamente... É... Nesse tempo não tinha coisa aqui de assalto, roubo ou essas coisas, até porque não tinha praticamente ninguém para eles virem fazer isso, mas... Como abandono de mulheres aqui, altas horas da noite ou mesmo de dia, caras traziam mulheres pra cá e “se mandavam” pra rua, deixavam a mulher aqui, e mulheres às vezes bateu na minha porta, mulheres às vezes até já depois da meia-noite pedindo socorro pra ir deixar ela na rua... Eu cansei de fazer isso. Mulheres que justamente me pediam socorro na minha casa e eu abria a porta, e atender e deixar ela pelo menos acolá, pelo Junco. Eu não tinha moto não. Nesse tempo aí eu ia de bicicleta deixar esse pessoal. Eu cansei de fazer isso até pra... Uma coisa que pensava muito, mas o meu sonho foi interrompido, há uns... Três anos atrás, eu tinha muita vontade de ver o bairro Renato Parente sem nenhum crime aqui, cometido aqui no bairro, né? Mas já... Eu sempre procurei ajudar o máximo possível pra mim não ver isso aqui no bairro, mas a própria falta de segurança é que justamente nos faz conter os nosso sonhos, que a gente tem, que é viver em um local com mais segurança e com mais... Com mais alegria (PINHEIRO, 2018).

É interessante perceber que nesta fala e em diversos momentos de sua narrativa, o empresário enfatiza querer trabalhar pelo bairro, pela comunidade, o que seria sua maior alegria, a exemplo de quando responde sobre o motivo de ter escolhido morar no Renato Parente, quando a possibilidade de ajudar os vizinhos é posta em destaque em detrimento das amenidades oferecidas pelo bairro e pela possibilidade de realização do sonho de construir uma casa conforme desejava. Como ensina Portelli, “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (1997, p. 31).

---

fixas em determinadas áreas. Cada equipe possuía um número de telefone celular divulgado entre os moradores para acionamento imediato. O programa foi descontinuado pelo governador que sucedeu Cid Gomes, Camilo Santana.

<sup>218</sup> Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança.

**JL:** Por que o senhor veio para cá?

**MP:** Eu vim por opção justamente de possuir um terreno favorável em que eu pudesse fazer uma casa de acordo com a minha vontade, era uma casa com lazer, tudo enquanto, e espaço a vontade. E no Centro, o terreno pra fazer essa casa se tornava mais difícil, e aqui eu comprei porque era parcelado e dava condição para eu fazer, mas que o destino da vida... Eu fiz a casa, mas... [reticente] Saiu por outros caminhos, não continua, hoje, nas minhas mãos, essa casa [reticente]. E o clima do bairro é muito agradável, pois ele é situado no meio de dois açudes, né, que é o Cachoeiro e o Mucambinho, então de um lado e de outro que vem o vento pra cá, que vem fresco, tem o clima da serra e eu posso dizer que não me senti tão bem, em nenhum outro bairro sequer, a não ser aqui no bairro Renato Parente, não sei se é porque **foi aonde eu vim ter a oportunidade de servir muito ao próximo e, de tanto servir, hoje eu vivo muito bem. Servindo bem. E eu quero aumentar mais a minha condição para ajudar cada vez mais ao próximo** [grifos nossos] (PINHEIRO, 2018).

É possível perceber que por poucos instantes há uma ruptura na imagem pública que o narrador tenta construir. Além de enfatizar seu papel de cidadão que atua em benefício da coletividade, o que será fundamental em outros momentos da narrativa, outro destaque deste fragmento é o lamento por ter tido de abrir mão, por motivos pessoais, do sonho da primeira casa. Ao falar sobre o assunto, tocou apenas superficialmente, com falas entrecortadas por silêncios saudosos. Como ensina Portelli:

A posição e o exato comprimento da pausa têm uma importante função no entendimento do significado do discurso, pausas gramaticais regulares tendem a organizar o que é dito em torno de um modelo referencial basicamente explicativo, ao passo que pausas de posição e comprimento irregulares acentuam o conteúdo emocional, e pausas rítmicas muito pesadas lembram o estilo de narrativas épicas. Muitos narradores desviam-se de um tipo de ritmo para outro na mesma entrevista, quando sua atitude em relação à matéria em discussão muda. Naturalmente, isto pode somente ser percebido se se ouve, não se se lê (PORTELLI, 1997, p. 28).

Percebe-se nas falas dos três moradores o estabelecimento de uma relação com o bairro que escolheram para viver. Para Adailton Lopes e Ewerton Pereira, é o lugar de morada, onde vivem os momentos particulares, suas vidas privadas, e onde se sentem realizados por se sentirem responsáveis pelo desenvolvimento do local. Para Mayrton Pinheiro, além da morada, é o lugar de trabalho, que para ele é uma atividade desenvolvida mais do que para seu sustento e de sua família, mas como uma forma de contribuir com a comunidade. Nas palavras de Malanski:

O modo como as pessoas se relacionam com os lugares varia. Pode haver laços de afeto ou de recusa, pertencimento ou não para com lugares. Avaliar como as pessoas respondem aos seus espaços necessita conhecer os tipos de atividades que ocorrem neles. À relação afetiva, estética, entre pessoas e espaços, por exemplo, Tuan (1980) denominou topofilia e a partir dela eles se tornam identitários. Para a ideia contrária, ou seja, aversão ou medo entre pessoas e espaços, o autor adotou o termo topofobia (Tuan, 1983), criado por Gaston Bachelard e divulgado em sua obra “A Poética do Espaço” (MALANSKI, 2014, p. 35).

A partir desse momento, todas as narrativas convergiram para as carências do bairro, sendo a principal delas a falta de segurança, apesar do expressivo investimento em equipamentos de segurança feito pelos moradores da maior parte dos imóveis locais.

### 5.3 “A gente acaba se isolando no nosso mundo”

Em cada diálogo, o tema da segurança vem à tona logo no início, seja quando Ewerton Pereira fala do motivo de primeiro ter pensado na compra de um apartamento (conforme grifo no primeiro trecho transcrito no tópico anterior), seja pela sensação de medo causada pelas ruas escuras e desertas, sem iluminação pública ou fluxo constante de automóveis e pessoas, que por vezes deixava de apenas habitar a mente dos moradores e proporcionava as condições para a prática de crimes, como no caso descrito por Adailton Lopes:

**JL:** E a questão de segurança, como é que você vê ao longo desse período, desde que você chegou lá até hoje? Como foi essa segurança no Renato Parente?

**AL:** Bom, também como eu te falei no início aqui, foi um... Foi uma... Foi uma segurança, vamos dizer assim, precária. Bem precária mesmo. Inclusive até hoje, eu acho que o pior caso que teve lá no bairro foi o... Foi o meu, né? Duma ex-namorada minha lá, que tentaram lá estuprá-la e tudo... E... Houve lá uma luta corporal entre eu e o rapaz e pude, graças a Deus, consegui imobilizá-lo, até com a ajuda de outros vizinhos que escutaram o grito lá e toda aquela coisa toda... E ele foi preso. Mas assim, naquela época era muita insegurança (LOPES, 2017).

A falta de segurança também foi sentida por Mayrton Pinheiro, que ainda tenta encontrar explicações para as inúmeras vezes que foi vítima de assaltos. Para ele, o fato de ter sido policial militar lhe garantiu a calma necessária nesses momentos, mas a fé foi fundamental para passar ileso por essas situações.

**JL:** O senhor já foi vítima de algum tipo de crime aqui no bairro?

**MP:** Já. Em termo de segurança própria, eu aqui fui assaltado já pra parte de cinco vezes, mesmo assim, eu, por ser um ex-militar, eu sei lidar com esse tipo de coisa, cê tá entendendo? Eu não procuro ser amigo de bandido, mas também, eu não boto o dedo na cara de bandido. Eu deixo o bandido no lugar dele e fico no meu lugar. Se ele é um bandido, ele tá roubando, ele tá assaltando, ele tá fazendo o trabalho que ele sabe fazer, e eu devo fazer o meu, que eu sei fazer. O cidadão ganha e o bandido leva. Bandido não pode ganhar porque ele não tem como, mas o cidadão tem como ganhar e recuperar. Então é muita fé em Deus que a gente tem e portas abertas, como você vê aí. O meu trabalho aqui é portas abertas para todo tipo de gente, você tá entendendo? E pedindo a Deus, todo instante, toda hora aqui que a gente consiga fechar em paz do mesmo jeito que a gente abriu.

É assim! Todo dia, nove da noite, quando eu fecho o trabalho aqui, eu levanto as mãos pro céu e agradeço a Deus por estar em paz, porque quando eu abro de manhã, eu digo: “Seja feita a vontade de Deus”. Mas, a gente também não é assaltado porque Deus quer que a gente seja assaltado não, é porque o próprio demônio também ele tem a força dele de agir no meio das coisas de Deus. Se fosse por isso

não existia o feijão podre no meio do caroço bom, né? É a força da natureza (PINHEIRO, 2018).

Há um verdadeiro reconhecimento do “trabalho” realizado pelo assaltante por parte da vítima que, apesar da revolta, busca apoio na fé para realizar sua função, que seria trabalhar para ter os meios de conquistar novamente o que lhe foi tomado. Além de reconhecer o poder divino, afirma que não é isso que faz o assaltante agir, mas o mal, personificado pelo demônio, e nesse fragmento da narrativa, assim como em diversos outros momentos, emprega a metáfora como forma de se fazer compreender. A metáfora surge na fala de Mayrton Pinheiro como uma “moral da história”, aludindo ao campo discursivo religioso, no qual o emprego é bastante comum, através dos provérbios, aparentemente em busca de autoridade para a lição que queria transmitir, o determinismo das ações dos criminosos, que teriam a maldade na própria natureza e, portanto, assim como o feijão podre, deveriam ser separados do feijão bom.

Em conferência apresentada no IV Encontro de História Oral da Regional Centro-Oeste, quando falou sobre a utilização das metáforas nas narrativas tendo por base autores como Walter Benjamin e Hannah Arendt, dentre outros, a professora Olgaria Matos fornece algumas pistas de como interpretar o emprego do recurso. Segundo ela,

Em “O Narrador”, Benjamin fala do “contador de histórias”, hoje – “conselheiro sem ouvintes”, presente em uma tradição que era compartilhada pela continuidade da palavra transmitida de pai para filho. As histórias não eram simplesmente lidas ou ouvidas, mas escutadas e seguidas. Essa capacidade de dar e receber conselhos constituía fator de orientação na vida e no pensamento. O tempo da narração não dualiza lenda e mitos, não separa tradição oral e conceitual, o dizer do crer. Neste sentido Benjamin escreveu: “o primeiro verdadeiro narrador é e permanece aquele das fábulas. Quando o conselho era mais difícil, a fábula sabia indicá-lo, e onde a angústia era mais grave, seu auxílio era mais próximo. Esta angústia era a do mito. A fábula se constrói com as primeiras disposições que a humanidade tomou para exorcizar o pesadelo que o mito fazia gravar no peito”. Em outras palavras, a fábula é a história tornada experiência (MATOS, 2001, p. 17).

Mais do que um narrador, Mayrton Pinheiro busca transmitir a sabedoria acumulada ao longo dos anos, alicerçada pela experiência de quem viveu situações diversas e que, por isso mesmo, pode orientar os mais jovens. Mas aparentemente reconhecendo que conselhos são de difícil assimilação, especialmente nos dias de hoje, caracterizados por certo individualismo e atitude blasé (SIMMEL, 1973), recorre ao emprego das metáforas, como o homem religioso recorre aos provérbios e parábolas.

Não apenas casos comprovados ganharam notoriedade entre os habitantes do bairro Renato Parente. Relatos constantes de roubos e furtos a residência, propagados pelas redes sociais, ampliavam a sensação de medo entre os moradores. Conforme relata Ewerton Pereira:

**EP:** Por várias vezes a gente chamou pessoas da polícia pra ir lá, pra conversar com a gente, porque o que é que acontecia lá no Renato Parente: primeiro, desse tempo todo que eu estava lá, existia muito uma mobilização em rede social, que é um bairro perigoso... E eles sempre atribuíam o perigo às pessoas que trabalhavam nas construções. Então sempre diziam que era o pessoal que trabalhava nas construções, que tinham esses pequenos furtos. Furtos esses que eram no quintal, levavam alguma coisa... Nada de grande proporção, com arma de fogo, não! Nunca teve isso. Era mais nessa questão desses pequenos furtos que se davam esses pequenos furtos no final da tarde. Então se concentravam no final da tarde. Só que a gente... Esse mesmo grupo começava a se mobilizar e pedir ao pessoal: “cadê os BOs, cadê o BO<sup>219</sup>”? Aí era outro grande problema: que se falava muito na mídia social dessa sensação de perigo, dizendo que era perigoso, mas não se tinha registros. Quando a gente ia pra polícia, tinha um, dois registros. Não se tinha registro. E a polícia, ela trabalha em cima de estatísticas. “Se o bairro é perigoso, eu vou mandar gente pra lá”. Como não existia... Tinha dois. Então foi quando esse grupo começou a desconfiar que tava existindo alguma coisa errada. Como é que se falava tanto... E era assim: uma semana... Era 500 milhões de roubos numa semana. E depois parava, aí depois voltava... Aí nesse mesmo grupo, que faziam parte, a gente começou a identificar atores, de que forma? Se tinha uma semana de roubo, aí na outra semana era só gente oferecendo serviços de segurança. Instalação de cerca elétrica, instalação de câmeras, era gente cuidando de vigilância... Que a gente descobriu até que o próprio cara da vigilância era que amedrontava numa forma de fazer com que a população contratasse os serviços dele, e a gente pegou também uma pessoa que tinha um comércio, mas que tinha uma pessoa, um familiar, que também trabalhava com equipamento de segurança, que iam nos portões dos moradores, mexer nos portões à noite, pra amedrontar esses moradores.

[...]

Agora, o que já aconteceu, que já percebi foi assim, pequenos furtos, principalmente se dá com mulheres que andam naquelas motonetazinhas, nas Bis, essas coisas, mas uma coisa mais pontual. Eu vejo isso. E os assaltos que teve, poucos foram os que realmente as pessoas registraram e disseram: “olha, roubaram isso, isso e isso. Tá aqui a prova que entraram”... Então eu conto numa palma da mão os que eu vi, porque eu sempre dizia: “pessoal, se tão roubando, o que é que roubaram? Cadê? Como foi que eles entraram?” Até pra que eles botassem as fotos nas mídias pra que a gente pudesse, a gente que... Saber, como é que a gente pudesse se proteger também. Como foi que eles entraram? Eles entraram por onde? O que é que eu posso fazer na minha casa pra evitar que isso ocorra também? Mas nunca apareceu essas fotos, nunca esses moradores que diziam que eram roubados diziam também o que é que tinha sido roubado. Porque pessoal, e o que foi? Até pra que a gente pudesse também ter medo se alguém oferecesse um produto daquele. Então desse tipo assim foi pouquíssimos que eu vi com fatos que houve roubo de fato, que entrou e levou isso, isso... Pouquíssimos (PEREIRA, 2018).

A tentativa de estupro descrita pelo gerente comercial logo ganhou notoriedade entre as outras ocorrências registradas no bairro, comprovadas e boatos, e “o pior caso que teve lá no bairro” foi mais um incentivo para as diversas tentativas de resolver o problema, seja de forma individual ou coletivamente. Individualmente, os moradores que dispunham dos meios passaram a investir em segurança.

**JL:** A gente percebe uma característica bem marcante do bairro, que é um investimento muito acentuado em segurança privada, não é?

<sup>219</sup> Boletim de Ocorrência: documento oficial utilizado pelos órgãos da Polícia Civil, Polícia Federal e pelas polícias militares, além dos bombeiros e da guarda municipal para fazer o registro da notícia do crime (*notitia criminis*) no Brasil.

**AL:** Sim.

**JL:** Tem muita cerca elétrica, muita câmera, muita cerca espiral, muros muito altos. Você acha que isso melhora a sensação de segurança ou piora? Porque assim, a pessoa passa na rua e não vê ninguém. As pessoas se isolam dentro de casa. Como é isso, essa convivência com esses espaços?

**AL:** Assim, eu fui uma das pessoas que também botei cercas elétricas, câmeras e tudo. Assim, por um certo lado, dá uma segurança, por outro, dá uma insegurança, porque a gente acaba se isolando no nosso mundo, certo? Mas, infelizmente, é o retrato do que nós vivemos hoje, não só a nível Sobral, como a nível Ceará, Brasil em geral, né? Então assim, mas eu costumo sempre frisar que, até como eu lhe falei no início aqui, nós já vivemos momentos piores lá no bairro, hoje nós estamos num momento que eu considero como uma calma e que perdure por muito tempo (LOPES, 2017).

Cabe observar que o bairro Renato Parente é um exemplo bastante interessante na perspectiva da nova psicosfera do medo e tecnosfera da segurança (MELGAÇO, 2010)<sup>220</sup>, pois por ser de ocupação relativamente recente, conforme percebido no mapa 7, no capítulo anterior, não apresenta rugosidades<sup>221</sup> relevantes ainda presentes em outros pontos da cidade, como casas de muros baixos, sem nenhum tipo de equipamento de segurança, heranças de outro momento sócio histórico<sup>222</sup>.

No trecho anterior, Adailton Lopes reconhece que o investimento em segurança privada amplia o isolamento e, conseqüentemente, a sensação de insegurança, mas enfatiza

<sup>220</sup> Que Melgaço registra como tecnosfera e psicosfera, que conforme Milton Santos (2014, p. 255-256), são definidos da seguinte forma: “Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicosfera - são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas”.

<sup>221</sup> Segundo Santos, “o que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho” (SANTOS, 2014, p. 140).

<sup>222</sup> Como explica Luciana Cruz: “Retomando a noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações proposta por Santos, entende-se que as diversas ações ou práticas sociais com suas diversas funcionalidades e intencionalidades, por parte da esfera pública e privada, configuram o espaço. Assim, o fenômeno da violência, ou melhor, a nova ordem estabelecida pelo medo, vem acompanhada de novos elementos físicos e novas ações que tornam-se obstáculos ou eliminam antigas práticas sociais. Através do espaço percebemos as ‘rugosidades’ ou materialidades do passado, os muros baixos, casas sem grades, os encontros nas ruas entre vizinhos, as áreas de livre acesso, são marcas de um período que está ficando para trás. Em muitos lugares estas características persistem, mas até quando? Visto que as novas materialidades tornam-se cada vez mais naturais, nas grandes cidades, parecem que sempre existiram. Quem ainda se incomoda ao ver uma cerca eletrificada ou ao ser filmado em cada esquina?” (CRUZ, 2011, p. 54).

que atualmente a sensação de medo no Renato Parente diminuiu bastante, apesar da insegurança, em geral, ter aumentado. A tecnosfera da segurança, estimulada pela psicofera do medo, ou seja, o mercado da segurança eletrônica e privada, ou o “negócio do medo” (QUEIROZ, 2001, p. 37), tem ganhado expressividade em Sobral, especialmente na esteira desse filão. Foi o caso de Mayrton Pinheiro, que resolveu implantar um serviço particular de segurança no bairro.

**JL:** O senhor estava me contando antes que chegou a implantar um sistema de segurança, não é?

**MP:** Foi. Uma segurança particular aqui no bairro, um pelotão de seis homens trabalhando motorizados, cada um numa moto, dois de dia e quatro durante a noite, e durante este período, não houve sequer um arrombamento no bairro, não houve um assalto, nenhuma agressão, nem nada. Mas... Sabe... Eu botei esse trabalho, mas, sabendo eu, que eu já tinha sido informado, que esse trabalho ele é ilegal, quer dizer, que a própria União proíbe de que a gente tenha uma segurança mais forte, se eles mesmos que nos negam a segurança. Porque nós não podemos sustentar um alqueire de milho nas mãos se nós só podemos com meio quilo de milho. Nós não podemos carregar duzentos litros de água se nós só podemos levar vinte litros de água. Então, a vontade até pode ter, mas a condição não tem.

**JL:** Como foi a recepção dos moradores, na época, do serviço?

**MP:** Eu já coloquei a pedido deles... Que eu colocasse uns seguranças, e eu cheguei a um ponto de colocar da maneira que eu sabia que dava certo, mas eu não fui recompensado à maneira que era para ser, e isto me causou uma decepção e um prejuízo que, depois que eu parei esse trabalho, eu passei uns três a quatro anos para me recuperar do prejuízo que eu tive. Mas, mesmo assim, estou satisfeito por ter tentado já fazer alguma coisa de bem para o bairro (PINHEIRO, 2018).

Apesar de saber que o serviço oferecido era ilegal, o ex-policial seguiu em frente diante da incapacidade dos agentes do Estado, afirmando que “eles mesmos nos negam a segurança”. Apesar de ter implantado o serviço a pedido dos moradores, os resultados econômicos não foram satisfatórios, provavelmente devido ao boicote promovido por vizinhos desconfiados, que passaram a cobrar os boletins e ocorrência dos inúmeros boatos de crimes, conforme anteriormente narrado por Ewerton Pereira, além da campanha para que não fossem contratados serviços de segurança privada, conforme será visto a seguir.

Os relatos de crimes cometidos no bairro, mais do que um clima de medo, gerou desconfiança. E o medo tinha de ganhar um rosto, logo encontrado pelos moradores exatamente nos forasteiros que estavam mais presentes em uma área que se caracteriza pela movimentação constante de obras. Como relata Ewerton Pereira, que mais uma vez põe em dúvida a idoneidade dos prestadores de serviços de segurança privada:

**EP:** [...] No início, muita gente achava o bairro hiper perigoso, muita gente deixou de comprar casas lá porque tinha medo de morar lá, muita gente pagou segurança particular, que, muitas vezes, era essa segurança particular que os roubava. Porque a

gente sabia que tinha um vigia lá que, a partir do momento que você pagava, ele tinha noção dos seus horários, ele conhecia a sua realidade. A gente começou a perceber que eram essas casas que eram roubadas. Muitas vezes não era pelo segurança, mas eles davam a dica dos horários que tinham ou não gente. Mas a gente também tinha percebido isso, esse segurança... A gente fazia uma campanha contra: “não pague! Não pague! Não pague!” Porque eram pessoas que eram pra vigiar obras, se ofereciam pra vigiar determinadas casas e eles começavam a entender a rotina daquela família. E a partir do momento que ele entendia a rotina, sabia que eles iam viajar esse final de semana ou não, aí outros iam cometer furtos lá. Então a gente tinha também, a gente fez uma campanha pra não, de jeito nenhum, não pagar vigilância particular. E a própria polícia nos orientava a isso. E a gente assim, eu acho que, até hoje foi muito reconhecido, e a própria prefeitura reconhece isso, a mobilização... Querendo ou não, sei que não é uma coisa pra todo mundo, mas você ter um bairro hoje que tem um grupo de WhatsApp, claro que é excelente por um lado, mas por outro dá uma confusão certa. Mas eu acho que é importante você ter, você se sente seguro, eu sei quando é que falta energia, quando é que não falta. Eu sei como é que tá a questão de água numa casa, na outra... Querendo ou não, fica quase uma vizinhança vigilante, né? (PEREIRA, 2018).

A união entre os moradores, como verdadeiros vigilantes, no sentido de combatentes do crime, se propagou e, com a utilização dos aplicativos de mensagens, criou uma rede de troca de informações que transformou o bairro em uma verdadeira “zona fortificada”. A polícia passou a ser acionada ao menor sinal de estranhos vagando pelas ruas. O outro (DAVIS, 2009), o diferente, passa a ser encarado como o inimigo em potencial. Segundo Adailton Lopes:

**AL:** Então eu vejo dessa forma. E assim, e porque que eu, pegando a sua pergunta, por que é que o Renato Parente hoje está essa calma? Eu atribuo a duas coisas: uma, a nós vizinhos, que nós mesmos estamos se ajudando, por mais que cada um entra na sua fortaleza, vou dizer dessa forma, mora na sua fortaleza, lá que tem câmera, cerca elétrica e tudo, mas a gente tá se ajudando. Como eu falei, nós temos os nossos grupos de Whatsapp.

[...]

Então cada um tá buscando sempre tá ajudando o outro, então eu vejo que, com isso, os próprios bandidos viram: “opa, ali os nossos inimigos não é só a polícia não. Tem os moradores também”. Então assim, “eles tão unidos”, então eu vejo dessa forma. Mas eu vejo também, por que dessa forma? Porque era a questão da gente, realmente, não quero, não estou querendo dizer que nós somos mais do que os outros, mas nós vimos que nós unidos, fazemos muito mais do que cada um desunido. Então isso é o fruto da educação de cada um ali que faz com que a gente consiga, vamos dizer assim, ganhar por enquanto essa batalha, né? (LOPES, 2017).

Novamente o WhatsApp aparece com destaque na fala de um morador, e mais uma vez como canal usado para uma “união virtual”<sup>223</sup> dos vizinhos na “batalha” contra o “inimigo” comum: os “criminosos”. E para o narrador, a educação dos moradores locais é

<sup>223</sup> Da mesma forma que os aplicativos de mensagens auxiliam de forma positiva na troca de informações entre moradores de determinadas comunidades, podem ser utilizados de forma negativa através da propagação de notícias falsas. Os primeiros relatos de crimes inexistentes no bairro, registrados há cerca de cinco anos, podem ser enquadrados como as famosas “*fake news*”, notícias falsas usadas para direcionar a percepção dos interlocutores e, dessa forma, manipular suas ações. Exemplo recente de manipulação em massa foram os eventos “Brexit” (que culminou com a votação pela saída do Reino Unido da União Europeia), além das últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos e Brasil.

fundamental para a vitória. A presença de elementos do campo discursivo bélico na narrativa demonstra como signos utilizados pela imprensa, como “guerra contra o crime”, impregna as falas das pessoas<sup>224</sup>. São os novos recursos técnicos de comunicação influenciando a vida dos moradores, ou nas palavras de Ângelo Serpa (2011, p. 20), “as técnicas influenciam o modo como percebemos o espaço e o tempo, não só por sua existência física, mas também pela maneira como afetam nossas sensações e nosso imaginário”.

E essa influência da imprensa não passa despercebida por Adailton Lopes, que enfatiza seu papel na massificação do medo, afinal, como afirma Cruz (2011, p. 37), “enquanto a mídia vende o medo, as pessoas compram segurança”:

**AL:** [...] Por um certo lado eu vejo que a imprensa em si faz um sensacionalismo grande. Que como o próprio delegado aqui da polícia civil já falou, que 90% desses crimes que ocorrem aqui em Sobral, se você for atrás, são pessoas ligadas à criminalidade, né? A facções, que foi citado aqui, e outras coisas mais. Aí vem aquela pergunta: por que que eles não estão na escola? (LOPES, 2017).

Novamente o gerente comercial destaca a questão da (falta de) educação como causadora do atual cenário de violência. A proximidade e parceria com as autoridades policiais sempre pontuam seus discursos, enfatizando a união entre os moradores do Renato Parente, cidadãos engajados e cientes de seus deveres e direitos, e as autoridades, que cobradas, atuam em benefício da comunidade e até reconhecem suas qualidades.

#### 5.4 “Eles pegaram os piores de cada canto e botaram em um só local”

A auto segregação dos moradores do Renato Parente chega ao ponto de a interação entre muitos, por um longo período, ter sido feita a partir de aplicativos e redes sociais, mesmo em se tratando de vizinhos próximos.

**JL:** E... Em relação a... O relacionamento entre os moradores, como é que o senhor vê?

**MP:** O relacionamento entre os moradores é um relacionamento diferente do que eu tinha costume de ver, o relacionamento que eu fui criado vendo e, até certo tempo, eu ainda via onde eu morava antes era de moradores do próprio bairro se comunicarem, conversando na calçada, numa praça, aqui não, alguns moradores que justamente conversam, é por WhatsApp, e ainda é com cuidado, porque se for justamente com portão aberto, ele fica sem o celular e sem outras coisas, e tem que ter cuidado porque se não o cara vem e tira até o celular ou outras coisas até por uma vara, por cima do muro pode tirar e levar (PINHEIRO, 2018).

<sup>224</sup> “A expressão ‘guerra civil’ para expressar o ‘clima social’ e a violência urbana em metrópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo vem sendo utilizada pela grande imprensa brasileira desde o fim dos anos 80 e o começo dos anos 90” (SOUZA, 2008, p. 27).

O investimento em segurança teve seus vieses. Ao mesmo tempo em que proporciona a falsa sensação de segurança na privacidade dos muros das residências, amplia a sensação de insegurança nas áreas públicas pela falta de ocupação. A percepção, por exemplo, de que as câmeras de vigilância inibem ações criminosas faz com que os moradores busquem a “segurança” proporcionada pela sua presença, mesmo com a consciência de que em determinados momentos dificilmente há alguém observando as imagens, conforme se percebe no relato de Ewerton Pereira:

**JL:** O Renato Parente, hoje, provavelmente seja um dos bairros mais vigiados da cidade, você vê muitas câmeras, você não anda pelo bairro sem ver uma câmera, cercas, muros altos...

**EP:** É e eu sou muito claro. E lá eu saio cinco e meia pra fazer meu funcional. Eu vou margeando as casas porque eu vejo as luzinhas das câmeras abrindo aquele vermelhinho. E é uma questão natural, que você tem que ter um receio porque, querendo ou não, todo mundo tem receio, mas a gente ainda tem receio.

[...]

De manhã cedo, cinco e meia, eu vou rodando. Eu evito local com só terreno. Que tenha só terreno. Porque hoje eu vou... Vamos supor... Lá de casa até aquela nova praça, eu saio num ziguezague, assim, nas ruas, oh! Querendo ou não ainda é cedo. Ainda tá clareando ali. Mas assim, agora, claro, eu acho que tem determinados horários que você não pode andar a pé, você não... Sabe, assim... Eu não me arrisco. Um exemplo: como existe em qualquer lugar, como existe em Fortaleza, locais que você vai de manhã, mas de noite não entra, não vai passar (PEREIRA, 2018).

Com o passar do tempo, aumentou a ocupação do bairro. Os terrenos desocupados começaram a rarear e o número de moradores cresceu. Com isso, a demanda por serviços e por áreas de lazer começaram a ganhar destaque. Com a entrega em 2017 do loteamento Moradas do Planalto II, pela Construtora Mãe Rainha, uma extensão ao final do Renato Parente, foi construída a primeira praça do bairro. Quase imediatamente o espaço público foi ocupado pelos moradores, mesmo aqueles que residiam mais distantes.

**JL:** E a questão dos espaços de lazer no bairro? Você acha que melhorou? Como você vê isso?

**AL:** Assim, eu acho, na minha opinião, que... Vamos nós, aqui Eu vou primeiro lá na frente e depois eu volto. Começaram agora o Renato Parente II, né?! Que é uma extensão do Renato Parente. E com isso, ele criou uma pracinha lá. Bem bonitinha, bacana... E aquilo... Antes nós nos... Eu, particularmente, era um que era contra a praça porque nós tínhamos prioridades, como saneamento, iluminação, outras coisas mais... A praça é bacana. Hoje eu já vejo a seguinte situação, eu já faço uma retificação no meu ponto de vista: a pracinha ficou bacana porque melhorou pra unir mais ainda a população. Apesar da pracinha ser um pouco mais distante, eu acho que falta a própria prefeitura em si olhar para o Renato Parente I, como vamos classificá-lo, nomeá-lo, né?! Como Renato Parente I, que é o mais antigo, né?! Olhar com carinho, colocar realmente... Fazer... Porque nós temos ali áreas verdes e áreas institucionais que dá pra fazer pracinha que é uma boa área de lazer. Apesar de eu não ser mais criança, mas tem várias crianças no bairro, tá entendendo? E é assim... Melhora e é aquela coisa: porque hoje sabemos que muitos conversam pelo Whatsapp. A gente sente aquela falta da conversa pessoal, do olho no olho, brincar,

tirar sarro, pelo time de futebol, pela alguma coisa assim, do tipo, então, tá faltando isso, mas aquela pracinha lá que criaram lá no Renato Parente II tá melhorando isso, porque nós do Renato Parente I estamos indo pra lá, inclusive tem uma quinta-feira agora lá que muitas pessoas se reúnem, eu não sabia, fui saber quinta agora, que eu tava lá, passei com a minha namorada, por coincidência eu fui ensinar ela a andar de carro, e ela passou lá e “olha, que bacana! Vamos parar aqui!” E fomos, quer dizer, encontrei vários moradores lá, conhecidos, conversando... Foi muito bacana! Eu tô gostando disso aí. Tá melhorando bastante essa questão da praça lá, para esse lazer e integração melhor entre os vizinhos, moradores do bairro (LOPES, 2017).

Da mesma forma que as demandas mudaram, mudou também o “rosto do inimigo”. Se antes a ameaça eram os trabalhadores das inúmeras obras espalhadas pelo bairro, a notícia da implantação de um empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida causou preocupação entre os moradores do Renato Parente.

Em sua longa fala inicial sobre os problemas de infraestrutura do bairro, Ewerton Pereira afirma que a falta de iluminação causava medo nos moradores. Contudo, a novidade de sua fala encontra-se em um pequeno fragmento, no qual afirma:

**EP:** [...] Muito lugar que era completamente escuro, então dava essa sensação de insegurança. E a gente achava... Tinha certeza que não era... Não existia ainda o Caiçara pra dizer que tinha uma sensação de insegurança. Porque hoje existe a sensação de insegurança (PEREIRA, 2018).

Nessa fala, o professor deixa transparecer que o Caiçara passou a povoar o imaginário dos moradores locais como foco de insegurança. Adiante, ele relata que houve uma mobilização dos moradores contra o empreendimento:

**JL:** Você sente que a segurança no bairro melhorou com o passar do tempo?

**EP:** Eu acho que... Com certeza! Com certeza! Pelo menos o sentimento, o terror que era embutido diminuiu muito mais. Era constantemente, a gente vivia de terror. [...] O progresso da cidade praquela lado também traz em consequência o sentimento da questão da violência, o sentimento de insegurança, isso daí é uma coisa que é natural, infelizmente, da nossa sociedade. Mas ali, agora com o anel viário, excelente! É uma infraestrutura excelente! Porque todos os veículos que vêm da serra não vão passar por dentro de Sobral, vão passar por... Vão passar margeando o bairro. Então, querendo ou não, terrenos ali serão valorizados, vão começar a lotear mais, e com isso vai chegar mais sensação de segurança. É uma questão natural da mesma forma como **todo mundo lutou contra o Caiçara**. E eu sempre digo: o Caiçara... **Houve menos repercussão depois do Caiçara do que no início**. No início era... O sentimento de insegurança era muito maior, porque isso amedrontava muito. **Mesmo depois que houve o Caiçara, eu achei menor. Eu achei menor** [grifos nossos] (PEREIRA, 2018).

No final, ele reconhece que o Nova Caiçara não se mostrou tão problemático quanto imaginavam os moradores do Renato Parente. Da mesma forma, Adailton Lopes reconhece que houve certo exagero por parte dos moradores do bairro, mas atribui o menor impacto do

empreendimento na segurança do Renato Parente à atuação dos vizinhos em parceria com a polícia:

**JL:** Quando o Caiçara foi inaugurado, em 2014, alguns moradores chegaram a falar que estavam com medo de desvalorizar os terrenos do Renato Parente e aumentar a insegurança. Você acha que teve esse impacto?

**AL:** Vamos nós. Eu fui um dos moradores que eu tinha medo da questão da insegurança, porque eu acompanhei **colegas que trabalham na prefeitura me falaram assim...** Eles me falavam assim em situação, o que eu vou relatar... **Eles pegaram os piores de cada canto e colocaram em um só local** [risos]. Pronto, aí eu vi, vixe, então não vai dar certo. **Ou eles vão se matar entre si ou então eles vão criar aquela “zona” na cidade em geral. Foi o que está acontecendo.** E foi um dos meus medos, foi a questão principalmente a insegurança. **E realmente, no início, alguns ali do Caiçara foram querer dar uma de “gaiato” lá no Renato Parente, mas como eu te falei, graças a nós, vizinhos, nós conseguimos dar esse basta com a nossa união e, claro, a atuação da polícia também,** e eu vejo que questão de desvalorização não houve. Eu vejo dessa forma, que não houve, até porque, hoje, o mercado já está aquecido novamente com construções lá no Renato Parente e eu vejo que desvalorização não houve. O que houve, de fato, mesmo, que foi uma das coisas que eu pensei que não ia haver, que era o problema da falta de água, porque o Caiçara ficou bem no meio onde chegava... Onde saía da adutora, né? A adutora do Sumaré, a nossa tubulação, e ia até o Renato Parente. O Caiçara ficou bem no meio. Então, antes de chegar no Renato Parente, tinha que chegar no Caiçara.

[...]

Mas só confirmando aquilo que eu falei antes: eu vejo que ali, apesar de muitos problemas de insegurança, eu vejo que é um bairro também, por fora, e pra algumas pessoas que eu conheço que moram lá, eu vejo que é um bairro bem bacana de se morar. Infelizmente tem aquelas pessoas que foram colocadas, que deram oportunidades, na verdade, pra eles, que eles não tão sabendo aproveitar, né? E tá ocasionando tudo isso. Mas eu vejo que, eu volto a dizer, que com trabalho de educação pesado mesmo possa resolver tudo isso [grifos nossos] (LOPES, 2017).

De acordo com Adailton Lopes, a origem de seus medos foi exatamente na fala de “colegas que trabalham na prefeitura”, que certamente teriam autoridade para falar sobre o perfil dos futuros moradores do residencial, segundo eles “os piores de cada canto”. A generalização e preconceito presente nas falas dos “colegas” de Adailton Lopes ajudaram a estabelecer a imagem negativa do bairro, reforçada pela atuação de “alguns ali do Caiçara” que “foram querer dar uma de gaiato” e praticar crimes no Renato Parente. Mas como fica entendido na fala do narrador, foram casos isolados, longe da generalização inicial. Em todo caso, este discurso reforçou a estigmatização territorial dos moradores do Nova Caiçara, seguindo o processo explicado por Wacquant:

Em vez de se encontrar disseminada pelo conjunto de zonas de habitação operária, a marginalidade avançada tende a concentrar-se em territórios isolados e claramente circunscritos, cada vez mais percebidos, tanto por fora como por dentro, como lugares de perdição – que assumem a aparência de baldios urbanos ou de “pátios dos milagres” [áreas barras-pesadas] da cidade pós-industrial que só os desviantes ou os resíduos da sociedade frequentam porventura. Quando esses “espaços penalizados” (Pétonnet 1982) são, ou ameaçam tornar-se, componentes permanentes da paisagem

urbana, os discursos de descrédito amplificam-se e aglomeram-se à sua volta, tanto “vindos de baixo”, nas interações banais da vida quotidiana, como “vindos de cima”, nos domínios jornalístico, político e burocrático (ou até, científico). Uma mácula localizada sobrepõe-se então aos estigmas já operantes, tradicionalmente ligados à pobreza e à pertença étnica ou ao estatuto de imigrante pós-colonial, aos quais ela não se reduz embora lhes estejam estreitamente ligados.

[...]

Em cada metrópole do Primeiro mundo, uma ou mais aglomerações, sectores ou concentrações residenciais de habitação social são publicamente conhecidos e reconhecidos como os tais infernos urbanos onde o perigo, o vício e o abandono fazem parte da ordem das coisas. Alguns até adquirem o estatuto de sinónimo nacional de todos os males e perigos que doravante afligem a cidade dualizada.

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composta de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim de contas: a crença preconceituosa de que assim são basta para engendrar consequências socialmente nocivas (WACQUANT, 2010, p. 28-29).

É evidente que Adailton Lopes reconhece o preconceito nas afirmativas, por isso se esforça para deixar claro que a opinião não é sua, mas de “colegas da prefeitura”. Para minimizar o desconforto com a própria fala, ele ri e retoma um discurso conciliador, com o emprego de eufemismos, de que a imagem negativa se deve a pessoas que não estão “sabendo aproveitar” a oportunidade por falta de um “trabalho de educação pesado”. Sobre a análise do riso, Verena Alberti afirma:

E a pessoa ri quando na verdade ela queria chorar. Mas ela ri provavelmente para atenuar aquilo que ela está dizendo. Eu acho que a pessoa ri em diferentes circunstâncias e, no caso, não é riso de felicidade ou gargalhada, mas é o riso assim, como uma vírgula depois que a pessoa acabou de falar, um ponto, um parágrafo. Não é isso que ela está mostrando. Talvez o riso queira dizer o contrário do que a gente convencionalmente acha que é um riso. Então, acho que ninguém é melhor do que você para analisar suas entrevistas, o vídeo, para descobrir quais são essas nuances em que o riso aparece (FREITAS; ARAÚJO; SALES, 2017, p. 241).

Diferente dos dois primeiros narradores, Mayrton Pinheiro não se preocupa com a atenuação de seu discurso, retratando o Caiçara de forma bastante negativa. Em sua forma peculiar de falar, com a utilização de metáforas, ele explica:

**JL:** Alguns moradores chegaram até a se assustar com o aumento da quantidade de moradores na região, não só no bairro, mas nas redondezas. Teve um aumento muito grande da quantidade de moradores na Cohab III, de uns anos pra cá cresceu muito o bairro. Teve o Caiçara, a implantação do Caiçara... E alguns moradores chegaram, na época, em comentários há tempos atrás, terem medo de isso aumentar a insegurança. O senhor acha que isso de alguma forma aumentou essa insegurança? Ou só foi sensação?

**MP:** É mais ou menos assim... Você sabe que se você estiver perto de uma fossa, não tem como você sentir um cheiro de churrasco, de frutas, você vai sentir o cheiro é de merda mesmo. Então, a pessoa está morando aqui e vem uma qualidade de pessoas... Que... Nós já sabemos... Hoje é comprovado que a maioria das pessoas que chegam aqui pra assaltar, essas coisas, assim, arrombamentos, são pessoas que já saem fugindo por veredas que têm aqui que ligam o bairro Renato Parente ao bairro do Caiçara, é lógico que essas pessoas são que vêm desse bairro do Caiçara e

aumentou muito depois que esse bairro foi criado. Mas não é o que a gente quer, é o que acontece. Então é isso.

Então é lógico que... Tem até uma parábola que diz que o urubu, ele é atraído pela carniça e o beija-flor, ele é atraído pela flor. Isso significa que o que é bom, gera o que é bom, e o que é ruim, gera o que é ruim. Ali não foi, justamente, colocado pra morar profissionais, cidadãos (SIC) bem empregados... Pra morarem... Foram pessoas, como se sabe, a maioria ou quase todo mundo é desempregado, pequenas rendas. Então a qualidade da educação é muito pouca. Não é de esperar coisas melhores num bairro daquele ali mesmo não.

Então, a coisa é mais ou menos assim: você sabe que tendo uma frigideira quente, é mais fácil você se queimar numa frigideira quente do que numa fria. Estou certo? Então, é mais fácil morrer numa piscina cheia do que numa praça onde não tem água pra se afogar, não é isso? A lógica é essa aí. Então, se nós moramos hoje num bairro vizinho a esse bairro que tem esse nível de vidas de pessoas com condições inferiores a que nós temos aqui no bairro, não podemos esperar coisas tão boas, do meu ponto de vista (PINHEIRO, 2018).

Ao comparar, em sua narrativa, o Nova Caiçara e seus moradores com elementos negativos, como fossa e urubus, além de generalizar o perfil dos moradores do bairro vizinho como de “condições inferiores” aos dos moradores do Renato Parente, o que, em sua lógica, torna impossível esperar “coisas melhores num bairro daquele ali”, Mayrton Pinheiro evidencia seus preconceitos. O emprego das metáforas serve como fio condutor de sua argumentação, além de soar como tentativa de confirmar sua tese determinista.

Enquanto isso, o comerciante retrata os vizinhos do Renato Parente de uma forma absolutamente contrária:

**JL:** Eu digo porque o senhor apontou o perfil que o senhor acha dos moradores do Caiçara, que são pessoas de baixa renda, que não trabalham... E aqui, no Renato Parente, como é que o senhor vê os moradores?

**MP:** Não. Aqui nós sabemos que, justamente, na casa que não tem justamente um cidadão aqui bem empregado, tudo em quanto, ele é um empresário ou, então, na casa que não tenha um empresário, tem, justamente, o marido e a esposa que trabalham. Quer dizer, que são pessoas que estão agregadas a um grupo de pessoas que ajuda a nação, porque hoje quem trabalha e paga impostos, tudo em quanto, está ajudando, e o que não trabalha, chega, mata, assalta, tudo enquanto, o trabalho dele não é construir, é destruir. Até que existe ai os “direitos humanos”, mas ai é um “direito do desumano”.

São “direitos desumanos”, porque hoje o cidadão, ele é agredido, mas os direitos humanos não procuram apoiar ninguém da família, da pessoa, do cidadão que foi agredido. Não! Ele vai apoiar é o do bandido. Então é lógico que o bandido, ele jamais quer deixar de ser bandido, que ele tem o apoio (PINHEIRO, 2018).

O determinismo social mais uma vez se faz presente no discurso de Mayrton Pinheiro, segundo o qual enquanto o Renato Parente é um local a ser enaltecido por ser habitado por “cidadãos de bem”<sup>225</sup>, o Nova Caiçara seria exatamente o oposto, pois é moradia de pessoas que não “ajudam a nação”, que só destroem. Ele aproveita ainda para tecer ataques aos movimentos em defesa dos direitos humanos, que segundo ele atuam para “apoiar bandido”,

<sup>225</sup> Conforme discutido no início desta pesquisa.

uma construção político-ideológica que ganhou bastante evidência nos últimos anos no Brasil com o crescimento da chamada “bancada da bala” no Congresso nacional, ou seja, de políticos cuja plataforma eleitoral baseia-se nas questões de segurança pública, com o largo emprego da mídia sensacionalista e de discursos polêmicos com a utilização de frases de efeito, como “bandido bom é bandido morto”.

Para ele, bairros como o Nova Caiçara seriam responsáveis pelo mal que assola a cidade, e que quem não se esforça para sair de tais lugares, seria tão mau quanto aqueles.

**JL:** E tem algum lugar de Sobral que o senhor não iria, não moraria de jeito nenhum por causa da violência? Se recebesse uma casa lá, o senhor não iria querer ir...

**MP:** Sumaré, Pantanal, Alto Novo, Caiçara, aquele lado ali, justamente, pra o Santo Antônio ali... Pro bairro ali, Dom Expedito. Não iria morar nesses bairros, não é desfazendo dos bairros, é porque, justamente, se eu estiver no implante de coisas boas, eu serei um bom também, e se eu estiver no meio de umas coisas inferiores, eu vou ser inferior, mais ainda do que os outros. Porque os outros vão dizer que eu fui pra lá pra que, sabia que já lá já não prestava. Pelo menos eu vim pra cá, sendo o primeiro, e esperando que seria bom (PINHEIRO, 2018).

Outro destaque na narrativa de Mayrton Pinheiro é a meritocracia, que se mostra presente de forma explícita e implícita nas falas dos três narradores que ressaltam as dificuldades que enfrentaram até finalmente conquistarem seus objetivos. No caso do comerciante, ele se orgulha de ter escolhido morar em um bairro de pessoas “superiores”.

**JL:** E se o senhor fosse definir o Renato Parente com poucas palavras?

**MP:** O bairro Renato Parente... Eu defino o bairro Renato Parente como, justamente, [escolhendo palavras] um bairro bem planejado, um bairro bem criado, um bairro que criou muita renda para o poder público, que foi um bairro que, dentro de pouco tempo, gerou muito, muito IPTU<sup>226</sup>, dentro de pouco tempo e tudo enquanto, e um bairro maravilhoso pra se morar, que tem um clima muito gostoso, mas muito mal cuidado pela administração pública. Estas são as palavras que eu posso, justamente, definir o bairro Renato Parente, que era um bairro que era pra ser cuidado com mais respeito e mais carinho.

**JL:** O que o senhor espera para o futuro aqui no bairro?

**MP:** Eu espero que o futuro, o bairro Renato Parente ele seja visto pelas autoridades públicas com uma visão de mais respeito, como um bairro de pessoas que merecem, justamente, serem mais bem vistas pelo poder público com mais atenção, com áreas de lazer, com uma parte de segurança também, de um serviço mais bem prestado e que o cidadão possa chegar, onde mora... Chegar e dizer que mora no bairro Renato Parente e outras pessoas que ouvirem, terem vontade, também, de vir morar e não se admirar dele morar no bairro Renato Parente. **Não foi um bairro invadido por moradores como se viu já muitas vezes acontecer**, foi um bairro criado, como eu falei, programado, muito bonito, com muito carinho, tal, mas, hoje, muito abandonado pelo poder público. Pelo menos, eu não tenho visto obra nenhuma feita aqui ainda pelo poder público dentro desses quinze anos que estive aqui. Obra nenhuma feita pelo poder público. Mas, a gente paga iluminação pública...

<sup>226</sup> Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana ou Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

Engraçado, nós temos um bairro aqui com muita falta de iluminação, mas todo mundo paga por iluminação pública. É incrível essa daí! Então, são essas as minhas palavras descrevendo aqui o nosso bairro Renato Parente, que eu gostaria muito de descrever como um filho que descreve uma boa mãe e um bom pai, de um morador de um bairro maravilhoso, mas não existe bom sem defeito e não existe ruim, também, sem bondade. Essas são as minhas palavras. Muito obrigado, também! [grifos nossos] (PINHEIRO, 2018).

Para ele, o Renato Parente, diferente de “bairro invadido por moradores”, exigiu e exige sacrifícios de seus habitantes, que tiveram de enfrentar as mais diversas dificuldades para merecerem o reconhecimento de morar em um lugar superior, respeitado pelas autoridades e invejado por quem não dispõe dos meios de habitá-lo. Os moradores do Renato Parente fazem por merecer certos privilégios em detrimento de pessoas que não tiveram de se esforçar para conseguir algo, que não ajudam a nação e não geram renda ou pagam impostos. Enfim, para ele, se alguém vive em situação precária, isso se deve a um comodismo e à espera por um assistencialismo por parte do Estado.

### **5.5 “É um bairro muito dividido”**

A política da boa vizinhança é sempre algo a ser preservado em um território da violência e do medo. Com o Nova Caiçara não é diferente. É perceptível o desconforto dos moradores ao falar sobre os problemas locais. Algumas vezes, durante as entrevistas, ao tocar em temas um pouco mais delicados alguns chegavam a olhar discretamente em volta, como por medo de estarem sendo ouvidos.

Os quatro narradores do Nova Caiçara, mesmo não aceitando conversar em seus próprios lares, mas em seus ambientes de trabalho, casa de amigos fora do bairro ou, em um dos casos, em um restaurante no Centro da cidade, iniciam suas falas acanhados, não por timidez, mas por ansiedade. A ansiedade chega a parecer palpável de tão opressiva, tanto que é perceptível o tom de voz mais baixo e pausado no início, especialmente dos três que ainda moram no Nova Caiçara, o que resultou em pedidos para que falassem mais alto ou, em alguns momentos, em trechos inaudíveis.

Indicado por um amigo em comum, o primeiro narrador, Cleyton Ribeiro, prestador de serviços com idade entre 40 e 60 anos, a princípio recusou-se a falar. Após algumas semanas de conversas, voltou atrás e concedeu a entrevista no dia 11 de dezembro de 2017, mas é perceptível que a “dança” da cocriação da narrativa estava difícil no início. Tanto o narrador quanto o pesquisador pareciam estar em um campo minado, ele por temer falar algo que o compromettesse, o pesquisador temendo “afugentá-lo”.

Os cinco primeiros minutos da conversa fluíram com dificuldade, com respostas curtas e monossilábicas sobre questões pessoais, de como conquistou o apartamento, aparentemente pelo temor de ser identificado. Mas logo em seguida, nas questões sobre um contexto mais amplo, Cleyton Ribeiro começa a se soltar:

**JL:** Você se sente seguro lá?

**Cleyton Ribeiro (CR):** Sinto. Lá é calmo, pelo menos onde eu moro, é calmo.

**JL:** No Caiçara todo, tem algum lugar que o senhor não tenha coragem de andar por medo da violência mesmo?

**CR:** Não.

**JL:** O senhor anda em todo lugar?

**CR:** Posso andar em qualquer lugar.

**JL:** No Morro da Macaca...

**CR:** Qualquer lugar lá dentro do Caiçara, qualquer quadra. Não há nenhum impedimento de ninguém não, de andar não.

**JL:** E como é morar lá? Porque, normalmente, as pessoas que não moram no Caiçara, acham que é perigoso, que é inseguro... E o senhor, como morador, como se sente?

**CR:** Criaram uma visão assim do Caiçara como se fosse um bairro muito violento, né? Mas também... Eu tava conversando com um amigo meu, eu acho que o Caiçara foi criado tipo um bairro modelo. Agregaram todo tipo de pessoas, certo? De convivência. E lá, como se diz? Tem a parte ruim e tem a parte boa, né? E eu me sinto seguro ali dentro. Tirando uma parte ruim... Eles não mexem com as pessoas, eles não incomodam... Tem aquela de “ficar na deles” e a gente “ficar na nossa”. Os cidadãos (SIC), a gente não se mistura com eles não, a gente fica... Eles respeitam a parte da gente também, né?

**JL:** O senhor já presenciou alguma situação de violência lá dentro do Caiçara?

**CR:** Tiroteios, mortes...

**JL:** Mas por que? Quem foram as pessoas envolvidas? Geralmente pessoas envolvidas com o crime?

**CR:** [Pessoas] de outros bairros que vieram cometer esses delitos dentro do Caiçara.

**JL:** Mas lá dentro mesmo o senhor não...

**CR:** Lá dentro mesmo, entre moradores, não.

**JL:** As pessoas se respeitam...

**CR:** Se respeitam [inaudível].

**JL:** Algumas pessoas com quem eu conversei me contaram algumas histórias de moradores que deixaram de morar no Caiçara por medo de violência. O senhor acha que realmente acontece isso lá dentro?

**CR:** Bom, como eu te falei, não tenho muita convivência assim não, né? De histórias assim. Eu já vi apartamentos desocupados, perguntei e disseram que tinham saído, mas a questão não me explicaram não, né? Também não converso, não abro muitos diálogos sobre esses assuntos não. Mas já tem vários apartamentos desocupados lá dentro do Caiçara de pessoas que deixaram. Dizem, né? Que a gente não pode afirmar o que a gente não sabe. Isso foi questão de serem mesmo expulsos da morada deles, que eles tinham, mas não sei por que. Eu não converso muito por lá. Não tenho muito diálogo não, né? Não gostam muito de falar não. Lá dentro, não.

**JL:** Mas, porque as pessoas não gostam de falar? O que o senhor acha?

**CR:** Talvez represália... Como te falei, é um bairro muito assim... Dividido, né? Diferente dos outros bairros é um bairro muito dividido.

**JL:** Agora, essa divisão, ela é física mesmo? Tem lugares que as pessoas sabem que tem quem é envolvido com a criminalidade?

**CR:** É, sabe sim.

**JL:** Há lugares que você sabe que...

**CR:** É... A pessoa sabe. Eles não esconde essa parte não, da comunidade não. Você tá entendendo? Eles não esconde. Você sabe: tem uma área lá que você não pode entrar... Assim... Pode entrar, mas tá correndo risco, né? Tá correndo um risco. Tanto você tá correndo um risco de vida ou de abordagem policial nas áreas lá dentro. Porque os policial trabalha muito lá dentro também, do Caiçara mantendo a segurança lá dentro.

**JL:** Aí, então tem áreas que são determinadas que a polícia sabe que aquela área ali é mais perigosa, então aborda de forma diferente as pessoas.

**CR:** É. Faz mais abordagens, né? Mas não é todo assim... Abordagem... Eles... Os policial que já trabalham com a comunidade eles já conhecem os moradores, então eles sabem fazer a divisão, né? Sabem fazer a divisão, mas como se diz o ditado: o cidadão, não é bom tá também naquela área, né? Vai se expor muito. Mas em parte disso daí você tem o livre acesso, como te falei. Tem livre acesso dentro da comunidade. Onde você quiser ir...

**JL:** Agora, é por sua conta e risco...

**CR:** Por sua conta e risco, cê tá entendendo? (RIBEIRO, 2017).

Nesse primeiro recorte da narrativa, Cleyton Ribeiro procura se distanciar dos problemas da violência no bairro, seja destacando que no trecho onde mora é calmo, seja afirmando que não é de conversar com os outros moradores sobre determinados assuntos. Sobre conversar a respeito de assuntos delicados, diz que os moradores não o fazem dentro do bairro. Segundo ele, há um respeito mútuo entre as pessoas envolvidas com a criminalidade e os cidadãos, ou seja, os trabalhadores. Ambos os grupos não interferem com a vida uns dos outros.

O narrador aponta, ainda, que os causadores dos tiroteios e mortes ocorridos no residencial não são internos, mas elementos exógenos, o “outro”, o forasteiro, fato que ressalta novamente em outro trecho:

**JL:** Tem algum bloco lá do Caiçara que o senhor não moraria? Que o senhor não trocaria de apartamento?

**CR:** Rapaz... Acho que não. Como eu te falei, a comunidade não é violenta, cara. A violência vem de fora, não é de dentro da comunidade. Né? Tem um, revida. E outros vêm, aí vão e vêm... Mas entre moradores mesmo, não tem esse negócio de desigualdade, rivalidade... (RIBEIRO, 2017).

Além disso, apesar de deixar transparecer que sabe mais do que se sente a vontade para falar, prefere manter esse distanciamento por temer represálias, afinal, de acordo com suas próprias palavras, é um “bairro dividido”, não só por perfil, cidadãos e criminosos, mas fisicamente, pois há espaços que, apesar de não terem a circulação limitada ou proibida, podem oferecer risco a quem por lá resolver se aventurar, pois os próprios policiais sabem que são áreas de práticas criminosas e fazem a diferenciação entre os moradores.

Quanto ao interlocutor, na tentativa de fazer a narrativa fluir, comete alguns deslizes, como o uso de um termo pejorativo em relação à segunda etapa do empreendimento, conhecido popularmente como “Morro da Macaca”<sup>227</sup>. Isso não passa despercebido pelo narrador, que afirma a seguir que houve uma construção de imagem negativa do Caiçara por parte de pessoas que não conhecem a realidade local. Esse fato seria um exemplo, conforme Portelli, de que “não existe uma relação de mão única entre o observador e o observado. O observado também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes” (2016, p. 14).

Sobre o trabalho da polícia, embora reticente, comenta que não compreende porque mesmo com o conhecimento de que crimes são praticados em determinados locais, atitudes não são tomadas. Contudo, enfatiza que hoje em dia a segurança no bairro está bem melhor do que no início.

**JL:** Quais são áreas que são realmente mais perigosas de se andar lá dentro do Caiçara? Eu digo como pesquisador, porque eu também pretendo ir lá.

**CR:** A questão... A questão de área mais perigosa é a que movimentam o tráfico, né? São as que movimentam o tráfico é que são as mais perigosas. Tem quadras... Tem quadras lá que até... Eu não queria nem tá comentando não, mas tem área lá que tem... É... Como é que vocês chamam? Olho eletrônico, é? Câmeras eletrônicas lá fazendo vigilância e eu não sei por que ainda ocorre esse sistema lá dentro, porque é direto pro CIOPS e do CIOPS pra Guarda, e ainda tem essa brecha ainda.

<sup>227</sup> O apelido “Morro da Macaca” teve origem em uma favela fictícia da novela *A Regra do Jogo*, produzida e veiculada pela TV Globo entre 2015 e 2016. Já o apelido “Carandiru”, atribuída à parte mais antiga do residencial, se deve à semelhança dos prédios aos blocos da Casa de Detenção de São Paulo, que ficou nacionalmente conhecida por ter sido palco de um massacre de 111 detentos em 2 de outubro de 1992, que posteriormente deu origem ao livro *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, que inspirou o filme *Carandiru*, de Hector Babenco (2003).

**JL:** Ainda tem lugar que o crime corre solto e ninguém toma uma iniciativa?

**CR:** Pois é. Não sei se é trabalho de investigação, se é uma coisa que eles deixam livre pra depois poder, né? Fazer o trabalho, mas ainda ocorre em algumas quadras lá, ocorre isso daí. Mas tá bem melhor, né? Tá bem melhor. Tá bem melhor (RIBEIRO, 2017).

Sobre as mortes no Nova Caiçara, o narrador volta a afirmar que trata-se mais de mito, da imagem negativa construída sobre o bairro.

**JL:** Diz-se que no começo tinha muita morte, né? O pessoal brigando entre si.

**CR:** Eu acho que isso é mais mito, tu acredita? Mais mito. Se a pessoa não mora diz: “ah, porque aí...” Geralmente, quem fala essas coisas aí são pessoas que já têm treta de outros bairros e encontram os inimigos lá dentro, aí são expulsos lá de dentro, não ficam não! Cê tá entendendo? Mas lá já tão tão acostumados com a convivência, já baniram isso daí. Agora, só que, como eu já ouvi comentários, se tu for voltar pro bairro de origem, os caras não querem te aceitar lá. Se for outra facção, eles não te aceitam não. Tem que ficar onde cê tá agora.

**JL:** Então o grande problema é você ser de um bairro que pertence a outra facção, não é?

**CR:** É. Isso é em Sobral todinho agora. Onde você andar... Até o meu bairro, que era o mais calmo de Sobral...

**JL:** Qual era o bairro do senhor?

**CR:** Campo dos Velhos. Agora é CV, Comando Vermelho. Uma vez quiseram me impedir de andar no próprio bairro onde eu nasci e cresci. Eu falei: “oh, eu sou um cidadão, trabalho, não tenho tempo de tá me envolvendo com nada”. Então eu posso ter acesso a qualquer bairro que eu quiser andar. Compreende? Mais ainda querem impedir de você sair de um bairro pra outro. Em Sobral tá assim.

**JL:** Esse direito de ir e vir já está prejudicado pela criminalidade, não é? Por essa divisão pelas facções.

**CR:** Tá. Infelizmente Sobral tá nesse sistema. Mas como falta lá pro bairro lá, como eu te falei, eu não vejo nenhum empecilho lá dentro não. Todo mundo vive a sua vida normal lá dentro. Por enquanto ainda tá calmo, né? Por enquanto! Mas pode até complicar futuramente.

**JL:** Melhorou, do começo pra cá?

**CR:** Melhorou. Melhorou porque os militares começaram mais, começaram a trabalhar mais lá dentro, né? Aí melhorou muito, né? Com a presença da polícia melhorou muito lá dentro do bairro (RIBEIRO, 2017).

Outro destaque deste trecho da narrativa é sobre a imposição de limites, por parte das facções criminosas, ao direito de ir e vir dos moradores de acordo com os territórios de origem. Assim, moradores de áreas dominadas por determinadas facções se veem impedidos (ou pelo menos constrangidos) de visitar familiares e amigos que residem em territórios de facções rivais sob o risco de serem assediados ou até mesmo sofrerem algum tipo de

violência. Dessa forma, há uma verdadeira fragmentação espacial da cidade, que de uma perspectiva de unidade passa a ser retalhada em territórios em disputa em uma verdadeira guerra do poder paralelo. Como um poder real acima de principados medievais rivais, que se mostra incapaz de garantir a paz, está o Estado atual, que transmite a sensação de inércia diante da imposição de normas e violência pelas facções criminosas.

O narrador nega ter sido vítima de algum tipo de preconceito por habitar um território que entrou no senso comum como violento, mas afirma já ter ouvido relatos confirmando isso.

**JL:** Quando o senhor diz que mora no Caiçara, qual a reação que as pessoas têm, normalmente?

**CR:** Normalmente, pra mim, nunca comentam muito não. Também eu tenho poucas amizades, com o pessoal...

**JL:** Mais trabalho e casa, né?

**CR:** É, mas eu presumo, pelos comentários que eu já ouvi, quando você fala até e precisa de emprego, você não consegue emprego porque as pessoas não querem te dar emprego. Dizem: “Ah! Mora no Caiçara! Bairro violento”... Mas...

**JL:** Você acaba sofrendo preconceito pelo lugar onde você mora, né?

**CR:** É. Exatamente.

[...]

**JL:** Então, o senhor acha que essa visão de que o Caiçara é o ponto mais violento de Sobral hoje é mais preconceito do que realidade?

**CR:** Eu acho que seja mais preconceito. Porque é o único... Como eu te falei no início, é o único bairro que tem mais estrutura do que qualquer bairro aqui dentro de Sobral, que você procurar. De lazer, de cultura, de tudo lá tem. Trabalham muito... A parte social da comunidade. E eu não sei por que ele é meio visto como o bairro mais violento da cidade de Sobral. Não sei por que!

**JL:** E acaba que respinga nos moradores, não é, como se diz?

**CR:** Exatamente, porque às vezes, como nós tocamos no assunto, muitas vezes as pessoas perde emprego porque diz que mora no Caiçara, sofre preconceito da sociedade. “Vixe! Tu mora no Caiçara! Sem futuro!” Mas lá, como te falei, é um bairro bom de se morar (RIBEIRO, 2017).

Apesar de todas as dificuldades, Cleyton Ribeiro se sente bem morando no Nova Caiçara, considera o bairro um bom lugar para criar os filhos, mas reclama que o preconceito é um complicador. Para ele, a generalização por parte das pessoas que não conhecem o bairro, que julgam a todos tendo como base um grupo que comete crimes, prejudica a maioria dos moradores, que enfrentam problemas como a falta de transporte, de uma segurança efetiva, de água, e ainda têm de driblar os efeitos dos estigmas espaciais.

## 5.6 – “Foi uma mudança em todos os aspectos”

Todos os dias, Marília Oliveira, gari, entre 35 e 50 anos, acorda cedo para preparar os filhos para a escola. Antes de ser contemplada com um dos apartamentos no Nova Caiçara, pagava R\$ 450 de aluguel por uma casa no bairro vizinho, o Cidade José Euclides Ferreira Gomes, conhecido por todos como Terrenos Novos. A substituição do aluguel pela pequena taxa de manutenção do apartamento permite a economia de um percentual considerável de seu salário, que segundo ela fez toda a diferença em sua rotina.

Acompanhada por uma amiga, concordou em conceder a entrevista em um restaurante no Centro da cidade, área pública, longe do lugar onde mora e trabalha, no dia 5 de janeiro de 2018, o que permitiu que ficasse mais a vontade para falar livremente. Inicialmente acanhada, Marília Oliveira rapidamente passou a falar com desenvoltura sobre diversos aspectos de sua rotina.

**JL:** E como foi? É muito diferente ter saído dos Terrenos [Novos] para o Caiçara?

**Marília Oliveira (MO):** Pra mim foi uma mudança. Foi uma mudança em todos os aspectos. Tipo, foi uma mudança em termos financeiros, foi uma mudança de convivência e foi uma mudança de... Conviver com personalidades diferentes. Mas que eu gosto muito.

**JL:** Você gosta de lá?

**MO:** Gosto.

**JL:** Tem algumas pessoas que desistem de casas no Caiçara e voltam para os lugares onde moravam antes, não é? Dizem que não se adaptaram, não gostaram. Você pensa em voltar? Já passou pela tua cabeça sair de lá?

**MO:** Não. De maneira alguma. Eu costumo dizer que eu só saio de lá, só sairia de lá, assim, não é nem tanto pelo local, e sim pela distância, que a gente... Dificuldades de distância, né? Que fica bem distante da rua [área central da cidade]... Aí, tem certas distâncias pra gente que vai acabar devido ao colégio, posto de saúde, essas coisas, que agora a gente vai ter lá dentro, né? Então isso daí já vai mudar muito. Mas assim, eu não sairia porque depois que eu fui morar lá, a minha vida financeira deu uma mudança. Teve uma mudança porque eu pagava, né? Dependia de aluguel, e lá não. Lá eu pago uma taxazinha bem pequena, no valor da casa e tenho só meus gastos lá, é o que? Água, luz e uma taxa mínima no residencial e o meu, em termos de alimentos. Mas, assim, só... Agora sobra dinheiro pra lazer, né? Sobra um pouquinho pra... Ela [a amiga que a acompanhava durante a entrevista] mesmo percebe que tá dando pra dar, né? Se divertir bastante, a gente já pode passear bastante porque sobra dinheiro. Antes não sobrava por causa do aluguel, né? Suponhamos, 450 reais que você pagava de aluguel. Esses 450 reais você já não vai... Já vai ficar livre pra você.

**JL:** Já pode investir num passeio...

**MO:** Já pode investir... É. Depois que eu fui pra lá, já comprei meu transportezinho... Entendeu? Então, pra mim, já foi uma mudança muito boa mesmo (OLIVEIRA, 2018).

Apesar de dizer que entre as mudanças mais consideráveis em sua vida ao ir morar no Caiçara está a possibilidade de conviver com personalidades diferentes, o fator financeiro é sempre destacado. O dinheiro economizado com o aluguel permitiu a Marília Oliveira uma vida mais tranquila, com maior possibilidade de lazer e de investir em bens que facilitem sua vida, como uma motoneta. Desse modo, mais do que apenas a moradia, ser contemplada com o apartamento lhe permitiu certa ascensão financeira.

Sobre o Nova Caiçara ser um lugar violento, a narradora acredita que seja muito mais exagero por parte de quem não conhece o bairro e destaca o papel da imprensa na construção dessa imagem negativa.

**JL:** Então, as pessoas falam muito... Essa relação... Fazem uma imagem muito negativa do Caiçara, não é? Dizem: “Ah, lugar violento! Perigoso! O pessoal tem medo de andar... Não sei o que”. Você vê isso?

**MO:** Não vejo. Eu, graças a Deus a minha família vem dos outros bairros, frequenta, minhas amigas vêm dos outros bairros e nunca foram coagidos lá por nada, nem por ninguém. Meu futuro genro que mora no... Onde é que ele mora ali? É no Grajaú, ali, perto do José Romão, pr’ali. Sempre vem pra lá deixar minha filha, seja a hora que for, nunca foi coagido por ninguém.

**JL:** Então é bem tranquilo, né? Pra quem mora lá.

**MO:** Não, até porque, hoje, a violência tá em todo canto. Sempre existe aquele lugar menor... Sempre o pessoal não tem o ditado que diz: “o pau arrebenta do lado dos mais fracos”? Então? Se acontecer uma coisa lá no Renato Parente, foi no Renato Parente. O comentário vai ser diferente se acontecer dentro do Caiçara, né? O comentário já vai... Tipo hoje, por exemplo, dois tiros. Os blogs já jogam o que? Já joga lá na mídia é: “rajada de bala”. Aí é exagero demais! Pra dois tiros, uma rajada de balas! Aí a imagem já fica o que? “Olha aí, tá tendo bala no...” Não é isso. É o pessoal que aumenta as coisas. Não é como contam lá fora não. É as pessoas que aumenta o que acontece lá dentro. E não é como a mídia fala não! Não é. Completamente distorcido.

**JL:** Há um sensacionalismo, né?

**MO:** É, eles aumentam demais. O que existe lá? Existe carência por água, isso todo mundo sabe.

**JL:** Que no Renato Parente também tem.

**MO:** Pois é. Existe carência de água. E no momento também a gente só tem carência assim, que futuramente já tem em plano que vai acabar, que é posto de saúde, colégio mais próximo, entendeu? E isso já tá em andamento, que este ano, se Deus quiser, tá acabando essa... Esse negócio de colégio fora, que a gente vai ter colégio dentro do Caiçara mesmo, a gente vai ter posto de saúde, já tem a polícia já implantada lá dentro... Então eu não vejo... Eu tenho muita fé que ali vai ser, assim, um lugar onde quem perdeu vai se arrepender. Quem deixou para trás, vai se arrepender. Porque é um lugar que tem muito, muito, muitos projetos, muitas coisas pra lá que vão ser... Que não vão ficar só no papel. Vão sair do papel (OLIVEIRA, 2018).

A narradora destaca um dos motivos que levam à construção da imagem negativa do Caiçara: ser um bairro de pessoas pobres. Ela afirma que “o pau arrebenta do lado dos mais fracos” quando fala do tratamento diferente dado pela mídia às notícias de crimes ocorridos no seu bairro em relação ao vizinho, o Renato Parente.

Para ela, as carências por água e demais direitos básicos são muito mais importantes, mas acredita que em breve, com fé, serão solucionadas e as pessoas que desistiram de morar lá ou abandonaram os apartamentos, se arrependerão. Mesmo sem explicitar, a impressão que a narradora deixa é de que as notícias sensacionalistas soam para ela como uma tentativa de desviar o foco das demandas e necessidades urgentes dos moradores locais.

Quanto à sensação de insegurança, Marília Oliveira diz que Sobral inteira lhe inspira medo, mas que se sente segura no Caiçara.

**JL:** Como moradora de Sobral, como é que você vê... Tem algum lugar de Sobral que você tem medo de andar?

**MO:** Rapaz... Pra ser sincera, eu tenho medo de andar em Sobral inteira [risos].

**JL:** Eu pergunto isso porque, como você é de Sobral, a percepção de quem é de Sobral é diferente da de quem veio de fora.

**MO:** É... Sobral inteiro tá meio... Tá bom não, mais não! Não é mais a Sobral de antigamente.

**JL:** Andar a noite sozinha...

**MO:** Deus me livre! Sobral inteiro! Eu já me sinto segura lá dentro do Caiçara. Eu me sinto segura dentro do Caiçara. Quando eu venho da rua que eu entro... Que eu venho da rua, do Centro, dizer ali... Pronto. Pra você ter uma ideia, eu não venho pra casa, se for pra mim chegar tarde, eu não vou por aquele caminho do Pinheiro [supermercado] ali. Eu prefiro entrar ali nos Terrenos [Novos] e ir direto pro meu Caiçara lá, que eu já me sinto tranquila. Já me sinto segura. Do que vir pela pista daqui do Centro, lutar por aqui. Juro por Deus como eu já me sinto mais segura quando eu já piso ali pra entrar nos Terrenos pra entrar pro Caiçara.

**JL:** Já conhece todo mundo, né, também?

**MO:** É, já...

**JL:** Porque as pessoas pintam, né? Engraçado! As pessoas pintam uma imagem do Caiçara, pelo menos divulgam uma imagem do Caiçara, como por exemplo, eu, pra fazer essa entrevista, me alertaram muito: “Não vá!” “Não entre!” “É perigoso!” “Se você não tiver uma pessoa conhecida, você...” Já tem um estranhamento. Vê você como um forasteiro. “Então, vão lhe abordar, vão... Podem lhe tratar diferente por você ser de fora”.

**MO:** Lá não existe isso não. Porque vai vendedor, lojista, vai... Até essas coisas que o pessoal comenta, “ah, tire o capacete!” “Ah, baixe o vidro!” Pessoas entram lá dentro de vidro levantado, eu vejo direto isso porque eu trabalho lá dentro, eu vejo o dia inteiro. Pessoas entram de capacete e eu não vejo ninguém abordar. Nunca vi ninguém ser barrado, nunca vi mesmo! Nunca vi. Inclusive, outro dia uma amiga minha... Eu vendi um negócio pela internet e a moça mora ali no... Aqui perto do Lagoa [supermercado], a moça que comprou. Aí ela falou assim: “[Marília], eu

posso ir aí pegar”? E disse assim: “Cê mora aonde”? Eu disse: “Eu moro no Caiçara”. Aí ela foi e disse assim: “É tranquilo aí eu apanhar. “Lógico, minha filha! Pode vir tranquila que não tem problema nenhum! Pode vir tranquila! Você entrou lá, se alguém barrar seu carro, você fala, oh, tô indo lá na [Marília], que mora na quadra [tal]”. Então, não vejo motivo nenhum (OLIVEIRA, 2018).

Além de morar no Nova Caiçara, Marília Oliveira trabalha no bairro, o que lhe permite uma visão privilegiada da rotina local. Segundo ela, a imagem de território fechado para pessoas do restante da cidade é falsa, pelo contrário, lá é até mais seguro do que outras partes da cidade, o que não evitou de que se sentisse, em alguns momentos, vítima de preconceito.

**JL:** Já sentiu preconceito em relação... Quando você diz que é do Caiçara? O pessoal diz: “vixe, tu mora no Caiçara”?

**MO:** Eu, na verdade, já sofri dois preconceitos, mas eu respondo na maior. Comigo não tem esse negócio não! Já eu sofri um preconceito por eu ser gari, já falaram besteira, e já sofri um preconceito justamente por isso, assim: “ai, tu lá, tu mora...” Justamente por uma compra que eu fui fazer pela internet, por esse site “Mercado Livre” [Mercado Livre Sobral, grupo do Facebook], né? Que eu disse assim: “Cê mora aonde”? “Eu moro aqui no Caiçara, tem como você vir deixar”? “Ah, não! Dá não!” Não sei o que, sabe? Botou mil dificuldades. E eu falei: “não. Tudo bem! Eu já entendi!” Eu falei até assim: “eu já entendi!” “Só quero ressaltar pra senhora que aqui no Caiçara ninguém come gente. Aqui, as pessoas se alimentam de arroz e feijão. Ninguém come gente, ninguém anda assustando ninguém, tá”? Pronto. Também deixei pra lá.

**JL:** O que é até engraçado é que alguns anos atrás, a imagem que hoje é feita do Caiçara era dos Terrenos Novos, não é?

**MO:** Eu já... Outro dia, eu ia passando e escutei uma panelinha de pessoas conversando, né? Ali pelos Terrenos mesmo. Aí eu sei que um dos homens pegou e falou assim: “ora, foi lá no Caiçara. Foi muita bala, muita bala!” Aí eu falei... Aí eu parei e falei assim: “moço, aonde foi isso mesmo, quando foi, que hora foi? Porque eu não tô sabendo disso aí não. Moro lá dentro. Eu moro lá dentro e eu não tô sabendo disso aí não”. Aí ele foi e disse assim: “você não viu? Foi hoje cedo que mataram até um lá!” Eu disse: “moço, pois sinceramente, o seu ‘Leão Lobo’ [famoso colunista de fofocas de celebridades] tá perdido, viu”?! Porque as pessoas ficam tudo... Tudo ficam logo...

Pronto, fui deixar meu menino no reforço ali na Cohab III, né? Tô lá na porta esperando, aí chegou uma doída: “anda, menino! Vambora, vambora, vambora que, vixe Maria, passei logo ali naquele lugar ali que quase todo dia mata um!” Aí eu fui e disse: “que lugar é esse que tão matando um quase todo dia”? “Ali, mulher! Neste lugar aí!” Que o reforço é do lado da estação do metrô [VLT], né? “Ali, mulher, que quase todo dia mata um!” E eu falei: “valha minha nossa senhora! Pois eu moro lá e eu nunca ouvi falar nisso que quase todo dia mata um lá não!” Aí ela foi e disse assim: “ave Maria, mulher, que este lugar é muito perigoso! Eu passo ali é vuada!” E eu: “pois passa mesmo! Passa mesmo vuada!” [risos]. “Passe mesmo vuada, minha filha, porque você tá doída, viu? Porque ali mesmo... Eu moro lá e não vejo ninguém lá matar ninguém quase todo dia não”.

**JL:** E criam apelidos, não é? Tem blocos que o pessoal... Tinha blocos que o pessoal chamava...

**MO:** Carandiru.

**JL:** Carandiru. O outro é Morro da Macaca...

**MO:** Não. O Morro da Macaca tem, mas é... Não é como o pessoal... Não sei nem por que é que botaram esse apelido, mas não tem nada a ver não!

**JL:** É porque eu fiquei tentando entender o que é que tem a ver esse “Morro da Macaca”, onde é que surgiu isso, né?

**MO:** Aí às vezes nós fica brincando, né? Os meninos dizem: “lá em cima é o Morro da Macaca”. Aí a gente ficava lá na frente brincando e dizia assim: “pois vamos botar ali ‘rio das pedras’, este lado ali é a ‘Rocinha’ e pra cá é o ‘Leblon’” [risos]. Aí a gente faz é brincar. Outro dia também... Pronto, no dia que o Luciano Huck veio aqui em Sobral, né? Aí o pessoal comentando, que tava tendo a transmissão ao vivo e as pessoas comentando [em um blog local], aí teve um idiota lá que colocou assim: “manda ele ir lá pro Caiçara”! Aí eu fui e respondi, eu falei assim: “meu filho, se ele vier aqui no Caiçara ele vai ser é muito é bem recebido, viu? Você tá pensando o que? Que aqui mora bicho? Te orienta, idiota”! Aí num instante o pessoal caíram em cima também das respostas assim, um babaca desse fica sendo besta bota pro Caiçara, como se no Caiçara fosse bicho, tivesse bicho lá dentro. Tem muitas pessoas de bem, como em qualquer outro lugar!

**JL:** Como qualquer outro lugar. A maioria, é claro, né?!

**MO:** Tem os ruins e tem os bons. Também se fosse todo mundo bom demais era muita frescura, né?

**JL:** Não tinha crime na cidade [risos].

**MO:** Não tinha... É igual a gente diz assim: “se tudo fosse bom na nossa vida, qual era a graça que tinha, né”? Tem que ter, gente! Tem que ter... É igual a família. Na família é todo mundo certinho? Não é! Tem o viado, tem a sapatão, tem o que rouba, tem o que usa droga, tem o que bebe, tem o santinho... É assim mesmo! É família! É igual a família. O Caiçara é uma família. Nossa família não é tudo certo! Que graça tinha a nossa família ser tudo certinho? A mãe vivendo num mar de rosas, os filhos tudo certinhos! Não existe! (OLIVEIRA, 2018).

Apesar de ter se sentido vítima de preconceitos por morar no Caiçara e ter percebido que isso se deve muito aos boatos que espalham sobre o bairro, tenta superar usando de bom humor, rindo da situação quando é possível, e se defendendo de forma mais dura quando se sente injustiçada. Os casos relatados por ela demonstram que a imagem negativa prejudica os moradores em coisas simples, como receber compras, embora não seja, segundo ela, algo comum<sup>228</sup>.

<sup>228</sup> O relato de um membro da diretoria do Sindicato dos Taxistas de Sobral, na sede da entidade, demonstra que o medo não ocasiona apenas fatos isolados, mas acaba sendo utilizado como argumento para práticas institucionalizadas. Segundo o narrador, há lugares para os quais os taxistas se recusam a pegar passageiros por temerem a violência:

**JL:** Tem locais que são considerados mais perigosos? / **Dirigente do sindicato:** Eu nem digo assim os locais mais perigosos, eu digo o horário, os horários, sim, mas os locais, não. Eu já fui assaltado aqui no Centro, eu já fui assaltado... Em quase todos os bairros já teve assalto, mas Terrenos Novos é o local onde o pessoal tem mais... Terrenos Novos e Padre Palhano. Ali pelo Sumaré, o pessoal tem muito receio. / **JL:** Chega a negar corrida para esses lugares? / **DS:** Já. Carandiru mesmo taxista não vai. Carandiru... Até de dia o pessoal vai cismado e fora de hora, ninguém vai pegar passageiro lá. O Carandiru que eu falo é o Caiçara. / **JL:** Caiçara. A parte mais antiga, não é? / **DS:** É toda. É geral (entrevista concedida em 1 de fevereiro de 2018 na sede do Sindicato dos Taxistas de Sobral).

**JL:** No Caiçara, tem algum lugar assim, que você tenha medo de andar?

**MO:** Não. Tem não! Ando nele inteiro. Todo, todo, todo!

**JL:** Porque é enorme, né? A gente não tem noção...

**MO:** Brinco. Olha, pra você ter uma ideia, lá no Morro da Macaca tem sempre... Tem os meninos lá, os pessoal que bebe, tudo, aí eu sempre passo e digo assim: “mas já, rapaz? Tu já tá aí... Já tá namorando o caranguejo”? Aí assim vai, sabe? É brincando, eu sempre levo na brincadeira. Mulher que eu nunca nem vi, às vezes vem assim, assado, e eu começo a brincar, eu digo assim, paro numa janela e digo assim: “aí, mulher, cadê aquele cafezinho que só tu sabe fazer”? Aí a mulher já fica achando graça, sabe? Eu gosto! Eu sou muito... Dada [risos].

**JL:** Queria acrescentar mais alguma coisa, assim, sobre moradia...?

**MO:** Só que as pessoas têm que tirar essa imagem do Caiçara, de que o Caiçara é isso, aquilo assado. O Caiçara é uma comunidade como qualquer outra, que as pessoas lá, todos que estão ali, tenho certeza, tão satisfeitos. Muita gente... Eu ainda só não fiz melhoria no meu apartamentinho porque as condições não são boas agora, no momento, mas eu vou fazer é melhoria nele. E eu canso é de dizer que, se eu tivesse dinheiro, eu compraria... O que tivesse pra vender lá, eu compraria e eu não iria me arrepender.

**JL:** [Marília], agora uma pergunta sobre uma dificuldade que eu tenho tido. Algumas pessoas que eu tentei entrevistar pra falar do Caiçara, essa mesma conversa que eu tô tendo contigo, as pessoas têm medo de falar comigo, não sei por que. Tu atribuiria isso a alguma coisa? Por que as pessoas têm tanto medo de falar que moram no Caiçara numa entrevista?

**MO:** Às vezes tem gente que diz assim... Ah, eu... Às vezes... Eu digo, em qualquer lugar que eu chegar, eu digo, eu moro no Caiçara. Eu não tenho o que temer. Eu não tenho. Eu só lamento assim, as pessoas se recuarem, sentir que a gente é menosprezado... Menosprezar a gente porque mora no Caiçara, mas comigo não acontece isso não, porque se eu sentir que tá me rejeitando porque eu moro no Caiçara, eu já dou logo um chute pra lá. Não se cria não!

**JL:** Porque muita gente chega assim, “ah, não quero dar entrevista porque é perigoso eu falar... Eu tenho medo...” E não sei o que.

**MO:** Eu não! Às vezes as pessoas, as meninas dizem assim: “ah, vão colocar uma lotérica lá no Caiçara”. Aí uma pessoa saltou de lá: “são é doido quem for colocar uma lotérica”! Eu disse: “gente, o Caiçara é como se fosse uma cidade”, né? Digamos que um... Tipo um Massapê, um Jaibaras... É uma cidade, então nós temos que ter as nossas coisas lá dentro, né?! Ninguém vai assaltar ninguém lá dentro. Não existe! Olha, não existe! Ninguém é assaltado lá dentro do Caiçara. Se existiu isso, foi um fato, foi um fato isolado, foi uma coisa que... Sabe? Eu nunca... Eu sinceramente nunca ouvi falar não! E eu vejo pessoas que se sentem seguras lá dentro. Amigas minhas já vieram tomar cerveja lá no Caiçara, à noite é muito animado, a gente faz é convidar: “vamos, gente, lá pro Caiçara”! Tem bebidinha, tem pizzaria, tem espetinho, você senta lá, bebe uma cervejinha, pode conversar, não tem problema nenhum! Não vejo problema nenhum! As pessoas, elas precisam visitar o Caiçara pra elas sentirem como é o Caiçara à noite. É um vento à noite, é um frio, é ventilado, é muito é bonito à noite ali no Caiçara! Vá no Caiçara e dê uma voltinha à noite, pra você ver como é bonito! Você não vê nada de errado lá assim que as pessoas fiquem defamando (SIC) lá no mundo não. Sabe qual é o problema, que as pessoas defamam (SIC) o Caiçara? Porque foi dado... Não foi dado! É um projeto Minha Casa Minha Vida. Pessoas de baixa renda. Aí, na cabeça do pessoal da sociedade, baixa renda é só... Jogou lá o que? Um monte de pobre coitado! E não é isso! Não é isso! Todo mundo que tá lá queria o que? Uma moradia pra não pagar

aluguel. Eu sou uma. Ah, sou muito grata de ter ganhado o meu! Sou muito grata mesmo! Muito grata de ter ganhado o meu apartamentinho. E se tivesse dinheiro eu comprava tudinho que tão vendendo lá perto de mim! (OLIVEIRA, 2018).

Para finalizar, Marília Oliveira reforça o caráter dos moradores do Nova Caiçara, que segundo ela são vistos com desdém pelo restante da cidade, o “pessoal da sociedade”, por serem estigmatizados como “um monte de pobre coitado”. Contudo, lembra que na verdade devem ser vistos como o que são de fato, pessoas trabalhadoras, em sua maioria, que precisavam de uma oportunidade para ascenderem socialmente, mesmo que de forma imperceptível para quem não enfrenta as mesmas dificuldades em ter o suficiente para pagar todas as contas do mês e se alimentar, sem falar na possibilidade de obtenção de um patrimônio mais caro ou de usufruir de algum lazer.

### 5.7 – “Às vezes eu nem ligo! É besteira!”

Desde o início, a jovem estudante Renata Sampaio mostrou-se tranquila diante do gravador. Aparentemente, as inúmeras vezes que teve de explicar aos seus amigos que o Nova Caiçara não é tão violento quanto pensam a ajudaram a estabelecer seu discurso sobre o bairro. Após alguns desencontros, achou por bem contar sua história na escola onde trabalha, no seu antigo bairro, o Alto do Cristo. A conversa foi registrada no dia 8 de janeiro de 2018.

**JL:** [Renata], antes de ir para o Caiçara, você morava onde?

**Renata Sampaio (RS):** Eu sempre morei aqui no Alto do Cristo, e aí quando começou esse surgimento, né, dessas casas, a minha mãe se inscreveu, e aí, com pouco tempo depois ligaram pra ela dizendo que ela foi aprovada, e tal, e quando... E isso, eu morava com ela, aí acabou que no meu relacionamento antigo, ele ganhou... Assim, porque foi assim: a sogra do tio dele ganhou, mas assim, não quis. E aí ela decretou pra gente, né?! E aí a gente tomou a responsabilidade... Só que assim, na entrega das casas, quem foi morar lá primeiro foi eu, e lá era super tranquilo. Era bem no início assim do Caiçara, ali atrás do colégio Lysia [E.E.E.P. Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales] e... Foi... Lá era super tranquilo, assim, às vezes tinha alguma coisa porque lá no Caiçara não... Cê sabe que foi gente de... Um pouquinho de gente não muito boa, né, de cada bairro. Então, assim, não torna um lugar muito melhor do que era pra ser, mas enfim, lá, pelo menos onde eu morava, a minha quadra, o meu bloco era super tranquilo, a gente sempre via policiamento lá sendo mais, é... Como é que se diz? Presente, né, do que nos demais blocos. E aí... Aí acabou que a gente se separou e eu fui morar com a minha mãe, né, que é em outro, no Caiçara II, chamado, né?! E lá, assim, lá eu não sei se é por conta que o bloco da minha mãe já é mais escondido, entendeu? E aí lá é assim, hoje tá mais tranquilo porque eles colocaram policiamento lá, né, nesse local onde a minha mãe mora, no Caiçara II, que era o local mais perigoso assim, do Caiçara. Então, como foram colocados esses novos policiais, então assim, lá tá mais tranquilo, a gente não vê tantos meninos em esquina, né, as chamadas “bocas de fumo”, a gente não vê tanto mais como a gente via no começo. Mas assim, o bloco da mãe, em si, era muito tranquilo. Só que assim, é porque lá são dois blocos e a diferença... O que, o que separa é um hall que tem, entendeu? E aí, assim, o outro bloco tinha “boca de

fumo”, essas coisas, e acabava que manchava a imagem do nosso bloco, entendeu? E aí acabou que depois com esse policiamento lá, a população se torna mais segura e às vezes acaba fazendo ligações anônimas, entendeu? Mas acabou que foi se desmanchando pouco a pouco, entendeu? E agora lá tá mais tranquilo, entendeu? Lógico que a gente não confia de deixar o portão, a porta aberta, que a gente não sabe o que espera, mas tá mais tranquilo (SOUZA, 2018).

Com a experiência de quem morou em dois apartamentos, tanto na primeira quanto na segunda etapa do residencial, Renata Sampaio busca, em sua fala, desconstruir a imagem negativa criada sobre o Nova Caiçara. Além de buscar qualificar os lugares onde morou como tranquilos, justifica que a imagem é negativada por causa de outros fatores, como o fato de ser um bloco “escondido” e por causa da presença de “um pouquinho” de pessoas “não muito boas”, envolvidas com “bocas de fumo”, mas que os moradores que realmente eram bons (e em oposição ao “pouquinho”, fica subentendido que são maioria) se contrapuseram a eles, fazendo denúncias anônimas, o que culminou com uma atual situação de tranquilidade, embora não a leve a “baixar totalmente a guarda” e cometer atos imprudentes, como deixar portão ou porta abertas, pois “a gente não sabe o que espera”.

**JL:** Assim, pra andar lá pelo Caiçara...

**RS:** Assim, eu digo... Eu nunca tive medo de andar, assim, em bairros que se dizem ser perigosos. Lá... Porque assim, pelo que eu conheço dos meus amigos, uns até arriscam de ir me visitar, mas assim, às vezes eu sou muito afetada por eles porque, por mancharem o nome Caiçara, às vezes eles acabam que não vão me visitar. Mas sempre tem aqueles que se dizem... Que são mais corajosos, né, vamos dizer assim. Que vão me visitar. Mas assim, eles vão com aquele receio de acontecer alguma coisa... Porque assim, a gente nunca tá preparado pra nada. Quando acontecia que tinha, é, às vezes, tiroteio, então assim, era sempre em horários que a gente nunca imaginava que fosse, que hoje a violência tá ocorrendo aí o dia todo. Não tem mais esse negócio de a violência ser só à noite não, ela tá sendo em qualquer lugar, em qualquer hora e às vezes a gente fica com medo de alguma bala perdida, né, e tudo mais. Eles ficam com receio de ir. Mas assim, eu particularmente, depois que eu comecei a morar com a minha mãe, assim, eu evito de chegar muito tarde da noite, eu chego no máximo até onze, onze e meia. Passou disso, do local onde eu tô, eu prefiro ficar, não voltar, porque a gente não sabe o que espera. Principalmente pelo bloco da mãe, que é mais escondido. O meu, onde eu morava no início, era mais central, entendeu? Era avenida, já na saída do Caiçara... Então não tinha tanto, não era tão perigoso, vamos dizer assim, como era o da mãe, mas assim, mas agora, depois que colocaram esses policiais lá, se tornou completamente mais seguro (SOUZA, 2018).

A narradora demonstra tristeza ao relatar que muitos de seus amigos não a visitam devido o medo de transitar no bairro. Mesmo os “corajosos” vão com certo medo. Diferente da narradora Marília Oliveira, Renata Sampaio não se sente plenamente segura no Caiçara, especialmente depois de determinado horário, não por achar que seja um local violento, mas pela apreensão que a falta de segurança vem causando em toda a cidade de Sobral.

**JL:** A sensação é diferente, não é?

**RS:** É diferente. Até quem andava lá que não era do Caiçara, que hoje anda, se sente assim, mais seguro, entendeu? Por conta deles lá. Apesar de serem poucos, que eu acho assim, que era pra haver mais policiais armados, como eles estão... Eu nem sabia disso. Fiquei sabendo esses dias. O pessoal comenta, mas assim, é tanta história que às vezes a gente nem acaba acreditando. E aí, eu sou do tipo de pessoa que eu só creio quando eu vejo, e aí, quando eu vi... Até mesmo a gente que mora lá, se sente mais seguro. E assim, eu acho que deveria ter, sim, mais policiais porque assim, não colocaram tantos policiais novos na cidade? Justamente, assim, não que seja a maioria, mas assim, uma boa parte, né, deveriam ficar lá, não só em certos locais do Caiçara, mas assim, espalhados, né? Deveria sim ter um local pra eles se reunirem, e tudo mais, mas assim, deveria ficar aqueles pra ficarem rondando, entendeu? E é assim (SOUZA, 2018).

Ao comentar sobre o reforço no policiamento, Renata Sampaio toca em um assunto bastante pertinente sobre a imagem negativa do bairro: os boatos. De acordo com ela, a mesma boataria que suja a imagem do Caiçara também é desacreditada pelos moradores, mas mesmo assim alimenta a sensação de medo, só minimizada pela presença real de policiais.

**JL:** Então, hoje você não sairia do Caiçara?

**RS:** Assim, tem alguns fatores que levariam eu sair do Caiçara, mas assim, tirando isso eu sairia não. Porque assim, o pessoal de fora, que não conhece, sempre fala que não é um bairro bom de se morar, e tudo, mas assim, a pessoa... Eu sou o tipo de pessoa que eu não julgo pela aparência, entendeu? A pessoa tem que tá na pele, a pessoa tem que tá ali pra conhecer, pra saber como realmente é. E como eu sou moradora do Caiçara, eu não me vejo, eu não vejo o Caiçara tão difamado como é falado na boca dos outros, entendeu? Lá é o local... Tem certas pessoas que, né, não são tão boas, mas tem pessoas trabalhadoras, cê entendeu? Tem pessoas que tão ali lutando, batalhando pelo pão de cada dia, e assim, isso é o que muda a imagem do Caiçara. Lógico que tem aquelas pessoas que, né, não são “boas peças”, né, vamos dizer assim. Mas assim, eu...

**JL:** É a minoria.

**RS:** É a minoria, mas assim, por serem desse jeito, acaba que se torna a maioria, entendeu? Na boca falada dos outros.

**JL:** O que você acha que suja tanto a imagem do Caiçara, são as pessoas? Tem algum outro fator?

**RS:** Não. É somente isso. Porque assim, lá foram tirados pessoas que se diz, eles, se diziam carentes, foram tiradas um pouquinho de cada bairro e foi misturado, coisa que assim, é... Se eu tivesse... Eu digo assim, talvez se eu tivesse administrando tudo aquilo, eu teria feito como fizeram ali no... Fica ali na Cohab II? Aí assim, lá eles... Porque eu tinha alguns amigos meus que moravam lá e eles diziam que lá era dividido, assim: as pessoas que realmente eram carentes, as pessoas que realmente eram trabalhadoras, que a gente via, que era nítido no rosto delas que foram separadas daquelas pessoas que não trabalhavam, que não... Que eram envolvidas com algumas coisa, que tinham passagem por alguma coisa... Então assim, foi separado, não foi tão misturado como foi lá no Caiçara, entendeu? Se você andar em cada bloco, você vai perceber que, por mais que seja um morador, mas sempre tem aquele morador que não é uma boa pessoa, entendeu? E assim, eu acho que o erro deles foi isso. Assim... Mas assim... Eu não sei, mas se eu... Talvez se eu tivesse que mandar... Eu digo assim, eu. Se eu fosse uma administradora, eu teria feito essa

separação pra não ficar tão manchado, entendeu? Como hoje é manchado e falado lá (SOUZA, 2018).

Neste trecho da narrativa, as palavras de Renata Sampaio reforçam a ideia de que o processo de segregação socioespacial da cidade não se dá apenas em relação à renda ou devido ao controle de territórios, se deve ao fato de se enxergar o “outro” como um estranho a ser evitado, pois o estranho é um risco em potencial. Assim, moradores de bairros vizinhos se evitam por causa da desconfiança mútua.

No caso do Caiçara, nas palavras de Renata Sampaio, o erro foi exatamente juntar no mesmo local pessoas estranhas entre si, oriundas de bairros diversos, muitos dos quais que não se identificam mutuamente, por isso, se dependesse dela, haveria uma verdadeira segregação no bairro, onde as pessoas seriam distribuídas de acordo com o perfil, separando especialmente os trabalhadores dos não trabalhadores, que segundo ela podem ser identificados até pelo rosto.

**JL:** Lá dentro mesmo tem algum tipo de... Porque assim, antes, em Sobral, se tinha um preconceito muito grande em relação a alguns bairros, você falou do Alto do Cristo, mas Terrenos Novos, por exemplo, o pessoal falava muito mal, né? “Quando não morria um, deixava amarrado pro dia seguinte”, era o ditado. Aí depois que surgiu o Caiçara, as pessoas, até dos próprios Terrenos Novos, começaram a ter um certo preconceito com o Caiçara, né?! Dizendo que lá que é violento. Que o Terrenos Novos não é tão... Lá dentro do Caiçara tem isso também?

**RS:** Assim, eu acho assim... Eu nunca vi isso, entendeu? Assim, até porque assim, eu vou em casa, às vezes, eu chego em casa... Eu saio de manhã e eu chego em casa só à noite. E eu não tenho muito contato com os vizinhos porque eu não gosto desse tipo de vínculo, assim, de amizade, amizade muito com eles, até porque a gente não conhece ninguém, e assim, eu acho que quem é envolvido com esse tipo de coisa, eu acho que pra eles, assim, eles nem ligam tanto, porque eles já saíram de um bairro, apenas trocaram de bairro, entendeu? Mas assim, aquela vida continua do mesmo jeito. Então pra eles tanto faz questão de bairro, entendeu? Pra eles, eu acho que já tão tão acostumados a ser difamados assim que eu acho que eles não ligam muito pra essa questão, entendeu?

**JL:** Mas e no seu caso, quando seus amigos dizem “Não, não vou te visitar não”, você se sente mal com isso?

**RS:** Eu me sinto porque é assim, como eu falei: você não tá ali diariamente vendo a luta de cada um ali pra poder saber como é. Então, às vezes eu fico com receio... Até **eu nem convido pessoas pra me visitar porque eu sei que não vão** por conta disso, entendeu? Mas assim, eu acho um local não muito tranquilo, mas assim, por onde eu moro, tranquilo, entendeu?

**JL:** Tem outra questão em relação ao Caiçara que é o surgimento de apelidos de determinados locais lá dentro, como o Morro da Macaca e o Carandiru. Isso de alguma forma aumenta o preconceito ao local e a quem mora lá?

**RS:** Assim, quem é de fora, eu acho que... Assim... Fica até meio que engraçado, entendeu? Eu assim, popularmente, eu moro no Morro da Macaca, entendeu? Mas assim, antigamente eu morava nesse tal de Carandiru. Mas assim, às vezes... Eu sempre tive... Cansei de brigar, às vezes, com alguém porque eu dizia assim: “lá não

é Morro da Macaca, não é Carandiru, o nome de lá é residencial Nova Caiçara”. Assim... Às vezes eu tinha aquela coisa... Dizia assim: “não, o bairro é Caiçara, o local é Caiçara... Então é Caiçara e você tem que clamar pelo nome, não pelo que colocam apelido”, entendeu? Mas assim, quem tá lá dentro, leva na brincadeira, leva na esportiva. Eu... Às vezes eu nem ligo! É besteira! [grifos nossos] (SOUZA, 2018).

Apesar da imagem negativa impactar as vidas dos moradores do Nova Caiçara, Renata Sampaio se resigna. Ela reconhece que não é um local tão tranquilo, mas também não é tão violento quanto o senso comum aponta. Essa estigmatização, segundo ela, afeta exatamente os trabalhadores, pois as pessoas “não tão boas” não se incomodariam com os estereótipos por já estarem acostumadas a isso. Mas mesmo se sentindo mal com o isolamento dos amigos imposto pela imagem negativa de sua moradia, age de forma semelhante em escala menor, ao evitar contato com a vizinhança, com a qual não se identifica, por considerar um risco em potencial.

Renata Sampaio tenta mostrar certa resignação diante dos preconceitos, até diz rir da situação. Ela relata que chegou a brigar por conta de determinados comentários, mas agora opta por “às vezes”, “nem ligar”, apesar de ficar claro que a mágoa está presente em cada palavra. A frase final, “é besteira”, parece mais voltada a ela mesma do que ao interlocutor.

### 5.8 “Eu dou entrevista... As pessoas não dão, eu dou”

Enquanto milhares de pessoas buscam a sobrevivência no Nova Caiçara, tentando superar diversos obstáculos, outras optaram por retornar aos locais de origem. Apesar de reconhecerem a oportunidade de possuírem um apartamento com infraestrutura digna a preços acessíveis, muitos moradores acabaram desistindo do bairro, seja por escolha ou por imposição, conforme relatos coletados na mídia e nos diálogos com os narradores.

Uma das contempladas que resolveram abrir mão do apartamento foi a dona de casa Ivone Batista, que chegou a morar no Nova Caiçara por quatro anos, mas decidiu retornar ao bairro de origem, o Sinhá Saboia, onde, na casa de uma amiga, aceitou contar sua história, registrada no dia 8 de janeiro de 2018.

**JL:** Dona [Ivone], a senhora morava aqui no Sinhá Saboia antes de ir para lá?

**Ivone Batista (IB):** É. Eu morava aqui... Bem aqui do lado da minha prima, só que eu ganhei a casa lá, no Caiçara. Aí, enquanto eu pagava aqui 200 reais e lá era da gente, né?! Eles [Estado] deram. Só que é da gente, mas é pago, todos os mês você paga uma taxa, de 25 [reais]. Todo os mês. Aí eu saí daqui e fui pra lá porque eu não tinha onde morar, pagava aluguel, morando de aluguel, então achei bom ter ganhado. E lá... Depois que eu fui pra lá minha vida mudou, foi muito bom mesmo, lá. Nessa época, a casa era da gente, não tinha bagunça, não tinha nada... Andou

tendo uns tiroteiozinhos, teve uma morte aqui, outra acolá, mas acalmou, aí depois pronto. Aí foi bom demais.

Aí começou negócio de falta d'água... Aí passava de 15 dias... Aí depois chegava... Aí durante o dia tinha água, à noite não tinha... Às vezes de dia chegava, faltava... Aí foi indo, foi indo... Aí pronto! Aí começou o desembesto: o pessoal reclamando porque essa falta d'água, que eles [Estado] também tinha jogado a gente lá e não tava olhando mais pra nós.

Tinha polícia, nos começos, também... Era bastante polícia. Aí depois foi indo, pronto. Cadê polícia? Nem polícia tinha mais. Aí, se a gente se sentasse na calçada e se eles [criminosos] comessem aqueles tiroteios, pegava na gente. Eu, desde o tempo que eu entrei na minha [moradia], que eu nunca saí pra ir pra calçada. Eu ficava só dentro de casa. Aí pronto. Aí, desse tempo pra cá, o pessoal agora... Que vai medir [o consumo de água para a cobrança mensal]... Quando chega lá, o pessoal bota o pessoal do SAAE [Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sobral] pra correr, porque diz que lá eles não tira mais, porque na hora que tem água, eles querem o papelzinho que seja certinho, mas quando não tem água, que vem, vem alto. Aí eles querem “coisar”<sup>229</sup> o papel da água. Aí eles não... Lá não entra mais ninguém não, porque não entra mesmo!

E agora tá tendo tiroteio direto lá... Não tem quem... O pessoal sai, invade... A minha casa, a minha mesmo, tá invadida. Tá lá. Tá entregue lá aos ladrão lá. Eu não vou atrás, que eu não sou doida! Mas foi bom o tempo que eu morei lá. Foi ótimo! Não tenho o que dizer não, de lá não! Eu adorei lá. Agora não, que o pessoal tão invadindo mesmo e tão saindo de lá. Aí, é assim, se você sai de manhã, se eles [criminosos] vê, aí de noite eles tiram pia, lâmpada, tiram tudo, tudo, de dentro da casa. Deixa tudo sem... Porta... Deixam tudo sem nada! Eles é que tão mandando lá. Né mais o pessoal [moradores, Estado, ordem pública] não. E se a gente for falar lá, eles matam é a gente também. Eu morro de medo! Por isso que eu saí de lá. Tá com seis meses que eu tô pra cá. Eu não ando mais pra lá nem a pau. O pessoal manda eu ir... Eu não vou não! O que é que eu vou fazer lá? Eu vou morrer? Arriscar minha vida? Eu não vou mesmo! Mas aí... Foi bom.

**JL:** Acaba que você fica refém, né?

**IB:** É. Aí eu deixei lá. Tem um tal de PCC, Comando Vermelho... Está invadida, a minha. E tão invadindo mais ainda. E tá tendo tiroteio todo dia, todo dia tá tendo tiroteio lá! Eu só ouvi o comentário, passando no Izaías [Nicolau: programa policial na rádio Coqueiros FM], na rádio, né? No programa...

**JL:** A senhora chegou a ver gente ser expulsa na época em que estava lá?

**IB:** Já, mas assim: por causa de briga mesmo, de mulher, né?! Mas no meu pedaço, não. No pedaço logo que tem... Foi... Assim, o nosso, que foi dos primeiros, perto da serra. Mas, o pessoal sai mais por causa de brigas e, agora, com este negócio de droga, aí o pessoal sai. Não querem mais ficar por lá. Não! Todo dia! O menino tava reclamando que só, uma mulher também de lá. E disse que tá entregado, porque eles tão jogado lá. O prefeito não olha mais pra ninguém... Rebolou lá, pronto! Tão rebolado igual a cachorros. Aí só veve (SIC) esculhambando o prefeito, porque o prefeito botou, era pra olhar pra eles. E ele não tá olhando pra eles. Ele só tá olhando pra quem? Pra ele mesmo, né?! Como eles tavam dizendo. O que eu tenho a dizer só é isso! Porque foi o tempo que eu morei lá. Que no tempo que eu morei lá não tinha briga, não tinha confusão, não tinha nada! (BATISTA, 2018).

O longo primeiro trecho da narrativa traz diversas informações interessantes. Em primeiro lugar, destaca-se o uso que a narradora faz do pronome eles como o “outro”, com o

<sup>229</sup> Termo polifônico tipicamente cearense, usado para substituir verbos, substantivos, adjetivos, enfim, utilizado em qualquer diálogo informal em substituição à palavra esquecida ou que a pessoa não quer proferir por algum outro motivo (KALBERG; LIMA, 2015).

qual não se identifica. Em alguns momentos este outro é o Estado, que deve ser garantidor de direitos, e em outros momentos, são os criminosos. Não identifica o Estado como seu representante, nem parece compreender que o poder do Estado emana dela, como cidadã. Enfatiza que o Estado concedeu o apartamento, mas não foi dado de graça, é pago, mesmo que a quantia seja módica.

Os únicos pontos positivos enfatizados pela narradora se referem ao fato de poder se tornar proprietária de um imóvel e que onde morou, “não tinha bagunça, não tinha nada”, fato que destaca novamente ao final do trecho, quando afirma que no tempo que morou lá, “não tinha briga, não tinha confusão, não tinha nada”.

Característica recorrente ao longo de toda a narrativa é o fato de Ivone Batista minimizar a violência, pois para ela, se são tiroteios e mortes esporádicas, não eram algo a se temer ou se estranhar. Mesmo com esses episódios, por serem raros no começo, a vida era boa, e ainda mudou para melhor. Contudo, a lua-de-mel com o Estado durou pouco, pois por se sentirem abandonados, devido às condições precárias, os moradores voltaram-se contra ele. E como o Estado os abandonou no início, nem mesmo a medição do consumo de água podia mais ser feita. Fica subentendido que a narradora compreende que o vácuo de poder do Estado abriu margem para o estabelecimento de criminosos, especialmente com a diminuição da presença policial.

Segue sempre ressaltando que foi um momento bom em sua vida. É constante a utilização de expressões do tipo “foi bom morar lá”, mas faz oposição entre o tempo em que viveu no Nova Caiçara, que era bom, com o tempo presente, o agora ruim, pois desde que saiu de lá, só ouve notícias negativas sobre o bairro, especialmente através da imprensa, a exemplo do programa de rádio Izaías Nicolau. Mais uma vez o poder da imprensa na construção do imaginário sobre o bairro é ressaltado. Se quando morava no bairro, Ivone Batista achava que os poucos tiroteios e mortes eram insignificantes diante das qualidades do local, depois de sua saída, as notícias que recebe desfizeram a imagem positiva que construiu ao longo de quatro anos, ou seja, seu caso específico demonstra o papel da imprensa e do medo difuso no estabelecimento do imaginário sobre o Nova Caiçara.

O medo que sentia ao morar no Nova Caiçara parece potencializado nos seis meses depois da decisão de voltar ao Sinhá Saboia. Falta-lhe coragem até para requerer o apartamento de volta, pois foi invadido por criminosos e, mesmo que fosse formalmente devolvido, não acredita que o Estado poderá garantir sua segurança, afinal, segundo ela, o Estado nem ao menos garante direitos básicos, como o abastecimento de água!

**JL:** A senhora passou quanto tempo lá?

**IB:** Eu passei quatro anos. E nesses quatro anos não aconteceu nada. Eu só saí mesmo de lá porque tem uma mulher lá que gostava muito de tá pedindo as coisas a gente, a gente num dava e ela ficou com raiva, e eu saí, mas eu não tenho o que dizer de lá não.

**JL:** Então, se houver confusão com vizinho, pode até haver um problema pior, né?

**IB:** É! Aí eu saí de lá também porque a gente estendia as roupas, assim, numa área. Não tem... Não tem muro na casa. Tem só um terraçozinho lá dentro pra colocar a moto, e se a gente coloca o pessoal arranha. Se a gente vai falar, o pessoal acha ruim.

Mas é bom? É. É que eu não gosto de confusão, então nós saímos de lá. Aí ele [marido] foi e comprou a casinha dele aqui também... Pronto! E a de lá tá entregue pro ladrão, tá invadida. Eu não vou mais atrás. Deixo pra lá. Agora eles [Estado], como estavam dizendo, se a gente não pagar, eles disse que vão leiloar, né?! Mas ninguém paga lá mais... Ninguém tá pagando, quem é que vai pagar? Eu num pago! Já tá com mais de um ano que também não pago. Que não é só eu, é todo mundo. Aí eles tava dizendo que era pra ele melhorar mais ali ainda, porque se ele melhorasse mais, todo mundo ficava lá, mas como é que melhora? Pra tirar o mato, tem que reclamar. Aí eles tira, aí com o tempo deixa lá. Aí tira e deixa o lixo lá. Aí é só isso que eu tenho pra dizer... No meu tempo, foi bom lá. Não tenho o que dizer de lá não! Só saí mesmo...

**JL:** Se dessem condições para voltar, a senhora voltaria?

**IB:** Não. Voltava não [risos]. Voltava não... Voltava não, sabe por quê? Eu vou já dizer! Porque toda vida morei aqui. Aqui foi bom. E lá é tudo é longe, e as coisas é tudo mais caras... É longe e quando a gente queria comprar a gente tinha que levar daqui pra lá. Eu não voltava pra lá nem a pau!

**JL:** Então, assim, à noite você quer resolver alguma coisa e não pode porque é longe, né?

**IB:** Isso. Por exemplo, se o menino adoecer, você tem que trazer ele de lá pra cá porque lá não tem posto [de saúde], o posto que tem é só durante o dia. E lá eles prometeram tanta coisa! Que ia ter polícia, que ia ter isso, que ia ter aquilo e tal... Cadê? Lá mesmo, dentro do Caiçara mesmo... Então não tem... Só promessa! Não teve nada! (BATISTA, 2018).

A necessidade de praticar a política da boa vizinhança é destacada neste trecho. Segundo a narradora, o motivo de sua saída do Nova Caiçara não se deu pela falta de segurança, pelo convívio com a violência em potencial ou pelas carências de infraestrutura, embora tudo tenha contribuído para a decisão, o fato mais relevante, segundo ela, foi o desentendimento com uma vizinha que “gostava muito de tá pedindo as coisas” e problemas com a utilização do espaço comum. Além disso, a compra de uma casa pelo marido no antigo bairro, o Sinhá Saboia, onde viveu quase toda a sua vida, fez com que a decisão fosse tomada mais facilmente ainda.

A perda do imóvel no Nova Caiçara não parece ser um problema para ela, que acredita que valeu o investimento de R\$ 25 mensais pelo tempo que pagou, mas lembra que deixou de

pagar a exemplo de outros moradores, motivados pela situação de abandono pelo Estado, de cuja assistência restou “só promessa”.

A simples menção da possibilidade de retorno ao bairro é recebida com risos pela narradora, como algo inimaginável. Segundo ela, mesmo com garantias por parte do Estado, não cogita o retorno por compreender que a vida se torna mais fácil no Sinhá Saboia, diferentemente do Nova Caiçara, onde “tudo é longe, e as coisas é tudo mais caras”.

**JL:** O pessoal até falou que iriam colocar um posto de saúde e uma escola lá dentro, né?!

**IB:** É, mas nada ainda! Fizeram um colégio novo, né?! Mas diz que este colégio que os meninos estuda, vão estudar, diz que uns fica em pé, outros fica sentado porque não tem cadeira. Ainda bem que os meus meninos toda vida estudaram aqui. Nunca tirei daqui. Deixei aqui. Nunca botei pra lá não. Lá é pra tá assim...

**JL:** Então, há dificuldades com água, segurança, transporte...

**IB:** É. Bastante. Polícia era só o que tinha nos começo. Era bom. Mas agora não. Tá tendo mais não. As meninas diz que tem, mas é muito difícil. E é mesmo. É difícil ter. E lá, se chegar alguém daqui pra lá, eu ouvi dizer que eles botam pra correr. Mas nós, que já somos de lá mesmo, nós pode entrar na hora que chegar lá, entra e sai, e não botava nós pra correr não! E nós sabe fazer também os vizinhos, né?

**JL:** Você tendo essa convivência boa, tranquila, né?!

**IB:** É. Porque foi o nosso pedaço. O nosso pedaço foi o melhor. Agora essas casas que deram são as pior... Que chamam o “morro da macaca”. Que tem tiroteio direto.

**JL:** Fica lá pro final, é?

**IB:** É. Perto do Mucambinho.

**JL:** Ah, certo! Tem um “Caradiru” também, que o pessoal chama, né?!

**IB:** É... O “Caradiru”, que eu não sei chamar, é o nosso. Que os nossos são os melhor. Mas os de lá é o pior. É o pior pedaço. Eu não tenho o que dizer do meu não, mas se fosse pra mim voltar, podia me pagar que eu não voltava mais, porque nós já tamos aqui na nossa casinha mesmo... E lá... Eu achava ruim nos começo porque eu pagava aluguel, eu pagava 200 reais, e lá era minha, eu ganhei, né? Eu pagava 25, que eu sou mãe solteira. Aí eu saí de lá, que eu arrumei este meu marido lá mesmo, conheci... Daí, comprou a minha casinha aqui, pronto. Mas foi bom... O tempo que eu vivi lá foi bom. Não tenho o que dizer de lá não (BATISTA, 2015).

Novamente a dona de casa contrapõe o período que morou no Nova Caiçara com o presente. Para ela, o “pedaço” onde morava sempre foi bom e não tem motivos para reclamar, mas avaliando no momento da narrativa como uma “forasteira”, acredita que o bairro tornara-se muito perigoso, especialmente nos blocos novos, longe de onde vivia, surgindo em sua fala a oposição comum entre o “nós” e o “eles”, o “outro”, como foco do mal.

É interessante verificar que a avaliação é sempre baseada em informações de terceiros indeterminados, como “as meninas”, “eles”, “o pessoal falou”. Esses “sujeitos

indeterminados” fortalecem seu medo do antigo bairro, pois mesmo sabendo que por ter sido moradora não seria expulsa ou “colocada pra correr” de lá, enfatiza que não retornaria com expressões como “nem a pau” ou “podia me pagar que eu não voltava”.

Novamente a antiga moradora fala superficialmente sobre o relacionamento com os vizinhos. Ivone Batista apontou alguns desentendimentos como motivos para sua saída do Nova Caiçara, mas sempre destaca que não gosta de confusão e que “sabe fazer os vizinhos”, ou seja, sabe manter um bom relacionamento com a vizinhança. Apesar de listar tantos pontos negativos da vida no Caiçara, a narradora mantém-se repetindo a fórmula “Mas foi bom... O tempo que eu vivi lá foi bom. Não tenho o que dizer de lá não”.

**JL:** E lá dentro do Caiçara tinha lugares que a senhora não tinha coragem de andar? Podia andar em todo lugar tranquilamente?

**IB:** Que não tinha coragem de andar? Não. Eu andava em todo lugar. Tranquilo, podia andar. A gente saía de um canto pro outro... É porque eu não saía de casa não, ficava só dentro de casa mesmo. Mas assim, quando tinha tiroteio, você tinha que sair correndo. Eu tinha um primo... Um primo não, um sobrinho, que foi baleado lá e quase matam ele lá. Aí ele tá morando é em Santana [do Acaraú]. Foi pra Santana porque não podia botar mais os pés lá. E tá lá por Santana. Porque tá... Lá tá “reimoso” agora. “Reimoso” que só. Não era assim não, mas tá ficando porque... Porque eles tomaram, né?! Invadiram... Invadiram tudo lá. Aí eles querem mandar lá, né?! Só isso!

[...]

**JL:** [risos] É só isso mesmo... Viu como foi rápido? Muito obrigado! Estamos encerrando a entrevista...

**IB:** Eu sei que lá é bom. Se fosse pra eu voltar, assim... Se eu não tivesse casa, né?! Eu até tava dizendo pro meu marido que eu voltava. Mas como nós tem a nossa, nós não vamos voltar. Vai voltar assim... Porque ele trabalha pra cá e fica muito distante do serviço dele, né?! Mas pra nós não tá pagando aluguel, aí nós voltava. Mas como nossa vida é dentro de casa mesmo... Mas como nós compreimo (SIC) a nossa aqui, nós num volta pra lá. Tá até entregue lá aos bandidos, né?!

**JL:** Dizem até que tem uma história de que eles colocam você pra correr... Eles “espirram”, né?! Quando não vão com a cara da pessoa... Dizem: ah! Você tem duas horas pra sair. Se não sair...

**IB:** Lá é assim: se você começar a brigar... Aí eles entregam uns aos outros, vamos dizer... Aí eles dão 24 horas pra pessoa sair de lá, porque não pode, pra gente brigar, tem que falar com eles. Até pra brigar tem que falar com eles... Mas lá é desse jeito. Por isso que eu digo... Eu dou entrevista... As pessoas não dão, eu dou. Que lá não é bom mesmo. Já foi bom... Já foi bom (BATISTA, 2018).

Apesar de todos os problemas e possibilidade de haver tiroteios, ela diz que se sentia segura em andar por todo o bairro. Nesse momento relata a história de um sobrinho que, após um desentendimento, foi baleado e está proibido de frequentar o Nova Caiçara, mas não quis entrar em detalhes de como isso afetou sua decisão de abandonar o apartamento, limitando-se a dizer que o bairro ficou “reimoso”, ou seja, no sentido literal do termo, pode prejudicar a

saúde, além de deixar transparecer, embora tenha evitado falar claramente, que o território foi dominado por uma facção criminosa, que quer “mandar lá” (já havia mencionado em outro trecho da narrativa).

Contradizendo o início da narrativa, quando afirmou não haver possibilidade de retornar ao Nova Caiçara, Ivone Batista ventila a possibilidade, mas apenas se fosse extremamente necessário. Além disso, fala brevemente sobre as leis paralelas que devem ser seguidas pelos moradores, que por medo as obedecem mesmo que contradigam aquelas estabelecidas pelo Estado.

Finaliza sua narrativa como em protesto. Agora livre do medo enfrentado pelos moradores, que “não dão entrevista”, demonstra orgulho em poder denunciar os problemas do antigo bairro e falar sobre a moradia anterior de forma crítica: “Eu dou entrevista... As pessoas não dão, eu dou. Que lá não é bom mesmo. Já foi bom... Já foi bom”.

## **5.9 Tão perto, tão longe**

O dia está quase amanhecendo quando certo (e anônimo) morador do Renato Parente desperta ao som de uma de suas músicas preferidas, programada no despertador do telefone celular. Ele hesita por alguns instantes, mas resolve se levantar, afinal, o treino tem tempo determinado antes que tenha de ir para o trabalho. Troca de roupa, calça os tênis, projetados especificamente para a atividade física que pratica e, por isso, são mais caros do que os demais.

Demora mais tempo destrancando e retrancando os inúmeros cadeados e alarmes do que na troca de roupas, mas sai satisfeito por manter seu patrimônio, conquistado com tantos sacrifícios, protegido da ação de criminosos. Embora saiba que a probabilidade de sua casa se tornar alvo de arrombamento seja mínima, acha melhor não facilitar. Somente quando ativa o último alarme o medo dá sinais de que permanece em sua mente, pois agora ele se vê fora da segurança de sua fortaleza particular. Por isso, escolhe cuidadosamente o trajeto a ser seguido, sempre evitando locais ermos, ziguezagueando entre as ruas mais iluminadas e habitadas, tendo o cuidado de ser focado pelas inúmeras câmeras de vigilância dispostas nas fachadas.

Cruza com poucos vizinhos de bairro neste horário, que assim como ele resolvem as pendências com a saúde antes do completo nascer do sol, seja por causa da falta de tempo em outros momentos do dia, seja por causa do clima mais ameno. Aqui e acolá alguém correndo,

caminhando ou passeando com seus cães, alheios à paisagem, imersos na trilha sonora reproduzida diretamente em seus fones de ouvido.

Cumprido o primeiro compromisso do dia, retorna à sua casa, onde repete todo o processo de desativação das inúmeras defesas, tão demorado quanto o subir e baixar das pesadas pontes levadiças dos castelos medievais. Após o banho, saboreia um lanche saudável enquanto ouve as notícias no rádio, que anunciam a rotina de mortes em bairros que só conhece por nome ou por ter passado ao largo.

Ele sai com o carro da garagem sem a necessidade de descer novamente para a calçada. Apenas baixa o vidro, ativa o motor do portão e, após o fechamento, reativa o alarme. Nesse momento, percebe seu vizinho fazendo o mesmo, mas é o da casa à esquerda, e este, ele não conhece (afinal, faz apenas alguns meses que ele veio morar naquele local, segundo soube pelo grupo de WhatsApp). Nem ao menos sabe o nome, por isso, limita-se a um leve aceno com a cabeça antes de subir novamente o vidro do carro. No interior hermético e climatizado, se sente relativamente seguro para cruzar a cidade e seus perigos.

Ao chegar ileso e aliviado ao trabalho, é respeitosamente cumprimentado por cada funcionário com quem cruza. Segue para sua sala com certo alívio, esquecendo por algumas horas que terá de enfrentar o percurso de volta ao lar, quando tudo pode acontecer.

Uma breve caminhada separa uma das vias de entrada do Renato Parente da mais importante entrada do Nova Caiçara. Os dois bairros são separados por mais ou menos um quilômetro, mas a real separação vai além da distância.

Enquanto o anônimo morador do Renato Parente calçava seu par de tênis, no Nova Caiçara, a rotina de sua quase vizinha é bastante diferente. Mesmo ainda cansada, ela acorda quase instintivamente, pois terá de preparar algo para os filhos comerem antes de seguirem para a escola, além de lavar a louça da noite anterior, quando deixou o almoço encaminhado para economizar tempo.

Após a luta para acordar as crianças e arrumá-las, finalmente toma seu banho apressado. Rapidamente o tempo passa e não foi possível se arrumar como gostaria. Pelo menos os filhos irão para a escola com os uniformes limpos e engomados! Ao sair de casa, cruza com diversos outros moradores que, assim como ela, estão se preparando para mais um dia de trabalho. Cumprimenta a todos pelo nome, afinal, é bom saber “fazer os vizinhos”! Mesmo atrasada, ainda tem tempo de perguntar pela filha caçula da senhora que mora ao lado, que estava com febre no final de semana. Tranca a porta, trava o cadeado do portão e faz o sinal da cruz, sua maior proteção.

Sua atividade física se resume a caminhar de seu apartamento, em um dos últimos blocos, até o ponto onde o ônibus escolar apanha seus filhos. Depois disso, vai a outro ponto, onde um vizinho, mototaxista, a espera para levá-la ao trabalho, como faz todos os dias pelo valor mensal combinado.

Ao chegar ao trabalho, cumprimenta o porteiro, os seguranças e demais colegas, mas ao vestir o uniforme e pegar os equipamentos, vassoura, esfregão, as luvas, sente que magicamente adquire certa invisibilidade. Enquanto está no trabalho, reza para que seus filhos voltem em segurança para casa e almocem com tranquilidade a comida que, desde cedo, aprenderam a esquentar. Mesmo tendo aconselhado várias vezes que evitem brincar fora de casa, sabe que isto está além de seu alcance. Só resta rezar. Rezar para que nenhum dos filhos que criou sozinha caia na marginalidade.

Evidentemente que não se pode generalizar as histórias aqui apresentadas, romanceadas a partir de inúmeros relatos ouvidos durante a fase de pesquisa. Da mesma forma, não se pode generalizar e afirmar, como em algumas das narrativas apresentadas ao longo deste capítulo, que todos os moradores do Renato Parente são “cidadãos de bem” e todos os moradores do Nova Caiçara são “pobres coitados”, “o pior dos piores”, “gente inferior”.

Os moradores dos bairros Renato Parente e Nova Caiçara dividem o mesmo pano de fundo: a bela serra da Meruoca. Dividem os mesmos problemas com o abastecimento de água e a distância do Centro da cidade. O que não dividem é um convívio próximo e nem são vistos da mesma forma pelos moradores dos demais bairros da cidade.

As narrativas apresentadas ao longo deste capítulo permitiram a possibilidade de se vislumbrar um pouco das mentalidades e práticas socioespaciais dos moradores destes dois bairros, tão espacialmente próximos e tão socioeconomicamente distantes.

Enquanto os moradores do Renato Parente veem com apreensão e até hostilidade qualquer “forasteiro” que porventura tenha de se aventurar pelas ruas esburacadas, enlameadas e ainda mal iluminadas do bairro, os narradores do Nova Caiçara lamentam que uma percepção negativa impeça que as ruas e avenidas projetadas e bem iluminadas sejam mais frequentadas por pessoas de toda a cidade, seja para visitar ou para prestar algum serviço.

Se os moradores do Renato Parente ouvidos durante este trabalho têm a consciência de seus direitos e, por isso, exigem que o Estado cumpra seu papel, a anomia do Estado faz com que muitos moradores do Nova Caiçara se recusem a reconhecer sua autoridade, deixando de cumprir suas obrigações, como o pagamento de impostos e taxas.

Em meio às diferenças e desigualdades, o que se mostra constante é o medo, que figura nas falas de narradores de ambos os bairros. Mas se o medo relatado pelos vizinhos do Renato Parente se refere à perda de bens ou à potencial e remota violação do lar, o medo que anestesia a língua dos moradores do Nova Caiçara é menos discreto e mais presente, é o medo de se tornar vítima de um crime violento, tão comum nas periferias pobres de Sobral. Para evitar o aumento dessa possibilidade, o melhor é evitar falar e fingir não ver e ouvir. É preciso seguir normas que não figuram na Constituição ou são cobradas nas provas da Ordem dos Advogados, mas cujas penalidades em caso de não cumprimento são de conhecimento geral.

Enquanto no Renato Parente a possibilidade de escolhas ainda é plural, e mesmo a prisão voluntária nas fortalezas particulares é um alívio diante do medo imposto pelo “mundo malvado”, no Nova Caiçara, a decisão não dá margem para dúvidas. Ela é imposta de fora e de dentro, seja pela força da palavra, seja pela força da arma.

A relativa tranquilidade tem um preço em cada bairro. Pode-se afirmar que no Renato Parente, é a auto segregação, no Nova Caiçara, a auto alienação. A cidade é aberta para os moradores do Renato Parente, basta que destranquem suas portas. Mas para os vizinhos do Nova Caiçara, a maior parte das portas da cidade seguirá fechada ou, quando abertas, com avisos de acesso restrito.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades são reflexos de suas histórias e dos seus habitantes, com suas qualidades e defeitos, com seus sonhos, aquilo que os move. As cidades são constituídas material e discursivamente. Mas as cidades não são somente as conquistas, não são apenas os motivos de orgulho. Suas particularidades estão também nos detalhes que elas escondem, naquilo que preferem manter longe das vistas de seus visitantes. Com Sobral não é diferente.

A “Princesa do Norte”, como qualquer cidade, constituiu-se a partir de interesses diversos, e tanto física quanto simbolicamente, é a materialização destes interesses. Embora ganhem destaque na narrativa oficial exatamente os interesses vitoriosos, daqueles que detêm o poder de escrever a história e direcionar o crescimento da cidade conforme o que lhes convêm, não é preciso mais do que um pouco de atenção para perceber que há vozes dissonantes que, mesmo oprimidas, nunca se calaram por completo.

Por trás de uma cidade monumental há outra, não glorificada, onde vive grande parte dos sobralenses. O oásis de oportunidades no sertão não é aberto a todos. Desde suas origens, a Sobral que manda deixou claro quem deveria ficar à margem, numa relação através da qual manteve uma “distância segura” com a mão de obra de que precisava, mas com a qual não queria conviver. Os trabalhadores precisavam ficar por perto para serem acionados com agilidade e longe o bastante para serem evitados nos momentos de lazer, como espectros circundando o cotidiano das elites locais. É a opulência versus a miséria, em uma semiose que perpassa os monumentos e ganha os discursos, as ações e falas do cotidiano.

Assim foram criadas medidas de segregação socioespaciais ao longo da história, maquiadas, justificadas como iniciativas de ordenamento e embelezamento da cidade, um progresso para poucos em detrimento de muitos. A expressiva concentração de recursos, de renda, de benesses do Estado nas mãos de um seletivo grupo forneceram as bases para uma Sobral “pioneira”, “moderna”, industrial mesmo quando outras cidades cearenses não apresentavam as mínimas condições de ao menos sonharem com isso. Riqueza traz opulência e opulência gera o orgulho. Mas nem todos se banquetearam nessa fartura, tendo de assistir de longe e se contentar com as sobras. Sobras de oportunidades, de atenção do Estado, que se volta na direção adequada para quem o controla. Como afirma Ana Fani Carlos,

[...] o enfoque analítico como fundamento da lógica estatal faz com que a intervenção do Estado no espaço urbano apareça como uma “necessidade social”, um preço “a pagar” pelo progresso. Desse modo, as políticas urbanas, em nome do progresso, escondem (nem sempre com sucesso) os interesses imobiliários que no seu desenvolvimento deslocam favelas, expulsam os moradores das áreas que se valorizam com a intervenção do Estado, que deixam de “ser compatíveis” com as

mudanças (leia-se, expulsão da população com poder aquisitivo inferior àquele que a “nova área” deverá atrair). Essas políticas se justificam em análises que tratam a cidade enquanto quadro físico, mosaico de lugares, reunião de bairros, exigindo a articulação “destes pedaços”, através de sua funcionalização. Esse processo articula espaços funcionalizados a uma vida cotidiana normatizada onde a necessária harmonização do território aparece como objetivo do desenvolvimento sustentável – uma exigência do capital globalizado (CARLOS, 2011, p. 77).

Contudo, não basta separar. É preciso convencer os separados que aquele é o seu lugar na sociedade. Com o poder de apontar o que é importante material e imaterialmente, os “donos da cidade” espoliam a maior parte de seus habitantes do direito à cidade, não apenas fisicamente, impedindo que ocupem determinados espaços, mesmo que temporariamente, mas também simbolicamente, ao estabelecerem, por meio da ideologia, que há locais onde estas pessoas não são bem-vindas. E onde a ideologia falha, ainda há a força da lei.

Surgem então áreas na cidade ocupadas por verdadeiros párias sociais, assim encarados porque são desprovidos da cidadania garantida pela plenitude do consumo (CANCLINI, 2015), não só da infinidade de objetos supérfluos ou não, mas do consumo do espaço, através do mercado imobiliário. Por falta de recursos, estas pessoas são obrigadas a ocuparem os refugos do mercado imobiliário, normalmente terrenos com condições mínimas de moradia e fora da agenda de beneficiamento do Estado. Em Sobral, o processo de periferização seguiu este roteiro, causando o crescimento da cidade seguindo vetores determinados por esse jogo de interesses.

Com o passar do tempo, o Estado sofre pressão para “resolver o problema” destas áreas, seja por parte dos habitantes, seja por parte do mercado imobiliário, que passou a ter algum interesse nelas (CORRÊA, 1995). Surgem os beneficiamentos, a instalação de equipamentos estatais, como acompanhado ao longo dos anos em Sobral. Com a área devidamente beneficiada, é hora de remover novamente aquelas famílias, afastá-las um pouco mais, pela força da especulação imobiliária ou oferecendo sua inclusão em programas habitacionais.

O Nova Caiçara é um bom exemplo deste processo. O novo bairro é resultado de um conjunto residencial parte de um programa habitacional amplo que teve como resultado uma verdadeira mudança no eixo de ocupação de Sobral. Em poucos meses, houve o deslocamento de milhares de habitantes para aquela porção da cidade, impactando os fluxos urbanos, a oferta de serviços, recursos básicos (como água e eletricidade) e criando novos simbolismos.

Antes mesmo de sua plena ocupação, o Nova Caiçara já passou a figurar no imaginário dos habitantes da cidade como um novo e sério problema. Conforme se pode perceber nas narrativas apresentadas, aquela comunidade foi estigmatizada desde o início, e

mesmo após a realidade demonstrar que os receios não se concretizariam, a imagem negativa já havia sido estabelecida.

Apesar de oferecer uma infraestrutura básica superior a outras áreas da cidade, o Nova Caiçara tornou-se um espaço invisível (BAUMAN, 2001) no tecido urbano. Isso foi consequência de diversos fatores, dentre os quais o fato de ser habitado por pessoas fora do circuito de consumo espacial, vistos como “ganhadores” de moradia, beneficiários em detrimento de muitos que se esforçam para conquistar suas posses. Além disso, o bairro representa uma proximidade “preocupante” para uma classe média que já ocupava aquela parte da cidade, pois impõe a proximidade com pessoas que estiveram normalmente fora das vistas. Diferente das periferias deterioradas, ocupações em áreas de risco e favelas, facilmente “apagadas” do campo de visão das elites, os diversos edifícios do Nova Caiçara são difíceis de passarem despercebidos.

Se não há como apagar fisicamente aquelas pessoas, por que não denegri-las pelo seu local de moradia e tentar apagá-las simbolicamente? O uso deste artifício não é uma novidade, ainda mais quando há ganhos políticos envolvidos, como no caso do Nova Caiçara, um exemplo impactante do Programa Minha Casa Minha Vida, afinal, os números não mentem, mas podem ajudar a criar versões diferentes dependendo do contexto no qual são empregados.

Ao recorrer ao principal medo do brasileiro na atualidade, o medo de se tornar vítima da violência urbana, qualquer objetivo tem grandes possibilidades de ser alcançado, seja a obtenção de capital político e, conseqüentemente, a vitória nas urnas, seja ter êxito na estigmatização de comunidades que surgem como empecilhos para interesses diversos. Mais fácil ainda quando o senso comum já incorporou de forma tão indissociável a máxima de que pobreza e violência estão atreladas que mesmo os argumentos mais fortes são tratados como vitimização mesmo por aqueles que são vítimas deste discurso.

E onde há interesses em jogo, a mídia ganha destaque, pois é um agente importante no direcionamento de percepções, e com a sensação de medo já estabelecida, as percepções já estão predispostas a serem direcionadas. Como afirmam Sposito e Góes (2014, p. 3), “nesse contexto, o papel da mídia é fundamental, pois, frente à sensação de medo difuso, ela produz uma dada realidade, formalizando e ordenando o real”.

O importante papel da mídia no estabelecimento da estigmatização socioespacial dos moradores do Nova Caiçara pode ser percebido nos exemplos trazidos ao longo desta pesquisa. Por compactuarem com os interesses em jogo ou por simples despreparo, proposital ou involuntariamente, os blogueiros auxiliaram na construção da imagem de uma comunidade de párias sociais, de bandidos, que por isso não devia ocupar aquela área da cidade, mas terem

sido instalados fora da possibilidade de convívio com “cidadãos de bem”, pois teriam apenas levado problemas para uma parte relativamente tranquila de Sobral. E mesmo sem comprovação, através do básico acompanhamento comparativo das ocorrências de crimes na cidade, isso é afirmado com uma naturalidade de quase verdade, ampliando a sensação de medo difuso, ocupando espaço no senso comum e afetando de forma irreversível a vida destas pessoas.

A exemplo de outras áreas estigmatizadas nas metrópoles brasileiras, os moradores do Nova Caiçara se tornam triplamente vítimas, primeiro pelo abandono do Estado, segundo pela opressão exercida pelos agentes do crime e, em terceiro, pelo preconceito do restante da sociedade. São três obstáculos que limitam ainda mais o acesso destas pessoas a oportunidades que deveriam ser oferecidas de forma igualitária, mas acabam se tornando privilégios, defendidos como uma fictícia meritocracia.

Assim como na Antiguidade todos os caminhos levavam a Roma, durante décadas todos os caminhos de Sobral levavam ao Centro da cidade. As possibilidades de consumo, tanto de bens quanto de serviços, de saúde a lazer, se concentravam na área central. Sem a possibilidade da garantia de uma fluidez por um transporte público eficiente, aqueles que viviam longe da “cidade da vitrine” ficavam efetivamente à margem.

O simbolismo de um Bairro como o Nova Caiçara, uma verdadeira cidade dentro da cidade contar com apenas uma via de acesso em sua entrada com sentido único em direção ao Centro da cidade é inegável: “a cidade não vai ao Nova Caiçara. O Nova Caiçara deve ir à cidade”. A política de “trazer os da margem para o centro”, quando os centros das cidades já são ocupados por quem controla os seus rumos, em vez de unir, gerou desconforto e desconfiança. A margem sempre acabou mal recebida e sentiu-se como intrusa na festa. E a experiência tem demonstrado que a segregação e auto segregação também são ineficientes, aliás, só ampliam o medo e a violência. Como afirma Melgaço:

[...] a solução para a violência não está na repressão exagerada nem em se trancafiar em condomínios fechados ou investir em carros blindados e, muito menos, em colocar câmeras de vídeo pelos bairros, à moda dos *reality shows*. A solução vai muito mais no sentido de promover ações que gerem mais articulações e não, mais violência. É preciso, portanto, retomar as solidariedades orgânicas perdidas nos lugares (MELGAÇO, 2005, p. 105).

Apesar de certas solidariedades serem estabelecidas em determinadas comunidades, como no caso do Renato Parente, onde os moradores mantêm-se como uma “vizinhança vigilante” (PEREIRA, 2018), isso cria apenas enclaves de segurança, fragmentos de uma

cidade sem unidade. São abismos que se alargam entre bairros vizinhos, que se evitam pela desconfiança ocasionada pelo medo difuso.

E as solidariedades não se criam com desconfianças, mas com relações de troca. Se a cidade não for ao Nova Caiçara, não será aceita por sua comunidade. Se o Estado não se fizer presente, não terá poder de se impor frente ao crime, que se territorializa exatamente neste vácuo de poder. Apesar de ser uma das áreas com maior registro de ocorrências criminais de Sobral, o bairro Centro é percebido pelo senso comum como seguro. Isso não se deve à beleza do casario histórico imponente, mas ao fluxo e convívio de pessoas de todas as partes da cidade e da região. São relações fugazes, mas já são algum tipo de relação.

A cidade pode ir ao Nova Caiçara através do estabelecimento de serviços naquele bairro, na maior presença estatal e garantias de livre trânsito e segurança, ou seja, garantias mais superficiais direitos à cidade, à cidadania e ao convívio em sociedade. Como afirma Luciana Cruz, “quanto mais se teme o espaço, mais inseguro se torna” (2011, p. 24), nesse sentido, o projeto “#OcupaSobral”<sup>230</sup>, desenvolvido pela prefeitura municipal, nasceu com uma premissa correta ao promover atividades de cultura, lazer e cidadania exatamente nos bairros mais carentes, mas apesar de promover a ocupação temporária de espaços públicos nestes bairros, não proporciona o estabelecimento de solidariedades entre as diversas comunidades da cidade.

Outra frente possível seria a realização de um trabalho de qualificação dos profissionais da mídia local, com a sua sensibilização quanto o seu papel social. Evidentemente que parcerias com entidades como a sessão local da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), cursos de jornalismo, direito, psicologia e serviço social, dentre outros, das diversas instituições de educação superior locais seria fundamental para que isso se desse de forma correta, sem a possibilidade de questionamento quanto à possibilidade de cooptação política dos profissionais de imprensa.

Enfim, não existe fórmula mágica para a resolução de um problema tão complexo quanto à violência urbana, mas existe a possibilidade de aplicação de iniciativas que poderiam minimizar o impacto social que vem atrelado a ela, especialmente quanto a estigmatização

---

<sup>230</sup> De acordo com o prefeito de Sobral, Ivo Gomes, “a prevenção à violência é uma das prioridades da minha gestão e todos nós somos responsáveis. Por meio do #OcupaSobral, cada secretaria criou um pacote de estratégias e ações que serão executadas paulatinamente em todos os bairros e distritos da cidade. Nosso objetivo, por meio desse programa, é convidar a população, sobretudo as juventudes, a ocupar os espaços públicos de Sobral e, ao mesmo tempo, criar uma política municipal de atenção integral aos adolescentes, pois estes são os mais vulneráveis à entrada no mundo da criminalidade”. (Prefeitura dá início ao projeto #ocupaSobral nos bairros Dr. José Euclides, Vila União e Nova Caiçara. **Blog Sobral 24 Horas**. 4 ago. 2017. Disponível em: <http://www.sobral24horas.com/2017/08/prefeitura-da-inicio-ao-projeto.html>. Acesso em: 10 dez. 2018).

socioespacial, que assim como todo discurso, pode passar por um processo de questionamento e desconstrução quando aqueles que por ele são vitimados tomam consciência dos abusos sofridos e passam a lutar por dignidade. Da mesma forma, quando os agentes que naturalizam a violência ocasionada pelo seu discurso estigmatizante são interpelados e levados a analisar suas falas, acaba-se gerando neles certo incômodo, por menor que seja, mas que já seria uma semente de mudança, como percebido nas escolhas de palavras de alguns dos narradores.

Da mesma forma que não existe uma “memória coletiva”<sup>231</sup>, não existe uma única interpretação dos fatos, do passado ou do presente, nem respostas definitivas para os problemas aqui abordados. Apesar de todas as suas limitações, a maior contribuição desta pesquisa talvez seja apresentar-se como um canal de ressonância que desperte a atenção para o problema da estigmatização socioespacial em Sobral. Sua retribuição (PORTELLI, 2016) à sociedade residiria exatamente neste aspecto, o que tem inspirado sua divulgação em escolas do município e deverá gerar a publicação de um livro. Afinal, recorrendo mais uma vez a Portelli, “a boa história oral tem um propósito, até mesmo uma missão. Ela ambiciona deixar uma marca no mundo. Ela não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito” (2016, p. 43). Nas palavras de Telma Bessa Sales:

Assumindo esta opção teórica que, também, é uma prática social torna-se necessária a abordagem de uma história plural. É preciso pensar os sujeitos sociais, considerando-se também as trajetórias destes para conquistar melhores condições e uma vida com dignidade. Pensar com suas bagagens culturais, relações sociais, tendo em vista uma sociedade, em que se considere a pluralidade, as diferenças entre as pessoas e ao mesmo tempo a construção de uma história aberta, participativa e democrática (SALES; VASCONCELOS, 2012, p. 30).

Embora esta pesquisa tenha originado um texto consideravelmente longo, evidentemente que não esgotou as possibilidades de outras abordagens. A complexidade do tema o torna bastante fecundo, propício a diversas outras frentes de pesquisa. Muitas fontes tiveram de ser preteridas, como os comentários das notícias dos blogs, que por si só já seriam suficientes para longas teses; muitas outras narrativas que infelizmente não puderam ser utilizadas<sup>232</sup>, além de inúmeras que poderiam ser captadas; um universo ainda maior para aplicação da pesquisa de percepção; a ampliação da cartografia para a análise espacial de outras modalidades de crimes, entre vários outros aspectos que tiveram de ficar para um próximo exercício científico.

<sup>231</sup> “Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira” (PORTELLI, 2006, p. 127).

<sup>232</sup> Como explica Portelli: “Quando é que nós paramos de fazer as entrevistas no projeto, que na realidade nunca se acaba? Quando você se dá conta de que todas as últimas entrevistas, que você fez, não mudam o horizonte de possibilidades. Então, é possível que você tenha alcançado uma hipótese plausível, não se saberá nunca” (BESSA; NEVES, *et al.*, 2010, p. 11).

A presença sufocante do medo e da violência no cotidiano atual das cidades confere ao tema uma pluralidade ímpar de interpretações e tentativas de respostas, todas válidas dentro de seu universo de análise e ao mesmo tempo inválidas em uma aplicabilidade generalizante. O que todas têm em comum é o esforço em se compreender essa faceta da vida em sociedade, e todo esforço é válido quando o objetivo é tentar contribuir para a superação das barreiras que nos separam e que tornam o direito à cidade mais inacessível e a vida urbana mais difícil do que deveriam ser.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR JÚNIOR, P. R. **A Cidade e o Rio: Produção do espaço urbano em Sobral-Ceará**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, p. 199. 2005.
- ALBERTI, V. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALESSI, G. Sobral, a cidade da “passeata do crime” e da “lei da perna manca”. **El País**, 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471636285\\_536064.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471636285_536064.html). Acesso em: 25 fev. 2018.
- ALMEIDA, D. G. D. **Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial da produção calçadista**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, p. 162. 2009.
- AMADO, J. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf). Acesso em: 3 nov. 2017.
- ARAÚJO, E. R.; SOUZA, E. C. D. **Obras Jornalísticas: uma síntese**. 3ª. ed. Brasília: Vestcon, 2008.
- ARAÚJO, P. F. S. D. **Cronologia Sobralense: Séculos XVII e XVIII (1604 - 1800)**. 2ª. ed. Sobral: Edições ECOA, v. I, 2015. 500 p.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ARRUDA, F. D. A. V. **Genealogia Sobralense “OS GOMES PARENTE”**. 2ª. ed. Fortaleza: IOCE, v. II - Tomo II, 1996. 255 p.
- ASSIS, L. F. D.; RODRIGUES, A. H. V. Os supermercados e o pequeno comércio: transformações e resistências numa cidade média do Nordeste brasileiro - Sobral - Ceará. **Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia**, Lisboa, v. 43, n. 86, 2008. 69-87.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades(s) Enunciativas(s). Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *In*: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. **Cadernos de estudos linguísticos 19: O discurso e suas análises**. Campinas: Unicamp, 1990. p. 25-42.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, v. 2, 1990.
- BARBOSA, M. E. *et al.* **Sobral Patrimônio Nacional**. 1ª. ed. Sobral: Prefeitura Municipal de Sobral/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 4ª Região, v. I, 2000. 96 p.

BASTOS FILHO, R. A. *et al.* Segregação Socioespacial: uma meta-análise dos trabalhos publicados em periódicos a partir da aprovação do estatuto da cidade (2001-2017), Natal (Online), v. 08, p. 298-320, 2017.

BAUMAN, Z. **Globalização: consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEATO, C. **Crime e Cidades**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BESSA, T. *et al.* Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista Historiar (UVA)**, Sobral, v. 4, n. 4, ja. - jun. 2010. ISSN 2176-3267. Disponível em: [http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro\\_portelli.pdf](http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro_portelli.pdf).

BORTOLO, C. A. D. A Produção de um Espaço Público e os Agentes Produtores da Cidade: o caso do Lago Igapó em Londrina - PR. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, 2º sem. 2010.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1996.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 2010.

BRASIL. Lei n. 3.104, de 9 de mar. de 2015. **Feminicídio**, Brasília, DF, 9 mar 2015.

BRASIL. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República. Brasília, p. 120. 2016. (ISBN: 978-85-85142-60-5).

CAIÇARA. Dicionário Michaelis online. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caicara/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. O que é Minha Casa Minha Vida. **Caixa Habitação**. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 10 dez. 2017.

CALDEIRA, T. P. D. R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: 34; EdUSP, 2000.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução de Maurício Santana Dias. 8. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CARLOS, A. F. A. **A condição Espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARMO, C. M. D. A hibridização e a construção do discurso evangélico na mídia televisiva. *In: MAGALHÃES, C. Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. Cap. 5, p. 228.

CEARÁ. Crimes Violentos Letais e Intencionais - Registros Diários. **Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social**, 2018. Disponível em: <http://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência**. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada / FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Rio de Janeiro, p. 69. 2017.

CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na Região Metropolitana de Belém. *In: CHAGAS, C. A. N.; SILVA, M. P. D.; VIEIRA, D. C. D. M. Geografia da violência: produção do espaço, territórios e Segurança Pública*. 1. ed. Belém: GAPTA/UFPA, 2018. p. 23-44.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **Revista GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 2, 1999. ISSN 15177793.

CNBB. Aberta a Campanha da Fraternidade de 2018: “Fraternidade e superação da violência”. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, 2018. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/aberta-a-campanha-da-fraternidade-de-2018-fraternidade-e-superacao-da-violencia/>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 304 p.

COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, tempo e cultura*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 124.

CRUZ, L. M. D. Morfologias urbanas do medo: a materialização da (in) segurança em bairros nobres do Recife. *In: SÁ, A. J. D.; CRUZ, L. M. D. "Medo urbano" e suas novas formas geográficas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE: CCS Gráfica e Editora, 2011. p. 11-104.

DAVIS, M. Fortaleza La. *In: DAVIS, M. Cidade de Quartzos: escavando o futuro em Los Angeles*. Tradução de Renato Aguiar e Marco Rocha. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 235-268.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Railton Sousa Guedes. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIÓGENES, G. M. Por uma Abordagem Hermenêutica da Violência. *In*: BARREIRA, C.; LINS, D. **Poder e Violência**. Fortaleza: EUFC, 1996.

DIÓGENES, G. M. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DOMINGOS, J. M. **Interesses X Isenção Jornalística: análises dos discursos de comentaristas políticos da rádio Coqueiros FM e Tupinambá AM na eleição de 2016**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Instituto Superior de Teologia Aplicada - INTA. Sobral, p. 103. 2017.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Tradução de Ruy Jungman. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. I, 1994.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAIRCLAUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades. *In*: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2001. Cap. 2, p. 228.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. D. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 10 dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>. Acesso em: 02 ago. 2018.

FARIAS FILHO, A. V. **O Trem e a Cidade**. Sobral: Sertão Cult, 2016. 102 p.

FARIAS, A. D. **História do Ceará**. 7ª. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

FAUSTO NETO, A. **Comunicação e Mídia Impressa**: Estudo sobre a AIDS. São Paulo: Hacker, 1999.

FELTRAN, G. D. S. **Fronteiras de Tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Unesp: CEM: Cebrap, 2011.

- FERNANDES, L.; RAMOS, A. Exclusão social e violências quotidianas em “bairros degradados”: etnografia das drogas numa periferia urbana. **Toxicodependências**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 15-27, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-48902010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-48902010000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 ago. 2017.
- FERNANDES, L.; RÊGO, X. Por onde anda o sentimento de insegurança? Problematizações sociais e científicas do medo à cidade. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 167-181, fev. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612011000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612011000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 ago. 2017.
- FOULCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRANÇOIS, E. A Fecundidade da história oral. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. D. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 3-13.
- FREITAS, A. J. L. D.; ARAÚJO, C. S.; SALES, T. B. “O que essa entrevista está documentando?”: entrevista com a professora Verena Alberti. **História Oral**, v. 20, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=731>. Acesso em: 11 mar. 2018.
- FREITAS, A. J. L. D.; SALES, T. B. O FIES e a inserção do bairro Dom Expedito na dinâmica socioespacial da educação superior sobralense. *In*: SILVA, R. M. G. D.; HOLANDA, V. C. C. D. **A expansão do Ensino Superior em debate**. Sobral: Edições UVA / Sertão Cult, 2018. p. 177-198.
- FREITAS, F. L. D. S. **A Territorialidade da Criminalidade Violenta no Bairro Jardim das Oliveiras - Fortaleza/CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, p. 168. 2010.
- FREITAS, G. J. D.; BRASIL, G. M.; ALMEIDA, R. D. O. Morte em fronteiras: jovens “matáveis” nos celeiros da política e da cidade. **Configurações**, p. 165-184, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/1509>. Acesso em: 23 nov. 2017.
- FREITAS, N. A. D. Ação, efeito e manobras: o "artefato primoroso" da monumentalização de Sobral e seus usos no campo político. *In*: FREITAS, N. A. D.; MARIA JÚNIOR, M.; HOLANDA, V. C. C. D. **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco**. Sobral: UECE/UVA, 2010. p. 185-210.
- FROTA, D. J. T. D. **História de Sobral**. 3ª. ed. Sobral: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE, 1995.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil 2015**. Fundação João Pinheiro, Diretoria de Estatística e Informações. Belo Horizonte, p. 78. 2018.

GIRÃO, G. G. S. M. Dinâmica do Cenário Urbano - Reflexos da Belle Époque em Sobral. *In*: SANTOS, C. A. P. D.; ALENCAR, A. C. N. **A Polifonia Sobralense: leituras e entendimentos sobre a história da cidade**. Sobral: Edições ECOA, 2015. p. 289.

GONÇALVES, L. A. A. **A Metamorfose das Feiras Nordestinas com a Inserção da Confeção Popular: estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Aprazível, Sobral-CE e Serrinha-BA**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, p. 329. 2016.

GOUAZÉ, J. L'Énonciation des Titres. *In*: MOUILLAUD, M., *et al.* **Stratégies de la presse et du droit**. Lyon: PUL, 1979. p. 119-181.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2014. 320 p.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins, 2014.

HOLANDA, V. C. C. D. Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro. **Revista de Geografia (UFPE)**, Recife, v. 31, n. 1, 2014. 146-165.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

IBGE. Cidades: Panorama Sobral (CE). **IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso em: 01 set. 2017.

IBGE. Dicionário cartográfico. **IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16496-dicionario-cartografico.html?=&t=sobre>. Acesso em: 17 fev. 2018.

IPHAN. Conjuntos Urbanos Tombados - Sobral (CE). **Portal Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/242>. Acesso em: 27 jul. 2017.

KALBERG, L. L.; LIMA, S. V. Similaridade entre o dialeto cearês e o acreanês. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, n. 16, p. 48-62, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.com.br/arquivos/REV%20XVI.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

KRUG, E. G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Organização Mundial da Saúde. Genebra, p. 380. 2002. (ISBN 92 4 154561 5).

LARA, F. T. D. R.; FERREIRA, G. A.; VIEIRA, S. C. **Direito, economia e desenvolvimento sustentável I**. Florianópolis: CONPEDI, 2015.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, L. Quando um muro separa e nenhuma ponte une. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 13, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/8805>. Acesso em: 02 ago. 2018.

LIMA, J. G. Médias cidades, grande problemas: as facetas do uso e apropriação do solo urbano em Sobral-CE. **CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas (FURG)**, Rio Grande, v. 7, n. 1, p. 48-64, 2014.

LIRA, P. S. **Geografia do Crime e Arquitetura do Medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas**. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2014.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. D. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 15-25.

MAGALHÃES, C. M. A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo. *In*: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. Cap. 1, p. 228.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998.

MALANSKI, L. M. Geografia Humanista: Percepção e Representação Espacial. **Revista Geográfica de América Central**, v. 1, n. 52, p. 29-50, jan-jun 2014. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/6285>. Acesso em: 21 jul. 2018.

MARCONDES FILHO, C. **Dicionário da Comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2009. 496 p.

MARQUES, G. D. A. O Programa Minha Casa Minha e suas implicações na reestruturação das cidades médias e dos centros regionais: estudo de caso em Sobral, Ceará, São Paulo, 2017. Disponível em: [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVIIENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%205/ST%205.5/ST%205.5-04.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVIIENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%205/ST%205.5/ST%205.5-04.pdf). Acesso em: 19 jun. 2018.

MARTINS FILHO, A.; GIRÃO, R. **O Ceará**. 3ª. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, O. A narrativa: metáfora e liberdade. **História Oral**, n. 4, 2001.

MATTAR, F. N. **A Pesquisa de Marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MEDEIROS, C. N. D. *et al.* **Painel de Indicadores Sociais e Econômicos: Os 10 maiores e os 10 menores municípios cearenses**. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. Fortaleza, p. 48. 2017.

MELGAÇO, L. **Securização urbana: da psicosfera do medo à tecnoesfera da Segurança**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo - USP. São Paulo. 2010.

MELGAÇO, L. D. M. Por uma ciência do atrito: ensaio dialético sobre a violência urbana. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 98-110, 07-12 2005. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/portaldeperiodicos/index.php/geografias/article/view/335>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MEZAN, R. **Tempo de muda**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO. O que é orçamento participativo?, 2015. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/servicos/faq/orcamento-da-uniao/elaboracao-e-execucao-do-orcamento/o-que-e-orcamento-participativo>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MISSE, M. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil. *In*: **Violência e participação política no Rio de Janeiro**. n. 91. ed. Rio de Janeiro: IUPERJ, Série Estudos, 1995. p. 23-39.

MORAES, A. C. R. Geografia, interdisciplinaridade e metodologia. **GeoUSP: espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014. ISSN 2179-0892.

MOREIRA, M. P.; MONTEIRO, M. B. Televisão e crenças sobre a realidade social. **Psicologia**, Lisboa, v. 23, n. 1, p. 27-54, jan. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492009000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492009000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 ago. 2017.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?**: Por uma epistemologia crítica. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 192 p.

MOTA, L. M. G. *et al.* Caracterização das Paredes de Fachada de Edificações Históricas de Sobral. **Anais CONTECC 2016**, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <http://www.confrea.org.br/media/contecc2016/civil/caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20das%20paredes%20de%20fachada%20de%20edifica%C3%A7%C3%B5es%20hist%C3%B3ricas%20de%20sobral.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MOULLAUD, M.; PORTO, S. D. **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília-DF: UnB, 2002.

MOURA, J. C. D. C. O Cidadão de Bem: O discurso jurídico e a construção das subjetividades através da leitura midiática dos blogs. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**, Franca, v. 7, n. 1, jul. 2013. 242-266.

NEGRI, S. M. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. **Coletânea Nosso Tempo**, Cuiabá, v. 8, n. 8 (7), p. 129-153, 2008. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/view/108>. Acesso em: 10 nov. 2018.

O POVO. 87 pessoas são presas após informações sobre união entre gangues. **O Povo**, 2016. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/ceara/sobral/2016/06/28/notsobral,3629521/60-pessoas-sao-presas-apos-informacoes-sobre-uniao-entre-gangues.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2018.

OLIVEIRA, J. M. D. Informação científica e sobrevivência discursiva: aspectos da produção, socialização e consumo do jornal televisivo brasileiro. *In*: MAGALHÃES, C. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. Cap. 6, p. 228.

OLIVEIRA, L. A.; CARVALHO, M. A. B. Fairclough. *In*: OLIVEIRA, L. A. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parabólica Editorial, 2013. p. 350.

OMS. **Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation**. Organização Mundial da Saúde. Genebra. 2017. (CC BY-NC-SA 3.0 IGO).

ONU BR. Cidades latino-americanas lideram taxas de homicídios no mundo. **Nações Unidas no Brasil**, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/cidades-latino-americanas-lideram-taxas-de-homicidios-no-mundo/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

ORLANDI, E. P. Silêncio e Implícito (Produzindo a monofonia). *In*: GUIMARÃES, E. **História e Sentido na Linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**. Campinas: Unicamp, 2003.

OSAKABE, H. **Argumentação e Discurso Político**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAIVA, L. F. S. **Contingências da Violência em um Território Estigmatizado**. Campinas: Pontes, 2014. 228 p.

PAIVA, M. L. A. **A Paisagem Urbana Numa Abordagem Cultural da Geografia: Percepções e Vivências na Cidade de Sobral-CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, p. 129. 2009.

PAIVA, T. Preso suspeito de ordenar ataques no Ceará. **O Povo**, 5 jul. 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/07/preso-suspeito-de-ordenar-ataques-no-ceara.html>. Acesso em: 17 fev. 2018.

- PALÁCIOS, M. *et al.* Um mapeamento de características e tendências no jornalismo on-line brasileiro e português, Aveiro, v. 1, set. 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol> . Acesso em: 20 maio 2018.
- PEDRAZZINI, Y. **A Violência das Cidades**. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2006. 192 p.
- PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: Reforma Urbana e Controle Social - 1860 - 1930**. 3ª. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. 208 p.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 09 maio 2017.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. D. M. **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 103-130.
- PORTELLI, A. **História Oral como Arte da Escuta**. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PORTELLI, A.; SANTHIAGO, R. **Ensaio de História Oral**. Tradução de Fernando Luíz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- QUEIROZ, I. D. S. Espacialidades do medo em Fortaleza: a violência como vetor de mudanças no espaço urbano da capital cearense. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 2/3, n. 1, 2001. 44-58.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RÊGO, A. C. D. C. **O Discurso nas Capas de Revista (uma análise das capas de Veja na cobertura do escândalo “mensalão”)**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza. 2006.
- ROCHA, H. C. **O Lado esquerdo do Rio**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- RODRIGUES, A. H. V. **Especulação Imobiliária na Cidade de Sobral, Ceará: um estudo dos loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, p. 103. 2012.
- RODRIGUES, A. H. V. A Produção de Loteamentos e a Segregação Socioespacial da Cidade Média de Sobral, Ceará. *In*: HOLANDA, V. C. C. D., *et al.* **Anais do Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas Cidades**. Sobral: [s.n.], v. 3, 2017. p. 422-433. Disponível em: <http://srccc.com.br/proceedings>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- ROSENO, R. Cada vida importa: relatório final do comitê pela prevenção de homicídios na adolescência. **Governo do Estado do Ceará**, 2016. Disponível em: [https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio\\_final.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

SÁ, A. J. D. Os territórios da "civildade" e da violência em Pernambuco-BR: os casos dos estados de exceção e de morte em espaços da cidade de Recife. *In*: SÁ, A. J. D.; FARIAS, P. S. C. **Ética, identidade e território**. Recife: CCS Gráfica e Editora, 2012. p. 75-100.

SALES, T. B.; VASCONCELOS, A. A. **Sobral**: outros olhares, outras memórias, outras histórias. Sobral: Instituto ECOA, 2012. 96 p.

SANTOS, D. P.; FERREIRA, I. M. A segregação espacial e residencial na cidade contemporânea. *In*: NEVES, A. F., *et al.* **Estudos Interdisciplinares em Ciências Ambientais, Território e Movimentos Sociais**. São Paulo: Blucher, v. 1, 2016. p. 175-189. ISBN 9788580391596. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/a-segregacao-espacial-e-residencial-na-cidade-contemporanea-19953>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, E. D. O. Segregação ou fragmentação socioespacial? Novos padrões de estruturação das metrópoles latino-americanas. **GeoTextos**, Santos, v. 9, n. 1, p. 41-70, jul. 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/6767>. Acesso em: 11 set. 2018.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124 p.

SANTOS, M. A redescoberta da natureza. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, abr. 1992. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141992000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100007). Acesso em: 18 out. 2018.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª. ed. São Paulo: EdUSP, 2014.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: Uma Biografia. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 698 p.

SERPA, A. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, F. J. D.; MEDEIROS NETA, R. D. L. M. A produção do espaço urbano como segregação socioespacial: um estudo acerca dos residenciais exclusivos e dos residenciais populares na cidade de Arapiraca-AL. **IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital, Trabalho (Anais)**, São Cristóvão, ago. 2017. Disponível em: <https://engpect.files.wordpress.com/2017/10/gt2-01-a-producao-do-espaco-urbano-como-segregacao-socioespacial.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SILVA, J. B. D. **Os Incomodados não se Retiram**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVEIRA, E. M. D. A Aliança Desenvolvimentista. *In*: SILVEIRA, E. M. D.; SILVA, J. B. T. **A Ditadura Civil-Militar em Sobral-CE**: aliança, "subversão" e repressão. Sobral: Sertão Cult, 2017. p. 204.

SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. *In*: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 11-25.

SOBRAL. Lei Complementar N° 006, de 01 de fevereiro de 2000. **Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo da Cidade de Sobral**, Sobral-CE, 01 Fev. 2000.

SOBRAL. **Programa Sobral em Dados Socioeconômicos**. Prefeitura Municipal. Sobral. 2016.

SOBRAL. Arco de Nossa Senhora de Fátima. **Secretaria da Cultura, Juventude, Esporte e Lazer - SECJEL**, 2018. Disponível em: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/963/>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SOUSA, M. A. D. **A sedução dos títulos (os jornais e as eleições de 1994)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro. 1997.

SOUZA, M. L. D. **O desafio metropolitano: Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 360 p.

SOUZA, M. L. D. **Fobópole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288 p.

SOUZA, M. L. D. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 320 p.

SPOSITO, M. D. E. B. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v. 11, n. 245, 1 Ago. 2007. ISSN 1138-9788.

SPOSITO, M. D. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. A cidade contemporânea: segregação espacial. *In*: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. P. **A Cidade Contemporânea - Segregação Espacial**. São Paulo: Contexto, v. 1, 2013. p. 61-93.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. A insegurança e as novas práticas espaciais em cidades brasileiras. **Scripta Nova-revista Electronica De Geografia Y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 18, n. 493, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/117803>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. 3ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TUAN, Y.-F. **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

VAN DIJK, T. A.; HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. **Discurso e Poder**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

- VASCONCELOS, P. D. A. A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração. **Cidades**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 259-274, 2004. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/478/508>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- VERÓN, E. L'Analyse do "Contrat de Lecture": une nouvelle methode pour. *In*: TOUATI, E. **Les médias: expériences, recherches actuelles, applications**. Paris: IREP, 1985. p. 528.
- VIANA, C. M. D. P. *et al.* **Perfil Municipal 2017 - Sobral**. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. Fortaleza, p. 18. I - Jan. 2018.
- VIANA, C. N. Ernesto Deocleciano e o desenvolvimento econômico da Região Centro-Norte do Ceará e da Região Oeste do Rio Grande do Norte. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 2013.
- WACQUANT, L. **As prisões da miséria**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, p. 27-39, 2010. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4618.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- WACQUANT, L. Marginalidade, etnicidade e penalidade na cidade neoliberal: Uma cartografia analítica. **Tempo Social (revista de sociologia da USP)**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139-164, nov. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n2/v26n2a09.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- WASELFISZ, J. J. 2016 - Homicídio por armas de fogo no Brasil. **Mapa da Violência**, 2016. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf). Acesso em: 11 out. 17.
- WENTZEL, M. O que mais mata os jovens no Brasil e no mundo, segundo a OMS. **BBC Brasil**, 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39934226>. Acesso em: 21 jun. 2017.
- ZALUAR, A. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

## **NARRADORES**

BATISTA, Ivone. [depoimento, 8 jan. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

BORGES, Luís. [depoimento, 24 mar. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

LOPES, Adailton. [depoimento, 11 dez. 2017]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

OLIVEIRA, Marília. [depoimento, 5 jan. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

PEREIRA, Ewerton. [depoimento, 9 jan. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

PINHEIRO, Mayrton. [depoimento, 21 fev. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

RIBEIRO, Cleyton. [depoimento, 11 dez. 2017]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

SANTANA, Margarida. [depoimento, 13 abr. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

SAMPAIO, Renata. [depoimento, 8 jan. 2018]. Sobral – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Formulário de aplicação de pesquisa sobre a percepção da segurança pública em Sobral



### Pesquisa sobre a percepção de (in)segurança em Sobral

Pesquisa realizada como parte da dissertação de Mestrado a ser apresentada ao programa de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) pelo pesquisador Antonio Jerfson Lins de Freitas.

\* Preenchimento obrigatório

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG

Convidamos você a responder o questionário a seguir. As informações serão usadas na elaboração da dissertação de mestrado "Construção dos territórios da violência em Sobral-CE", do pesquisador Jerfson Lins, sob orientação da Profa. Dra. Telma Bessa.

As informações pessoais serão mantidas em sigilo.

Agradecemos antecipadamente sua participação! Ela é fundamental para a efetividade deste trabalho. Quaisquer dúvidas, entrar em contato através do e-mail [jerfsonlins@gmail.com](mailto:jerfsonlins@gmail.com)

#### TERMO DE ACEITE

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em participar e para isso, ao preencher o questionário, eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.

**Nome completo \*** \_\_\_\_\_

**Endereço de E-mail \*** \_\_\_\_\_

**1. Qual seu município de origem? \*** \_\_\_\_\_

**2. Sexo: \*** ( ) Masculino ( ) Feminino

**3. Idade: \*** ( ) Menos de 20 anos ( ) Entre 20 e 30 anos ( ) Entre 30 e 40 anos ( ) Mais de 40 anos

**4. Grau de instrução: \***  
( ) Ensino Fundamental (antigo 1º grau) ( ) Ensino Médio (antigo 2º grau) ( ) Ensino Superior ( ) Pós-graduação (especialização / mestrado / doutorado)

**5. Mora em Sobral? \*** ( ) Sim ( ) Não

**6. Há quanto tempo mora em Sobral? \***

( ) Há menos de 5 anos ( ) Entre 5 e 10 anos ( ) Há mais de 10 anos ( ) Não mora em Sobral

**7. Em que bairro mora? \*** \_\_\_\_\_

**8. Já foi vítima de crimes em Sobral? \*** ( ) Sim ( ) Não

**9. Já foi vítima de crimes no bairro onde mora? \*** ( ) Sim ( ) Não

**10. Você o considera um bairro seguro? \*** ( ) Sim ( ) Não

**11. Você considera Sobral uma cidade segura? \*** ( ) Sim ( ) Não

**12. Você investiu ou investiria em equipamentos de segurança, como câmeras, cerca elétrica, alarmes etc.? \*** ( ) Sim ( ) Não

**13. Você mudou seus hábitos devido a falta de segurança (caminhar sozinho, andar em determinados lugares em certas horas, usar equipamentos caros em público etc.)? \***

( ) Sim ( ) Não

14. Avalie os bairros a seguir de acordo com sua percepção de segurança:

Considerando sua percepção com relação a segurança dos bairros do município de Sobral, marque a opção que melhor representa sua avaliação, de acordo com a escala: **1 – Seguro** (pouca possibilidade de ser vítima ou presenciar algum tipo de crime, mesmo os não violentos, como furtos); **2 – Inseguro** (grande probabilidade de presenciar algum tipo de crime não violento, como furtos); **3 – Desconhece** (não sabe onde fica a comunidade, nunca ouviu falar dele ou não tem informações suficientes para formar opinião); **4 - Violento** (grande possibilidade de ocorrerem homicídios).

BAIRRO	ESCALA DE PERCEPÇÃO			
	1 - Seguro	2 - Inseguro	3 - Não possui informações	4 - Violento
Alto da Brasília / <b>Betânin</b>				
Alto do Cristo				
Cachoeiro				
Campos Velhos / <b>Parque Alvorada</b>				
Centro				
Cohab I				
Cohab II				
Coração de Jesus				
Derby Clube				
Distrito Industrial				
Dom Expedito / <b>Fertosa</b>				
Dom José I / <b>Alto Novo*</b>				
Domingos Olímpio				
Dr. José Euclides Ferreira Gomes / <b>Terrenos Novos</b>				
Dr. Juvêncio de Andrade - <b>Colina da Boa Vista / Morada dos Ventos</b>				
Edmundo Monte Coelho				
Expectativa				
Gerardo Cristino de Menezes				
Jardim				
Jatobá				
Jerônimo de Medeiros Prado				
Juazeiro				
Junco				
Mucambinho				
Nações / <b>Boa Vizunhança</b>				
Nossa Senhora de Fátima				
Novo Recanto				
Padre Ibiapina				
Padre Palhano **				
<b>Pariso das Flores (Jerônimo de Medeiros Prado)***</b>				
<b>Parque Santo Antonio (Gerardo Cristino de Menezes)****</b>				
<b>Parque Silvana I</b>				
<b>Parque Silvana II (Expectativa)</b>				
<b>Pedrinhas</b>				
<b>Pedro Mendes Carneiro / Cohab III</b>				
<b>Recanto I (Novo Recanto)</b>				
<b>Recanto II (Novo Recanto)</b>				
<b>Renato Parente / Morada do Planalto</b>				
<b>Residencial Nova Caiçara (Terrenos Novos)</b>				
<b>Santa Casa (Centro)</b>				
<b>Sinhá Sabóia</b>				
<b>Sumaré / Dom José II (Pantanal)</b>				
<b>Tamarindo (Centro)</b>				
<b>Várzea Grande / Matrecas</b>				
Vila União				

Observações
Em negrito, os nomes oficiais dos 37 bairros de Sobral segundo a Lei Complementar N° 33 de 15 de dezembro de 2010
Em vermelho, os nomes não oficiais dos bairros (alguns, os nomes dos loteamentos que deram origem aos bairros)
Em azul, comunidades localizadas dentro dos bairros (destacados em negrito entre parênteses)
* Onde localiza-se uma comunidade inicialmente ocupada pelos Trabalhadores Rurais Sem Terra, de onde vem seu nome: Sem Terra
** Conjunto habitacional criado para extinguir o Pantanal do Sumaré, tornou-se posteriormente o bairro Padre Palhano
*** Conjunto habitacional criado para abrigar os moradores do Pantanal do Alto da Brasília, cujo nome oficial é Conjunto Habitacional Cesário Barreto de Lima
**** Conjunto habitacional criado para abrigar habitantes do Pantanal do Sinhá Sabóia
***** Nem todas as comunidades foram incluídas, como Rua da Lama (Expectativa) e Suvaco da Cobra (Sinhá Sabóia). Priorizaram-se os bairros oficiais e comunidades reconhecidas pelos entrevistados como bairros (acréscimo manual nas pesquisas teste).
***** Ainda existem comunidades praticamente rurais dentro do perímetro urbano que não são classificadas como bairros: Estivas, Pedra Branca, Setor VI, Várzea da Pedra

15. Levando-se em consideração sua percepção, em qual bairro de Sobral você GOSTARIA DE MORAR por considera-lo SEGURO?

---

16. Levando-se em consideração sua percepção, em qual bairro de Sobral você NÃO MORARIA por causa da FALTA DE SEGURANÇA?

---

APÊNDICE B - Tabulação dos resultados da questão 14 da pesquisa de percepção (avaliação dos bairros de acordo com a sensação de insegurança)

Questão 14 - Avaliação dos bairros de acordo com a sensação de insegurança				
Bairro / Comunidade	1 - Seguro	2 - Inseguro	3 - Desconhece	4 - Violento
Alto da Brasília (Betânia)	21	232	152	92
Alto do Cristo	55	234	89	119
Cachoeiro	19	224	207	47
Campo dos Velhos (Parque Alvorada)	68	236	151	40
Centro	122	318	22	35
Cohab I	29	197	196	75
Cohab II	32	199	191	75
Coração de Jesus	95	193	186	23
Derby Clube	81	219	179	18
Distrito Industrial	29	110	324	34
Dom Expedito (Feitosa)	22	202	144	129
Dom José I (Alto Novo*)	14	127	109	247
Domingos Olímpio	78	182	203	34
Dr. José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos)	3	127	73	294
Dr. Juvêncio de Andrade (Colina da Boa Vista / Morada dos Ventos)	52	137	285	23
Edmundo Monte Coelho	9	168	251	69
Expectativa	17	204	166	108
Gerardo Cristino de Menezes	18	177	229	73
Jardim	14	208	247	28
Jatobá	21	144	235	97
Jerônimo de Medeiros Prado	16	80	373	28
Juazeiro	9	143	329	16
Junco	127	302	50	18
Mucambinho	12	152	196	137
Nações (Boa Vizinhança)	19	117	277	84
Nossa Senhora de Fátima	70	274	116	37
Novo Recanto	15	134	216	132
Padre Ibiapina	52	135	273	37
Padre Palhano **	8	144	134	211
Paraiso das Flores (Jerônimo de Medeiros Prado)***	11	133	175	178
Parque Santo Antonio (Gerardo Cristino de Menezes)****	8	134	139	216
Parque Silvana I	22	217	160	98
Parque Silvana II (Expectativa)	24	207	165	101
Pedrinhas	108	273	81	35
Pedro Mendes Carneiro (Cohab III)	36	220	188	53
Recanto I (Novo Recanto)	16	143	207	131
Recanto II (Novo Recanto)	9	142	206	140
Renato Parente (Morada do Planalto)	82	268	105	42
Residencial Nova Caiçara (Terrenos Novos)	3	85	65	344
Santa Casa (Centro)	17	148	106	226
Sinhá Sabóia	28	236	96	135
Sumaré (Dom José II / Pantanal)	14	110	82	291
Tamarindo (Centro)	39	160	133	165
Várzea Grande (Marrecas)	12	103	270	112
Vila União	15	118	121	243
<b>Observações</b>				
Em negrito, os nomes oficiais dos 37 bairros de Sobral segundo a Lei Complementar N° 33 de 15 de dezembro de 2010				
Em vermelho, os nomes não oficiais dos bairros (alguns, os nomes dos loteamentos que deram origem aos bairros)				
Em azul, comunidades localizadas dentro dos bairros (destacados em negrito entre parênteses)				
* Onde localiza-se uma comunidade inicialmente ocupada pelos Trabalhadores Rurais Sem Terra, de onde vem seu nome: Sem Terra				
** Conjunto habitacional criado para extinguir o Pantanal do Sumaré, tornou-se posteriormente o bairro Padre Palhano				
*** Conjunto habitacional criado para abrigar os moradores do Pantanal do Alto da Brasília, cujo nome oficial é Conjunto Habitacional Cesário Barreto de Lima				
**** Conjunto habitacional criado para abrigar habitantes do Pantanal do Sinhá Sabóia				
***** Nem todas as comunidades foram incluídas, como Rua da Lama (Expectativa) e Suvaco da Cobra (Sinhá Sabóia). Priorizaram-se os bairros oficiais e comunidades reconhecidas pelos entrevistados como bairros (acréscimo manual nas pesquisas teste).				
***** Ainda existem comunidades praticamente rurais dentro do perímetro urbano que não são classificadas como bairros: Estivas, Pedra Branca, Setor VI, Várzea da Pedra				

**APÊNDICE C** - Tabulação dos homicídios ocorridos em Sobral entre 2014 e 2017 (mensais)

<b>SOBRAL: HOMICÍDIOS POR MÊS (GERAL)</b>												
<b>2014</b>												
Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
8	10	9	9	6	8	5	6	10	10	10	10	101
<b>2015</b>												
Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
10	9	7	18	9	8	10	7	12	7	9	3	109
<b>2016</b>												
Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
9	6	4	6	11	5	1	2	4	1	11	4	64
<b>2017</b>												
Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
8	6	4	17	8	11	11	11	14	16	7	5	118